



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE LÍNGUA PORTUGUESA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO
PROFISSIONAL EM LETRAS

MARIA ELENA DA SILVA

**LEITURA SILENCIOSA E LEITURA ORALIZADA:
RECURSOS PARA CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS EM TEXTOS**

MARINGÁ,
2020

MARIA ELENA DA SILVA

**LEITURA SILENCIOSA E LEITURA ORALIZADA:
RECURSOS PARA CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS EM TEXTOS**

Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional em Letras em Rede (PROFLETRAS) da Universidade Estadual de Maringá (UEM), como requisito parcial à obtenção do Título de Mestre Profissional em Letras.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Luciane Perez Mincoff

MARINGÁ,
2020

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(Biblioteca Central - UEM, Maringá - PR, Brasil)

Silva, Maria Elena da
S5861 Leitura silenciosa e leitura oralizada : recursos para construção de sentidos em textos /
Maria Elena da Silva. -- Maringá, PR, 2020.
297 f.: il. color., figs.

Orientadora: Profa. Dra. Luciane Braz Perez Mincoff.
Dissertação (Mestrado Profissional) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de
Ciências Humanas, Letras e Artes, Departamento de Língua Portuguesa, Programa de Pós
-Graduação em Letras (PROFLETRAS) - Mestrado Profissional, 2020.

1. Linguística aplicada - Leitura. 2. Leitura silenciosa e oralizada. 3. Estratégias de
leitura. 4. Crônica. 5. Conto . I. Mincoff, Luciane Braz Perez, orient. II. Universidade
Estadual de Maringá. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Departamento de
Língua Portuguesa. Programa de Pós-Graduação em Letras (PROFLETRAS) - Mestrado
Profissional. III. Título.

CDD 23.ed. 418.4

Jane Lessa Monção - CRB 9/1173

MARIA ELENA DA SILVA

**LEITURA SILENCIOSA E LEITURA ORALIZADA:
RECURSOS PARA CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS EM TEXTOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
Mestrado Profissional em Letras em Rede – PROFLETRAS
- da Universidade Estadual de Maringá, como requisito à
obtenção do Título de Mestre Profissional em Letras.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Luciane Perez Mincoff

Universidade Estadual de Maringá - UEM

Prof.^a Dr.^a Eliana Alves Greco
Universidade Estadual de Maringá - UEM

Prof.^a Dr.^a Ana Paula Guedes
Universidade Estadual de Maringá - UEM

Maringá, 23 de junho de 2020.

Dedico este trabalho

*Ao meu esposo Pierre e aos meus filhos Luiza e
Otávio pelo apoio, colaboração e incentivo aos
estudos.*

*Aos meus pais pela compreensão da ausência
em muitos momentos nestes anos de estudo.*

*A todos os familiares e amigos pelo incentivo e
apoio.*

AGRADECIMENTOS

A Deus, presença constante em minha vida, que iluminou e direcionou-me, desde a intenção de participar do mestrado até este momento de conclusão.

Ao meu esposo Pierre e filhos, Luiza e Otávio, que estiveram a meu lado, incentivando e ajudando-me nessa trajetória.

Aos meus pais Trajano e Therezinha Euzébia que nunca mediram esforços para me proporcionar os estudos e me ensinaram a ter perseverança e alegria na busca dos meus sonhos.

À minha sogra Vanda Inês pelo apoio e suporte com meus filhos durante esses anos de estudo.

À amiga Edna pelo incentivo e orações.

À minha orientadora, Prof.^ª Dr.^ª Luciane Braz Perez Mincoff, pelas ricas contribuições, revisões, sugestões, carinho, respeito e amizade com que me orientou. E por convidar-me, no ano 2013, a participar deste programa. De lá até a data do ingresso em 2018, incentivou e motivou-me. Obrigada, por acreditar em mim e orientar-me na realização desse sonho, adormecido desde 2002.

À equipe gestora e pedagógica da escola que leciono por permitirem a aplicação do Projeto e não medirem esforços para que eu pudesse participar das disciplinas e dos eventos do mestrado.

Aos colegas de trabalho pelo incentivo e colaboração e, em especial, à Elizete Galdino Garcia, pelo carinho e apoio incondicional.

Aos alunos da turma pela participação ativa, prestativa e carinhosa na implementação do projeto, nas atividades propostas e na contribuição de oralizações para a Audioteca Ler Faz Bem.

Às professoras da banca de qualificação e defesa, Prof.^ª Dr.^ª Eliana Alves Greco (Profletras/UEM), Prof.^ª Dr.^ª Ana Paula Guedes (DLM/UEM), pelas contribuições enriquecedoras neste trabalho.

Às Professoras do curso pelas aulas ministradas, com dedicação e empenho, instigando-nos à pesquisa e proporcionando-nos recursos teóricos e práticos para o trabalho com a educação.

Aos colegas da Turma 05 do Profletras/UEM pelo companheirismo, apoio, partilha, amizade e carinho em todos os momentos vividos durante esses anos de curso.

“Tudo posso naquele que me conforta” (Filipenses 4, 13)
“O senhor é meu pastor, nada me faltará.” (Salmo 22, 1)

SILVA, Maria Elena da. *Leitura silenciosa e leitura oralizada: recursos para construção de sentidos em textos*. 2020. 297f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras-Profletras) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2020.

RESUMO

Esta pesquisa foi desenvolvida ano de 2018, no Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), disponibilizado em rede nacional a professores de Língua Portuguesa da rede pública de Ensino Fundamental, com 25 alunos, de idade 14 a 17 anos, do nono ano do Ensino Fundamental, do período matutino, de uma escola estadual de Maringá. A pesquisa teve como foco as práticas de leitura e de oralidade, tomando por base Documentos oficiais como as Diretrizes Curriculares da Educação Básica que ressaltam a importância do ensino de leitura para a formação de um leitor proficiente, crítico e que consiga compreender o texto, fazendo relações dialógicas, de causa e consequência e que possa posicionar-se diante do texto lido (DCEs, 2008). Para o desenvolvimento da pesquisa, na base teórica que embasou o trabalho, destacamos as produções de Solé (1998), Menegassi (2005), Marcuschi (2010), Fávero (2002). Dados observados em avaliações oficiais como Prova Brasil 2017 desta escola demonstraram resultados insuficientes, com um nível de proficiência em leitura considerado básico. Pensando nesta realidade é que nos propusemos a pesquisar a respeito das estratégias de leitura, como forma norteadora para compreensão dos diversos gêneros discursivos e também a pesquisar a respeito da oralização de textos escritos, como recurso de sensibilização para os aspectos sonoros do texto, os efeitos de sentido produzidos pela ação de oralizar o texto e no que isso pode contribuir para melhorar a compreensão e a interpretação textual. Através de atividades de leitura, enfocando algumas estratégias de leitura, e da leitura oralizada, fornecemos aos alunos uma possibilidade de leitura crítica e de um olhar significativo sobre os diversos usos da língua, por meio dos gêneros discursivos crônica e conto. A metodologia utilizada foi a da pesquisa-ação. O objetivo principal foi elaborar e implementar uma proposta de oficinas de leitura silenciosa, leitura oralizada e estratégias de leitura, como recursos possíveis para desenvolver e ampliar a capacidade leitora de alunos do nono ano do ensino fundamental. Por meio deste estudo, esperamos que os alunos tenham desenvolvido mais sua competência leitora e sua produção oral, na medida em que utilizaram algumas estratégias de leitura nas atividades de leitura, que tenham identificado os efeitos de sentido produzidos nos momentos em oralizaram os textos escritos propostos nas oficinas e que tenham percebido a intencionalidade desses recursos nos gêneros estudados.

Palavras-chave: estratégias de leitura. leitura oralizada. crônica. conto. Profletras

SILVA, Maria Elena da. *Silence reading and oralized reading: constructing meaning in texts*. 2020. 297p. Dissertation (Professional Master's in Languages – Profletras) – State University of Maringá, Maringá, 2020.

ABSTRACT

Current research was developed in 2018 during the Professional Master's Program in Literature (PROFLETRAS), made available on network to teachers of the Portuguese Language of a state elementary school, with 25 students, aged 14 to 17 years old, or the ninth year of elementary school, morning period, in Maringá. Research focused on reading and oral practices, based on official documents such as the Basic Education Curriculum Guidelines, which emphasize the importance of reading instructions for the formation of proficient and critical readers who understand texts, dialogues, causes and consequences, and who may position themselves critically to the text (DCEs, 2008). Research by Solé (1998), Menegassi (2005), Marcuschi (2010) and Fávero (2002) is highlighted for the theoretical basis within the development of current research. Data observed in official evaluations, such as Prova Brasil 2017 of the school under analysis showed insufficient results, with average level of proficiency in reading. Due to such a situation, we researched reading strategies as a guide for the understanding of the various discursive genres and the oralization of written texts, to explore the text's sound aspects, the effects of meaning produced by text oralizing and its contribution towards the improvement in understanding and in textual interpretation. Through reading activities, focusing on several reading strategies, coupled to oralized reading, students are provided with a possibility of critical reading and a meaningful look at the different uses of the language, through chronicle and short story discursive genres. Activity-research constituted the methodology employed. The main objective was the preparation and implementation of three workshops involving silent reading, oralized reading and reading strategies as possible resources for the development and broadening of the 9-year-students' reading capacity. We expect that students develop more their reading competence and oral production as they employ several reading strategies in reading activities which they identified the meaning effects produced when they oralized the written texts proposed during the workshops and when they perceived the intentionality of the resources in the studied genres.

Keywords: Reading strategies. Oralized reading. Chronicle discursive genre. Short story genre. Profletras.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Cartum – Gilmar.....	76
Figura 2- Charge -Junião.....	82
Figura 3- Ilustração feita pelo Sujeito 8	86
Figura 4- Ilustração feita pelo Sujeito 7	87
Figura 5- Ilustração feita pelo Sujeito 2	87
Figura 6- Ilustração feita pelo Sujeito 9	87
Figura 7- Capa do livro “Porta de Colégio”	89
Figura 8 - Imagem da bruxa Brice (Novela / Rede Globo)	132

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Organização das oficinas.....	47
Quadro 2 - comparação das respostas da questão 1- 1 ^a oficina.....	74
Quadro 3 - comparação das respostas da questão 5 - 1 ^a oficina.....	75
Quadro 4 - comparação das respostas da questão 1 – Texto 2 - 1 ^a oficina.....	76
Quadro 5 - comparação das respostas da questão 2 – Texto 2 - 1 ^a oficina.....	78
Quadro 6 - comparação das respostas da questão 3 – Texto 2 - 1 ^a oficina.....	78
Quadro 7 - comparação das respostas da questão 4 – Texto 2 - 1 ^a oficina.....	79
Quadro 8 - respostas – Etapa: Antes da leitura - 2 ^a oficina.....	89
Quadro 9 - atividades com estratégias de leitura - 2 ^a oficina.....	90
Quadro 10 – respostas da questão 11 - 2 ^a oficina.....	93
Quadro 11 - respostas aceitáveis da questão 11 - 2 ^a oficina.....	95
Quadro 12 - respostas da questão 4.4 - 2 ^a oficina.....	96
Quadro 13 – respostas da questão 6.1 - 2 ^a oficina.....	99
Quadro 14 - respostas da questão 8.1- 2 ^a oficina.....	100
Quadro 15 - respostas da questão 10.1 - 2 ^a oficina.....	101
Quadro 16 - resposta da questão 12.1 - 2 ^a oficina.....	103
Quadro 17 – respostas da questão 14.1 - 2 ^a oficina.....	104
Quadro 18 – respostas da questão 18.1 - 2 ^a oficina.....	106
Quadro 19 – respostas da questão 21.1 - 2 ^a oficina.....	108
Quadro 20 – respostas da questão 16.1 - 2 ^a oficina.....	110
Quadro 21 - respostas da questão 20.1 - 2 ^a oficina.....	112
Quadro 22 – respostas da questão 20.2 - 2 ^a oficina.....	113
Quadro 23 - respostas da questão 20.3 - 2 ^a oficina.....	113
Quadro 24 - respostas da questão 23.1 - 2 ^a oficina.....	114
Quadro 25 - comparação das respostas da questão 24.1.2 - 2 ^a oficina.....	117
Quadro 26 – respostas da questão 1 – 3 ^a Oficina.....	132
Quadro 27 - respostas da questão 02 - 3 ^a oficina.....	133
Quadro 28 - respostas da questão 03 – 3 ^a oficina.....	135
Quadro 29 - respostas da questão 4.1 – 3 ^a oficina.....	136
Quadro 30 - respostas da questão 4.2 – 3 ^a oficina.....	137
Quadro 31 - respostas da questão 4.4 – 3 ^a oficina.....	137
Quadro 32 - respostas da questão 4.5 – 3 ^a oficina.....	139

Quadro 33 - respostas da questão 5 – 3 ^a oficina.....	140
Quadro 34 - respostas da questão 5 – 3 ^a oficina.....	141
Quadro 35 – respostas da questão 8 – 3 ^a oficina.....	143
Quadro 36 – relatos de oralização – 3 ^a oficina.....	151

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Como você avalia sua leitura: acha que lê bem?	64
Gráfico 2 - Em que situação de leitura você se sente melhor, quando precisa compreender um texto que a professora lhe pede para ler?	65
Gráfico 3 - Você comprehende melhor um texto escrito, quando:	65
Gráfico 4 - Você gosta de ler em voz alta?	66
Gráfico 5 - Você gosta de ler?	67
Gráfico 6 - Você já leu um texto do gênero crônica?	67
Gráfico 7 - Você já leu um texto do gênero conto?	68
Gráfico 8 - Em que local você escuta uma leitura de um texto?	68

LISTA DE SIGLAS

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

DCE – Diretrizes Curriculares Estaduais

SAEP – Sistema de Avaliação da Educação do Paraná

PCN – Parâmetro Curricular Nacional

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	17
CAPÍTULO 1 - REFLEXÕES TEÓRICAS A RESPEITO DO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA.....	23
1.1 - ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA	23
1.2 - PRÁTICAS DISCURSIVAS, CONCEITOS E PROCESSOS DE LEITURA	24
1.3 - ESTRATÉGIAS DE LEITURA	29
1.4 - PRÁTICA DE ORALIDADE	32
1.5 - LEITURA ORALIZADA E LEITURA SILENCIOSA	33
1.6 – CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DA LEITURA ORALIZADA	35
1.7 – A LEITURA ORALIZADA EM TEMPOS DE IMAGENS E SONS	38
1.8- LEITURA ORALIZADA EM AMBIENTES DE ENSINO- APRENDIZAGEM.....	40
1.9 – GÊNERO DISCURSIVO	41
1.10 – GÊNERO CRÔNICA	43
1.11 – GÊNERO CONTO	43
2 – METODOLOGIA	45
2.1 – CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA	45
2.2 – PASSOS DA PESQUISA	45
2.2.1 – DELIMITAÇÃO DO TEMA E PRODUÇÃO DE MATERIAL.....	45
2.2.2 – IMPLEMENTAÇÃO DAS OFICINAS	47
2.2.2.1- PRIMEIRA OFICINA.....	51
2.2.2.2- SEGUNDA OFICINA	52
2.2.2.3- TERCEIRA OFICINA	56
3- ANÁLISE DOS DADOS	63
3.1- PRIMEIRO MOMENTO: ANÁLISE DO QUESTIONÁRIO/DIAGNÓSTICO.....	64
3.2 - SEGUNDO MOMENTO: ANÁLISE DA PRIMEIRA OFICINA.....	70
3.2.1 - ETAPA 1- PRIMEIRA OFICINA.....	70
3.2.2 - ETAPA 2 – PRIMEIRA OFICINA.....	81
3.3 - TERCEIRO MOMENTO: ANÁLISE DA SEGUNDA OFICINA.....	88
3.3.1- ETAPA 1- SEGUNDA OFICINA.....	88
3.3.2- ETAPA 2 – SEGUNDA OFICINA.....	117
3.4 - QUARTO MOMENTO: ANÁLISE DA TERCEIRA OFICINA.....	119
3.4.1- ETAPA 1- TERCEIRA OFICINA.....	119

3.4.2 - ETAPA 2- TERCEIRA OFICINA.....	149
4- CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	153
5 – REFERÊNCIAS	156
6 – APÊNDICES	165
6.1- APÊNDICE 1 - ATIVIDADES DA PRIMEIRA OFICINA.....	165
6.2- APÊNDICE 2 – ATIVIDADES DA SEGUNDA OFICINA.....	189
6.3- APÊNDICE 3 – ATIVIDADES DA TERCEIRA OFICINA.....	224
6.4- APÊNDICE 4 – MODELO DE ATA, AUTORIZAÇÕES E TERMOS	288
6.5- APÊNDICE 5- QUESTIONÁRIO/DIAGNÓSTICO	294
6.6- APÊNDICE 6- TEXTOS COMPLEMENTARES DAS OFICINAS	296
6.7- APÊNDICE 7- TEXTOS ORALIZADOS PARA AVALIAÇÃO/AUDIOTECA.....	297

1- INTRODUÇÃO

A importância de trabalhar com as modalidades oral e escrita vem sendo ressaltada em diversos estudos linguísticos, como os do Projeto NURC/SP (Projeto de Estudo da Norma Linguística Urbana Culta de São Paulo). Os mais recentes concebem esses atos como meio de interação entre os indivíduos e que o domínio deles não se restringe à adequação de regras linguísticas, mas ao seu uso efetivo.

Marcuschi (2010) afirma que não há supremacia de uma modalidade sobre a outra, a escrita e a oralidade devem ser trabalhadas juntas no processo de ensino-aprendizagem. Para confirmar isso, Marcuschi (2010) diz que “(...) não se pode tratar as relações entre oralidade e letramento ou entre fala e escrita de maneira estanque e dicotômica.” (MARCUSCHI, 2010, p.09).

Esta pesquisa terá como base teórica autores como Marcuschi (2010), Fávero (2002), entre outros que concebem essas duas modalidades numa visão interacionista. Ao se tratar do ensino de língua portuguesa, é importante mostrarmos as relações entre a fala e a escrita em um “contexto de práticas discursiva e dos gêneros textuais” (MARCUSCHI, 2010, p.9). O autor ressalta que:

“Uma vez concebidas dentro de um quadro de inter-relações, sobreposições, gradações e mesclas, as relações entre fala e escrita recebem um tratamento mais adequado, permitindo aos usuários da língua maior conforto em suas atividades discursivas.” (MARCUSCHI, 2010, p. 09)

Destacaremos ainda como parte desta pesquisa as estratégias de leitura e a leitura oralizada¹, em especial na esfera social de circulação literária, por meio dos gêneros crônica e conto.

Esta pesquisa pertence à área da Linguística Aplicada, ao campo do ensino-aprendizagem, com foco na oralidade e na leitura, sob a perspectiva teórica da reflexão-sobre-ação, utilizando o paradigma interpretativista, de natureza qualitativa, através da metodologia de pesquisa-ação.

¹ Almeida & Almeida (2015) ressaltam que há várias práticas de oralização de textos: algumas “danosas” para o aprendizado e outras “benéficas ao ensino” (ALMEIDA & ALMEIDA, 2015, p.73). Para Yunes (2014) “o corpo a corpo, o olho no olho” (YUNES, 2014, p7) é capaz de fazer com que o outro se apaixone pela leitura. Para essa autora “Esta metodologia do ler-com-o-outro ou ler-para-o-outro não perdeu sua força e validade porque a força da palavra oral carrega uma credibilidade que na escrita foi vencida pelo distanciamento.” (YUNES, 2014, p7)

Esta metodologia de pesquisa-ação vem ao encontro da necessidade de estudarmos, pesquisarmos e refletirmos sobre alguns questionamentos levantados na própria prática docente.

Algumas dessas reflexões trouxe-nos a problematização desta pesquisa: o baixo nível de proficiência em leitura dos nonos anos em resultados de avaliações oficiais como a Prova Brasil.

Ao analisarmos, por exemplo, os últimos resultados do Sistema de Avaliação Educacional do Paraná – SAEP (PARANÁ, 2017), divulgados na plataforma do SAEP, na disciplina de Língua Portuguesa e cedido a nós pela direção da escola, demonstram que a proficiência média da escola em 2017 foi de 250,8. Participaram da prova 66 alunos do nono ano. Os níveis de padrão de desempenho destes alunos foram de 18,2% abaixo do básico, 43,9% no básico, 31,6% adequado e 6,1% no avançado.

Levando em consideração os resultados do Núcleo Regional de Maringá que foram 15,8% abaixo do básico, 51,2% no básico, 27,9% no adequado e 5,2% no avançado, alcançando a média 251,1%.

E também observando os resultados da rede Estadual de Ensino do Estado do Paraná: 15,8% abaixo do básico, 52,3 no básico, 26,8% no adequado e 5,1% no avançado, alcançando a média de 250,4, verificamos que os resultados da escola não foram tão ruins, porém preocupantes, já que temos 18,2% dos alunos (uma média de 12 alunos dos 66 avaliados) que estão abaixo do nível básico, ou seja, estão no nível da decodificação, na última série do ensino fundamental II.

Os dados mostram que precisamos buscar alternativas que ajudem o aluno a melhorar a compreensão e interpretação de textos, chegando ao nível avançado na proficiência leitora.

Documentos oficiais como as Diretrizes Curriculares da Educação Básica têm ressaltado a importância do ensino de leitura para a formação de um leitor proficiente, crítico e que consiga compreender o texto, fazendo relações dialógicas, de causa e consequência e posicionar-se diante do texto lido (DCEs, 2008).

Pensando nessa temática é que nos propusemos a pesquisar a respeito das estratégias de leitura, como forma norteadora para compreensão dos diversos gêneros discursivos que fazem parte da nossa prática social.

Também propusemo-nos pesquisar a respeito da oralização de textos escritos, como recurso de sensibilização para os aspectos sonoros do texto e os

efeitos de sentido produzidos pela ação de oralizar o texto e no que isso pode contribuir para melhorar a compreensão, análise e interpretação textual. Visto que estamos inseridos em um momento tecnológico que permite o surgimento de novos recursos sonoros e imagéticos que estão circundando a vida dos adolescentes, jovens, enfim, a vida de todos através das redes sociais e da internet.

A todo momento, pelas redes sociais, recebemos imagens que se movimentam, vídeos, áudios, isso faz com que repensem o uso da leitura oral como um novo recurso de ensino-aprendizagem da leitura, não para sobrepor ao ensino da leitura silenciosa, mas para complementá-la. Partiremos da seguinte indagação para pensarmos este estudo:

- Quais resultados positivos pode trazer o trabalho com a leitura oral numa perspectiva interacionista de leitura?

É um questionamento que norteará esta pesquisa e a partir do qual, esperamos contribuir no processo de ensino-aprendizagem de leitura, na elevação do nível de proficiência leitora, bem como, refletir e contribuir na nossa práxis.

Mediante tudo isso, o que justifica a escolha do desenvolvimento do tema e o desenvolvimento desse trabalho é a necessidade de trabalhar a leitura² e a oralidade³ dos alunos em sala de aula, visto que essas duas modalidades da linguagem podem viabilizar um olhar significativo sobre os diversos usos da língua.

As Diretrizes Curriculares da Educação Básica (DCEs) do Estado do Paraná (PARANÁ, 2008) afirmam que o aluno deve ser estimulado, provocado através do sensibilidade e identificação. Para confirmar isso, as DCEs afirmam:

O primeiro olhar para o texto literário, tanto para alunos de Ensino Fundamental como do Ensino Médio, deve ser de sensibilidade, de

² - Kato (1995) apresenta algumas perspectivas para leitura, entre elas, a perspectiva estruturalista, que concebe a leitura como decodificação; a perspectiva construtivista, em que a leitura vista como estrutura cognitiva, na qual contam a visão de mundo e experiência do leitor; a perspectiva interacionista, que vê a leitura como interação entre o leitor e o autor. Também Kleiman (1989) define a leitura como sendo uma atividade de interação entre leitor e autor por meio do texto (perspectiva interacionista).

³ - Marcuschi (2010) cita quatro perspectivas para a oralidade: a perspectiva da dicotomia, que divide a língua falada e a língua escrita em dois blocos distintos, atribuindo-lhes propriedades típicas; a perspectiva culturalista ou epistemológica, que vê a escrita como um avanço na capacidade cognitiva dos indivíduos e, como tal, uma evolução dos processos noéticos, que medeiam a fala e a escrita; a perspectiva variacionista, que não faz distinção dicotômica ou caracterizações estanques entre fala e escrita, mas que tem a preocupação com regularidades e variações. E a quarta perspectiva é a sociointeracionista, que trata das relações entre fala e escrita dentro da perspectiva dialógica, que trata os fenômenos de compreensão na interação face a face e na interação entre leitor e texto escrito, de maneira a detectar especificidades na própria atividade de construção dos sentidos.

identificação. O professor pode estimular o aluno a projetar-se na narrativa e identificar-se com algum personagem. (PARANÁ, 2008, p.75)

Segundo as DCEs, a leitura e a oralidade são fenômenos da língua pelos quais o ser humano pode expressar seus pensamentos, sentimentos, emoções, desejos e posicionamentos perante as diversas situações de uso da língua materna. Para confirmar isso, as DCEs (PARANÁ, 2008) afirmam:

Na sala de aula e nos outros espaços de encontro com os alunos, os professores de Língua Portuguesa e Literatura têm o papel de promover o amadurecimento do domínio discursivo da oralidade, da leitura e da escrita, para que os estudantes compreendam e possam interferir nas relações de poder com seus próprios pontos de vista, fazendo deslizar o signo-verdade-poder em direção a outras significações que permitam, aos mesmos estudantes, a sua emancipação e a autonomia em relação ao pensamento e às práticas de linguagem imprescindíveis ao convívio social. Esse domínio das práticas discursivas possibilitará que o aluno modifique, aprimore, reelabore sua visão de mundo e tenha voz na sociedade. (PARANÁ, 2008, p.64-65).

Devemos ressaltar que com o avanço tecnológico, com os textos multimodais e com as diversas formas de letramento, também faz-se necessário instigar os diversos processos cognitivos e diversas maneiras de ler um texto. Também, as DCEs (PARANÁ, 2008) destacam a leitura da esfera digital como exemplo dessa mudança de processos e modos de leitura. Para confirmar isso, as DCEs afirmam:

Não se pode excluir, ainda, a leitura da esfera digital, que também é diferente se comparada a outros gêneros e suportes. Os processos cognitivos e o modo de ler nessa esfera também mudam. O hipertexto-texto no suporte digital/computador- representa uma oportunidade para ampliar a prática de leitura. Através do hipertexto inaugura-se uma nova maneira de ler. No ambiente digital, o tempo, o ritmo e a velocidade de leitura mudam. Além dos hiperlinks, no hipertexto há movimento, som, diálogo com outras linguagens. (PARANÁ, 2008, p.73)

Além de todos os documentos oficiais já citados, o mais recente é a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que trouxe alguns redirecionamentos para o ensino de todas as disciplinas em âmbito nacional.

No tocante à leitura oral, a BNCC (Brasil, 2017) propõe, por meio das habilidades EF69LP53 e EF69LP54, a prática da leitura em voz alta de textos literários diversos. Também propõe leituras capituladas, contação de histórias, leituras expressivas, leituras dramáticas, de forma que expressem a compreensão e interpretação do texto por meio dos recursos linguísticos, paralingüísticos, cinésicos

como ritmo, entonação, pausas, prolongamentos, tom, timbre vocal, gestos, entre outros.

O projeto também se justifica pela necessidade de desenvolver conhecimento técnico e prático sobre o assunto, com a intenção de desenvolver um estudo que possa melhorar aspectos pragmáticos e refletir sobre a prática pedagógica através da pesquisa-ação. Isso é confirmado por Franco & Lisita (2014):

Considerando a especificidade do fazer profissional docente e a relevância social de sua práxis, impõe-se a necessidade de um projeto de formação que considere prioritária a construção de sua autonomia como forma de potencializar seu trabalho educativo, com independência intelectual, consciência crítica e compromisso social. Nessa direção, torna-se relevante a busca de alternativas teórico-metodológicas que criem condições para que os professores consigam se formar como intelectuais críticos, de forma a capacitá-los a participar do debate público da profissão e da produção do conhecimento educacional." (FRANCO & LISITA, 2014, p. 42)

Justificamos ainda pela observação de relatos orais feitos por alunos de duas turmas de nono ano, do período matutino, em uma escola estadual de Maringá, no ano de 2018, que diziam ter compreendido melhor o texto "Para Maria da Graça" do autor Paulo Mendes Campos, do capítulo 3, páginas 177, 178, 179, do livro didático "Português linguagens, 9º ano" dos autores William Roberto Cereja e Thereza Cochard Magalhães, depois da leitura oralizada. Relatavam que a entonação e a oralização das palavras ajudavam a perceber significados que antes passavam despercebidos. Esse relato inquietou-nos e nos fez refletir sobre a leitura oralizada como um recurso a mais para construção de sentido e compreensão de textos.

Autores reconhecidos, renomados, estudiosos "de peso" dessa área da leitura, entre eles a Kleiman, Kato, Goodman mostram a importância da leitura silenciosa como busca individual de produção de significados. E isso tem um grande valor, pensando na leitura sob a perspectiva da psicolinguística.

No entanto, quando estamos em sala de aula, percebemos que, mesmo o aluno lendo silenciosamente, falta ainda algo que o auxilie na compreensão, na interpretação daquilo que ele lê.

Por isso, optamos por tratar das questões referentes à leitura oralizada. Que, por meio da leitura oralizada, grande parte dos alunos vai perceber algumas questões que as palavras não dizem, mas que a maneira de ler, com pausa, com ritmo, com outros recursos que a oralidade tem, vão auxiliar na compreensão do texto que ele

precisa entender para depois ele desenvolver alguma atividade e também depois aplicar em alguma situação não só da leitura, mas também da escrita.

Sabemos dos benefícios que a leitura silenciosa traz para a autonomia leitora do aluno, porém a leitura oralizada também pode trazer benefícios, se trabalhada com objetivo, como forma de sensibilizar e despertar o gosto pela leitura; como ação de oralizar o texto escrito e chamar a atenção para o som, a entonação, os gestos e a linguagem corporal, bem como os efeitos de sentido que resultam dessa ação.

OBJETIVO GERAL

- Elaborar e implementar uma proposta de oficinas de leitura silenciosa, leitura oralizada e estratégias de leitura, como recursos possíveis para desenvolver e ampliar a capacidade leitora de alunos do nono ano do ensino fundamental

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Propor oficinas com atividades de leitura com as estratégias de leitura (antecipação, inferência e verificação), leitura silenciosa e com leitura oralizada;
- Possibilitar situações para que o aluno apresente o que entendeu do conteúdo trabalhado e o que este acrescentou ao seu conhecimento por meio das atividades das oficinas;
- Propor oralizações de textos para contribuir com a Audioteca “Ler Faz Bem” da Professora Mestra Regina Corcini Melo da Turma 3 do Profletras/UEM;
- Oferecer condições para que o aluno consiga realizar uma leitura pontual, que contribua na compreensão e na interpretação dos textos trabalhados.

A organização desta dissertação de mestrado dar-se-á através das seguintes partes: Reflexões teóricas a respeito do ensino de língua portuguesa, Metodologia de pesquisa, Análise de dados, Referências e Elementos pós-textuais como apêndices.

CAPÍTULO 1 – REFLEXÕES TEÓRICAS A RESPEITO DO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

1.1- O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs - (BRASIL, 1998), a partir da década de 70, sentiu-se a necessidade de discutir a qualidade do ensino de Língua Portuguesa no Brasil, visto que houve aumento no acesso à escola, porém os altos índices de repetência e evasão apontavam questionamento a serem sanados.

Para discutir essa qualidade de ensino, alguns questionamentos faziam-se necessários: O que ensinar? Quem é que ensina? Para quem se ensina? De que maneira se ensina? Esses questionamentos perpassam nossa prática pedagógica no anseio de entendermos melhor o nosso trabalho.

De acordo com o Currículo Básico (PARANÁ, 1990) para a Escola Pública do Estado do Paraná, ensina-se a realidade da linguagem. Compreende-se a linguagem como uma realidade cheia de elementos sociais e históricos, os quais lhe conferem um caráter dialógico, interacional. Também por meio da linguagem nos constituímos sujeitos. Para comprovar isso, o Currículo Básico (PARANÁ, 1990) traz a seguinte afirmação “É por meio dela que nos constituímos sujeitos no mundo, é a linguagem que, com o trabalho, caracteriza a nossa **humanidade**, que nos diferencia dos animais” (PARANÁ, 1990, p. 50).

Quanto a quem ensina, segundo os PCNs (BRASIL, 1998), o papel fundamental do professor, que foi formado por diversas pedagogias e teorias de ensino, é o de mediar o conhecimento. Nos PCNs, esse papel é visto como mediador no processo de interlocução.

Refletindo sobre a maneira que se ensina, o Currículo Básico (PARANÁ, 1990) mostra duas correntes do pensamento linguístico: a que garante o domínio da língua oral e escrita por meio de uma teoria gramatical e outra que trabalha com as estruturas isoladas da língua. Diante dessas considerações do Currículo Básico (PARANÁ, 1990), o professor deve criar situações de contato com a realidade, por meio do texto, para que o educando processe seu conhecimento de forma interacionista. Tendo, no ensino da leitura e da escrita, o texto como o centro e a gramática numa perspectiva do uso da funcionalidade dos elementos gramaticais. Para reafirmar este pensamento, o Currículo Básico diz que:

Metodologicamente, é importante trazer para a sala de aula todo o tipo de texto literário, informativo, publicitário, dissertativo – colocar estas linguagens em confronto, não apenas as suas formas particulares ou composicionais, mas o próprio conteúdo veiculado nelas. (PARANÁ, 1990, p.53)

Já, sob o ponto de vista do questionamento para quem se ensina, o Currículo Básico afirma que o aluno é participante neste processo de ensino e que o papel do professor é torná-lo consciente de que a linguagem é uma forma de atuação uns sobre os outros, seja para convencer, intervir, influenciar; e criar situações concretas para que ele se aproprie da linguagem oral e escrita. Esta ideia também é compartilhada nos PCNs. Para confirmar esta questão, os PCNs (BRASIL, 1998) afirmam:

Pela linguagem os homens e as mulheres se comunicam, têm acesso à informação, expressam e defendem pontos de vista, partilham ou constroem visões de mundo, produzem cultura. Assim, um projeto educativo comprometido com a democratização social e cultural atribui à escola a função e a responsabilidade de contribuir para garantir a todos os alunos o acesso aos saberes lingüísticos necessários para o exercício da cidadania. (BRASIL, 1998, p.19)

Também, de acordo com os PCNs, o aluno é sujeito de sua própria formação e, no terceiro e quarto ciclo, sendo este último o qual contemplaremos neste Projeto de intervenção, são adolescentes, entre 11 e 15 anos. Período da vida que compreende a adolescência, o qual é marcado por transformações corporais, afetivas, cognitivas, socioculturais, emocionais, que devem ser consideradas no processo de ensino.

Segundo os PCNs (Brasil, 1998), a partir dos anos 80, quando estudos possibilitaram avanços na área da educação e psicologia da aprendizagem, surgiu um quadro que sintetizou a finalidade e os conteúdos do ensino da língua materna e neste período órgãos governamentais estabeleceram novos currículos e cursos de formação e aperfeiçoamento de professores.

A partir daí, novas palavras se incorporaram aos documentos, como: Letramento e Gênero textual.

1.2 - PRÁTICAS DISCURSIVAS, CONCEITOS E PROCESSOS DE LEITURA

No que se refere à prática de leitura, os documentos oficiais como os Parâmetros Curriculares Nacionais e as Diretrizes Curriculares da Educação Básica, a respeito do ensino de Língua Portuguesa, afirmam que ensina-se a ler e a escrever

a linguagem. Porém, neste estudo, o trabalho com a linguagem terá ênfase com as práticas de leitura e de oralidade.

Dessa forma, é preciso saber o que dizem os documentos oficiais quanto à prática de leitura. Antes, porém, é necessário conhecer alguns conceitos de leitura.

Para Bamberger (1988), a leitura é um processo de percepção durante o qual se reconhecem símbolos. Já para Goodman (1987), a leitura é um processo dinâmico, ativo e composta por ciclos: ótico, perceptual, gramatical e de significado.

Kato (1995) também apresenta algumas concepções de leitura tais como: leitura linear e indutiva (modelo de processamento de dados); leitura como léxico visual (leitura sem mediação sonora); leitura, através das estratégias ascendente (*bottom-up*) e descendente (*top-down*), vendo o leitor como aquele que antecipa o elemento textual que lerá (modelo de análise pela síntese); leitura como formação de hipóteses (o modelo das múltiplas hipóteses),

De acordo com Aebli (1982), a interpretação deve ser feita a partir do que está escrito no texto, porém é uma tarefa árdua, já que toda interpretação também é realizada com o auxílio da experiência e sensibilidade do leitor. Para reforçar esta afirmação, Goodman (1987) diz que “Toda leitura é interpretação, e o que o leitor é capaz de compreender e de aprender através da leitura depende fortemente daquilo que o leitor conhece e acredita a priori, ou seja, antes da leitura” (GOODMAN, 1987, p.15).

Também Geraldi (1984) acredita que a interpretação depende de leituras anteriores e, principalmente, das qualidades dessas leituras. Para confirmar esta afirmação, Geraldi (1984) diz que “a qualidade (profundidade) do mergulho de um leitor num texto depende de seus mergulhos anteriores, mergulhos estes não só nas obras que leu, mas também na leitura que faz de sua vida” (GERALDI, 1984, p. 100).

Acreditamos que uma das dificuldades desse “mergulho” no ato de ler é a **interpretação**. Como já dissemos anteriormente neste estudo, Provas oficiais como a Prova Brasil, entre outras, mostram as dificuldades dos alunos em compreender e interpretar um texto escrito na língua portuguesa.

E acreditamos também que uma das razões para compreender e interpretar um texto escrito é a dificuldade em fazer inferências, o ler “nas entrelinhas”. Para confirmar isso, Zandwais (1990) afirma que “desta forma, não somente os significados literais pertencem ao componente linguístico, mas também aqueles

significados não-literais, cujos valores estão inscritos no próprio léxico." (ZANDWAIS, 1990, p. 22)

Ou seja, o leitor deve lançar mão de suas experiências para realizar a interpretação e a falta de percepção dos significados não-literais contidos em um texto, contribui na dificuldade de interpretar um texto.

Torna-se essencial fazer com que o aluno alcance um nível mais apurado de leitura. Alguns processos de leitura têm norteado o ensino de leitura para fazer com que o aluno tenha proficiência em leitura e o processo pelo qual acreditamos ajudá-lo a conquistar esse nível é processo interacionista de leitura.

Para que isso se concretize, as DCEs (PARANÁ, 2008) de Língua Portuguesa afirmam que a escola é um lugar de promoção do letramento do aluno e que esse letramento deve ir além da alfabetização.

Segundo Soares (2009), o indivíduo letrado torna-se diferente por ter outra condição social e cultural. Através da leitura e da escrita passa a ter acesso aos bens culturais, a viver de maneira diferente na sociedade e sentir que tem seu lugar nessa sociedade. E Bakhtin já ressaltava isso em seu estudos ao afirmar:

Ao considerar o conceito de letramento, também é necessário ampliar o conceito textual, o qual envolve não apenas a formalização do discurso social verbal ou não-verbal, mas o evento que abrange o antes, isto é, as condições de produção e elaboração; e o depois, ou seja, a leitura ou a resposta ativa. Todo texto é, assim, articulação de discursos, vozes que se materializam, ato humano, é linguagem em uso efetivo. O texto ocorre em interação e, por isso mesmo, não é compreendido apenas em seus limites formais (BAKHTIN, 1999, *apud* PARANÁ, 2008, p. 51)

Também encontramos nos PCNs (BRASIL, 1998) que é de responsabilidade da escola ampliar os níveis de conhecimento prévio do aluno para que interprete diferentes textos que circulam na sociedade.

De acordo com Leffa (1999) há três abordagens de leitura que reúnem diversas linhas teóricas da leitura: ascendentes, descendentes e conciliadora.

Na abordagem ascendente, segundo o autor, a leitura se dá na perspectiva do texto e a construção de sentido se faz pelo processo de extração, ou seja, a leitura é vista como produto; já na abordagem descendente, a leitura é vista da perspectiva do leitor, o qual atribui significado ao texto; nesta abordagem, a leitura é vista como processo. E na abordagem conciliadora, a leitura é compreendida da perspectiva do

texto e do leitor, em um processo de interação, “com ênfase na relação com o outro” (LEFFA, 1999, p. 13) e a leitura é tida como atividade social.

Trazemos alguns autores que estão dentro dessas linhas teóricas e que contribuíram com suas pesquisas, ao longo dos anos, para a ampliação do estudo da leitura.

Segundo Solé (1998), há modelos hierárquicos de leitura como: o ascendente (*bottom up*) e o descendente (*top down*), o interativo. No modelo ascendente, o leitor inicia a leitura pelas letras, depois palavras, frases, e assim por diante. Nesse modelo, o texto e a decodificação são considerados muito importantes, porque acredita-se que o leitor comprehende o texto porque sabe decodificá-lo.

E no modelo descendente, de acordo com Solé (1998), dá-se o inverso. O leitor utiliza seu conhecimento prévio para antecipar o conteúdo e verifica suas antecipações para chegar a uma interpretação. Nesse modelo, o mais importante é o reconhecimento global de palavras, ou seja, a ênfase maior é no leitor.

Já no modelo interativo, conforme Solé (1998), tanto o texto quanto o leitor são importantes. Nesse modelo, o fundamental é saber processar o texto e seus elementos e elaborar as estratégias necessárias que tornarão o texto comprehensível.

Também, conforme Solé (1998), quando se comprehende a leitura como processo de interação, há que se ressaltar os objetivos para o ato de ler. Alguns leem para realizar uma tarefa; outros para obterem informações sobre um assunto qualquer e tantas outras finalidades, mas certo é que todos os leitores possuem um objetivo ao ler.

Segundo Goodman (1987), mesmo o leitor tendo um ou outro objetivo para leitura ou variados tipos de textos, há somente um único processo de leitura. Este inicia-se por um texto, o qual deve ser produzido como linguagem e termina através da elaboração do significado.

De acordo com Solé (1998), no início da aprendizagem de leitura, é importante que se leia o texto para a criança, para que esta se familiarize com a estrutura e a linguagem do texto escrito, pois as características de formalidade e a falta de contexto diferem da oralidade, tornando mais difícil a comprehensão.

Para melhor comprehender um texto, é necessário que conheçamos o seu contexto, ou seja, as condições em que foi produzido.

Segundo Koch (2011), o texto é organizado em partes que formam uma unidade de sentido e o contexto é o que permite o leitor relacionar-se com a situação.

De acordo com a autora, se o leitor não comprehende o sentido global do texto (Top down) é porque faltou o distanciamento necessário para a leitura. Para Koch, o leitor deve conhecer as condições de produção do texto para que seja capaz de prever, antecipar; pois, para a autora a leitura acontece quando aquele que lê interage com aquele que escreveu o texto.

Porém, Geraldi (1984) ressalta que, além das condições de produção específicas de um texto, há que se levar em conta as condições de produção de leitura, pois elas também são importantes para dar sentido ao texto. Para confirmar esta afirmação, Geraldi salienta que:

A multiplicidade de leituras que um mesmo texto pode ter não nos parece ser resultado do próprio texto em si, produzido em condições de produção específicas, mas sim resultado dos múltiplos sentidos que se produzem nas diferentes condições de produção de leitura. Em cada leitura, mudadas as condições de sua produção, temos novas leituras e novos sentidos por elas produzidos (GERALDI, 1984, p. 96)

Koch e Elias (2012) chamam as condições de produção de leitura de circunstâncias de leitura ou contexto de uso que, segundo as autoras, pode interferir na produção de sentido. Dessa forma, vemos o quanto importante é para o leitor conhecer as condições de produção para que possa compreender o texto.

Diante dessas considerações, vemos que a leitura é concebida por alguns autores como forma de interação. Antunes (2009) compara leitura à uma porta de entrada, que tem acesso à palavra que se tornou pública, saindo do domínio privado e ultrapassando o mundo da interação. Para a autora a leitura é uma partilha, um encontro com o diferente, no qual ocorre a verdadeira afirmação do eu.

Nesse processo interativo de leitura, Sole (1998) chama o leitor de leitor ativo porque processa e atribui significado àquilo que lê.

Também Kleiman (1989) afirma que o leitor constrói um sentido global para o texto, procurando e antecipando pistas, formulando e reformulando hipóteses e aceitando ou rejeitando conclusões, numa atitude de interação com o texto. Para confirmarmos esta afirmação, citamos Antunes que diz:

Falo de uma leitura que, a partir de *hipóteses, de predições inicialmente levantadas*, vai além da superfície do texto, além do que está explícito, do que está declarado. De uma leitura que mobiliza um sentido plural, portanto: que está no texto, que está no leitor, que está no contexto (ANTUNES, 2009, p. 204)

Segundo Kleiman (1989), essas pistas podem ser a articulação e organização de temas mediante uso de operadores lógicos que refletem o raciocínio do autor, como, por exemplo, o conectivo *mas*. “Através do operador *mas* pode ser reconstruído a refutação implícita, um espaço que o autor deixa para o leitor refutar o argumento apresentado” (KLEIMAN, 1989, p.68).

Ainda de acordo com Kleiman (1989), o uso de modalizadores são também tipos de pistas porque “são expressões que indicam o grau de comprometimento do autor com a verdade, ou a justiça da informação, relativizando-a ou para mais, certeza absoluta, ou para menos, a possibilidade mais remota.” (KLEIMAN, 1989, p.68). Um exemplo que a autora coloca desse modalizador é o “talvez” de que o autor pode se valer para não se comprometer com a força da verdade.

Também a autora fala de um outro tipo de pista que se dá através da adjetivação, nominalização e usos de nomes abstratos indicativos de qualidades, como, por exemplo, em “as propostas vagas” (KLEIMAN, 1989, p. 69). O adjetivo *vagas* ajuda a construir uma imagem negativa do sujeito, que nesse exemplo dado pela autora era trecho extraído do Editorial da Folha de São Paulo, 01/03/1989, sobre as atitudes do ex-governador Leonel Brizola.

Koch (2011) diz que, a partir destas pistas, o autor e o leitor, os quais a autora chama de produtor e interpretador, têm uma participação ativa na construção de sentido e os chama de estratégistas porque mobilizam uma série de estratégias de ordem sociocognitiva, interacional e textual para produzirem o sentido do texto.

Portanto, as estratégias de leitura são compreendidas como importantes meios para se chegar à interpretação de um texto.

1.3 - ESTRATÉGIAS DE LEITURA

Segundo os PCNs (BRASIL, 1998), a leitura é uma atividade que requer estratégias de seleção, antecipação, inferência, verificação e não somente uma busca de informação através da decodificação. O documento afirma que, através das estratégias, o leitor pode controlar a leitura, tomando decisões diante das dificuldades de compreensão, buscando explicações ou validando suas suposições.

Goodman (1987) define estratégia como sendo um amplo esquema que obtém, avalia e utiliza uma informação. Segundo o autor, para compreender o texto, o leitor desenvolve estratégias que podem ou não se modificar durante a leitura. Entretanto, enfatiza que não há outro jeito de desenvolvê-las a não ser por meio do ato de ler.

Para ele, o leitor pode predizer o final de uma história, pode selecionar informações com base em suas previsões, pode inferir o que não está subentendido no texto ou informações que se farão entendidas à medida que a leitura avança. Para confirmar isso, Goodman afirma que:

Como a seleção, as previsões e as inferências são estratégias básicas de leitura, os leitores estão constantemente controlando sua própria leitura para assegurar-se de que tenha sentido. (...) Há riscos envolvidos na seleção, nas previsões e nas inferências. Às vezes fazemos previsões que pareciam corretas, mas que logo se mostram falsas, ou descobrimos que fizemos previsões carentes de fundamento. Por isso o leitor lança mão de estratégias para confirmar ou rejeitar suas previsões (GOODMAN, 1987, p. 17)

Kleiman (1989) afirma que a formulação de hipóteses, a partir do conhecimento prévio, a verificação de hipóteses, para refutação ou confirmação de informações, a previsão, para ativar o conhecimento prévio, e a testagem de hipóteses são estratégias próprias da leitura, que levarão o leitor a compreender o texto.

Mas como se conseguir um nível mais apurado de leitura? Pensamos que um dos caminhos seja as estratégias de leitura.

Segundo Serra e Oller (2003), quando se usam as estratégias com autonomia pode-se tirar o sentido do texto, de forma global ou dos diferentes itens incluídos nele; pode-se reconduzir a leitura, indo avante ou voltando ao texto, adequando o ritmo para ler de maneira certa e pode-se incorporar os novos conceitos aos conhecimentos prévios.

E para Solé (1998) as estratégias de leitura são técnicas de teor elevado, que requerem objetivos a serem concretizados, bem como o desencadeamento de ações para alcançá-los, como também à avaliação destes e possível redirecionamento.

Solé (1998) apresenta algumas estratégias que devem ser incentivadas em três etapas de leitura: Antes da Leitura, Durante a Leitura e Depois da Leitura.

A primeira delas “Antes da Leitura” consiste em motivar o aluno para a leitura. De acordo com a autora, ofertar aos estudantes os objetivos da leitura, a ativação do conhecimento prévio e as formulações de previsão, são estratégias que ajudarão na interação entre texto e leitor, para a compreensão daquilo que se lê.

Já, na segunda etapa “Durante a Leitura”, o que se deseja é a interpretação do texto. Para tal, Solé (1998) propõe estratégias como: tarefas de leitura compartilhada

e leitura independente. Nesse tipo de tarefa, tanto o professor quanto o aluno são corresponsáveis na organização da leitura e no envolvimento na atividade.

Durante a leitura pode haver erros ou lacunas na compreensão. Para solucionar isso, a autora sugere discutir os objetivos da leitura, utilizar materiais de compreensão moderada para estimular os desafios, ativar os conhecimentos prévios, elaborar e verificar hipóteses. E para que essa aprendizagem seja significativa para o aluno, Solé (1998) afirma que diversas situações de ensino devem ser articuladas pelo professor.

Na terceira etapa “Depois da Leitura”, a autora propõe um aprofundamento na leitura, através das estratégias como identificação da ideia principal do texto, elaboração de resumo e formulação de perguntas e respostas para verificar as dificuldades de leitura apresentadas e a competência atingida.

A autora ressalta que o professor deve ensinar essas atividades, bem como orientar na elaboração delas. Para Solé (1998), não se para de compreender e aprender depois da leitura e o processo de leitura deve ser compreendido na sua totalidade.

De acordo com Menegassi (2005), há necessidade de ensinar procedimentos que formem um leitor competente, principalmente, em sala de aula para que de fato ocorra a apropriação dos conteúdos. Segundo o autor, há quatro estratégias que são fundamentais para a compreensão de textos: seleção, antecipação, inferência e verificação. São elas:

- Estratégia de seleção:

Para Menegassi (2005) a estratégia de seleção são ações que permitem a quem lê restringir o que é útil para compreender o texto, deixando de lado as informações que não considera importante.

- Estratégia de antecipação:

Segundo o mesmo autor, antecipação é o ato de predizer, ou seja, o leitor levanta suposições sobre os significados a partir das informações que estejam nas linhas ou entrelinhas do texto. Podendo essas antecipações ser confirmadas ou rejeitadas durante a leitura. O que permite ao leitor, rever suas estratégias.

- Estratégia de Inferência:

De acordo com Menegassi (2005), essa estratégia permite ao leitor unir o conhecimento que está nas entrelinhas do texto com aquele que sabe sobre o assunto. O autor chama de “ponte de sentido que o leitor cria com o texto lido” (MENEGASSI, 2005, p.81). Esse ato faz com que os conhecimentos prévios do leitor

sejam ativados e possam dar significado ao que lê. Porém, durante a leitura essas inferências podem ou não estar corretas, por isso o leitor pode comprová-las ou descartá-las.

- Estratégia de Verificação:

Segundo Menegassi (2005), essa estratégia é que dá segurança ao leitor, ou seja, pode confirmar ou rejeitar aquilo que supôs ou inferiu sobre o que leu. E através da verificação, há a possibilidade de retomada de outros procedimentos para compreender o texto.

Por meio dessas estratégias de leitura, que são caminhos que auxiliam na interpretação do texto, o leitor se sentirá mais confiante para construir o sentido do que lê.

1.4 - PRÁTICA DA ORALIDADE

Dentre as práticas discursivas no ensino de língua portuguesa, a oralidade, talvez, seja a menos privilegiada. Há mais evidências de produções escritas, que de produções orais. Vivemos num mundo globalizado, com o uso da tecnologias avançada, a qual permite o uso de uma rede conectada mundialmente: a internet. Esse sistema global de redes de computadores interligadas vem abrindo espaço no campo da oralidade, visto que cidadãos exploram e ganham a vida, por meio da oralidade nas redes sociais, como é o caso dos “youtubers”.

Muitas pessoas que têm dificuldade em expressarem-se no mundo real, o fazem com propriedade no mundo virtual. Então, cabe à escola trabalhar com essa prática discursiva para que o aluno possa fazer uso dela em situações de usos real ou virtual ou que requeiram tal prática. Para confirmar isso, Busatto (2010) diz:

“Falar com propriedade dentro de um contexto solicitado fortalece o senso de cidadania, promove a interação social, oferece instrumentos argumentativos que propiciam a comunicação e asseguram a autoestima do falante.” (BUSATTO, 2010, p.6)

De acordo com Marcuschi (2010), constantemente usamos a língua em diversos contextos e condições, e “quando devidamente letRADOS” (MARCUSCHI, 2010, p.10), passamos da modalidade escrita para a oral, ou vice-versa, de maneira natural.

Ainda segundo o autor, não há diferença entre elas, nem a sobreposição de uma à outra. Porém, nem sempre foi assim. Antes dos anos 80, alguns estudiosos

consideravam que existiam diferenças entre elas e que a escrita, do ponto de vista cognitivo, se sobreponha à oralidade.

Marcuschi (2010) afirma que atualmente as duas modalidades são vistas como práticas sociais e usos da língua com características próprias; e também afirma que é “(...) bastante interessante refletir melhor sobre o lugar da oralidade hoje, seja nos contextos de uso da vida diária ou nos contextos de formação escolar formal.” (MARCUSCHI, 2010, p.24)

Dentre as quatro linhas de estudo sobre a oralidade e a escrita citadas por Marcuschi (ver nota de rodapé da p. 09), a linha defendida por ele é a de perspectiva sociointeracionista, que segundo o autor, vê a língua como fenômeno interativo e dinâmico e é orientada numa linha discursiva e interpretativa.

Segundo Fávero (2002), “a língua falada deve ocupar um lugar de destaque no ensino de língua.” (FÁVERO, 2002, p.10)

A autora afirma que a fala só começou a ser considerada objeto de estudo a partir de meados do século XX, com os estudos de Grimm na Alemanha e Sweet e Jones na Inglaterra. E que atualmente há grupos que se dedicam ao estudo da fala denominados “Projeto da Gramática do Português Falado no Brasil”, coordenado por Ataliba Teixeira de Castilho, e o Projeto NURC (Estudos da Norma Urbana Culta do Brasil), coordenado por Dino Preti, que trabalhavam especialmente com as variações fonêmicas.

1.5 – LEITURA ORALIZADA E LEITURA SILENCIOSA

Segundo Nunes (2007), há duas práticas sociais de leitura que predominam: a leitura em voz alta e a leitura silenciosa.

Também Goodman (1987) afirma que falar, escrever, escutar e ler são processos psicolinguísticos e que esses processos são tanto pessoais quanto sociais. São pessoais porque satisfazem necessidades pessoais e sociais porque são usadas na comunicação entre os seres humanos.

Goodman (1987) também ressalta que a leitura silenciosa cumpre o propósito especial de comunicação através do tempo e do espaço e que “a leitura silenciosa é muito mais rápida do que a fala porque os leitores compreendem o significado diretamente a partir do texto escrito.” (GOODMAN, 1987, in FERREIRO, E.; PALACIO, 1987, p. 14).

Ritter (1999) fala da importância da leitura silenciosa e diz que a fase da leitura individual é aquela em que o leitor busca dar um sentido ao texto. A autora adverte sobre algumas práticas de leitura oral como a que chama de “Leitura ‘autorizada’”. Essa forma de leitura seria aquela que, depois da leitura oralizada, o professor faz a explicação do texto dando o sentido dele ao texto e tornando o aluno apenas em receptor passivo.

Porém, Ritter (1999) também afirma que não nega o valor da leitura oral no contexto escolar. Mas há se ponderar o quanto, a maneira com que é feita e o objetivo de fazê-la. Para confirmar isso, a autora diz:

É evidente que a verbalização do texto escrito é importante para se conseguir uma leitura fluente, habilidade que também é responsabilidade da escola. A leitura oral também pode ser uma das formas de avaliação para o professor, da compreensão textual, pois não se pode ignorar que a pontuação, a entonação, o ritmo, são significativos indicadores do entendimento do um texto. Porém, essa estratégia deve ir além da verbalização, do “como” dizer, entrando na significação, e posteriormente, conduzindo o aluno à leitura crítica do texto. (RITTER, 1999, p. 29, 30)

Como podemos observar, utilizar a leitura oral na sala de aula não se trata de “um crime”, mas pode ser um recurso importante para a construção de sentido em texto, assim como a leitura silenciosa. Para se trabalhar com a leitura oralizada devemos estar atento à maneira como é conduzida, bem como o propósito da utilização desse recurso afim de que, como ato de leitura, cumpra sua função social (Goodman (1987), Nunes (2007)).

Ritter (1999) afirma que tanto a leitura oral quanto a leitura silenciosa deva levar o aluno à leitura crítica do texto.

Aquini (2006) afirma ao parafrasear Bredekamp, Coople, Neuman, (2000) que “a leitura oral é a base para o desenvolvimento da capacidade de ler e escrever” (AQUINI, 2006, p.42).

Segundo Aquini (2006), por meio da leitura oral, os leitores com menos proficiência podem ter acesso “ao mesmo tipo de leituras ricas e atraentes” (AQUINI, 2006, p. 43) que outros leitores com um nível mais aprofundado de leitura e mais fluentes costumam ler. A autora afirma que esse acesso faz com que esses leitores menos proficientes tenham o desejo de tornarem-se mais competentes em leitura.

De acordo com Nunes (2007), a leitura em voz alta pode ser realizada pelo próprio leitor para a sua própria fruição ou realizada por um leitor para a fruição de outro, que pode ser um ouvinte ou vários ouvintes.

Almeida e Almeida (2015) afirmam que há uma prática de oralização que consideram prejudicial ao ensino-aprendizagem. É aquela prática que está associada à decodificação, à memorização e à mera reprodução de sons do texto. Almeida e Almeida (2007) dizem ser essa prática semelhante às do ensino escolástico medieval.

Porém, Almeida e Almeida (2007) exemplificam como práticas de oralização benéficas, aquelas que têm “(...) a busca dos sentidos expressos na entoação dramatizada, encenada, exercitada com prazer pelos aprendizes em atividades lúdicas e espontâneas.” (ALMEIDA e ALMEIDA, 2015, p.73).

Yunes (2014) afirma que os recursos da leitura oral como a interação de toda linguagem gestual, facial que a leitura oralizada possui é um meio de despertar o gosto pela leitura.

E segundo Yunes (2014) essa é uma grande tarefa a ser feita “a motivação para a descoberta do mundo e do gosto do saber.” (YUNES, 2014, p.8). A autora ainda ressalta “Quem se puser a caminho não olhará para trás, senão para recuperar sabores experimentados antes e que podem dar tempero às leituras novas.” (YUNES, 2014, p. 11)

Para entendermos o porquê desse distanciamento da leitura oral, é necessário fazer uma contextualização da história da leitura oralizada.

1.6 – CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DA LEITURA ORALIZADA

Segundo Nunes (2007), a leitura oral era praticada na idade medieval e na antiguidade. A tradição oral sobreponha-se à escrita. Os reis, os príncipes e outras autoridades sabiam ler, mas não escrever (NUNES, 2007, p.156). Segundo ainda Nunes (2007), o papel social dessas autoridades era o de exercer poder político, militar e religioso. “Já o papel social de escrever era do escriba” (NUNES, 2007, p. 157). Nesse momento, a leitura em voz alta era considerada como modalidade hegemônica.

De acordo com Nunes (2007), os romanos tentaram romper essa hegemonia através de duas iniciativas. A primeira delas com a criação de uma escola para meninos, os quais recebiam aprendizado de leitura e escrita. Praticavam a leitura em voz alta e recebiam técnicas para fazer a leitura silenciosa. A segunda, com a criação

das bibliotecas públicas “implantado pelo mecenás, gramático, historiador e orador Caio Asínio Polião, que viveu entre 76 a.C. e 5 d.C.” (NUNES, 2007, p. 159).

Ainda de acordo com Nunes (2007), esses dois fatos não romperam com a hegemonia da leitura em voz alta, porque só os meninos de famílias ricas tinham acesso ao ensino e estruturas econômicas e sociais não deixavam que ocorressem mudanças mais profundas.

Também Nunes (2007) ressalta que, após o declínio romano, a leitura em voz alta se sobressaía porque ascendeu o poder da igreja católica, o que afetou a prática social da leitura. Nesse período, segundo Nunes (2007), a igreja reforçou a prática da leitura em voz alta porque entendia que a leitura silenciosa favorecia “interpretações ou devaneios pecaminosos” (NUNES, 2007, p.159).

Nunes (2007) afirma que essa hegemonia teve seu declínio com o surgimento da tipografia em 1455. A partir da produção de livros em série o que ocasionou duas consequências: a primeira, acabando com a restrição de uma pequena quantidade de livros para atividades de ensino e a segunda, como sendo o surgimento de um “mercado consumidor” (NUNES, 2007, p. 161).

Nunes (2007, p. 161) afirma que anteriormente ao nascimento da tipografia, já havia registros de leitura silenciosa no livro “Confissões” de Santo Agostinho (354 e 430 d.C.). Segundo o autor, Santo Agostinho impressionou-se com a maneira com que o bispo de Milão, Ambrósio, fazia sua leitura, de forma silenciosa, sem mexer os olhos e os lábios, ato incomum na época. E que Santo Agostinho adotou essa prática de leitura para si.

Nunes (2007) afirma também que a partir da invenção da tipografia, a prática social da leitura mudou, prevalecendo a leitura silenciosa e a leitura em voz alta ficou em “segundo plano, reservada para finalidades de caráter mais utilitário, como, por exemplo, no processo ensino-aprendizagem, na mídia e nas manifestações lúdicas e artísticas.” (NUNES, 2007, p. 164).

Já no Brasil, a leitura oral teve seu declínio com a democratização do acesso popular à escola, que contribuiu para a diminuição das leituras públicas.

De acordo com Galvão e Batista (1998), em meados do século XIX, no período colonial, não se tinham quase escolas e poucas eram aquelas que se destinavam ao ensino primário público. Os menos favorecidos como escravos eram proibidos de frequentarem a escola e às garotas era oferecido apenas uma educação geral, a que julgava-se bastar para cumprir os afazeres domésticos. Galvão e Batista (1998)

ressaltam que esse cenário começa a mudar a partir do período imperial, ampliando o acesso à escola para a população.

Ainda de acordo com os autores, no final do século referido anteriormente, com o governo republicano em 1899, a escolarização foi ampliando-se de forma gradativa, mesmo assim, era minoria que frequentava a escola. Nesse período, os autores afirmam que o professor era tomador de lições e fazia os alunos a lerem as lições em voz alta.

Segundo Galvão e Batista (1998), é nesse período que surgem também aqui no Brasil as primeiras editoras e havia tipografias até mesmo nas cidades pequenas. Também, nessa época, importavam-se livros de outros países e o público leitor foi crescendo aos poucos.

Conforme os autores, no início do século XX, começaram a ser publicados impressos escolares no Brasil. O primeiro foi Através do Brasil de Olavo Bilac e Manuel Bonfim e o segundo foi Narizinho Arrebitado, de Monteiro Lobato, em 1921. Esta obra foi considerada inovadora por trazer para a escola o prazer de ler, até então, ignorado na instituição escola. Neste mesmo século, de acordo com os autores, oitenta por cento da população era analfabeto, sendo considerada uma vergonha para o país pelos intelectuais da época.

Para sanar o problema do analfabetismo, começaram as reformas pelos Estados, que optaram pelo ensino seriado, fazendo com que a rede pública de ensino tivesse grande expansão. Por causa disto, segundo os autores Galvão e Batista (1998), novas maneiras de ensinar e de ler foram implantadas na escola. E nesse momento, a leitura silenciosa começa a ser realizada nas escolas e fora delas e a cada dia diminuía a leitura coletiva e a leitura oral.

Porém, de acordo com os autores, na década de 30, ainda encontravam-se relatos em autobiografias de que nas escolas se tomavam as lições em voz alta.

Galvão e Batista (1998) afirmam que entre as décadas de 1950 e 1970, surgiam novos métodos alternativos de ensino e as escolas experimentais surgiram. Nesse instante, o ensino tinha como centro o aluno e aquilo que precisava para aprender. Então, a rede pública de ensino cresceu rapidamente e as camadas mais populares da sociedade conseguiram ter acesso à escola.

A partir desse período, mais pessoas também tiveram acesso à leitura, por meio de bibliotecas populares ou ambulantes, e ou livrarias que cresciam em número significativo.

Dessa forma, ao expandir os diversos suportes e gêneros textuais, a leitura oral foi dando lugar à leitura silenciosa, que é rápida e busca o significado; já que a leitura oral era considerada doutrinadora da moral e ideologia, bem como buscava somente a memorização do texto e seus conteúdos.

Por todo esse histórico, a leitura oral ficou marcada, ao longo dos anos, como prática disciplinadora em que o professor controla a leitura. Porém, a leitura oral pode contribuir com resultados positivos quando é trabalhada com foco nas produções de sentido, na reflexão do diálogo discursivo, numa visão interacionista de leitura, em que leitor, texto e autor são sujeitos ativos produção de sentidos.

1.7 – A LEITURA ORALIZADA EM TEMPOS DE IMAGENS E SONS

Silva e Costa (2012) afirmam que a oralidade não foi substituída pela escrita e nem a escrita pela linguagem digital. Estas práticas se inter-relacionam e, muitas vezes, coexistem em um mesmo espaço e tempo. E que experiências de leitura e produção oral têm sido mantidas atualmente como, por exemplo, no cordel, causos populares e contação de histórias.

De acordo com Silva e Costa (2012), com a evolução da humanidade, a leitura passou a ter sentidos diferentes ao longo dos tempos, por conta da sua efetivação ligada a um suporte, a uma maneira de entendimento da sociedade. Segundo as autoras, se antes precisava de um espaço e um corpo que desenrolava o texto, com o passar dos anos esse quadro se alterou. A chegada da tecnologia proporciona uma fluidez de tempo e espaço, tornando a relação de leitor e texto mais ampla.

Para Chartier (2009 apud SILVA e COSTA, 2012, p. 62), a prática de leitura oralizada como forma de lazer e sociabilidade foi reduzida a alguns espaços institucionalizados, porque, com a chegada da modernidade e transformações nos centros urbanos, outras formas de ler adquiriram espaço na sociedade, como a leitura silenciosa.

Segundo Iazzetta (2001), “a organização da informação na era digital resgata aspectos de conduta típicos das sociedades de cultura oral, reintroduzindo-os com nova roupagem no cotidiano atual” (IAZZETTA, 2001, p. 208). Iazzetta (2001) afirma que para Zumthor (2000 apud IAZZETTA, 2001, p. 208),

O mundo da literatura, que se estabelece por meio da escrita impressa aboliu a voz e a co-presença dos indivíduos no ato da comunicação, afetando não apenas a oralidade, mas o papel do corpo (e, consequentemente, do gesto e da performance) na produção e

recepção dos textos. (ZUMTHOR, 2000, apud IAZZETTA, 2001, p. 208).

Para Iazzetta (2001), a literatura exige atenção, esforço mental que se afasta do prazer, aproximando-se da razão; já a ação do corpo na performance busca o prazer. O autor afirma o surgimento de um novo espaço chamado de ‘neovocalidade’. Segundo Iazzetta (2000) este termo foi criado por Zumthor (2000 apud IAZZETTA, 2001, p. 208).

Iazzetta (2001) diz que a nova oralidade referida por Zumthor emerge dos novos meios tecnológicos. Nesse novo momento, o indivíduo passa a ter voz. Para confirmarmos isso, Coelho (2012) afirma:

Não há dúvida de que a leitura pública em voz alta perdeu seu espaço político, contudo tais gestos podem ser encontrados entre nós, mas é preciso buscar sentidos, seus significados. Talvez eles estejam menos esquecidos e perdidos do que possamos pensar ou ver. Cabe a nós encontrá-los, entendê-los e ressignificá-los descobrir seu novo valor. Podemos conceber “nossa maneira contemporânea de ler” como uma multiplicidade de formas de ler. Basta observar nas ruas, nos lares, nas escolas, nas igrejas, nos teatros, pessoas lendo para outros: seja a bíblia, seja um livro de história para o filho, sejam manchetes dos jornais pendurados nas esquinas, um comentário de futebol, uma crônica, uma mensagem recebida no celular, na internet, nas redes sociais ou em qualquer aparato digital. (COELHO, 2012, p.30 - 31)

Almeida (2004) afirma que “numa situação de fala há o corpo falando, há a voz, o rosto da pessoa que fala e o corpo da pessoa que ouve. A voz vibra pelo corpo inteiro.” (ALMEIDA, 2004, p.10). Almeida diz ainda que a voz não ‘entra’ apenas pelo ouvido, “a voz vibra em todo o corpo de falantes e ouvintes”. (ALMEIDA, 2004, p.10). O autor afirma que “nessa oralidade incluem-se também os gestos, a cor, os cheiros, enfim, tudo o que pode ser visto e percebido. A oralidade assim configurada tem uma força de realidade, verdadeira.” (ALMEIDA, 2004, p.10).

A ação de oralizar a leitura pode ser compreendida nesse espaço de sensibilização, de busca do prazer do ato de ler, de fluuição de sentidos, de uma interação entre o leitor-falante e o leitor-ouvinte, em que ambos buscam a construção de sentidos para aquilo que se lê e que se ouve, ao mesmo tempo.

1.8 – A LEITURA ORALIZADA EM AMBIENTES DE ENSINO-APRENDIZAGEM

Brandão; Rosa (2010) afirmam que é necessário que a leitura seja compreendida pela criança como uma atividade que construa sentidos, numa interação com o texto.

Segundo essas autoras, o professor está ensinando a compreensão de um texto em vários momentos e um deles é “a leitura em voz alta na roda” (BRANDÃO; ROSA, 2010, p. 73), funcionando como um modelo de leitor e ensinando a ação de ler.

Ainda de acordo com Brandão e Rosa (2010), “a origem da literatura infantil está associada à transmissão oral de histórias e à mediação da voz do adulto que oraliza um texto escrito” (BRANDÃO; ROSA, 2010, p.85). Ainda, conforme essas autoras, a leitura em voz alta pode contribuir na recuperação de “uma dimensão intersubjetiva” (BRANDÃO; ROSA, 2010, p.85) que está pouco utilizada. Brandão & Rosa afirmam que o acesso às narrativas ficcionais ou poéticas “que constituem um patrimônio cultural coletivo é mediado pela voz do professor e por sua escuta enquanto uma atitude em relação ao texto escrito e em relação ao ouvinte.” (BRANDÃO; ROSA, 2010, p.86). Para confirmar isso, as autoras citam Larrosa (2006 apud BRANDÃO; ROSA, 2010, p.86):

O professor lê escutando o texto, escutando-se a si mesmo enquanto lê, e escutando o silêncio daqueles com os quais se encontra lendo. A qualidade da sua leitura dependerá da qualidade dessas três escutas. Porque o professor empresta sua voz ao texto, e essa voz, agora definitivamente dupla, ressoa como uma voz comum nos silêncios que a devolvem ao mesmo tempo comunicada, multiplicada e transformada. [...] Por isso, ler é recolher o que se vem dizendo para que se continue dizendo outra vez [...] como sempre se disse e como nunca se disse ...” (LARROSA, 2006 *apud* BRANDÃO; ROSA, 2010, p.86)

Portanto, pensamos ser necessário fazer um resgate da história da leitura oral, ou seja, em voz alta. E a escola é um lugar que pode fazer esse resgate.

Coelho (2012) afirma que é necessário que a escola proporcione espaços e momentos de terem atividades que possam utilizar a linguagem corporal. Para confirmar isso, Coelho (2012) cita:

Proporcionar momentos e espaços que possibilitem as crianças, na escola, independentemente de suas idades, usarem o corpo é de extrema importância. Que possam ler juntas, sussurrar, segredar, rir. Tais práticas, vestígios de comportamentos introduzidos com a expansão do livro e o surgimento da leitura silenciosa em espaços privados, sobrevivem no mundo digital, onde também são encontrados

índices de uma cultura oral medieval em que o partilhar da leitura era fundamental, não só para a informação como para o prazer e o deleite no entretenimento. (COELHO, 2012, p.35 – 36)

Portanto, a leitura oralizada pode ser um recurso de motivação para despertar o gosto pela literatura e fomentar a prática da leitura em ambientes escolares. Não como uma prática disciplinadora, que impeça a autonomia do aluno-leitor, mas que possa ajudá-lo na aquisição da proficiência em leitura, no momento em que constrói sentidos de forma coletiva, prazerosa a partir da interação autor-texto-leitor-falante-ouvinte.

Para obter essa interação, devemos conceber a língua como um ato comunicativo vivo, através da qual as manifestações comunicativas ocorrem em forma de enunciados e, consequentemente, de discurso. Bakhtin (1992 apud PARANÁ, 2008, p. 52) diz que os enunciados são formados pelas esferas de utilização da língua, que são tipos relativamente estáveis, aos quais denomina-se de gêneros do discurso. Para confirmar isso, as DCEs (2008) afirmam:

O aprimoramento da competência linguística do aluno acontecerá com maior propriedade se lhe for dado conhecer, nas práticas de leitura, escrita e oralidade, o caráter dinâmico dos gêneros discursivos. O trânsito pelas diferentes esferas de comunicação possibilitará ao educando uma inserção social mais produtiva no sentido de poder formular seu próprio discurso e interferir na sociedade em que está inserido.” (PARANÁ, 2008, p. 53)

Dessa maneira, é imprescindível que conheçamos alguns conceitos sobre o que é gênero discursivo.

1.9 - GÊNERO DISCURSIVO

Embora o foco desta pesquisa não seja trabalhar com a abordagem de gênero, sentimos ser necessário trazer alguns conceitos sobre o que são os gêneros.

Conforme Gonçalves (2011), a interação pode ocasionar transformações tanto no sujeito quanto no destinatário, porque, segundo o autor, agimos sobre as outras pessoas e elas sobre nós. De acordo com Gonçalves, não há como separar a linguagem do indivíduo e aprender uma língua é criar situações sociais semelhantes às reais, usando ferramentas como os gêneros. Afirmamos anteriormente que novas palavras haviam se incorporado aos documentos e uma delas é Gênero. Mas o que são gêneros?

Segundo Gonçalves (2011), a palavra gênero vem do indo-europeu e significa gerar, produzir, porém ela aparece nas línguas latina e grega. Segundo o autor, no Brasil ficou popularizada após os PCNs.

Bakhtin (2003) diz que gênero é todo enunciado produzido de forma isolada ou individualizada, podendo ser oral ou escrito, que surge das esferas da atividade humana.

Já Bronckart (apud Gonçalves, 2011, p. 29) denomina gênero como Gênero de texto, o qual define como “unidade de produção de linguagem situada, acabada e autossuficiente”.

Segundo Gonçalves (2011), todo texto é inscrito em outro aglomerado de texto ou em um gênero, ficando, por este motivo, com a denominação de gênero textual.

Koch (2011) diz que na escola o gênero passa de ferramenta de comunicação a objeto de ensino/aprendizagem. A autora ainda afirma que a escolha de um gênero para ser trabalhado no ambiente escolar é uma decisão didática com objetivos claros de aprendizagem. Uma dessas metas é que o aluno domine, conheça e aprecie o gênero, para que possa compreendê-lo ou produzi-lo dentro ou fora do contexto escolar. Para confirmar esta afirmação, a autora diz:

O contato com os textos da vida quotidiana, como anúncios, avisos de toda ordem, artigos de jornais, catálogos, receitas médicas, prospectos, guias turísticos, literatura de apoio à manipulação de máquinas etc. exercita a nossa *capacidade metatextual* para a construção e intelecção de textos (KOCH, 2011, p. 53).

Dentre os gêneros escolhidos para serem trabalhados na implementação da proposta didática com as atividades de leitura, estão os gêneros crônica e conto.

Embora não tenhamos a pretensão de trabalharmos como foco principal, os gêneros crônica e conto na implementação didática, faremos uma breve apresentação das informações a respeito destes, para que um leitor, que não tenha conhecimentos mínimos sobre conto e crônica, saiba do que se trata o trabalho, caso tenha contato com este.

Também escolhemos estes gêneros para contemplarem atividades de leitura, pelo fato de que nessa série são muito utilizados e dão base para os textos literários que lerão no ensino médio.

Deste modo, é importante que conheçamos alguns conceitos desses gêneros.

1.10 - GÊNERO CRÔNICA

Concebendo o discurso como prática social, o gênero crônica está inserido na sociedade através da esfera jornalístico/literária, porque não há consenso entre os estudiosos a respeito da esfera específica.

Mas para confirmar que este gênero se enquadra tanto na esfera jornalística quanto na literária, Ritter; Perfeito (2010) afirma que “(...) a crônica cumpre com essa função jornalística de entretenimento, e é por isso que também apresenta uma natureza literária, pois o cronista recria o fato cotidiano por meio da leveza, da beleza, da poesia, da crítica, do humor.” (RITTER; PERFEITO, 2010, p. 73).

Para Köche; Marinello (2013), a crônica é um gênero textual que aborda reflexões pessoais sobre fatos do cotidiano, porém não se limitando a reproduzir esses fatos, mas mostrando algo não dito, não percebido neles. Fatos desinteressantes a princípio, mas que com um olhar mais apurado é possível perceber seu grau de relevância.

Por isso, para as autoras, a crônica é um texto fragmentado. Para confirmar isso, elas dizem “É fragmentária, pois não tem a pretensão de abordar o fato como um todo, mas apenas alguns detalhes significativos.” (KÖCHE; MARINELLO, 2013, p. 259).

As autoras ainda destacam uma das características da crônica como sendo um texto curto e breve, produzido numa linguagem informal, em que o locutor tem a oportunidade de falar sobre temas sociais, humanos entre outros.

Segundo Fávero (2011), essa linguagem coloquial da crônica atrai o leitor porque, tendo como suporte geralmente o jornal, os leitores desse veículo estão sempre apressados, por isso a crônica permite divertir, informar, ilustrar numa linguagem breve, menos formal, para acompanhar o ritmo desse interlocutor acelerado.

1.11- GÊNERO CONTO

Segundo Tavares (1989), o conto é breve e pode conter vários assuntos, com conteúdo denso ou psicológico, podendo classificar-se como impressionista, fantástico, simbolista, regional, de mistério ou policial, de aventura, de encantamento, de exemplo, de animais, oriental, facéticas, etiológicos, populares da história natural, de adivinhação, de natureza denunciante, acumulativos, de tradição entre outros.

Abaurre e Abaurre (2012) também concordam com esse caráter breve do conto, porém acrescentam que essa característica “traz algumas consequências para sua estrutura.” (ABAURRE e ABAURRE, 2012, p. 35). De acordo com as autoras, cabe ao autor manter a ordem do universo ficcional e fazer com que essa brevidade não prejudique a evolução e conclusão da narrativa.

Ressaltam ainda que por ser um gênero narrativo breve é indicado para o trabalho didático em sala de aula.

2- METODOLOGIA

2.1- CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

Esta pesquisa pertence à área da Linguística Aplicada, ao campo do ensino-aprendizagem, com foco na oralidade e na leitura, sob a perspectiva teórica da reflexão-sobre-ação, utilizando o paradigma interpretativista, de natureza qualitativa através da metodologia de pesquisa-ação.

De acordo com Tripp (2005), esse tipo de pesquisa permite o desenvolvimento de profissionais da educação que visam o aprimoramento do ensino-aprendizagem no contexto educacional. Para confirmar isso, o autor diz:

“A pesquisa-ação educacional é principalmente uma estratégia para o desenvolvimento de professores e pesquisadores de modo que eles possam utilizar suas pesquisas para aprimorar seu ensino e, em decorrência, o aprendizado dos seus alunos, (...)" (TRIPP, 2005, p. 445)

Essa metodologia colabora na reflexão da prática pedagógica e traz benefícios ao ensino-aprendizagem, visto que ao pesquisarmos e repensarmos a nossa própria ação, podemos rever conceitos, metodologias e utilizarmos novas abordagens pedagógicas, com base nos resultados analisados por meio de nossa própria prática.

Em suma, a pesquisa-ação enriquece o conhecimento e a prática pedagógica, bem como, traz retorno ao analisar os resultados obtidos na pesquisa e acrescentar, melhorar ou inovar essa prática no próprio campo de pesquisa, que é a sala de aula.

2.2- PASSOS DA PESQUISA

2.2.1- DELIMITAÇÃO DO TEMA E PRODUÇÃO DE MATERIAL

O tema da pesquisa foi delimitado quando, através do fazer pedagógico em sala de aula, observamos a necessidade de trabalhar com a leitura e a oralidade porque são duas modalidades de ensino com defasagem de aprendizagem.

Com o tema definido, como é de característica da pesquisa-ação, nós escolhemos uma turma, na qual trabalhamos. É uma turma de nono ano do período matutino que está encerrando seu ciclo no ensino fundamental e preparando-se para uma nova etapa: o ensino médio.

Havia dois nonos anos no período matutino. Optamos em realizar a pesquisa com apenas uma. O critério de escolha da turma foi pelo número de alunos que ficaram retidos nessa série, no ano anterior, totalizando sete alunos nessa mesma

turma. Um número expressivo para uma turma que iniciou o ano letivo com 32 alunos, ou seja, aproximadamente 22% dos alunos eram repetentes.

Desses 32 alunos, 03 pediram transferência e 03 desistiram, restando 26 alunos. Entrou mais uma aluna na turma, totalizando 27. E destes, dois saíram de licença médica até o final do ano, ficando 25 alunos para a aplicação do Projeto.

Dentre eles, um já havia reprovado duas vezes na mesma série. Infelizmente, ao iniciarmos a implementação das Oficinas dessa pesquisa, este aluno já havia desistido e não veio mais até o término do ano letivo.

Escolhidos tema e sujeitos da pesquisa, faltavam os materiais. Como o conto e a crônica são gêneros que sempre trabalhamos nessa série, selecionamos alguns outros gêneros que dialogassem com conteúdo dos contos e crônicas escolhidos para a implementação da pesquisa.

Além da crônica e do conto, fizeram parte das oficinas gêneros como: poema, cartum, charge, textos informativos, reportagens, entrevista, vídeos, áudios, que enriqueciam o trabalho com os textos centrais que se davam por meio da crônica e do conto.

Parte deste material, como algumas crônicas escolhidas faziam parte do acervo da biblioteca da escola; outras faziam parte do nosso acervo pessoal e alguns textos, vídeos, cartum, charge buscamos na internet.

Com a experiência de docência, observamos a dificuldade que os educandos têm de perceber a temática dos textos literários, que muitas vezes são subjetivos, não conseguem encontrar o tema proposto e os elementos linguísticos que o sustenta, não atingindo um nível mais aprofundado de interpretação.

Dessa forma, escolhemos alguns contos e crônicas que dialogassem com o contexto em que estão inseridos, ou seja, contextos educacionais, econômicos, políticos, sociais.

Portanto, selecionamos uma crônica menos recente e outra mais atual; o mesmo se deu com o conto, com o propósito de fazer com que o aluno perceba que quando se trata de questões relativas ao ser humano, elas costumam se manter ao longo do tempo, sendo atemporais.

2.2.2 – IMPLEMENTAÇÃO DAS OFICINAS

Em outubro, o Projeto foi informado à diretora, à diretora-auxiliar e à equipe pedagógica por meio de uma reunião e apresentação do Termo de Autorização para realização da pesquisa na escola.

Autorizada a realização da pesquisa, demos início à aplicação do projeto, por meio de Oficinas, as quais desenvolveram-se conforme o quadro ilustrativo abaixo:

Quadro 1- Organização das oficinas:

Oficina	Período de realização	Número de aulas	Etapas	Descrição das etapas	Tipos de Atividades
Oficina 1	24/10 a 12/11/18	10	2	<p>Etapa 1- (05 aulas)</p> <ul style="list-style-type: none"> - Crônica “Equipamento escolar” (Carlos D. de Andrade) e um Cartum (Gilmar Barbosa). <p>Etapa 2- (05 aulas) - Crônica “A gratidão do Assírio” (Lima Barreto) e charge (Antônio Carlos de Paula Junior).</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Atividades com leitura silenciosa. - Atividades com leitura oralizada.
Oficina 2	12/11 a 28/11/18	10	2	<p>Etapa 1- (06 aulas) - Crônica “Vestibular da vida” (Affonso Romano de Sant’Anna).</p> <ul style="list-style-type: none"> - Vídeos: I Vídeo – Maratona de São Paulo 2018; II Vídeo – Usain Bolt –final olímpica; III Vídeo – (partes selecionadas) estudantes que chegaram atrasados para o vestibular em MT; 	<ul style="list-style-type: none"> - Etapas: antes da leitura e durante a leitura - Atividades com as estratégias de leitura (antecipação, inferência, verificação) e perguntas de decodificação e compreensão.

				<p>IV Vídeo - Rapaz chegando atrasado para o vestibular;</p> <p>V Vídeo- Os 10 atrasados do ENEM mais inesquecíveis.</p> <p>VI Vídeo- Jovem negra de escola pública passa em primeiro lugar no vestibular mais concorrido do país;</p> <p>VII- Vídeo- Estudante de escola pública passa em 1º lugar na USP;</p> <p>VIII- Vídeo- Jovem de família humilde é aprovado em três faculdades de medicina;</p> <p>IX- Vídeo- História de Lívia Marinho- Do lixão ao Tribunal de Justiça do RJ- Concurso Público;</p> <p>X- Vídeo- Com livros achados no lixo, catadora passa em vestibular no ES.</p>	
				<p>Etapa 2- (04 aulas) poema “Vestibular” (Ferreira Gullar).</p>	- Etapa de oralização com as fases: durante a leitura e após a leitura –

					atividades de compreensão, interpretação e retenção. - atividades de análise linguística. - atividades de oralização com o Vídeo do poema “Elefante” (Carlos D. de Andrade), oralizado por Adriana Calcanhoto; e poema “Procuro uma alegria” (Carlos D. de Andrade).
Oficina 3	03/12 a 10/12/18	05	2	Etapa 1- - Música “Maluco Beleza” (Raul Seixas); - Definição do termo “doido”; - Áudio “A doida da lata” - Conto “A doida” (Carlos D. de Andrade); - Texto informativo “Bruxa”; - Conto “Bruxas não existem” (Moacyr Scliar); - Poema “A doida” (Florbel Espanca);	- atividades orais – etapa “antes da leitura”; - atividades de compreensão e oralização – etapas “durante a leitura” e “após a

				<ul style="list-style-type: none"> - Reportagem “A loucura de Arthur Bispo do Rosário”; - Entrevista com a psicóloga Marisa Graziela Marques Moraes Vandevelde, sobre o tema Preconceito; - Vídeos “O preconceito cega” e “Normal é ser diferente – Grande pequeninos”. <p>2 Etapa – Oralização dos textos para a Audioteca “Ler Faz Bem”</p>	<p>leitura”, com atividades de interpretação e retenção;</p> <ul style="list-style-type: none"> - Oralização dos textos escolhidos pelos alunos.
--	--	--	--	--	---

Fonte: autora

No dia 24 de outubro de 2018, iniciamos a Implementação das Oficinas com a apresentação do Projeto “Leitura silenciosa e leitura oralizada: recursos para construção de sentidos em textos” aos alunos.

Essa turma constava com 27 alunos no 1º dia de aplicação, mas 2 aulas depois ficou com apenas 25, pois dois alunos ausentaram-se até o final do ano, por causa de problemas de saúde. Então, o projeto foi aplicado para 25 alunos.

Destacamos algumas dificuldades que tivemos ao aplicar este projeto.

Um deles foi o fato de não termos aulas geminadas nessa turma e o horário era distribuído da seguinte forma: segunda-feira – 1ª e 5ª aula; terça-feira – 3ª aula e quarta-feira- 2ª e 5ª aula.

Outro fator era a montagem e a desmontagem do aparelho de Datashow, o suporte do painel de visualização, da caixa de som, do notebook, pois este processo se repetia em todas as aulas.

Porém, os alunos foram muito prestativos. Mesmo sem pedirmos, faziam questão de ajudar e tinham prazer nisso, até brincavam entre eles para ver quem ajudaria e revezavam entre si, para que todos participassem. Ficaram, muitas vezes, depois do sinal do intervalo ou sinal da última aula para desmontar e guardar a aparelhagem.

A eles, a minha gratidão.

2.2.2.1- PRIMEIRA OFICINA

Essa oficina iniciou aos 29 de outubro e estendeu-se até 07 de novembro.

Iniciamos a aplicação das atividades da 1^a Oficina. Todas as atividades utilizadas na Implementação foram impressas e cada aluno recebeu seu material.

Entregamos os Termos de Consentimento Livre e esclarecido para menores, lemos e tiramos as dúvidas. Também responderam a um questionário diagnóstico com 10 perguntas sobre leitura silenciosa e leitura oral.⁴

Pedimos que fizessem uma leitura silenciosa do texto “Equipamento escolar” de Carlos Drummond de Andrade e que respondessem algumas questões relativas ao texto.

Apresentamos a imagem do cartum sobre compra de materiais escolares do autor Gilmar. Fizeram uma leitura silenciosa do cartum e responderam a outras questões.

Colocamos as imagens do autor Carlos Drummond Andrade e do cartunista Gilmar e pedimos para um aluno fazer a leitura em voz alta. Depois, responderam a três questões sobre as biografias dadas.

Na sequência, lemos um texto informativo sobre a última crônica de Drummond “Ciao”, datada em 29/09/1984. Baseamo-nos nessa data para analisarmos o período de escrita da crônica “Equipamento escolar”, que foi escrita a mais de 34 anos, aproximadamente.

⁴ Algumas questões deste questionário foram feitas com base no Trabalho de MELO, Regina Corcini. **Tecnologia assistiva no Ensino Fundamental: a audioteca como instrumento de inclusão no processo do letramento literário**. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras- Profletras - UEM). Maringá, 2018. Disponível em: <http://www.profletras.uem.br/dissertacoes-defendidas-turma-04/regina-corcini-de-melo.pdf/view> Acesso em: 20 out. 2018.

Também mostramos a imagem do Caderno B, do Jornal do Brasil, onde foi publicada a Crônica “Ciao” de Carlos Drummond e, provavelmente, a Crônica “Equipamento escolar”, pois, segundo o mesmo site, o autor escrevia três crônicas semanais para o Jornal, totalizando aproximadamente 2.300 crônicas, do período de 1969 até o ano de 1984.

Os alunos ficaram surpresos em conhecer o contexto de produção da crônica “Equipamento escolar” e perceberam que a temática levantada no texto ainda se aplica ao contexto em que estão inseridos.

Trabalhamos o conceito dos gêneros crônica e conto e trouxemos a imagem de Lima Barreto e a biografia do autor.

Colocamos o áudio sobre a crônica “A gratidão do Assírio”, mas houve problemas técnicos de áudio. Então, lemos a crônica para eles.

Trabalhamos também o significado da palavra gratidão, extraído do dicionário Michaelis.

Após, pedimos que lessem silenciosamente a crônica “A gratidão do Assírio” e respondessem uma questão.

Para ampliar a leitura, trouxemos uma charge sobre eleições. Fizeram uma leitura silenciosa da charge e responderam outras questões relativas à crônica e à charge lidas.

Para finalizarmos a 1^a Oficina, demos um *feedback* das atividades trabalhadas na Oficina, ou seja, como as atividades aplicadas eram recolhidas para análise posterior, o aluno poderia ficar com dúvidas. Então, este *feedback* vinha como uma retomada dos conteúdos dados e uma oportunidade para sanar as dúvidas.

Depois de leremos a questão 18 “**Você já ouviu falar da ‘Lei da Ficha Limpa’?**”, apresentamos a Lei Complementar nº 135, de 4 de junho de 2010, referente à Ficha Limpa. Alguns alunos relataram desconhecer a Lei e, sequer ouviram algo sobre ela e acharam-na importante.

2.2.2.2- SEGUNDA OFICINA

Essa oficina iniciou aos 12 de novembro e estendeu-se até a primeira aula de 03 de dezembro.

Iniciamos a 2^a Oficina com a etapa “Antes da leitura”, mostrando a capa do livro “Porta de Colégio” de Affonso Romano de Sant’Anna. Pedimos que comentassem sobre o que falaria o livro com uma capa como aquela. As respostas foram variadas

e a maioria se aproximava de “assunto de escola”, “alunos que ficam no pátio da escola”, entre outros.

Entregamos um material com as questões que trabalharíamos e iniciamos a etapa “Durante a leitura” com a questão 1, com o slide que continha o 2º parágrafo do texto. Pedimos que lessem o parágrafo em silêncio e que escrevessem uma hipótese de qual seria o assunto do texto, baseando-se apenas na leitura daquele parágrafo. Utilizamos a estratégia de antecipação.

A seguir, teria uma sequência de vídeos, para que pudessem verificar as respostas dadas.

Ao chegarmos na questão 6.1, que pedia para levantar uma hipótese sobre qual personagem o narrador impressionou mais e motivo este que contaria a história dela, um aluno observou que na questão 10.1 estava a resposta, pois dizia “**O que será que acontece à Maria após esse episódio de violência?**”

Dessa forma, tivemos de mudar de estratégia, continuamos com os slides das questões, mas, a partir dali, iriam escrever suas hipóteses no caderno, até que terminássemos de trabalhar com o texto.

Durante as atividades de leitura, tivemos problemas com o áudio do Datashow. Então, entregamos o material com as atividades 24.1.1 até 26.5, para que fizessem em casa.

Para a etapa “Depois da leitura”, trabalhamos primeiro com a sequência de cinco vídeos, que tinham a finalidade de ampliar a leitura dos alunos. Depois, teriam questões de compreensão, interpretação e retenção.

As referências dos vídeos apresentados estão no capítulo Referências.

O primeiro vídeo relatava a história de uma jovem negra de escola pública que passou em primeiro lugar no vestibular de medicina da USP, ano de 2017.

Já o segundo mostrava um estudante de escola pública que passou em Medicina na USP, no ano de 2017.

O terceiro trazia a história de um jovem de família humilde que foi aprovado em três faculdades para o curso de Medicina.

E o quarto vídeo contava a história de uma mulher, que quando criança trabalhava no lixão, depois de adulta terminou o ensino médio pelo EJA, fez cursinho e passou no concurso do Tribunal de Justiça do RJ.

O último vídeo falava sobre uma mulher humilde que, na infância, o pai não permitiu que estudasse para trabalhar e ajudar a família. Com livros achados no lixo,

depois de casada, a catadora conseguiu estudar e passou no curso de Artes Plásticas na UFES- Universidade Federal do Espírito Santo, em 2012.

Após, responderam as questões 20.2, 20.3, 20.4 relativas aos vídeos assistidos.

Neste dia, a equipe do grêmio comunicou que haveria os jogos interclasse, no início de dezembro.

Vimos nos olhos dos alunos uma certa angústia e preocupação. Havíamos combinado com eles que as aulas do Projeto iriam até o dia 12 de dezembro. Mas, de acordo com esse recado, neste período estaria acontecendo o interclasse.

É óbvio que eles queriam participar, principalmente, quem já havia fechado as notas.

Durante toda a implementação, a nossa preocupação maior foi o tempo. Já estávamos nos aproximando do final do período letivo e, pela nossa experiência em sala de aula, sabíamos que os alunos que fecham as notas e a média anual, começam a faltar no início de dezembro.

Conversamos com a orientadora sobre o ocorrido e com o aval dela, decidimos mudar a aplicação das atividades da última Oficina.

Faríamos atividades em grupos, com os textos selecionados para a terceira Oficina. Com isso ganharíamos tempo. Dessa forma, preparamos o material para trabalharem em grupo na sala de aula e em casa, como tarefa.

Dando sequência à segunda Oficina, trouxemos um vídeo, que não estava no material da Oficina, mas complementava o Projeto.

Era o vídeo da cantora Adriana Calcanhotto oralizando o poema “O elefante” de Carlos Drummond de Andrade. Pedimos aos alunos que fechassem os olhos e utilizassem apenas o sentido da audição.

Colocamos o vídeo novamente e, desta vez, acompanharam utilizando além da audição e o sentido da visão. Depois, conversamos a respeito da oralização e do conteúdo do poema e sobre a experiência de somente ouvi-lo.

Os alunos relataram que, na primeira atividade, não conseguiram compreender muito bem porque o poema era longo e difícil para interpretar. Porém, gostaram da sensação de apenas ouvir um poema e pensaram em como as pessoas cegas se sentiriam apenas utilizando o sentido da audição.

Após essa atividade, conversamos sobre o recado do grêmio e a reorganização das aulas. Combinamos que o término do Projeto se daria no dia 10 de dezembro,

dois dias antes do previsto. Dessa maneira, poderiam participar de todo o Projeto e dos jogos de interclasse.

Dividimos os grupos para as atividades em sala e extrassala de aula. Era necessário formar seis grupos. Os próprios alunos formaram os grupos, que poderiam ter até cinco alunos por grupo. Cada grupo elegeu um líder. Sorteamos os textos e a ordem das apresentações, pois o grupo que pegasse o Texto I, seria o primeiro a apresentar e assim sucessivamente.

Continuamos com as atividades da segunda Oficina.

Fizeram uma leitura silenciosa do poema “Vestibular” de Ferreira Gullar. Depois responderam questões relativas aos dois textos: Crônica “Vestibular da vida” e o poema “Vestibular”. As questões 24.1.6, 24.1.7 enfocavam análise linguística, já as demais eram de interpretação e retenção.

Trabalhamos a letra da música “A vida de viajante” de Luiz Gonzaga e responderam a questão 26.1 **“Na sua opinião, qual seria uma provável razão para Ercília (personagem do último vídeo assistido) escolher essa canção para representá-la?”**

Depois assistimos ao vídeo “Gonzaga e Gonzaguinha – Minha vida é andar por esse país”. Os alunos gostaram do vídeo e alguns encerraram a aula cantando a canção de Luiz Gonzaga.

Entregamos o material com os textos da terceira Oficina para trabalharem em grupo e extrassala de aula, pois logo iniciaríamos esta fase.

Trabalhamos a primeira estrofe do poema “Procuro uma alegria” de Carlos Drummond de Andrade como texto complementar da segunda Oficina.

Pedimos que fizessem a leitura silenciosa desta estrofe e depois a oralização dela. O intuito desta atividade era fazer com que os alunos se sentissem familiarizados com a prática oral, preparando-os para a avaliação final do Projeto.

A oralização foi feita individualmente, para quem quisesse, em duplas e ao final, alternando meninas e meninos. Gostaram tanto, que fizeram mais de uma vez e queriam ver qual grupo oralizava melhor.

Terminada esta atividade, trabalhamos o contexto de produção dos textos trabalhados nessa Oficina, com a biografia dos autores: Affonso Romano de Sant’Anna, Ferreira Gullar, Luiz Gonzaga; o suporte dos textos trabalhados; a imagem do livro “Porta de Colégio” de Affonso Romano de Sant’Anna; imagem do site “Vermelho”, que veiculou o poema “Vestibular” de Ferreira Gullar e a imagem do site

“Letras” onde veiculou a letra e o vídeo da música “A vida de viajante” de Luiz Gonzaga.

Fizemos o *feedback* das atividades trabalhadas nesta oficina. E trouxemos um exemplar do Edital nº 019/2013 do Concurso Público para Técnico Judiciário, do Tribunal de Justiça do Estado do Paraná, semelhante àquele que a personagem Lívia Marinho havia feito.

Os alunos manusearam o exemplar, observarem as questões e ficaram surpresos com a quantia de questões.

Trouxemos também uma imagem do Jornal do Brasil, ano XCVI- nº 64, do Rio de Janeiro, com data de 11 de junho de 1986. Sendo que, no Caderno B deste exemplar, havia uma crônica de Affonso Romano de Sant’Anna intitulada “Sinfonia Dinamarquesa para Bola, Pés e Rede”.

Chamamos atenção para a data, pois, provavelmente, a crônica que havíamos lido era desta coluna. O autor encerrou a crônica “Vestibular da vida” datando 12.01.1986, ou seja, provavelmente, a história de Maria Regina Gonçalves foi escrita para essa Coluna.

Relatamos aos alunos que procuramos a crônica “O vestibular da vida” trabalhada no Projeto, porém os registros do site http://memoria.bn.br/pdf/030015/per030015_1986_00064.pdf, continham as publicações somente a partir de maio de 1986.

Observamos que fez grande diferença trazer o provável suporte que veiculou a crônica e o contexto de produção da época. Uma das manchetes era “Zico reaparece com um belo gol e nada sente”. Gostaram bastante. Com esse *feedback*, encerramos esta segunda Oficina.

2.2.2.3- TERCEIRA OFICINA

Essa oficina iniciou na segunda aula de 03 de dezembro e estendeu-se até 10 de dezembro.

Essa oficina foi dividida em duas etapas.

A 1^a etapa consistia em atividades de leitura e a 2^a etapa em oralização de textos pelos alunos.

Dessa forma, iniciamos a primeira etapa com alguns questionamentos orais, levantando o conhecimento prévio dos alunos a respeito da música “Maluco beleza” de Raul Seixas.

Alguns disseram conhecer, outros não. Entregamos a letra e passamos um vídeo com a música. Assistiram e até cantaram.

Passamos à definição do termo “doido”, disponível no site www.dicio.com.br. Pedimos que alguém lesse em voz alta o termo. Depois, colocamos o vídeo “A doida da Lata – Histórias da minha avó”, disponibilizado pelo site www.youtube.com. Depois, responderam uma questão sobre o conteúdo do vídeo trabalhado.

A seguir, fizemos um círculo e combinamos que o grupo oralizaria o texto para que os demais pudessem conhecê-lo. Tinham liberdade de escolherem a forma de oralização do texto e das questões. Enfim, como achassem mais confortável.

O primeiro grupo iniciou a oralização do texto I- O conto “A doida” de Carlos Drummond de Andrade. Neste grupo, havia cinco integrantes, mas somente quatro oralizaram.

Oralizaram as questões aos colegas, que responderam corretamente. Só na atividade que pedia sobre o clímax do conto, não conseguiram acertar. Na questão havia três alternativas e acharam difícil de responder sem visualizar as alternativas. As atividades deste texto consistia nos elementos da narrativa como personagem, narrador, conflito, clímax e desfecho.

O segundo grupo apresentou o Texto II “Bruxas” – texto informativo sobre como surgiu este termo e questões históricas referentes a este termo. Neste grupo havia cinco alunos, todos oralizaram o texto, lendo uma parte cada um.

A atividade referente a este texto consistia em que o grupo elaborasse 06 questões com respostas. Oralizaram o texto e as questões aos colegas.

Os alunos-ouvintes acertaram 5 das 6 questões. Somente a questão “**Quais foram as bruxas mais populares de ficção nos livros?**” não souberam responder, porque não se lembravam dos nomes.

Um dos alunos que havia elaborado a questão, deu a resposta. Todas as questões feitas por este grupo ficaram no nível da decodificação.

O terceiro grupo era composto por quatro alunos. Todos oralizaram o Texto III – o conto “Bruxas não existem” de Moacyr Scliar.

No momento em que um dos alunos estava lendo o trecho “**com o cabo da vassoura na mão, aproximava-se**”, interrompemos a leitura e perguntamos o que achavam que a personagem, com a vassoura na mão, faria.

Uns disseram que bateria no menino; outros não sabiam opinar.

Pedimos ao aluno que retomasse a leitura e ficaram surpresos ao saber que a personagem havia quebrado o cabo da vassoura para fazer uma tala e ajudar o menino, que havia caído e machucado a perna.

Terminada a oralização do conto, direcionaram as questões aos demais alunos. Ao chegar na questão 4 **“Vocês já vivenciaram uma situação como a do personagem principal? Conte como aconteceu e por quê?”**, uma aluna fez um relato.

Relatou que no bairro em que morava, havia uma vizinha com hábitos estranhos, que não penteava o cabelo, falava sozinha. E que a achava estranha e a evitava. A aluna observou que tinha preconceito para com a mulher e que isso era ruim. Por meio das leituras feitas, ela entendeu que todos estavam julgando e excluindo aquela mulher do convívio social.

Agradecemos o relato, que foi muito importante para a condução do tema principal das leituras desta Oficina: preconceito.

O quarto grupo, composto por cinco integrantes, optou por um integrante oralizar o Texto IV – Poema “A doida” de Florbela Espanca. Ficou tão bonita a oralização, que pedimos se podíamos gravar.

A intenção desse pedido também era de familiarizá-los com a gravação, pois a avaliação do Projeto seria a gravação da oralização de um texto.

Então, ele oralizou novamente o poema e fizemos a gravação. Colocamos o áudio e todos gostaram. Ele ficou muito feliz.

Após, este grupo oralizou as questões aos demais, que não as entendeu. Tivemos de reforçar a leitura das questões, que eram de compreensão e interpretação.

Ao trabalhar a questão 3 **“Vocês conhecem a história de alguém que passou por um trauma psicológico muito grande que chegou a comprometer a sanidade mental dessa pessoa? Em caso afirmativo, como tiveram acesso aos fatos?”**, uma aluna fez um outro relato.

Segundo ela, perto da casa dela, havia uma mulher casada que, por causa da traição do marido, perdeu a consciência. A mulher andava pela rua conversando sozinha, atravessava a rua sem olhar e quase foi atropelada.

Por causa disto, os vizinhos auxiliavam-na e a acolhiam, tentando ajudá-la da melhor maneira possível, sem preconceito.

Agradecemos à aluna pelo relato feito, que muito contribuiu com nossas leituras.

Terminada a apresentação deste grupo, um dos seus integrantes veio falar conosco sobre uma pergunta do texto trabalhado, a questão 1 “**A leitura deste poema faz vocês lembrarem de algum outro texto? Qual? Por quê?**”. O aluno disse que responderam “não” porque não conheciam o conto “A doida” de Drummond, porém, agora, depois da apresentação do primeiro grupo, conheceram o conto e o poema lembrava este conto.

Parabenizamos a ele pela atitude de compartilhar conosco esse acontecido e explicamos que isso ocorreu por conta da reorganização das atividades, pois a primeira intenção era que todos tivessem os textos em mãos, mas tivemos de mudar de estratégia, para conseguirmos terminar a implementação antes do prazo.

E por causa disto, não nos atentamos a este detalhe e, dessa forma, a questão ficou vazia de sentido, porque precisava de um referencial anterior. Portanto, eles estavam corretos em dizer que não se lembravam.

Continuamos a apresentação dos textos. O quinto grupo iniciou a oralização do Texto V – a reportagem “A loucura de Arthur Bispo do Rosário”.

O grupo contava com três integrantes e todos oralizaram o texto, cada um leu um parágrafo. Dois integrantes leram em tom baixo e algumas palavras de forma errônea, comprometendo a compreensão.

Os alunos-ouvintes pediram para que refizessem a leitura para melhor compreensão. Oralizaram novamente as questões aos demais alunos, que responderam-nas de maneira satisfatória.

As atividades eram de decodificação. Somente na questão 4 “**Complete o ditado popular abaixo: De médico e _____**”. Os alunos grupo oralizador e os alunos-ouvintes não conseguiram responder. Então, fizemos o *feedback* da questão completando o ditado “De médico e louco, todos temos um pouco” e finalizamos a apresentação deste grupo.

O sexto e último grupo oralizou o Texto VI - Parte da entrevista “Preconceito” com a psicóloga Marisa Marques Morais Vandevelde para o site Disney Babble, disponível em: <http://www.marisapsicologa.com.br/preconceito.html>.

Este grupo era composto por dois alunos. Um deles oralizou a entrevista, com bastante dificuldade na leitura; e o outro, as questões.

As questões 5 “**Vocês já sofreram algum tipo de preconceito? Podem relatar?**” e 6 “**Que tipo de preconceito é mais visível em seu ambiente escolar?**” provocaram relatos e reflexões.

Um dos integrantes do grupo oralizador, que era afrodescendente, disse que já o chamaram de “pneu de caminhão”, “preto fedido, que mora embaixo da ponte”.

Um outro aluno relatou que o chamavam de “índio”, “Cacique”.

E a maioria dos alunos foi unânime em dizer que, no ambiente escolar, o racismo e a homofobia eram os atos mais visíveis.

Na questão 7 “**E no ambiente virtual, quais são os preconceitos mais expostos e utilizados nas redes sociais?**”. Também foram unâimes em dizer que era a homofobia.

Tanto os integrantes do grupo quanto os demais tiveram dificuldade em responder a questão 4 “**Você conhece o trecho abaixo? ‘Eis o meu segredo: só se vê bem com o coração. O essencial é invisível aos olhos. Os homens esqueceram essa verdade, mas tu não a deves esquecer. Tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas’.**”. Somente uma aluna conhecia o texto.

Como a avaliação final do Projeto seria a gravação da oralização de um texto, preparamos um material impresso com orientações para a gravação e uma ficha de identificação dos oralizadores e do material a ser oralizado.

Pensando em fechar as questões de leitura dos textos trabalhados na 3^a Oficina, confeccionamos um material impresso com questões de interpretação e retenção, referentes a todas as leituras feitas em sala. Entregamos esse material para que respondessem em casa, de forma individual.

Pedimos também que fizessem um relato pessoal, oral ou escrito, sobre a aplicação do Projeto e das leituras feitas nas três Oficinas ofertadas. Para auxiliá-los na escrita do relato, elaboramos algumas reflexões, em forma de perguntas.

No último dia de implementação das Oficinas e encerramento do Projeto, recolhemos o material que tinham levado para fazer em casa, bem como as oralizações produzidas.

Depois, iniciamos o *feedback* das atividades da terceira Oficina. Terminado este momento, colocamos o início do curta-metragem “O preconceito cega”. Interrompemos o vídeo na cena em que um jovem negro adentra em um mercado e a

moça do caixa pede para o segurança o seguir, enquanto adentrava no mercado um jovem branco.

Pedimos que dissessem o que achavam que aconteceria. Relataram que era preconceito por causa da cor da pele do jovem e que ele não roubaria nada.

Continuamos passando o curta-metragem e ficaram surpresos ao ver que, enquanto o segurança seguia o jovem negro, o outro jovem, branco, roubava um pacote de bolacha. Conversamos sobre o curta-metragem.

Depois entregamos a letra da música “Normal é ser diferente” e exibimos o vídeo dessa canção. Eles acompanharam e cantaram durante a exibição.

Fizemos o fechamento das leituras, relacionando-as com os últimos vídeos assistidos e fizemos os agradecimentos pela participação no Projeto. Ficaram muito contentes.

Como cantaram a música com tanta alegria, pedimos se podíamos filmar a oralização da letra da música “Normal é ser diferente”. Todos concordaram. Oralizaram e cantaram. Ficou lindo!

Durante a gravação, observamos que um dos meninos cantava de forma expressiva, muito alegre. Perguntamos se já conhecia aquela música e, emocionado, ele relatou:

“A primeira vez que ouvi essa música, foi com ... cinco anos. Minha mãe tinha colocado na Tevê. Aí, a primeira, primeira vez que eu ouvi... eu gostei muito dessa música. Aí, ontem, nós cantamos essa música. Eu me emocionei com essa música. Quase chorei!”

O relato emocionou-nos e dissemos que era muito bonito aquele sentimento.

Pedimos se podíamos gravar este relato. À princípio, rejeitou, mas uma colega convenceu-o dizendo que o relato era lindo. Então, ele aceitou e gravamos o relato.

Este aluno era aquele que disse ter sofrido preconceito e ter sido chamado de “pneu de caminhão”.

Ao cantar a música e abraçar os colegas que cantavam junto a ele “**Você não é igual a mim/ eu não sou igual a você/ mas nada disso importa/ pois a gente se gosta/ e é assim que deve ser/**” sentiu que tinha a seu lado pessoas que o queriam bem, amigos que não olhavam a cor da pele, mas o coração.

Este momento e tantos outros durante a aplicação fez com que este Projeto “**Leitura silenciosa e leitura oralizada: recursos para construção de sentidos em textos**” tenha valido a pena.

Encerramos a gravação e eles foram para o interclasse.

Neste dia ainda, alguns alunos, que tiveram problemas com a gravação do áudio, procuraram-nos e gravamos a oralização deles, em locais da escola.

Nos dias que se seguiram, quem não tinha vindo ou não tinha entregue veio nos procurar. Um desses alunos veio para gravarmos a oralização dele.

Como havia muito barulho por causa dos jogos de interclasse, procuramos um lugar calmo e tranquilo no pátio da escola, perto da sala dos professores, embaixo de uma árvore.

O nome do poema dele era “Pássaro livre” de Sidônio Muralha, enquanto gravávamos a oralização deste poema, um passarinho começou a cantar. Ficou linda a gravação, parecia que o passarinho sabia que o poema era sobre pássaros.

Outro rico e lindo momento deste Projeto!

3- ANÁLISE DOS DADOS

A análise dos dados obtidos nesta pesquisa foi realizada de forma qualitativa e analítica, e envolveu as questões abertas e fechadas das atividades das oficinas trabalhadas, levando em consideração o objetivo deste estudo, que foi utilizar oficinas com atividades de leituras silenciosa e oralizada para facilitar as etapas do processo de leitura e buscar verificar como os mecanismos da ação de oralizar o texto, da interação e da sensibilização por meio dessa oralização e das estratégias de antecipação, inferência, verificação podem ser recursos possíveis para a percepção dos diversos sentidos em textos causados pelo uso dessas ações.

A análise foi dividida em quatro momentos.

O primeiro com a visualização das respostas dos questionários através de gráficos e nossas observações sobre essas respostas;

O segundo, com a observação dos dados da primeira Oficina, a qual contextualizava as demais oficinas;

O terceiro, com a análise das atividades da segunda Oficina, a respeito das estratégias de leitura e atividades de compreensão e interpretação;

E o quarto e último momento, analisando as atividades da terceira Oficina, objetivando a interação de todas as oficinas realizadas, com as atividades de compreensão, interpretação, retenção e oralização.

Essa proposta de dissertação de mestrado, intitulada “Leitura silenciosa e leitura oralizada: recursos para construção de sentidos em textos”, foi implementada numa turma de nono ano, do período matutino, de uma escola estadual, com 25 alunos.

Porém, para o *corpus* desta análise, serão consideradas e analisadas as atividades de 09 alunos, que participaram de toda a aplicação do projeto, sem nenhuma falta e desenvolveram todas as atividades, fator importante para nossa análise.

Respeitando a identidade dos alunos, vamos nomeá-los, nessa análise, por Sujeitos: Sujeito 1 (S1), Sujeito 2 (S2), Sujeito 3 (S3), Sujeito 4 (S4), Sujeito 5 (S5), Sujeito 6 (S6), Sujeito 7 (S7), Sujeito 8 (S8) e Sujeito 9 (S9).

Também não analisaremos todas as atividades das oficinas, escolheremos aquelas que, ao nosso ver, foram mais pertinentes a este estudo.

3.1- PRIMEIRO MOMENTO: ANÁLISE DO QUESTIONÁRIO DE DIAGNÓSTICO

Entre outros objetivos, este estudo teve a pretensão de levar o aluno a perceber que a leitura oral:

- deve ser um ato de leitura crítica;
- é mais um recurso que ele pode lançar mão para a busca de produção de sentidos para a compreensão e a interpretação textual;
- enriquece e amplia os horizontes de leitura do texto escrito, porque se vale da entonação da voz, dos gestos, do olhar e da expressão corporal de quem oraliza, num processo de interação entre texto, autor, oralizador e ouvinte.

Iniciamos a aplicação do projeto com um questionário para os alunos, indagando sobre leitura silenciosa e leitura oral. Vinte e sete (27) alunos responderam as questões, como podemos observar nas descrições que seguem:

Na questão 1- Como você avalia sua leitura: acha que lê bem?

26 alunos responderam que acham que leem bem e apenas 01 achava que não.

Gráfico 1- Como você avalia sua leitura: acha que lê bem?

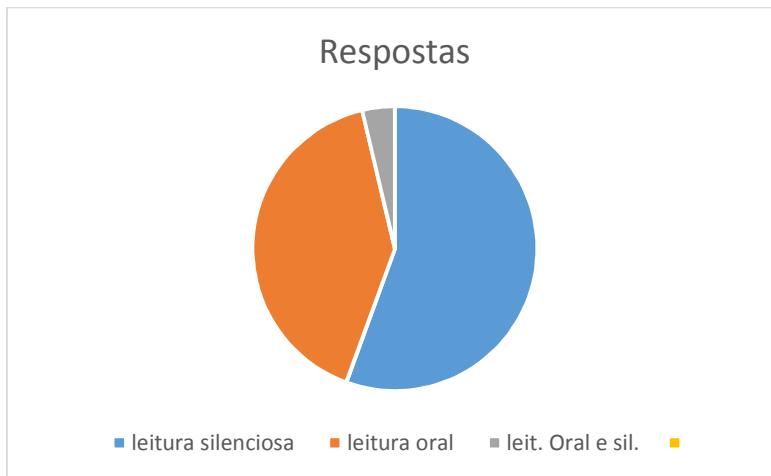


Fonte: autora

Na questão 2- Em que situação de leitura você se sente melhor, quando precisa compreender um texto que a professora lhe pede para ler? (Marque a melhor alternativa de todas, para seu caso)

15 alunos preferem a leitura silenciosa para compreender um texto, 11 responderam que preferiam a leitura oral e 01 marcou as duas;

Gráfico 2- Em que situação de leitura você se sente melhor, quando precisa compreender um texto que a professora lhe pede para ler?



Fonte: autora

**Na questão 3- Você comprehende melhor um texto escrito, quando:
(Marque a melhor opção)**

07 alunos comprehendem melhor um texto lendo silenciosamente e sozinho; outros 07 disseram que preferem ler oralmente sozinho e 10 alunos preferem ler oralmente e em grupo.

Gráfico 3- Você comprehende melhor um texto escrito, quando:



Fonte: autora

Na questão 4- Você gosta de ler em voz alta?

13 gostam de ler em voz alta; 14 não gostam de ler em voz alta.

Gráfico 4- Você gosta de ler em voz alta?



Fonte: autora

Na questão 5- Justifique sua resposta anterior, escrevendo as causas de você gostar ou não de ler em voz alta,

a) - Não gosto de ler em voz alta porque

Não se sentiam bem; - às vezes gagueja e não entende algumas palavras; - tem vergonha de ler em voz alta; - é constrangedor e tem medo de errar; - é tímido; - prefere ler na mente; - não consegue focar bem no conteúdo. (Algumas respostas se repetiram)

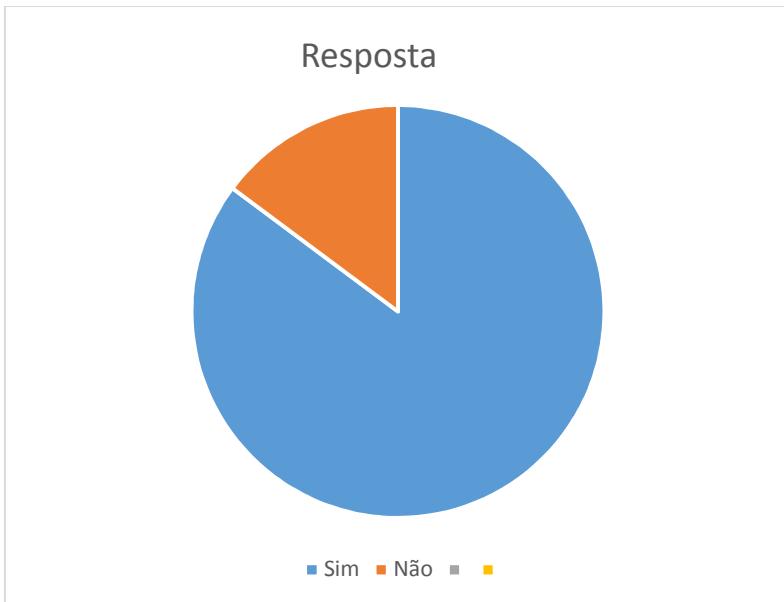
b) - Gosto de ler em voz alta porque:

Se sente mais à vontade; - tem o tom da voz boa e respeita a pontuação e lê bem; - ajuda na aprendizagem na questão de ler e escrever, a entender melhor; - aproveita para treinar a leitura em público; - é bom escutar a própria voz. (Algumas respostas se repetiram);

Na questão 6- Você gosta de ler?

23 alunos disseram gostar de ler e 04 não gostam;

Gráfico 5- Você gosta de ler?

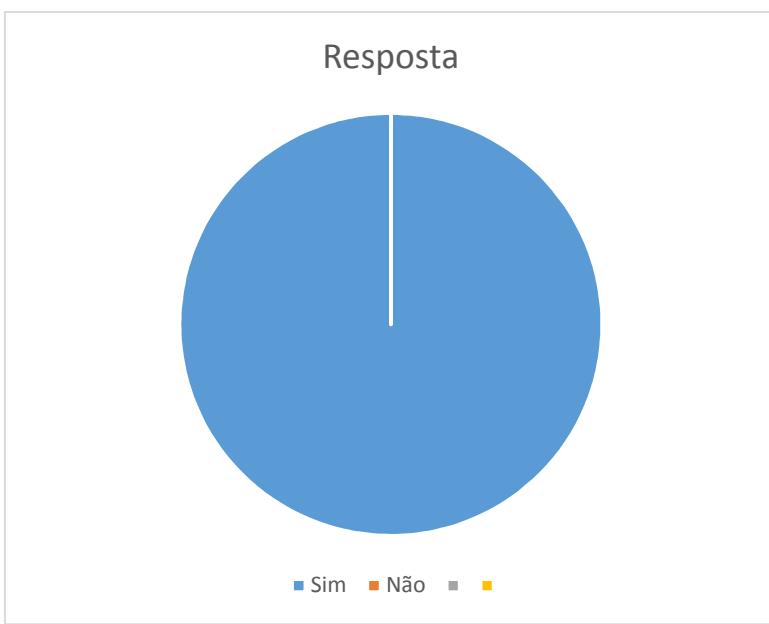


Fonte: autora

Na questão 7- Você já leu um texto do gênero crônica?

Todos já leram o gênero crônica;

Gráfico 6- Você já leu um texto do gênero crônica?



Fonte: autora

Na questão 8 – E do gênero conto?

Todos já leram o gênero conto;

Gráfico 7: Você já leu um texto do gênero conto?



Fonte: autora

Na questão 9- Em que local você escuta uma leitura de um texto?

22 alunos disseram que escutam a leitura de um texto na escola, 03 disseram que nas mídias e na escola e 02 disseram que escutam em outros lugares como na internet.

Gráfico 8- Em que local você escuta uma leitura de um texto?



Fonte: autora

Na questão 10- O que é leitura para você?

- Lazer, aprendizagem; - mais conhecimento; - nada de muito importante; - onde pode descobrir novas ideias, novas escolhas; -compreender histórias; - conhecer novas palavras; - forma de atualização; - ajuda a entender melhor as coisas; - pegar um livro qualquer e ler; - compreender um texto, conhecer outro mundo de imaginações; -parte importante da língua para o aprendizado e desenvolvimento do aluno; forma de conhecimento e entretenimento; - forma de saber escrever direito. (Algumas respostas se repetiram).

Ao analisarmos as respostas dos questionários dos alunos percebemos que os alunos dessa turma gostam de ler. Essa é uma pequena amostragem, mas talvez os que dizem não gostarem de ler é porque têm dificuldade.

Observamos isso comparando as respostas da questão 1 com a questão 6. Quando acham que leem bem, também sentem prazer em ler e dizem gostar de ler.

Também os dados mostram que a maioria prefere a leitura silenciosa, porém o número dos que gostam da leitura oral não é muito inferior, apenas 4% de diferença. Ou seja, podemos dosar mais as práticas de leitura, para atender as necessidades diferentes de compreensão e interpretação na sala de aula.

Um dado interessante é que 48% disseram gostar de ler em voz alta. Este número surpreende porque a questão do bullying é um fator de inibição para a leitura em voz alta e nenhum aluno utilizou este termo para justificar o porquê de não gostar de ler em voz alta. E as respostas da questão 3 revelam um número considerável de alunos (37%) que disseram gostar de ler oralmente e em grupo.

Também na questão 9 outro dado ocorreu é que 81% responderam que é na escola que escutam a leitura de um texto. Ou seja, se escutam o texto na escola, de que forma podemos conduzir essa leitura para que possamos formar um leitor crítico, é algo a se pensar.

Quanto à questão 10 – a maioria dos alunos concebe a leitura como uma busca pelo conhecimento, viagem a outros mundos, meio de informação e atualização.

Dessa forma, podemos perceber que as práticas de leitura ocorrem na escola, precisamos pensar em como elas podem significar para melhorar os baixos níveis de leitura apresentados nos exames oficiais.

O que sabemos é que somente com o envolvimento de toda comunidade escolar, talvez possamos solucionar esta defasagem.

3.2 - SEGUNDO MOMENTO: ANÁLISE DA PRIMEIRA OFICINA

3.2.1 - ETAPA 1- PRIMEIRA OFICINA

Na primeira oficina, trabalhamos a prática de leitura silenciosa e leitura oralizada e optamos por realizá-la em duas etapas. Na primeira etapa, escolhemos a crônica “Equipamento escolar” de Carlos Drummond de Andrade, retirada do livro “Os dias lindos”, como Texto 1, para iniciar as atividades de leitura porque trazia uma temática já conhecida pelos alunos, por fazer parte do cotidiano escolar deles: a compra do material escolar.

Goodman (1987) afirma que o leitor se torna menos eficiente quando acha o texto difícil. Portanto, optamos por esse texto, por ter linguagem e temática acessíveis aos alunos, para que pudessem criar autoconfiança e fossem levados gradualmente a textos com maior complexidade de interpretação.

Junto a essa crônica, trouxemos um cartum como Texto 2, que abordava a mesma temática, mas com uma crítica ao preço dos materiais escolares no início do ano letivo, contida nos elementos verbais e não verbais do cartum.

Queríamos perceber como realizavam atividades de leitura com textos menos complexos e com aqueles que requeriam mais inferências. Também pretendíamos observar se, numa leitura mais apurada, identificavam outros temas que poderiam ser levantados na crônica como, por exemplo, o consumismo e o preconceito.

Tínhamos ainda o intuito de trabalhar com as estratégias de leitura na segunda oficina, por esse motivo não fizemos o processo antes, durante e após a leitura.

Para tal, iniciamos as atividades com a prática de leitura silenciosa, utilizando uma questão de inferência.

Texto 1-

1- “A crônica traz um drama recorrente no início do ano letivo. Qual é esse drama?

Dos nove alunos, quatro alunos identificaram o drama, respondendo “compra de materiais escolares”; já dos outros cinco, dois deram respostas evasivas como “equipamento escolar”, que não deixou claro se haviam entendido ou não o porquê comprar o material seria um drama; os demais responderam “a falta de material escolar”, “falta de gravador” e “Quando o pai comprou materiais ao filho, e ainda tinha faltado algo.” Percebemos com essa questão que mais da metade dos alunos tiveram

dificuldade em inferir essa informação no texto. O que também se torna visível na questão 1, referente ao Cartum:

Texto 2

- 1- “Que relação esse cartum apresenta com o conteúdo do texto 1?”

O S3 respondeu “O pai levando o filho para a escola.”. Aqui notamos que o aluno não observou os elementos não-verbais, ou seja, a imagem do menino dentro de um carrinho de compra, cheio de materiais escolares, sendo empurrado pelo pai. Dessa forma, não conseguiu fazer a inferência e a resposta dada fugiu ao questionamento pedido.

As questões abaixo tiveram o propósito de relacionar o tema à vida do aluno/leitor. Segundo Menegassi (2005), ao fazer perguntas que relacionam o tema com a vida do leitor, pode se estabelecer uma interação entre o leitor e o texto. Iniciemos com a questão 2, do primeiro texto.

Texto 1-

- 2- “Quais itens fazem parte do ‘equipamento escolar’ de um aluno da sua série atualmente?”

A maioria das respostas da questão 2 mostram os itens básicos, porém, três alunos incluíram o celular como item pertencente ao material escolar.

Texto 1 –

“3- Qual é o critério para comprar o material escolar em sua casa:

- () o mais bonito, ‘na moda’, atual;
- () o de melhor qualidade;
- () o de melhor preço;
- () o de boa qualidade, porém com preço menor.”

Nessa questão a maioria respondeu que procura material de boa qualidade, mas com um preço menor. Apenas três disseram não pesquisar porque compram sempre na mesma loja e/ou olham o preço na hora da compra.

Texto 1-

4- "Você e seus responsáveis fazem pesquisa de preço de material escolar? Por quê?"

A questão 4 também seguia esse objetivo de relacionar o tema com vida do aluno/leitor. Como já foi ilustrado anteriormente, não achamos relevante analisar essa questão.

Ainda de acordo com Menegassi (2005) a interação ocorre também com perguntas a partir das experiências de vida do leitor, que fazem com que este reflita sobre o tema, chegando à interpretação do texto.

Com relação à questão que segue, os alunos puderam lançar mão de suas vivências para construir sentido no texto. Como, por exemplo:

Texto 1-

5- "Como você vê o posicionamento do pai do garoto da história lida diante do fato narrado?"

S2 responde "Ele questiona o uso do equipamento que o filho deseja." Porém, não responde à pergunta feita. Apenas S3 responde de forma direta: "Certo".

Já na questão 6, que pedia:

Texto 1-

6 – "Como seus pais ou responsáveis se posicionariam diante de um fato semelhante? Por quê?"

S2 responde "Dependo do caso, se for de extrema utilidade ou se for apenas por 'moda', no caso teriam a mesma atitude do pai questionando sobre o produto."

As questões 3, 5, 6, (após o texto 2) seguiam esse objetivo de manter a interação com o texto através das experiências de vida. Por isso, optamos por não trazê-las a esta análise.

Passemos às questões 7 e 8:

Texto 2-

7- "Você acha que sem esse item que citou, o adolescente sente-se 'desmoralizado'? Por quê?"

Texto 2-

8- "Você também se sentiria 'desmoralizado'? Por quê?"

Analisando as respostas dadas nas questões 7 e 8, vemos que o adolescente sente-se inferiorizado quando todos têm um determinado material e apenas ele não tem, mesmo tendo consciência de que esse item possa ser dispensável para sua aprendizagem.

Observamos isso na resposta do S7, na questão 7: “**Sim. Porque hoje em dia todos tem celular.**” E depois quando responde a questão 8, sobre si mesmo, ao dizer: “**Sim. Porque todos tem**”.

Porém, o mesmo afirmou na questão 6 que não precisava de um item tecnológico para estudar, ao responder “**Dizem que não precisamos desses materiais. Porque realmente não precisamos.**” (Grifo nosso)

O aluno já começa a perceber que talvez o personagem não queira o gravador apenas para se “exibir” aos outros, mas para se autoafirmar como parte do grupo, característica da adolescência. Ou indo mais além, para não ser rejeitado e sofrer preconceito por não possuir tal objeto quando o personagem diz “A turma toda vai de gravador, só eu que dou uma de palhaço?” (linha 9); “(...), e sem ele me passam pra trás.” (linha 34) e “(...) Sem microcomputador não posso aparecer no colégio, fico desmoralizado!”.

Na sequência desta etapa, trabalhamos a prática da leitura oralizada. Entregamos a folha com o texto aos alunos, fizemos a leitura oral da crônica “Equipamento escolar” para eles e pedimos que respondessem novamente as questões abaixo:

Texto 1-

- 1- “A crônica traz um drama recorrente no início do ano letivo. Qual é esse drama?

Texto 1-

- 5- “Como você vê o posicionamento do pai do garoto da história lida diante do fato narrado?”

Texto 2

- 1- “Que relação esse cartum apresenta com o conteúdo do texto 1?”
- 2- Analisando o texto 1 e 2, pode-se dizer que:
- I- Os dois tratam do mesmo assunto.
- II- O texto I traz uma crítica ao consumismo tecnológico.

- III- O texto II denuncia o preço elevado dos materiais escolares.
 IV- Os dois textos não têm relação quanto ao assunto abordado.
- a) - As alternativas I, II e IV estão corretas;
 b) - A alternativa III está incorreta;
 c) - Somente as alternativas I, II, III estão corretas;
 d) - Todas as alternativas estão corretas.

Texto 2

3- Com relação ao texto 1, você acha que tudo o que o filho pedia ao pai era mesmo necessário em sala de aula para sua aprendizagem? Por quê?

Texto 2

4- O consumismo está presente nas compras de materiais escolares no início dos períodos letivos. Comente sobre isso.

Escolhemos estas questões porque requeriam inferência, posicionamento diante do texto e capacidade de fazer relação intertextual e podíamos analisar como se deu a leitura nas duas práticas propostas.

Dos nove alunos, quatro deram a mesma resposta nas duas práticas. Já cinco alunos acrescentaram ideias novas, mudaram de opinião ou completaram suas respostas, como podemos verificar abaixo:

Texto 1-

1- “A crônica traz um drama recorrente no início do ano letivo. Qual é esse drama?

Quadro 2 - comparação das respostas da questão 1:

Aluno	Prática de leitura silenciosa	Prática de leitura oralizada
S1	A falta de gravador	A falta de gravador
S3	A falta de material escolar	Não ter os materiais pedidos
S4	Sobre o equipamento escolar	O drama é falado sobre a compra de um novo item tecnológico, que o filho pede para o pai comprar.
S5	Equipamento escolar	A compra do material escolar

S8	Quando o pai comprou os materiais ao filho, e ainda tinha faltado algo.	A compra de materiais escolares.
----	---	----------------------------------

Fonte: autora

Por este quadro comparativo da Questão 1 podemos observar que dois alunos chegaram à resposta adequada dessa questão, depois de oralizado o texto: S5 e S8. Já, o S1 manteve a mesma resposta; o S3 deu uma redação diferente, mas manteve o mesmo sentido; e o S4, embora tenha colocado a palavra “compra”, ainda manteve o sentido restrito no texto e não generalizado, como requeria o comando.

Observemos a questão 5:

Texto 1-

5- “Como você vê o posicionamento do pai do garoto da história lida diante do fato narrado?”

Quadro 3 - comparação das respostas da questão 5:

Aluno	Prática de leitura silenciosa	Prática de leitura oralizada
S1	Ele acha que não precisa do gravador porque o filho não vai prestar atenção na aula.	Ele acha que não tem necessidade de ter o gravador, porque o filho não vai prestar atenção no professor.
S3	Certo	Certo
S4	O pai se sente inconformado e acha que esses aparelhos tecnológicos atualmente não influencia os estudos.	O pai se sente ultrapassado, no tempo dele eram “mal equipados” ou pior: nem equipado era, ou seja, não tinham equipamentos tecnológicos evoluídos.
S5	Ele é contra esses materiais, pois acha que o filho os quer apenas para estar na moda.	Ele está receoso sobre a necessidade desses equipamentos em sala de aula e usa argumentos e perguntas na conversa com o filho.
S8	Indignado com a ação do filho de “se aparecer” com equipamentos modernos.	Indignado com a atitude do filho de comprar equipamentos para estar na moda e se aparecer.

Fonte: autora

Nessa questão, podemos observar que os alunos S1, S3 e S8 mantiveram as mesmas respostas; já o aluno S4 modifica o sentido da resposta. Na prática silenciosa,

fala da visão negativa que o pai tinha em relação ao pedido do filho, porém na prática oralizada traz uma visão de concordância ao pedido do filho em relação aos avanços tecnológicos em sala de aula. Entendemos que este aluno ainda não está seguro de sua interpretação e busca em partes diferentes do texto apoio para dar a resposta adequada.

Já S5 muda sua resposta. Na prática silenciosa, faz uma afirmação “Ele é contra...”, entretanto na prática oralizada, coloca o pai na posição de dúvida “Ele está receoso...”, ou seja, também não está segura de sua interpretação. Mas de todas as respostas, somente S3 obedeceu ao comando, colocou que achava “certa” a atitude, ou seja, foi o único dos nove alunos que realmente colocou sua opinião, e isso não dependeu de ser uma prática de leitura ou outra.

Observemos agora outra questão:

Texto 2 - Cartum

Figura 1- Cartum – Gilmar



Disponível

em:

<http://atividadesdeportugueseliteratura.blogspot.com/2016/06/modelo-de-prova-de-interpretacao-de.html> Acesso em 12 de ago. 2018.

1- Que relação esse cartum apresenta com o conteúdo do texto 1?

Quadro 4 - comparação das respostas da questão 1 – Texto 2:

Aluno	Prática de leitura silenciosa	Prática de leitura oralizada
S1	O consumo de materiais sem necessidade.	Consumo tecnológico.

S3	O pai levando o filho para a escola	Os materiais
S4	Sobre os equipamentos escolares, consumismo e sobre os preços do começo do ano letivo.	Se relaciona com o início do ano letivo, que os pais compram materiais para seus filhos.
S5	Ambos têm o tema, digo, abordam o tema “equipamento escolar”.	Os dois textos têm relação quanto ao assunto abordado.
S8	Sobre o consumismo de materiais escolares.	O consumismo de materiais escolares.

Fonte: autora

Nesse quadro sobre as respostas da questão 1 do Texto 2 –Cartum, podemos observar que apenas dois alunos modificaram sua resposta após a prática da leitura oralizada. S3 durante a prática de leitura silenciosa respondeu de forma incoerente com os elementos não-verbais do texto; como já comentamos anteriormente. Porém, apesar de estar incompleta a resposta e de ter escrito somente duas palavras, essas palavras têm mais sentido com o comando pedido do que a resposta dada anteriormente.

Já S4 fez com que sua resposta se tornasse correta depois da prática de leitura oralizada. A princípio parece a mesma resposta, porém ao omitir a palavra consumismo e preço torna sua resposta de forma correta, pois na crônica não é relatado o preço dos materiais, mas sim a compra de materiais para o início do ano letivo “(...), porque o material do ano passado está superado, como é que não está completo?” (Grifo nosso); bem como o cartum que traz nos elementos verbais essa afirmação “Só dói quando voltam as aulas!” (Grifo nosso).

E S1, S5 e S8 mantiveram a mesma resposta, às vezes, com uma redação diferente, porém, o mesmo sentido.

Passemos à análise de outra questão.

Texto 2

2- Analisando o texto 1 e 2, pode-se dizer que:

- I- Os dois tratam do mesmo assunto.
 - II- O texto I traz uma crítica ao consumismo tecnológico.
 - III- O texto II denuncia o preço elevado dos materiais escolares.
 - IV- Os dois textos não têm relação quanto ao assunto abordado.
- a) - As alternativas I, II e IV estão corretas;
 b) - A alternativa III está incorreta;
 c) - Somente as alternativas I, II, III estão corretas;
 d) - Todas as alternativas estão corretas.

Quadro 5 - comparação das respostas da questão 2 – Texto 2:

Aluno	Prática de leitura silenciosa	Prática de leitura oralizada
S1	Alternativa c	Alternativa c
S3	Alternativa c	Alternativa c
S4	Alternativa c	Alternativa c
S5	Alternativa c	Alternativa c
S8	Alternativa c	Alternativa b

Fonte: autora

Nesta questão, a maioria dos alunos manteve a mesma resposta, somente o S8, na prática de leitura silenciosa, acertou sua resposta ao colocar a alternativa “c” e ao mudar sua resposta, depois da prática de leitura oralizada, tornou sua resposta errada, pois os elementos não-verbais como o lápis cravado nas costas do pai e os elementos verbais “Só dói quando voltam as aulas!” (Grifo nosso) é uma crítica feita por Gilmar Barbosa, autor da charge, aos preços elevados dos materiais no início do ano, quando sempre tem reajuste dos materiais escolares, momento em que os pais mais gastam porque, geralmente, compram o material que dê para todo o ano letivo. O que pode ter ocorrido, como é uma questão de alternativa, pode ter marcado errado, já que a primeira resposta estava correta.

Vamos à penúltima questão deste momento da análise.

Questão 3 – Texto 2

3- Com relação ao texto 1, você acha que tudo o que o filho pedia ao pai era mesmo necessário em sala de aula para sua aprendizagem? Por quê?

Quadro 6 - comparação das respostas da questão 3 – Texto 2:

Aluno	Prática de leitura silenciosa	Prática de leitura oralizada
S1	Não, porque ele não aprenderia.	Não, porque com aqueles materiais ele nunca aprenderia e nem prestaria atenção nas aulas.
S3	Não, porque seria desnecessário, não precisa disso para entender.	Não, porque é desnecessário várias coisas.
S4	Não. Por que na minha opinião, só o básico basta para um estudo bom e de qualidade.	Não. Por que de acordo com o filho, “A turma toda vai de gravador, só eu que dou uma de palhaço?”, dando a

		entender que é um item tecnológico na moda.
S5	Não, porque aparelhos eletrônicos apesar de úteis em algumas ocasiões, podem prejudicar a aprendizagem em outras.	Não, porque esses objetos podem atrapalhar a aprendizagem em sala de aula.
S8	Não, porque o filho só queria "se aparecer" com equipamento da moda.	Não, porque, o filho queria "se aparecer" com equipamento da moda.

Fonte: autora

Conforme podemos observar no quadro acima, nessa questão, não houve mudanças de uma prática para outra. Todos mantiveram sua resposta ao dizer que o material pedido pelo filho na crônica de Carlos D. Andrade não era necessário para a aprendizagem.

As justificativas variaram a redação, porém mantiveram o mesmo sentido anterior, somente S4 mudou o sentido de sua justificativa. Na prática de leitura silenciosa, justificou a partir de um posicionamento pessoal "na minha opinião", já na prática de leitura oralizada baseou sua justificativa em elementos do texto ao dizer "de acordo com o filho". Dessa forma, percebemos que a justificativa ficou mais completa, com o uso de um argumento mais convincente.

Chegamos à última questão dessa análise das atividades com as duas práticas de leitura: silenciosa e oralizada.

Texto 2

4- O consumismo está presente nas compras de materiais escolares no início dos períodos letivos. Comente sobre isso.

Quadro 7 - comparação das respostas da questão 4 – Texto 2:

Aluno	Prática de leitura silenciosa	Prática de leitura oralizada
S1	Isso acontece porque tem alunos que querem ter o melhor material da sala.	Isso acontece porque tem alunos que querem ter os melhores materiais da sala.
S3	Maioria das pessoas querem o mais bonito e melhor e isso é muito caro.	Sim, porque os materiais está muito caro.

S4	Sim, além dos preços estar subindo muito, estão inventando novas “modas” para os alunos de sala de aula e até mesmo fazendo com que o adolescente sente-se obrigado a ter o objeto.	O consumismo está pode prejudicar demais os pais com “modas escolares”, ou seja, gastando dinheiro com coisas desnecessárias, causando prejuízos.
S5	Às vezes, queremos comprar além do necessário, porque queremos algo que chama atenção, mais em muitas ocasiões é desnecessário.	Sim, muitas vezes compramos além do que precisamos, porque nos chama atenção.
S8	O consumismo de materiais escolares acaba tendo muitos prejuízos, porque a diversos tipos de materiais com diferentes preços, que a cada ano que se passa, mais materiais se compra.	Todos os anos os alunos compram novos materiais escolares que causão prejuízos, pois o valor desses materiais é muito elevado e a cada ano que se passa mais materiais são comprados.

Fonte: autora

Podemos concluir dessa última pergunta que os alunos comentaram sobre o consumismo na compra de materiais desnecessários ou supérfluos para a aprendizagem escolar.

Porém, S3 respondeu de forma mais adequada na prática de leitura silenciosa “Maioria das pessoas querem o mais bonito e melhor e isso é muito caro.”. Embora, seu comentário não tenha discorrido sobre o consumismo, ao dizer “querem o mais bonito e melhor”, conclui-se que o aluno dá a entender que isso é uma forma de consumismo, já que pode estudar com um caderno mais simples e menor qualidade; já na resposta da prática oralizada, fugiu ao comando e não comentou sobre o tema pedido: “Sim, porque os materiais está muito caro.”, ou seja, escreveu sobre o preço elevado dos materiais e não sobre o consumo exagerado e desnecessário. Os demais alunos mantiveram seus comentários, às vezes, mudando a redação da resposta.

Assim podemos concluir que embora as atividades não apresentaram grandes mudanças, podemos perceber que para alguns alunos a prática oralizada ajudou a compreender melhor o texto e a responder de forma mais adequada.

Reiteramos que este trabalho não tem a pretensão de priorizar uma prática em detrimento de outra, mas olhar para as duas práticas como recursos para se construir o sentido em textos.

3.2.2 - ETAPA 2 – PRIMEIRA OFICINA

Ainda na segunda etapa da primeira oficina, procuramos também trazer um assunto do cotidiano social da vida dos alunos como cidadãos brasileiros, visto que o ano de 2018 era um ano de eleições para governadores, deputados estaduais e federais, senadores e presidente da República. Para isso, escolhemos a crônica "A gratidão do Assírio" de Lima Barreto, retirada do livro Crônicas escolhidas de Lima Barreto, e, para expandir a interpretação, trouxemos também uma charge, do autor Junião, que traz uma crítica social, característica deste gênero, reforçada pelos elementos verbais e não-verbais.

As questões também tinham intuito de promover a interação entre aluno/leitor e texto, por meio da exploração do tema com relação à vida social do aluno/ leitor. As questões requeriam inferência e outras estratégias como levantamento de hipóteses (predições) e verificação.

Vale destacar que a Etapa 1 tinha mais afinidade com os conhecimentos anteriores dos alunos e a Etapa 2 acionou um conhecimento prévio de forma mais ampla, pois, como ainda são adolescentes, a vivência deles com a política se dá somente pelo ambiente familiar e meio social em que estão inseridos.

Nessa segunda parte da oficina, o assunto tratado requer um pouco mais de conhecimento de mundo. Para ativar o conhecimento prévio dos alunos, iniciamos com as condições de produção, enfatizando o sujeito autor, com breve biografia de Lima Barreto, na qual constava o posicionamento crítico de denunciante das questões sociais e preconceito racial da época.

O que inicialmente chamou-nos a atenção foram as respostas dadas às atividades com a seguinte charge:

Texto 8 - Charge

Figura 2- Charge - Junião



Disponível em: http://www.juniao.com.br/dp_charge_11_07_2012/ Acesso em 12 de ago. 2018.

1- Qual é o assunto da charge?

Observamos que a questão 1 não ofereceu dificuldade para responderem porque todos identificaram que o assunto era eleições, conforme podemos observar:

O S4 “As eleições de outubro (Na charge), ou Política”; S5 “Eleições.” e o Sujeito 9 coloca “Eleições, mentira para a população”;

Já na questão 2, letra “a”, apresentaram mais dificuldade em analisar a imagem e justificar a resposta dada, porque apenas respondeu com exatidão; cinco identificaram os personagens, porém não justificaram de forma adequada com os elementos da imagem e três responderam de maneira incoerente com os elementos não-verbais da charge.

2- Analise a imagem e levante hipóteses:

a- Quem são esses personagens? Justifique sua resposta.

Vejamos os três que não responderam de forma adequada à questão:

S1 respondeu “O político e os moços”. A primeira parte da resposta até que se aproxima, porém, quando coloca os “moços” não percebe que fazem parte de um mesmo grupo, já que os três personagens estão caracterizados pela roupa igual, os

olhos têm o mesmo formato e todos são carecas, característica de alguém mais adulto ou de meia idade. Ou seja, não é o político e os moços, mas “político”.

Já S4 respondeu “Assírio, Doutor e Felício. De acordo com o texto da crônica, existem esses três personagens, cuja charge está retratando-os.”

E S3 colocou “Candidato, Asirio e Felício”. Aqui o problema observado é que os alunos não conseguiram se desprender do texto anterior e ao quererem fazer uma relação, não observaram a data da postagem da charge “11/07/2012” em contraponto à data da publicação da crônica “Careta, 11-9-1915”.

Sem contar que na crônica, O senhor Assírio, a que o narrador se refere, era um restaurante *chic* no elegante porão do Municipal. Vários alunos interpretaram Assírio como um personagem. Isso ocorreu porque, talvez devêssemos ter trazido, nas atividades das condições de produção, informações sobre esse restaurante famoso à época de Lima Barreto. O que percebemos somente mais tarde, depois de encerrada a aplicação do projeto.

Concluindo, nessa questão, os personagens não eram os da crônica, apesar do assunto ser o mesmo da crônica lida.

Vamos aos alunos que se aproximaram da resposta:

S2 colocou “Candidatos a algum cargo, pois um deles está com o nariz grande (mentindo) e os outros perceberam e parecem que estão no Congresso Nacional”. Esse aluno conseguiu responder a primeira parte do comando: os personagens são candidatos. E fez inferência através dos elementos não-verbais, pelo ambiente com janela grande ao fundo da imagem, se tratar de um local público como o Congresso Nacional.

Entretanto, quando utiliza a expressão “nariz grande (mentindo)” já está fazendo uma interpretação, pelo conhecimento de mundo que tem, constituído pela imagem de que os políticos são mentirosos, generaliza essa característica a todos. A resposta ficaria completa, se aliada a essas informações incluísse que é característica dos candidatos e políticos que frequentam o Congresso utilizarem ternos e o elemento verbal que complementa a imagem, em que se destaca os termos “nobre colega”, “se preparando para as eleições de outubro”.

O mesmo ocorreu com a resposta de S8 “São eleitores, depultados, senadores, atualmente eles fazem muita corrupção, e passam, digo, e passam propostas falsas.” E de S5 “Políticos. Porque eles tem ‘fama’ de mentirosos. E porque estão se preparando para as eleições.” Também com a de S9, “candidatos para a eleição de

outubro, mentindo, corrupção.” E do S6 “Candidatos, que estão disputando os cargos ou eleições.” Observamos que esta última aluna, respondeu a primeira parte de forma adequada, porém não justificou sua resposta.

Quanto a S7, este aluno conseguiu unir os elementos verbais com os não-verbais para justificar sua resposta de forma objetiva e respondeu adequadamente ao comando: “Políticos. Porque estão engravatados, falando de política.” Observamos também que acionou seu conhecimento de mundo ao relacionar a gravata com a vestimenta formal que os políticos geralmente utilizam quando estão em exercício na Assembleia Legislativa ou ambientes políticos formais.

Com relação à questão 2 – b, não tiveram dificuldade.

b- Onde eles estão?

Três alunos responderam “Congresso Nacional”; um respondeu “Em uma câmera municipal, em uma assembleia”; dois não responderam e os demais não responderam de forma adequada. S3 respondeu “Na rua”. O que poderia ser inferido, caso tivesse elementos que caracterizassem uma rua. Já S4 fugiu totalmente da resposta, colocando “Em uma crônica”; e S9 não se atentou à palavra “onde” e colocou a resposta referindo-se a tempo ou período “na época de eleição”; tornando a resposta incoerente. Dada ao pouco grau de dificuldade da questão, concluímos que quando se trata de um texto imagético, alguns alunos têm dificuldade de interpretar.

Na questão 3, a maioria demonstrou identificar o fato gerador do humor da charge, apenas dois alunos não colocaram o fato, apenas o significado que trazia.

3- O que dá humor à charge?

Como podemos observar na resposta de S3 “as promessas não cumpridas” e na resposta de S9 “sobre as mentiras das promessas”. Os alunos que responderam de forma correta, identificaram que o que dava humor à tira era o nariz do candidato, e associaram a charge ao nariz do Pinóquio, boneco de pau, criado por Gepeto, que ganhou vida, mas querendo tornar-se um menino de verdade, mentia e a cada vez que mentia, seu nariz crescia. O que também está visível nas respostas de S3 e S9.

Das respostas certas, duas se destacaram:

“O nariz de madeira, igual ao do pinoquio” de S1 e de S7 “O nariz grande de pau do moço, ferencia ao Pinóquio”. Até aqui, podemos verificar que responderam de forma correta. Porém, os mesmos alunos erraram a questão 5 que pedia:

5- Para compreender o humor da charge, é necessário conhecer um outro texto. Que texto é esse?

Colocaram “A gratidão do Assírio.” Ou seja, não conseguiram associar que a história de Pinóquio é um outro texto. Isso ocorreu com mais cinco alunos que deram a mesma resposta. Apenas S5 colocou “Pinóquio.”.

Na questão 4, apenas três alunos não citou a palavra “mentira ou mentiu” na resposta:

4- O que este fato revela?

O S4 escreveu “Promessas do candidato que ele provavelmente não vá cumprir”. Uma resposta aceitável, porque prometeu algo sabendo que não cumpriria, ou seja, mentiu. Já, S9 colocou “corrupção”. Esta resposta já não pode ser considerada, pois, o fato é a mentira, a corrupção já não dá para ser associada ao fato do nariz do Pinóquio crescer. E S3 colocou “Que tem que saber em quem votar”. Aqui, o aluno não responde à pergunta, mas emite uma opinião.

Sobre o fato de que alguns elementos constituintes do texto não foram observados e, no caso desse gênero que constrói o sentido do texto aliando informação verbal com elementos não-verbais, Goodman (1987) afirma que quando o leitor está com o objetivo da construção do sentido do texto, não dará importância aos outros elementos que constituem a mensagem e serão apenas acionados caso o leitor sinta dificuldade ao interpretar. Goodman (1987) também afirma

Nossa capacidade de predizer pautas de linguagem é tão intensa que aquilo que acreditamos ver é, em sua maior parte, o que esperamos ver. Na medida em que o que vemos é suficientemente consistente com nossas previsões, e na medida em que tenha sentido, estamos satisfeitos. Uma vez que obtivemos sentido do texto, temos a ilusão de que já vimos todos os detalhes gráficos do texto.” (GOODMAN, 1987 *In* FERREIRO e PALACIO, 1987, p. 18).

Nas demais atividades foram enfatizadas o tema com a experiência de vida do aluno/leitor e eles conseguem emitir opinião sobre as características de um bom candidato; sobre as questões que deveriam conter numa boa proposta governamental; sobre a prática da compra de votos que concordam em ser algo ruim

para a sociedade; sobre a importância do voto e da pesquisa sobre a vida dos candidatos para votar de forma consciente.

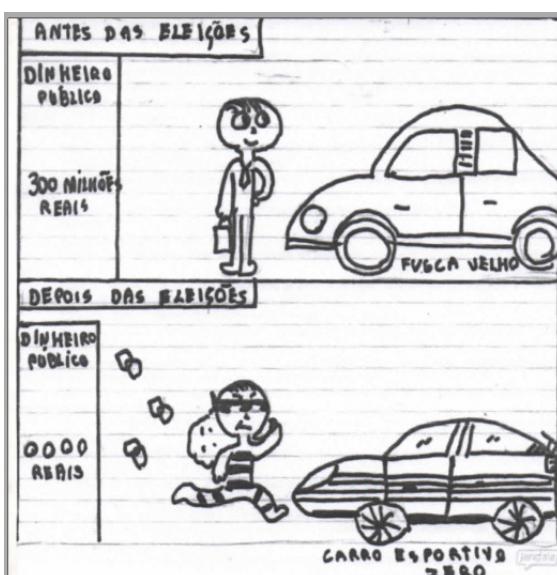
Dessa maneira, as atividades trabalhadas nessa segunda etapa da Oficina 1 mostraram que a maioria dos alunos lidaram bem com o tema “Política” levantado nos textos 7 “A gratidão do Assírio” e no texto 8 “Charge”; demonstraram que possuem conhecimento prévio geral do assunto, ao dizerem que acompanham as notícias e debates políticos.

Porém, observamos também que alguns alunos tinham dificuldade em interpretar a imagem, deixando de analisar elementos importantes para a construção de sentido, em gêneros como o cartum e a charge.

Como essa Oficina foi o primeiro contato com a implementação do Projeto, chegamos à conclusão de que o resultado foi positivo, pois, abriu um canal para as Oficinas posteriores. Os alunos sentiram-se mais confiantes com a prática de leitura e compreenderam que precisamos ler além do que está redigido nas linhas, o que não é fácil, mas não impossível. Como vemos na questão 21, quando pesquisaram textos semelhantes aos estudados:

Questão 21- Para finalizar esta proposta de ensino, escolha um dos textos trabalhados e faça uma ilustração abaixo. Caso não queira desenhar, você pode pesquisar um cartum, uma charge ou um outro gênero que discorra sobre os mesmos temas.

Destacamos a ilustração de alguns alunos:
Figura 3- Ilustração de S8:



Fonte: autora.

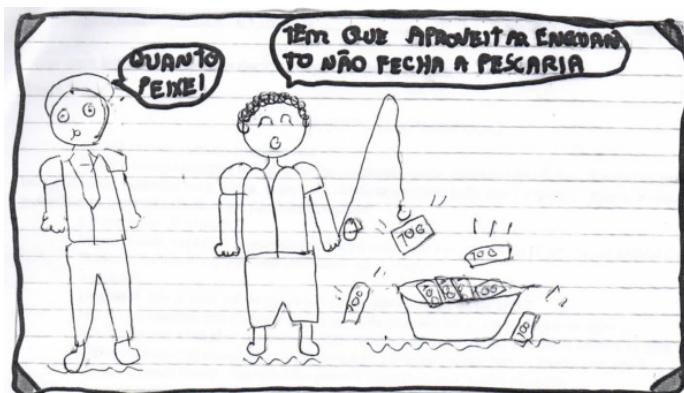
Figura 4- Ilustração de S7:



Referência : <https://brainly.com.br>

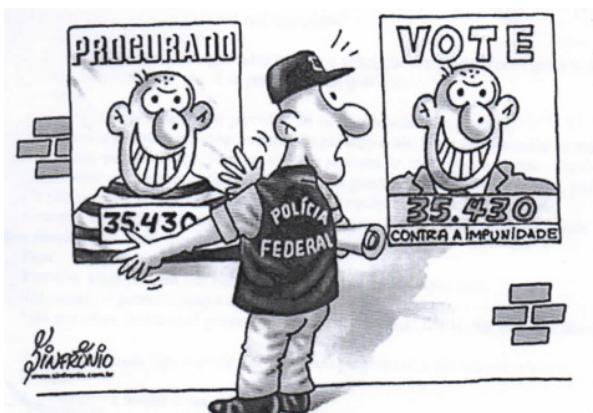
Fonte: autora.

Figura 5- Ilustração de S2:



Fonte: a autora.

Figura 6- Ilustração de S9:



https://www.google.com/search?q=charges+sobre+politica&tbo=isch&source=iu&lctb=1&fir=yGDPINz5bbG3CM%253A%252C0a2OAYnodzzsM%252C_&usg=Af4_-kQD8eauJpmjawMnXMBCegxDYfndg&sa=X&ved=2ahUKEwjTmrSGz8_eAhVCCSAKHVP5AoAQ9QEwAHoECAUQBA#imgrc=tLaVNtaBGNxu1M:

Fonte: autora.

3.3 - TERCEIRO MOMENTO: ANÁLISE DA SEGUNDA OFICINA

Na segunda oficina, trabalhamos as estratégias de leitura e optamos por realizá-la em duas etapas.

Na primeira etapa, escolhemos a crônica “O vestibular da vida” de Affonso Romano de Sant’Anna, retirada do livro “Porta de Colégio”, como Texto 1, para iniciar as atividades de estratégia de leitura porque trazia uma temática que os alunos teriam contato ao entrar no Ensino Médio, porque, na cidade de Maringá, há a Universidade Estadual de Maringá (UEM).

Essa Universidade realiza o PAS- Processo de Avaliação Seriada, que é um processo de seleção para ingresso na universidade, semelhante a um vestibular, porém em etapas. A primeira etapa de seleção é no primeiro ano do ensino médio e assim sucessivamente.

O aluno que não reprovou na série e nem no exame, tem seus pontos computados ao final e concorre a vagas dentro dos cursos da universidade. O aluno que obtiver maior pontuação no PAS é selecionado e tem sua vaga garantida.

Dessa forma, optamos por esse tema “vestibular” que também irá fazer parte do cotidiano estudantil deles na série seguinte. E também porque no livro didático do 8º ano, ou seja, na série que cursaram anteriormente, havia a crônica “Porta de Colégio” de Affonso Romano de Sant’Anna.

3.3.1- ETAPA 1- SEGUNDA OFICINA

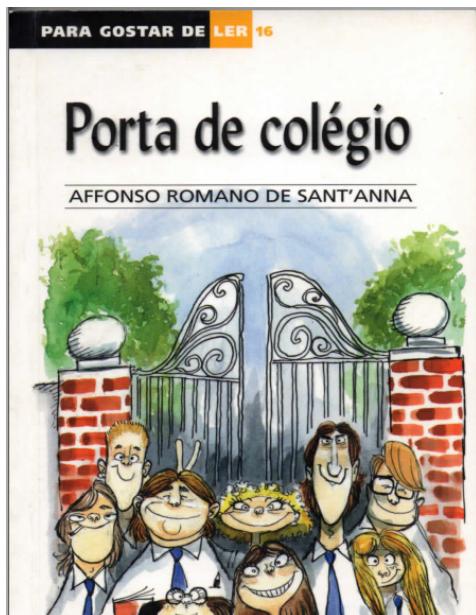
Nessa etapa, autores como Solé (1998) e Menegassi (2005) deram sustentação ao aporte teórico para a elaboração das atividades da Oficina, bem como às análises. Sendo assim, realizamos as etapas: antes da leitura, durante a leitura e após a leitura, que são indicadas nos estudos desses autores.

Menegassi (2005) afirma que a etapa “antes da leitura” é necessária para motivar e determinar os objetivos da leitura. Para tal pode ser utilizado recursos audiovisuais, exposição oral ou outro recurso que conduza à motivação. Menegassi (2005) ainda afirma que antes da leitura também precisa-se ativar os conhecimentos prévios sobre o texto, a produção de previsões e a formulação de perguntas sobre o texto a ser lido, o que pode ser feito utilizando elementos textuais, títulos, etc.

Dessa forma, para essa etapa de “antes da leitura”, colocamos um slide com a capa do livro onde se encontrava a crônica “O vestibular da vida” de Affonso R. de

Sant'Anna e pedimos que observassem os elementos verbais e não verbais e escrevessem sobre o que falaria um texto, cujo livro tivesse uma capa como aquela.

Figura 7: Capa do livro Porta de colégio



Fonte: SANT'ANNA, Affonso Romano de. **Porta de colégio e outras crônicas**. 7. Ed. São Paulo: Ática, 2002.

As respostas dadas foram as seguintes:

Quadro 8 - respostas – Etapa: Antes da leitura - 2^a oficina

Aluno	Respostas
S1	Sobre a vida dos alunos no colégio
S2	Escola
S3	Sobre a escola
S4	Algum conflito no portão do Colégio
S5	O que acontece na porta do colégio no dia a dia.
S6	Sobre a escola e seus acontecimentos
S7	Sobre alunos que ficam na porta do colégio.
S8	O fim do colegial, o último ano do colegio
S9	Sobre o dia-a-dia em um colégio.

Fonte: autora

De acordo com Menegassi (2005), antes da leitura já se começa a fazer significações que poderão ser confirmadas ou negadas durante a leitura do texto.

Pelo quadro, podemos perceber que os alunos relacionaram o título "Porta de colégio" à vida estudantil, rotina de um colégio, algo relacionado ao tema escola.

Sendo assim, a etapa “antes da leitura” fez com que já ficassem estimulados à leitura do texto e se preparassem para encontrá-lo (Menegassi, 2005).

No início da etapa “Durante a leitura”, optamos em trazer duas estratégias de leitura: antecipação e verificação. Trouxemos o texto em fragmentos, através de slides para trabalhar com estas estratégias, porque o objetivo era que o aluno percebesse que podemos fazer antecipações na medida em que lemos e que podemos verificar se elas são adequadas ou não.

Muitas vezes, no dia a dia escolar, percebemos que, em atividades interpretativas, o aluno responde sem pensar, ou seja, não lança mão desses recursos para analisar se está interpretando o texto de forma aceitável ou não.

Para mostrar a ele que há meios de pensarmos sobre o rumo da leitura, trouxemos com bastante ênfase essas duas estratégias, que ao total deram vinte (20) questões.

Observemos o quadro de atividades abaixo:

Quadro 9- atividades com estratégias de antecipação e verificação - 2^a oficina:

Número da atividade	Estratégia de antecipação	Número da atividade	Estratégia de verificação
1.1	Observe o trecho retirado de uma crônica. Leia em silêncio e depois levante hipótese sobre qual será o assunto do texto. Escreva a hipótese levantada no espaço abaixo, à caneta.	-----	-----
2.2	Assista aos vídeos e escreva se continua com a mesma hipótese ou não. Caso mude de opinião, diga o porquê da mudança.	3.1	Leia o 1º parágrafo do texto. E agora, após ser dado este parágrafo, você continua com a mesma opinião ou acha que o assunto do texto pode ser outro? Por quê?
2.2.1	I Vídeo – Maratona de São Paulo 2018;		
2.2.2	II Vídeo – Usain Bolt –final olímpica;	3.2	Leia em silêncio o 1º e 2º parágrafos do texto e confirme se sua resposta anterior estava de acordo com o
2.2.3	III Vídeo – (partes selecionadas) estudantes que chegaram atrasados para o vestibular em MT;		

2.2.4	IV Vídeo - Rapaz chegando atrasado para o vestibular;		assunto do texto apresentado?
2.2.5	V Vídeo- Os 10 atrasados do ENEM mais inesquecíveis.		
4.1	Leia as descrições a seguir e os nomes relacionados abaixo. Ligue os nomes às descrições que achar convenientes aos personagens. Faça à caneta.	4.3	Com a leitura da professora, confira as descrições corretas aos personagens e anote-as nos espaços indicados abaixo. (OBS: somente depois que estávamos aplicando, vimos que omitimos o número 4.2- o que foi explicado aos alunos.)
4.4	O narrador escolherá uma das personagens citadas para narrar algo sobre ela. Levante hipótese sobre qual das personagens será escolhida pelo narrador. Escreva no espaço abaixo sua escolha.	5.1	Leia, agora par, os 3º e 4º parágrafos da crônica e confira sua resposta.
6.1	Já sabemos que a Maria Regina Gonçalves, enfermeira, 38 anos, foi escolhida pelo narrador para ser a personagem principal de sua história. Levante hipótese sobre por qual motivo o narrador impressionou-se mais com ela e achou a estória dela mirabolante. Escreva sua hipótese nas linhas abaixo.	7.1	Leia o trecho a seguir e confira sua resposta.
8.1	O que será que acontece nesse momento da história? Levante hipótese sobre o que acontecerá com Maria Regina. Escreva nas linhas abaixo, sua hipótese. Justifique sua resposta.	9.1	O trecho anterior revela o conflito da crônica. Leia o trecho que segue e confira sua resposta anterior.
10.1	O que será que acontece à personagem Maria após esse episódio de violência? Assinale a alternativa abaixo	11.1	Leia o trecho dado e confira sua resposta.

	<p>provável para você, quanto ao acontecimento da cena.</p> <p>a- () deu à luz ao bebê;</p> <p>b- () voltou chorando para casa;</p> <p>c- () ficou lamuriando o resto da vida;</p> <p>d- () foi em frente fazer o vestibular.</p>		
12.1	<p>Continue levantando hipóteses. O que será que aconteceu à noite à personagem Maria Regina? Assinale a alternativa abaixo, que para você foi o que ocorreu com ela, nesse momento da história.</p> <p>a) () deu à luz ao bebê;</p> <p>b) () foi assaltada novamente;</p> <p>c) () teve uma hemorragia;</p> <p>d) () perdeu o bebê.</p>	13.1	<p>Leia o trecho dado e verifique se sua resposta anterior estava de acordo com o texto.</p>
14.1	<p>E agora, o que será que acontece à Maria Regina quatro dias depois dela ter tido a hemorragia? Levante uma hipótese e escreva-a abaixo:</p>	15.1	<p>Leia o parágrafo completo e confira sua resposta:</p>
18.1	<p>Como você acha que termina a história da personagem Maria Regina? Assinale a alternativa abaixo que, na sua opinião, corresponde ao desfecho da história da enfermeira:</p> <p>a) () Não passou no vestibular e ficou na última colocação;</p> <p>b) () Passou, mas não vai poder fazer a matrícula porque perdeu os documentos;</p> <p>c) () Passou em primeiro lugar, mas como seu nome não apareceu</p>	19.1	<p>Confira, agora, o desfecho da história da personagem Maria Regina.</p>

	<p>na lista porque não apresentou os documentos, desistiu do concurso;</p> <p>d) () Passou em primeiro lugar, seu nome não apareceu na lista, mas entrará com mandado de segurança para poder matricular-se e tomar posse da vaga.</p>		
21.1	<p>Você sabe qual é o título desta crônica? Caso não saiba, que sugestão de título daria? Escreva, abaixo, a sua sugestão.</p>	22.1	<p>A seguir, confira o título da obra de Affonso de Romano Sant'Anna, trabalhada nas atividades anteriores (SANT'ANNA, Affonso Romano de. Porta de colégio e outras crônicas. 7.ed. São Paulo: Ática, 2002.)</p>

Fonte: autora

Embora houvesse muitas questões com estas duas estratégias, o trabalho não ficou enfadonho, porque levamos várias aulas e os alunos ficavam curiosos ao final de cada aula para saber o que aconteceria à personagem. Dessa forma, estavam sempre motivados para continuarem as atividades e verificarem suas respostas nas aulas seguintes.

Vamos à análise das atividades de estratégias de leitura desta primeira etapa da segunda oficina.

Iniciemos com a primeira questão “**11. - Observe o trecho retirado de uma crônica. Leia em silêncio e depois levante hipótese sobre qual será o assunto do texto. Escreva a hipótese levantada no espaço abaixo, à caneta.**” Dos nove alunos, cinco erraram suas predições. Mas durante as atividades de verificação desta questão, dos cinco que erraram, quatro mudaram de estratégia.

Observemos como isso ocorreu no quadro abaixo:

Quadro 10 – respostas questão 11 - 2ª oficina:

Aluno	Respostas-Atividade 1.1	Respostas-Atividade 2.2-Verificação	Respostas-Atividade 3.1-Verificação	Respostas-Atividade 3.2-Verificação
S1	O menino estava correndo pela escola e	Não continua, as pessoas chegaram atrasadas para	Continuo com a mesma opinião.	Continuo com a mesma opinião.

	derrepente chegou um guarda e parou a corrida.	o ENEM e a pessoa na corrida.		
S3	Esporte	Porque fala sobre chegar atrasada no enem	Continuo com a mesma opinião	Sim
S5	O assunto fala sobre estudantes que chegam atrasados ou adiantados no Enem.	Sim, continuo com a mesma opinião.	Continuo com a mesma opinião.	Sim
S7	Alunos que chegam atrasados no colégio	Continuo com a mesma hipótese	Acho que é outro, alunos que chegam atrasados no enem	Está de acordo
S8	Final das aulas, último ano no colégio	Não, digo, mudarei para: sempre temos que correr atrás dos nossos sonhos.	Pode ser outro assunto, porque os jovens estão despreparados, aos jovens estão sempre atrasados.	Não mudo de opinião, porque os jovens estão atrasados, eles estão correndo atrás dos seus sonhos, e quem conseguir passar do portão realizará seu sonho e quem não passar ficará paciente.
S9	Esporte, corrida	não	não	Não estava, por que parecem muitos os dois textos, sendo que o enem é uma corrida contra o tempo, com torcida.

Fonte: autora

Embora as respostas não estivessem corretas, fizeram mais sentido do que a anteriormente escolhida, como a de S8. Apenas dois alunos não mudaram de opinião e não reviram suas predições para chegar à uma resposta adequada (S9 e S5)

De acordo com Menegassi (2005), ao serem reprovadas as predições, o leitor “é obrigado a rever seu procedimento, reavaliando o uso das estratégias, readequando-as ou, até mesmo, trocando de estratégia, escolhendo uma que lhe possibilite uma antecipação mais eficiente.” (MENEGASSI, 2005, p. 80). Isso ocorreu com S8 ao verificar que sua resposta “Final das aulas, último ano no colégio” estava errada, trocou de predição.

Dos outros três que responderam de forma aceitável, percebemos que adquiriram confiança e continuaram a leitura sem mudarem suas predições, conforme o quadro abaixo:

Quadro 11- respostas aceitáveis da questão 11 - 2^a oficina:

Aluno	Respostas-Atividade 1.1	Respostas-Atividade 2.2 - Verificação	Respostas-Atividade 3.1- Verificação	Respostas-Atividade 3.2 - Verificação
S2	Escola, os melhores se sobre saem	Mesma opinião	Eu continuo com a minha opinião mas acho que pode ser outro porque estou com pouco dúvida.	Sim.
S4	Nunca desistir e persistir	sim	Não pode ser outro	Sim
S6	Talvez uma prova	Não, eu continuo com a mesma opinião.	Não, eu continuo com a mesma opinião.	Não mudo, mas completa a opinião.

Fonte: autora

Menegassi (2005) também afirma que se o leitor consegue comprovar sua antecipação, sente-se mais seguro nas estratégias escolhidas e continua com o procedimento iniciado, pois sente que está no caminho certo.

E isso ocorreu com os alunos descritos no quadro acima, nenhum deles quis mudar sua antecipação e podemos dizer que alcançaram a resposta, pois, indicamos como uma possível resposta adequada a seguinte “Vestibular”, o que não deixa de ser uma prova, como cita S6 ou um ato que não se deve desistir, mas sim persistir,

como relata S4 e relaciona-se com escola, em um nível mais elevado de ensino, em que os melhores se sobressaem, como predisse S2.

Passemos à análise da questão 4.4. “O narrador escolherá uma das personagens citadas para narrar algo sobre ela. Levante hipótese sobre qual das personagens será escolhida pelo narrador. Escreva no espaço abaixo sua escolha.”

Observemos o quadro abaixo para tecermos nossa análise.

Quadro 12- respostas da questão 4.4 - 2^a oficina:

Aluno	Respostas- Atividade 4.4	Respostas- Atividade 5.1 – Verificação
S2	Carlinhos Gordo, eu acho que ele quer mudar de vida.	Estava errado. Falará sobre Maria Regina Gonçalves
S3	O Carlinhos, porque ele pode ter uma história para roubar carros.	Não, Falará sobre Maria Regina Gonçalves
S4	José Oado, por que ele tem apenas 24 anos e é cego, além de ser índio.	Não. Maria Regina Gonçalves
S5	Márcia Cristina da Silva, por ela ser bem jovem e já estar se preparando.	Não acertei. Falará sobre Maria Regina Gonçalves, 38 anos.
S6	Maria Cristina da Silva, por ser a mais jovem	Não acertei; Maria Regina Gonçalves, (enfermeira,38 anos)
S7	Carlinhos Gordo, para falar da vida de um presidiário.	Não acertei. Maria Regina Gonçaves
S8	Márcia Cristina da Silva, por que esta se preparando, esta treinando para o vestibular no futuro.	Não. Falará sobre Maria Regina Gonçalves
S9	José Oado, por que ele é corajoso de fazer uma prova, que muitos igual a ele não tem coragem de fazer uma prova.	Não. Falará sobre Maria Regina Gonçalves.

Fonte: autora

Ao observarmos este quadro, constatamos que três personagens tiveram destaque na visão dos alunos: Carlinhos Gordo (presidiário, ladrão de carros), Márcia Cristina da Silva (13 anos, treineira) e José Oado (índio guarani, cego). Perguntamos: Por que estes personagens foram escolhidos e não os outros? Os outros eram: Maria Alice Nunes (parturiente), Andréia Paula Machado (lactante) e Edgar Carvalho (73 anos, advogado).

De acordo com Geraldi (1993 *apud* RITTER, 2005, p. 122) a leitura, numa visão sociointeracionista é aquela concebida como prática discursiva, que produz sentido, porque este está à parte do texto, no qual pode-se alcançar uma diversidade de leituras. Segundo o autor, neste momento, o leitor é um sujeito ativo, que produz sentidos daquilo que lê, porque conseguiu reconstruir sentidos.

Dessa forma, os alunos do quadro acima reconstruíram personagens que estão mais próximos do seu cotidiano escolar e social. Os que escolheram Carlinhos Gordo para ser o personagem principal, demarcam um contexto social marcado pela violência, que a todo momento é destacado pelos telejornais, jornais e redes sociais.

O adolescente está inserido neste contexto de violência e as justificativas dadas pelos alunos, como no comentário de S3 “porque ele pode ter uma história para roubar carros”, demonstra que essa “uma história” traz em si um histórico de sofrimento, desigualdade, fragilidade social.

E no comentário de S7 “para falar da vida de um presidiário”, observamos também as questões de violência dentro dos próprios presídios, como vimos na chacina no Centro de Recuperação Regional de Altamira, no Pará, no dia 29/07/2019, com 57 mortes, sendo considerado o segundo maior massacre em presídios depois do que ocorreu no Carandiru, em São Paulo, no ano de 1992, com 111 mortos.

Já o comentário de S2 “eu acho que ele quer mudar de vida” traz uma carga de esperança, pois a personagem escolhida por ele teria a chance de fazer novas escolhas, reescrever sua história a partir de princípios de honestidade e integridade humana. Observamos aqui o que Micheletti (2006) afirma “(...), o leitor salta para a vida e para o real na medida em que a leitura da palavra escrita pode conduzi-lo a uma interpretação do mundo.” (MICHELETTI, 2006, p.16).

Os três, que escolheram a personagem Márcia Cristina da Silva, jovem de 13 anos, que se preparava para o vestibular como treineira, também escolheram um assunto relacionado ao seu contexto, porque esta também é a realidade de muitos adolescentes, que ao ingressarem no ensino médio, já começam a treinar para o vestibular.

Também os dois que escolheram José Oado, índio guarani, 24 anos e cego, retratam a realidade do preconceito racial, étnico entre outros, que se revela na justificativa de S4 “por que ele tem apenas 24 anos e é cego, além de ser índio”.

Ou seja, nas palavras “além de ser índio” está implícita a falta de políticas públicas de inclusão para os deficientes visuais e outras deficiências no ensino

superior, e também para os indígenas, que lutam para terem sua cultura preservada e seu direito como cidadão brasileiro de cursar um ensino superior.

O que também é revelado na justificativa de S9 ao dizer que ele, José Oado, é “corajoso”. Isso porque não é comum deficientes visuais prestarem vestibular. Segundo o jornal online “FL Folha de Londrina” de 06 de abril de 2015, a UEM tinha três alunos cegos em 2015. O que fica comprovado quando o mesmo aluno afirma “que muitos igual a ele não tem coragem de fazer uma prova”. Ou seja, na visão do aluno, é preciso ter coragem para prestar o vestibular, com condições tão adversas e pouco incentivo por parte da sociedade.

De acordo com as respostas analisadas, os personagens Maria Alice Nunes (parturiente), Andréia Paula Machado (lactante) e Edgar Carvalho (73 anos, advogado) não foram escolhidos. Talvez porque não faz parte do conhecimento dos alunos, a presença de pessoas como esses personagens em vestibulares ou porque a presença dessas pessoas nos vestibulares não é tão divulgada pela mídia, fazendo com que os alunos não tenham conhecimento de que elas também prestam vestibulares.

Já S1, que acertou a personagem escolhida pelo narrador, justificou “porque ele achou a história dela mais interessante.” Há uma impessoalidade na resposta dela, ou seja, “ele”, o autor ou narrador achou interessante, mas não manifesta o que ela acha que seria interessante na história de Maria Regina para merecer destaque, como os demais alunos relataram.

Sendo assim, as previsões feitas pela maioria dos alunos tiveram de serem refeitas.

Vamos a outra atividade de antecipação, a questão 6.1 “**Já sabemos que a Maria Regina Gonçalves, enfermeira, 38 anos, foi escolhida pelo narrador para ser a personagem principal de sua história. Levante hipótese sobre por qual motivo o narrador impressionou-se mais com ela e achou a estória dela mirabolante. Escreva sua hipótese nas linhas abaixo.**”

A resposta indicada para esta pergunta é que Maria Regina estava grávida e era mãe solteira. Nenhum dos alunos acertaram a resposta, mas o que nos chamou a atenção durante a aplicação é que sete alunos colocaram “violência”. Ao questionarmos por que escolheram essa resposta, disseram que tinham visto a questão 10.1 “**O que será que acontece à personagem Maria após esse episódio de violência?**”.

Então, como estavam com o material que continha todas as questões, para podermos fazer a aplicação de forma que não houvesse indução de resposta, explicamos a eles que daí por diante, a questão estaria no slide, eles anotariam a resposta no caderno e depois de terminadas as questões já impressas, passariam as respostas no material, para posteriormente analisarmos as respostas.

Observemos o que aconteceu na atividade 6.1, no quadro abaixo:

Quadro 13 – respostas da questão 6.1 - 2^a oficina:

Aluno	Respostas- Atividade 6.1	Respostas- Atividade 7.1 - Verificação
S1	Por que ela sofreu violência	(não respondeu)
S2	Ela salvou alguém de um ataque cardíaco (ou algum problema de saúde)	(não respondeu)
S3	Violência	(não respondeu)
S4	Pelo motivo de sofrer violência, ou agressão.	(não respondeu)
S5	Ela sofreu algum tipo de violência.	(não respondeu)
S6	Ela pode ter salvado alguém na sala, na hora do enem.	(não respondeu)
S7	Por que ela sofreu violência	(não respondeu)
S8	Ela teria sofrido muitas violências	Não, porque ela vai grávida e solteira
S9	Na minha opinião, ela sofreu violência.	Não, mudou.

Fonte: autora

Como explicamos acima, a previsão errônea deu-se pela visualização da questão 10.1. Portanto, esta atividade nos mostra que, às vezes, os alunos recorrem a enunciados do material, procurando respostas para as atividades, o que pode induzi-los ao acerto ou ao erro, como aconteceu nesta questão.

Vamos à outra atividade de antecipação. No slide, havíamos colocado o seguinte trecho: “**Lá vai nossa Maria Regina. Mas não vai simplesmente. Vai grávida. Vai grávida, mas não é uma grávida amparada pelo marido, mas grávida solteira, enfrentando o mundo com sua barriga e coragem. No entanto, hora e meia antes do exame, em São Cristóvão,**”

E pedimos na questão 8.1. “**O que será que acontece nesse momento da história? Levante hipótese sobre o que acontecerá com Maria Regina. Escreva nas linhas abaixo, sua hipótese. Justifique sua resposta.**” Vejamos como foram as respostas dos alunos:

Quadro 14- respostas da questão 8.1 - 2ª oficina:

Aluno	Respostas- Atividade 8.1	Respostas- Atividade 9.1 – Verificação
S1	ela sofreu violência	Não, ela foi assaltada por três marmanjos.
S2	Ela sofreu um caso de estupro ou violência sexual	(não respondeu)
S3	Teve problemas de saúde.	(não respondeu)
S4	Ela irá dar a luz ao bebê.	Ela foi assaltada e violentada.
S5	Ela entrou em trabalho de parto.	Não acertei.
S6	Ela deu a luz	(não respondeu)
S7	Ela entra em trabalho de parto.	Não, ela foi assaltada por 3 marmanjos.
S8	Deu a luz a um bebe	Não
S9	Deu a luz	(não respondeu)

Fonte: autora

As previsões feitas pelos alunos estavam erradas, porque a resposta adequada seria “foi assaltada”. Como a maioria havia colocado violência na resposta da 6.1 e era porque estava grávida, associaram a gravidez ao parto. Isso demonstra que procuraram outro caminho para fazerem suas previsões. Duas respostas se aproximaram falando sobre violência (S1 e S2), talvez ainda influenciados pelo enunciado lido na questão 10.1, porque não tiveram segurança na previsão, como vimos na resposta de S1, que não reconheceu sua resposta como válida ao fazer a verificação da questão e tê-la interpretado como errada “não (acertei)”.

Observamos ainda que retirar o material impresso, fez com que voltassem a fazer suas previsões por eles próprios, não chegamos a essa conclusão pelo fato de que erraram, mas porque traçaram outro caminho de previsão, associando a gravidez ao nascimento da criança.

Passemos à questão 10.1 “O que será que acontece à personagem Maria após esse episódio de violência? Assinale a alternativa provável para você, quanto ao acontecimento da cena.

- a- () deu à luz ao bebê;
- b- () voltou chorando para casa;
- c- () ficou lamuriando o resto da vida;
- d- () foi em frente fazer o vestibular.”

Quadro 15 - respostas da questão 10.1 - 2^a oficina:

Aluno	Respostas- Atividade 10.1	Respostas- Atividade 11.1 - Verificação
S1	d- () foi em frente fazer o vestibular.	(não respondeu)
S2	d- () foi em frente fazer o vestibular.	(não respondeu)
S3	d- () foi em frente fazer o vestibular.	(não respondeu)
S4	b- () voltou chorando para casa;	(não respondeu)
S5	d- () foi em frente fazer o vestibular.	(não respondeu)
S6	a- () deu à luz ao bebê;	(não respondeu)
S7	d- () foi em frente fazer o vestibular.	(não respondeu)
S8	d- () foi em frente fazer o vestibular.	(não respondeu)
S9	d- () foi em frente fazer o vestibular.	(não respondeu)

Fonte: autora

Como podemos observar no quadro acima, sete alunos escolheram a alternativa “d”, que era a correta, sendo assim tiveram as previsões certas e apenas dois erraram. O caminho escolhido aqui, provavelmente, foi a associação com a palavra “mirabolante”.

O narrador havia escolhido essa personagem porque achava a história dela surpreendente, espetacular (significados de mirabolante). Mas o que de especial chamou a atenção do narrador para que escolhesse a Maria Regina?

Ou seja, o aluno já começa a perceber o enfrentamento de situações difíceis pelas quais a personagem passa: grávida, solteira, assaltada; e começa a fazer relações com os trechos já lidos supõe que a personagem continuaria seguindo em frente e iria fazer o vestibular, possível admiração do narrador.

Para compreender o caminho que percorreram os dois alunos que não acertaram, voltemos ao trecho completo que foi dado a eles para conferência da questão 8.1 “**Lá vai nossa Maria Regina. Mas não vai simplesmente. Vai grávida. Vai grávida, mas não é uma grávida amparada pelo marido, mas grávida solteira, enfrentando o mundo com sua barriga e coragem. No entanto, hora e meia antes do exame, em São Cristóvão, é assaltada por três marmanjos covardes, que tomam dela os documentos, 200 mil cruzeiros, e o pior: lhe dão uma porção de safanões, num exercício de sadismo matinal.**”

Ao observarmos a resposta de S6, com a opção “**a) deu à luz ao bebê**”, vemos que optou por uma lógica possível: uma mulher grávida passando por uma situação de violência e susto poderia dar à luz ao bebê. E o mesmo ocorre com S4 ao escolher a opção “**b- () voltou chorando para casa;**” também segue a mesma lógica: uma grávida, solteira, assaltada com violência, indo enfrentar o vestibular, poderia ficar nervosa e comprehensivelmente voltar chorando para casa.

Porém, não observaram que dentre tantos personagens interessantes, o narrador havia escolhido Maria Regina, o que poderia ter levantado a hipótese de que algo poderia contrariar a lógica.

Menegassi (2005) afirma que “a quebra das expectativas domina o leitor, produzindo-lhe uma sensação de rompimento de sentidos.” (MENEGASSI, 2005, p.87) e que após a estratégia de verificação, o leitor fica espantado ao conferir que suas previsões estavam inadequadas e começa a selecionar informações, buscando adequar e redimensionar sua leitura, esperando algo incomum.

Observamos nessa atividade que nenhum aluno escreveu na questão 11.1, que era de verificação. Prováveis motivos seriam: que ao pedirmos para transcrever no material de pesquisa, poderiam ter esquecido; ou por terem acertado, a maioria, acharam desnecessário.

Passemos a outra atividade de antecipação, a questão **12.1 “Continue levantando hipóteses. O que será que aconteceu à noite à personagem Maria Regina? Assinale a alternativa abaixo, que para você foi o que ocorreu com ela, nesse momento da história.**

- a) () deu à luz ao bebê;**
- b) () foi assaltada novamente;**
- c) () teve uma hemorragia;**
- d) () perdeu o bebê.”**

Quadro 16 - respostas da questão 12.1 - 2ª oficina:

Aluno	Respostas- Atividade 12.1	Respostas- Atividade 13.1 - Verificação
S1	(não respondeu)	Não
S2	a) () deu à luz ao bebê;	Não
S3	c) () teve uma hemorragia;	Não
S4	c) () teve uma hemorragia;	Sim.
S5	a) () deu à luz ao bebê;	Não
S6	a) () deu à luz ao bebê;	Não, estava errada.
S7	a) () deu à luz ao bebê;	Não
S8	a) () deu à luz ao bebê;	Não
S9	(não respondeu)	Não.

Fonte: autora

Ao observarmos essa questão, percebemos que desta vez ocorreu o contrário à questão anterior em que sete haviam acertado e dois errado a previsão. Aqui, sete erraram e apenas dois tiveram suas previsões consideradas adequadas.

Para melhor compreendermos, precisamos voltar ao slide com o trecho dado aos alunos para conferência da resposta anterior “**Maria Regina poderia depois disto voltar chorando para casa e ficar lamuriando o resto da vida. Fez o contrário: foi em frente, embora, ao chegar no local, soubesse que outra colega, também assaltada, desistira do exame. Maria Regina deu um jeito, arranjou até cópia xerox de sua carteira de identidade, fez a prova, comprometendo-se a mostrar os documentos mais tarde.**

Mas, de noite,”

Ao pensarmos por que tantas previsões não comprovadas, a resposta pode estar relacionada à maneira como o autor escreve, enredando o leitor em um jogo de expectativas, em que descreve detalhadamente o que acontece à personagem, passo a passo, para prender o leitor à história ou talvez para comprovar porque aquela era mesmo uma história mirabolante.

Novamente a maioria dos alunos terão de redimensionar sua leitura para continuar a construir o sentido do texto. Ao enfocarmos muitas atividades com antecipação e verificação foi ensinar ao aluno o uso dessas estratégias, como já

dissemos anteriormente. Em nenhum momento, objetivou-se criar dificuldade para o aluno/leitor.

Menegassi (2005) salienta que, ao apresentar a história em partes, facilita a demonstração do ensino das estratégias e que “essa segmentação é apenas didática, para elucidar a maneira como as estratégias ocorrem no leitor” (MENEGASSI, 2005, p. 82). O autor ainda observa que esse procedimento não seja utilizado com frequência porque, numa concepção interacional de leitura, deva ser utilizado o texto na sua íntegra.

Feito este parêntese para explicarmos nossa intenção ao fragmentar o texto para trabalhar com a aplicação das estratégias relatadas neste estudo, voltemos à análise.

Dos alunos que acertaram a resposta, S3 e S4, chamou a atenção a resposta de verificação de S3 “Não (acertei).” O motivo dessa contrariedade pode ter sido uma distração e não ter visto que estava certa a resposta ou ter marcado outra alternativa no caderno e ao transcrever a resposta para o material, ter assinalado a opção correta.

Continuemos nossa análise, com a questão 14.1 “**E agora, o que será que acontece à Maria Regina quatro dias depois dela ter tido hemorragia? Levante uma hipótese e escreva-a abaixo:**”

Para melhor compreensão das respostas desta questão, recorremos ao trecho que foi dado aos alunos para verificação da resposta da questão anterior 13.1 “**Mas, de noite, teve uma hemorragia. Pena que os ladrões não pudessem ver a cena, pois ficariam mais felizes. O médico lhe ordena ‘repouso absoluto’. Ela ali ‘repousando’, mas agoniada, porque a burocracia lhe exigia comprovações de documentos para validar os exames. Como desgraça pouca é bobagem, quatro dias depois”.**

Vamos ao quadro de respostas da questão 14.1:

Quadro 17 – respostas da questão 14.1 - 2ª oficina:

Aluno	Respostas- Atividade 14.1	Respostas- Atividade 15.1 – Verificação
S1	O pai do namorado morre, e ela perde o bebe	Não
S2	Dando, digo, deu à luz ao bebê.	Não
S3	Morre	Não
S4	Que o bebê morre.	Não.

S5	O exame que ela fez foi anulado.	Estava errada.
S6	Ela deu a luz ao bebê que esperava.	Não, estava errada.
S7	Perdeu o bebe	Não
S8	O bebê morreu no parto	Não
S9	teve o bêbê e faleceu	Não.

Fonte: autora

Essa questão foi bastante interessante porque neste trecho da história entra um elemento surpresa “o pai do namorado”. Todos os alunos erraram essa resposta. Lembramo-nos que ao colocarmos o slide para conferirem suas previsões, os alunos questionaram: “Mas ela não era mãe solteira?”

Então, como o autor não cita se o pai da criança havia assumido a paternidade, mas não se casaram, continuaram apenas namorados; ou se acontecera algo com ele e restara somente os pais; ou se apenas não queriam se casar, mas mantinham um relacionamento amigável entre si e com os familiares de ambos; ou se seu namorado não era o pai de seu filho, apenas começaram a namorar depois dela ter engravidado; enfim, não sabíamos.

O que o texto permitia-nos interpretar é que Maria Regina conhecia o pai do seu namorado e a morte dele abalou-a porque o autor fez questão de citar este acontecimento. O autor ainda acrescenta que dias depois, ela teve um aborto e ficou internada. Ele relatou esses fatos para complementar os demais já mencionados, enfatizando o motivo pelo qual a história de Maria era realmente surpreendente.

Outro fato nos chamou a atenção. Foi a resposta de S1 “O pai do namorado morre, e ela perde o bebe”. Como na verificação, ela responde “Não (acertei)” e todos os alunos relataram não conhecer essa crônica, entendemos que ela queria anotar a resposta correta no campo de verificação da questão 15.1, porém deve ter se confundido e anotou no campo da questão 14.1.

O que podemos perceber das questões até aqui analisadas, a maioria dos alunos não obteve sucesso em suas previsões porque o texto é construído com muitas informações novas. Menegassi (2005) afirma que o leitor aciona os conhecimentos prévios a respeito do tema. E isso não ocorreu entre os alunos e os trechos analisados até o momento.

Menegassi (2005) também afirma que no instante em que esses conhecimentos são acionados, o leitor complementa o texto com base nas pistas textuais que o autor oferece, somado aos conhecimentos do leitor que afloram durante a leitura. Quando isso ocorre “a imagem da ponte de sentido se constrói, pois ela une o texto e os seus significados implícitos, com o leitor, que explicita esses significados”. (MENEGASSI, 2005, p.81)

Outro fator importante a ser considerado nessa análise é que uma possibilidade para que as antecipações dos alunos não fossem assertivas, é a nossa escolha pela questão fechada.

Ao formularmos questões fechadas para as atividades 10.1 e 12.1, talvez ampliamos o quadro de possibilidades, cabendo qualquer uma das alternativas, já que não havia indicador (pista textual) que levasse à uma única resposta. O que ocorreu também com a adversativa “mas” na questão 12.1 e 14.1, que dava abertura para qualquer possibilidade de resposta.

Dessa forma, percebemos que ausência desses marcadores e opção por questões fechadas podem ter influenciado nos resultados das atividades.

Como queremos continuar analisando as estratégias de antecipação e verificação, vamos passar para a questão 18.1, porque as anteriores dizem respeito a outras estratégias.

A questão 18.1 era a seguinte: “**Como você acha que termina a história da personagem Maria Regina? Assinale a alternativa abaixo que, na sua opinião, corresponde ao desfecho da história da enfermeira:**

- a) () Não passou no vestibular e ficou na última colocação;
- b) () Passou, mas não vai poder fazer a matrícula porque perdeu os documentos ;
- c) () Passou em primeiro lugar, mas como seu nome não apareceu na lista porque não apresentou os documentos, desistiu do concurso;
- d) () Passou em primeiro lugar, seu nome não apareceu na lista, mas entrará com mandado de segurança para poder matricular-se e tomar posse da vaga.”

Vamos ao quadro de respostas da questão 18.1:

Quadro 18 – respostas da questão 18.1 - 2^a oficina:

Aluno	Respostas- Atividade 18.1	Respostas- Verificação	Atividade 19.1 –
S1	d) () Passou em primeiro lugar, seu nome não	Sim.	

	apareceu na lista, mas entrará com mandado de segurança para poder matricular-se e tomar posse da vaga.	
S2	b) () Passou, mas não vai poder fazer a matrícula porque perdeu os documentos;	Não
S3	d) () Passou em primeiro lugar, seu nome não apareceu na lista, mas entrará com mandado de segurança para poder matricular-se e tomar posse da vaga.	Sim
S4	d) () Passou em primeiro lugar, seu nome não apareceu na lista, mas entrará com mandado de segurança para poder matricular-se e tomar posse da vaga.	Sim
S5	d) () Passou em primeiro lugar, seu nome não apareceu na lista, mas entrará com mandado de segurança para poder matricular-se e tomar posse da vaga.	Sim, acertei.
S6	d) () Passou em primeiro lugar, seu nome não apareceu na lista, mas entrará com mandado de segurança para poder matricular-se e tomar posse da vaga.	Sim, acertei.
S7	d) () Passou em primeiro lugar, seu nome não apareceu na lista, mas entrará com mandado de segurança para poder matricular-se e tomar posse da vaga.	Sim
S8	d) () Passou em primeiro lugar, seu nome não apareceu na lista, mas entrará com mandado de segurança para poder	Sim

	matricular-se e tomar posse da vaga.	
S9	d) () Passou em primeiro lugar, seu nome não apareceu na lista, mas entrará com mandado de segurança para poder matricular-se e tomar posse da vaga.	Sim

Fonte: autora

Nessa questão, oito dos nove alunos acertaram suas previsões, apenas um errou (S2). Aqui, os alunos conseguiram construir sentido ao perceberem que o autor relatou tantas dificuldades da personagem para indicar que desfecho seria feliz e que a coragem e persistência de Maria Regina foram fundamentais para que obtivesse sucesso.

Observe o trecho dado para verificação: “**E vede agora, ó filhinhos e filhinhas do papai, que esbanjais seus corpinhos sem destino nas praias da irresponsabilidade! Maria Regina foi a primeira colocada (nota 96) no concurso de Enfermagem e Sanitarismo. Tirou em primeiro lugar e seu nome não apareceu na lista. Ainda vai ter que provar que existe. Mas já impetrou mandado de segurança. É claro que vai ganhar. 12.1.1986”.**

Quando lemos este trecho, observamos que a estratégia de leitura do aluno S2 também tinha lógica, porque afirmou que ela passou, porém não podia fazer a matrícula por causa dos documentos. Mas essa leitura só não se confirma pela certeza do narrador “**É claro que vai ganhar.**”, que demonstra que ele conhece o efeito do mandado de segurança e pode afirmar o ganho de causa para Maria Regina.

Passemos à última atividade de antecipação desta primeira etapa da segunda oficina, a questão 21.1 “**Você sabe qual é o título desta crônica? Caso não saiba, que sugestão de título daria? Escreva, abaixo, a sua sugestão.**”; e a última de verificação, a questão 22.1 “**A seguir, confira o título da obra de Affonso de Romano Sant’Anna, trabalhada nas atividades anteriores (SANT’ANNA, Affonso Romano de. Porta de colégio e outras crônicas. 7.ed. São Paulo: Ática, 2002.)**”

Vamos ao quadro de respostas da questão 21.1:

Quadro 19 – respostas da questão 21.1 - 2^a oficina:

Aluno	Respostas- Atividade 21.1	Respostas- Atividade 22.1 – Verificação
S1	A vitoriosa Maria Regina	O vestibular da vida

S2	Regina e seu sonho	O vestibular da Vida
S3	A história de Maria Regina	O vestibular da vida
S4	A corrida da vida	O vestibular da Vida
S5	A esperança de Maria Regina Gonçalvez.	O vestibular da Vida
S6		O vestibular da Vida
S7	No fim tudo da certo	O vestibular da Vida
S8	Sim, digo, não, A grande Coragem de Maria Regina Gols, digo, Gonçalves.	O vestibular da Vida
S9	Corrida que não acabava	O vestibular da Vida

Fonte: autora

Ao observarmos as sugestões de títulos, percebemos que os alunos compreenderam a escolha do autor ao relatar que de todos os casos, ele havia se impressionado mais com o de Maria Regina.

E os alunos concordaram com essa impressão, ao escolherem os substantivos coragem, esperança, sonho e o adjetivo vitoriosa; também perceberam que o autor inicia a crônica descrevendo uma correria, o que se manteve no dia e na vida da personagem principal.

Dessa forma, nesse momento, os alunos S4 e S9 construíram o sentido de correria ao sugerirem títulos como “Corrida da vida” e “Corrida que não acabava”, enfatizando o dia tenso pelo qual passou a personagem.

Menegassi (2011), citando BAKHTIN (2003), GERALDI (1993), KOCH & ELIAS (2006), afirma que numa perspectiva interacional, “autor e leitor são sujeitos ativos que dialogam, que se constroem e são construídos no texto, que é considerado o próprio lugar de interação e da constituição dos interlocutores” (MENEGASSI, 2011, p.23).

Podemos dizer que as diversas previsões não comprovadas pela maioria dos alunos fazem parte dessa interação, pois há elementos que interferem na construção de significados como: falta de conhecimento prévio do tema (não tinham conhecimento de mundo que de no dia do vestibular há sempre uma correria, no trânsito, nas ações do vestibulando no dia da prova...) estilo do autor, a escolha do léxico, ausência de pista textual, dentre outros. Para confirmar isso, Menegassi (2011) afirma:

A leitura é, pois, uma atividade interativa altamente completa de produção de sentidos, que se realiza evidentemente com base nos elementos linguísticos presentes na superfície textual e na sua forma de organização, mas requer a mobilização de um vasto conjunto de saberes no interior do evento comunicativo, como, por exemplo, os conhecimentos prévios que o leitor tem sobre o assunto (...). (MENEGASSI, 2011, p.24)

Encerrando a análise das atividades com as estratégias de leitura de antecipação e verificação, nessa primeira parte da segunda oficina, podemos afirmar que os alunos conseguiram aprender que é preciso redimensionar suas estratégias, quando elas não são comprovadas quantas vezes forem necessárias até que o sentido do texto seja construído.

Isso pode ser percebido na questão 18.1, quando escolheram a estratégia adequada, em virtude de todas as pistas dadas pelo autor anteriormente de que a história da personagem era mesmo mirabolante, possibilitando a previsão correta.

Passemos agora, à atividade com a outra estratégia de leitura: a inferência. Pela forma escolhida para apresentarmos o texto em partes, não elaboramos nenhuma atividade de seleção, pois, segundo Menegassi (2005) “o leitor não se aproveita de todas as informações ali constantes” (MENEGASSI, 2005, p.80). Ou seja, para trabalharmos esta estratégia teríamos de dar o texto na íntegra primeiro para que o aluno pudesse fazer a seleção das informações que achasse importante.

Vamos à atividade de inferência, a questão 16.1 “**O autor afirma que viu várias fotos que mostravam jovens correndo. Que meio de comunicação você acha que mostrou essas imagens? Por quê?**”

Antes de iniciarmos a análise cabe explicar que, embora o número desta questão seja 16.1, ela não foi trabalhada na ordem que aparece. No decorrer da aplicação, preferimos terminar todas as atividades com as estratégias de antecipação e verificação, para depois a de inferência.

Vejamos as respostas da questão 16.1 no quadro abaixo:

Quadro 20 – respostas da questão 16.1 - 2ª oficina:

Aluno	Respostas- Atividade 16.1
S1	Jornal, porque naquele tempo o povo via mais jornal.
S2	Jornal porque era mais utilizado.
S3	Jornal, por causa do ano que publicou.

S4	No jornal, por que a sua data é antiga 12/01/1986. Antigamente não tinha internet ou celular.
S5	Jornal, levando em consideração a data.
S6	Jornais, televisão, porque era uma notícia importante.
S7	Jornal. Porque na época não tinha internet.
S8	Jornal, por que antigamente era mais comum para a população, na época de 1986.
S9	No jornal, por quê naquela época o povo se interessava mais em jornais. Hoje em dia dão atenção a internet.

Fonte: autora

Podemos perceber que a partir da data da crônica, não foi difícil todos os alunos inferirem que as fotos eram mostradas em um jornal impresso. Também o substantivo “fotos”, na época, remetia à impressão; se fossem mostradas na televisão, o texto poderia ficar “Várias imagens mostram jovens correndo (...”).

Segundo Menegassi (2005) as inferências podem ser resultados da junção de conhecimentos prévios do leitor com as informações que o texto apresenta.

As demais atividades nesta 1^a etapa da segunda oficina eram de decodificação e compreensão.

Vamos às perguntas de decodificação: 17.1 **“Qual é o nome da empresa que ficou responsável por acordar mais de 10 mil jovens?”** A resposta era Telerj (linha 12). Não vamos colocar o quadro de respostas porque todos os alunos acertaram a resposta.

E na questão 17.2 **“De que forma esses jovens foram acordados?”** A resposta era “despertador telefônico” (linha 12), também todos acertaram a resposta. Dessa forma, nenhum aluno teve dificuldades com as perguntas de decodificação.

De acordo com Menegassi (2011) “esse é momento em que o aluno se depara com elemento mais simples” (MENEGASSI, 2016, p. 44). Porém, o autor ressalta que é o mais simples, mas de mesma relevância e a busca desses elementos de fácil reconhecimento também são necessários no processo de leitura.

Agora, vamos às questões de compreensão. Iniciemos com a análise da pergunta 16.2 **“Você já conheceu alguém que passou por problemas em um dia de vestibular assim como a personagem Maria Regina?”**

Dos nove alunos, apenas um respondeu positivamente **“Sim, minha prima.”** (S6).

Na sequência vinha a pergunta 16.3 “**O que relatou essa pessoa para você?**” e a resposta era um complemento da 16.2. Como somente S6 havia respondido positivamente a anterior, apenas este aluno respondeu a essa pergunta “**Meu tio tinha uma moto que na hora deu problema, e ele não pode levar minha prima, meus pais levaram ela para fazer o vestibular.**”

Passemos à pergunta 20.1 “**Como você imagina serem as características físicas da personagem Maria Regina? Justifique sua resposta.**”

Vamos ao quadro de resposta da pergunta 20.1.

Quadro 21- respostas da questão 20.1 - 2^a oficina:

Aluno	Respostas- Atividade 20.1.	Justificativa
S1	Morena , altura média, cabelos ondulados, magra .	(não respondeu)
S2	Baixinha , cabelo encaracolado , cabelo castanho escuro	(não respondeu)
S3	Gordinha, animada, alta, cabelo curto, escuro , pele morena .	(não respondeu)
S4	Cabelo ruivo, magra , animada e alta, cabelo longo, pele branca, olhos castanhos .	(não respondeu)
S5	Baixa , cabelo enrolado preto, pele clara, cheinha (por causa da gravidez)	(não respondeu)
S6	Baixa , cabelo liso castanho, magra (mas, grávida).	(não respondeu)
S7	Baixa , magra, negra , com cabelo enrolado .	(não respondeu)
S8	Mulher pequena, cabelo pequeno, curto, cabelo escuro , ela é morena	(não respondeu)
S9	Magra , alta, cabelo longo, loira, enrolado , branca.	(não respondeu)

Fonte: autora

No quadro acima, destacamos os adjetivos que se repetiram nas respostas dos alunos e a maioria imagina a personagem Maria Regina sendo uma mulher baixa, magra, morena, com cabelo castanho e enrolados, ou seja, características da mulher brasileira. Nenhum aluno justificou, talvez porque esqueceram, porque acharam irrelevante ou porque não sabiam justificar o porquê daquela descrição feita.

Passemos às perguntas 20.2, 20.3 e 23.1 que estabeleciam relação de tema entre a crônica lida e os vídeos trabalhados: “**VI Vídeo- Jovem negra de escola pública passa em primeiro lugar no vestibular mais concorrido do país; VII-**

Vídeo- Estudante de escola pública passa em 1º lugar na USP; VIII- Vídeo- Jovem de família humilde é aprovado em três faculdades de medicina; IX- Vídeo-História de Lívia Marinho- Do lixão ao Tribunal de Justiça do RJ- Concurso Público; X- Vídeo- Com livros achados no lixo, catadora passa em vestibular no ES.”. Para melhor visualizarmos, colocaremos a cada pergunta, um quadro de respostas.

Pergunta 20.2 “Assista aos vídeos e depois responda à questão: O que há de comum entre a história de Maria Regina com as personagens que aparecem nos vídeos?”

Quadro de respostas da pergunta 20.2.

Quadro 22 – respostas da questão 20.2 - 2^a oficina:

Aluno	Respostas- Atividade 20.2
S1	Eles passaram dificuldades mais nunca desistiram.
S2	A dificuldade na caminhada e na vida para estudar
S3	O vestibular, concurso, etc.
S4	Que todos eles passaram por problemas e se superaram e alcançaram seus objetivos.
S5	Ambos conseguiram passar no vestibular da vida.
S6	Eles passaram no vestibular da vida
S7	Todos eram motivados e passaram no vestibular
S8	Suas coragens, de não desistir de sua vida, e lutar contra as dificuldades da vida.
S9	Sofreu várias coisas.

Fonte: autora

Passemos à pergunta 20.3 “Na sua opinião, qual das personagens dos vídeos assistidos se assemelha mais à história de Maria Regina? Por quê?”.

Quadro 23 - respostas da questão 20.3 - 2^a oficina:

Aluno	Respostas- Atividade 20.3	Justificativa
S1	Ercilia	elas passaram por muitas dificuldades mais não desistiram.
S2	Bruna	Ela passa pelo preconceito.

S3	Hercilia	Porque ela sofreu tambem
S4	Bruno Sena	Porque mesmo com as dificuldades e preconceito, não desistiu e passou.
S5	Renan	Porque ele também teve que enfrentar problemas particulares.
S6	Bruna	Por conta do preconceito.
S7	Lívia	(não respondeu)
S8	Renan	ele passou por muitas dificuldades, por exemplo a depressão, as condições financeiras, mesmo com essas dificuldades, ele lutou e conseguiu passar no vestibular.
S9	Renan	Por quê ele teve depressão e varias outras dificuldades.

Fonte: autora

E a pergunta 23.1 “**Você acha que as personagens principais dos últimos vídeos assistidos também passaram no vestibular da vida assim como Maria Regina? Justifique sua resposta.**”

Quadro 24 - respostas da questão 23.1 - 2ª oficina:

Aluno	Respostas- Atividade 23.1	Justificativa
S1	Sim	Todos tiveram dificuldades mais nunca deixaram de seguir seus sonhos, assim como Ercilia e Renan.
S2	Sim	Pois eles tinham chance de desistir a vida não era favorável mas conseguiram.
S3	Sim	Porque todas as pessoas passaram dificuldades.
S4	Sim	Por que em nenhuma ipótese eles desistiram do seu sonho.
S5	Sim	Ambos enfrentaram dificuldades, mas conseguiram superar.

S6	Sim	Pelas dificuldades passadas.
S7	Sim	Porque todos tiveram de passar por dificuldades para passar no vestibular
S8	Sim	Alguns sofreram preconceito, outros quase não tinham condições financeiras para estudar, todos eles batalharam e não desistiram de sua vida.
S9	Renan	

Fonte: autora

Ao observarmos as respostas das perguntas 20.2, 20.3 e 23.1, nos quadros acima, percebemos que todos os alunos conseguiram estabelecer uma relação entre o tema da crônica “O vestibular da vida” e dos vídeos assistidos, ou seja, nesse momento houve compreensão.

Apenas um aluno S9, na pergunta 23.1, deu uma resposta incoerente com o enunciado “Renan”, mas, analisando as respostas dadas pelo aluno anteriormente, acreditamos ser um momento de desatenção.

Os demais alunos compreenderam que além do tema vestibular, outros temas estavam implícitos como preconceito, violência, perseverança, ou seja, as “provas” que as personagens reais passavam em suas vidas para superarem seus problemas financeiros, sociais, emocionais para conseguirem alcançar seus objetivos e sonhos, assim como a personagem principal da crônica de Affonso Romano de Sant’Anna.

A respeito da palavra superar, uma questão importante deve ser levantada nessa análise: Por que alguns alunos marcaram preconceito e não superação como semelhança entre a história de Maria Regina com as personagens dos vídeos assistidos?

Procurando percorrer o processo de compreensão feito por esses alunos e o que os teria levado a essa conclusão, analisamos, a princípio, os enunciados das atividades, verificando se algum poderia tê-los influenciado, mas descartamos essa possibilidade, pois não havia neles nada que os induzisse a essa semelhança.

Posteriormente, analisando os vídeos trabalhados, percebemos que o primeiro vídeo tinha o tema preconceito bem evidenciado. A apresentadora do telejornal da Emissora Record, na introdução da matéria afirma “Num país em que os negros sofrem preconceito e desigualdade, uma jovem dá uma lição.”

Na sequência do mesmo vídeo, o repórter Rodrigo Ziviane entrevista a mãe, Dinália Sena, e faz a seguinte introdução “(...) a maior torcedora dela foi a mãe. Dinália tem cinquenta anos, trabalha como caixa num supermercado e sempre incentivou a educação da filha. Ela só tem um medo: o do preconceito.”

A mãe justifica o medo dizendo “Pelo o que o pessoal está postando no *face* dela, teve uma que falou que nunca foi atendida pelo médico negro”. A palavra negro deixa marcado na fala da mãe o tema de preconceito racial.

Sendo assim, acreditamos que este vídeo tenha influenciado as respostas desses alunos, porque nos vídeos seguintes, não houve a palavra preconceito e nem algo que levasse a ela.

Na crônica, o que talvez pudesse ter levado a esse tema, fosse o trecho “enfrentando mundo com sua barriga e coragem” (linhas 31 e 32). Analisando o contexto social da época em que foi escrita a crônica, podemos inferir que a personagem Maria Regina pode ter sofrido preconceito, por ser mãe solteira.

Porém, isso não fica explícito no texto, pois o autor marca outras ações sofridas pela personagem que não tem relação com o fato de ser mãe solteira, como, por exemplo, ter sofrido violência física “lhe dão uma porção de safanões” (linhas 33 e 34; passou por abalos emocionais “morre o pai de seu namorado” (linha 42) e aborto (linha 42), E ao narrar “Fez o contrário: foi em frente” (linha 36), o tema mais aproximado é o de superação e não o de preconceito.

O que fez sentido para S4 ao responder a questão 20.2 “Que todos eles passaram por problemas e se **superaram** e alcançaram seus objetivos.” (grifo nosso)

Conforme Menegassi (2016) a compreensão é uma etapa, que apoiado no texto e nas informações que ele oferece, o leitor começa a construir a significação do mesmo.

Menegassi (2005) afirma ainda que para se formar leitores competentes, autônomos é preciso que o leitor interaja, comprehenda o texto, acionando seus conhecimentos prévios para proceder uma relação entre o tema do texto e o que já sabe a respeito desse tema.

Cabe ainda ressaltar que apesar de trazermos atividades de leitura com foco no tema vestibular, como havíamos relatado no início da análise dessa Oficina, o sentido dos textos extrapolam, dando vazão a diversas significações, trazendo à tona outros temas, como, por exemplo, a superação. Tema este que pode ser melhor explorado em próximas ressignificações dessa proposta.

Assim encerramos a análise desta primeira etapa da segunda oficina.

3.3.2- ETAPA 2 – SEGUNDA OFICINA

Nessa segunda etapa que contempla as etapas “durante a leitura” e “depois da leitura” (SOLÉ, 1998) e (MENEGASSI, 2005), os alunos receberam os dois textos impressos; a crônica “O vestibular da vida” de Affonso Romano de Sant’Anna e o poema “Vestibular” de Ferreira Gullar. Primeiro realizaram a prática da leitura silenciosa e depois responderam a questões de interpretação, retenção e análise linguística.

A seguir, tiveram a prática da leitura oralizada, com a oralização dos dois textos gravados em áudios pela professora-pesquisadora e depois responderam a algumas questões de interpretação e retenção iguais às da prática silenciosa, para acompanharmos como se deu o processo de leitura nas duas práticas propostas.

Iniciemos com a análise de algumas questões de interpretação e retenção do poema “Vestibular” de Ferreira Gullar, nas duas práticas propostas. Para melhor compreendermos e visualizarmos as respostas nas duas práticas, preparamos o quadro comparativo abaixo da pergunta 24.1.2 **“O tema do poema lido é o mesmo proposto na crônica “O vestibular da vida” de Affonso Romano de Sant’Anna? Justifique sua resposta”:**

Quadro 25 - comparação das respostas da questão 24.1.2 - 2^a oficina:

Aluno	Prática de leitura silenciosa	Prática de leitura oralizada
S1	Sim, ambos falam do esforço de alguns para o vestibular	Sim, os dois falam sobre o vestibular.
S2	Sim pois Maria Regina passa por dificuldade e tem a chance de desistir e o outro	Sim, os personagens estudam para o vestibular e passam dificuldades.
S3	Sim, ambos falam do esforço de alguns para o vestibular.	Sim (não justificou)
S4	(não respondeu)	Sim, porque ambos passam por dificuldade, só para fazerem um vestibular.
S5	Sim, ambos trazem o tema “vestibular”.	Sim, ambos trazem o tema “vestibular”.
S6	Sim, as dificuldades na hora do vestibular.	Sim, eles tratam das dificuldades no vestibular.
S7	Sim (não justificou)	Sim (não justificou)
S8	Sim, não podemos desistir, temos que ser responsáveis.	Sim, não podemos fugir da vida, temos que lutar por ela, como em um vestibular.

S9	Sim, pois é ali que toda pessoa começa sua vida.	Sim, no dia do vestibular há vários acontecimentos, Reprova;
----	--	--

Fonte: autora

Conforme podemos observar no quadro acima, nessa pergunta as respostas mantiveram os mesmos significados nas duas práticas, mudando, às vezes, a redação, mas sem alterar o sentido.

Dois fatos foram observados, um irrelevante para esta análise, mas outro de muita importância. O primeiro é que apenas o S4 não respondeu na prática silenciosa, porém, na época de aplicação, essas atividades foram dadas como tarefa de casa e este aluno argumentou ter esquecido de fazê-las. E o segundo, foram as respostas iguais de S1 e S3, que acreditamos ser cópia uma da outra, pelos exercícios terem sido tarefa de casa. Ao observarmos as outras respostas desses alunos, vimos que estavam exatamente iguais.

Cabe-nos ressaltar que até este presente momento, as respostas são confiáveis, pois as atividades da primeira oficina foram todas feitas em sala e a primeira etapa desta segunda oficina também, por conta do ensino das estratégias que estávamos trabalhando. Portanto, foi um evento isolado e apenas com esses dois alunos.

Entretanto, descartaremos as atividades de todos os alunos desta 2^a etapa da segunda Oficina, para não comprometermos os resultados desta análise, pelo motivo de confiabilidade das respostas, pela dúvida de não sabermos se demonstram o real entendimento do aluno.

Cabe-nos também fazer um parênteses nesta análise, para justificarmos o porquê dessas tarefas terem sido propostas como tarefa em casa. Como descrevemos no capítulo de Metodologia, enfrentamos muitos problemas durante a aplicação, como, por exemplo, equipamentos tecnológicos que apresentaram problemas técnicos, aulas que tiveram de serem extintas ou adiadas por conta de atividades extracurriculares planejadas ou não no calendário escolar e mudança no cronograma de aula, de aulas geminadas para aulas alternadas.

Por tudo isto, algumas atividades tiveram de ser feitas como tarefa de casa ou reorganizadas para cumprirmos o prazo e encerrarmos a aplicação do projeto.

Porém, isso acarretou prejuízo neste momento da análise. O que também faz parte do processo, porque como sujeito-pesquisadora sabemos que sempre temos de

repensar, reorganizar e ressignificar atividades e procedimentos metodológicos na nossa prática pedagógica.

Desta forma, encerramos a análise desta segunda Oficina.

3.4 - QUARTO MOMENTO: ANÁLISE DA TERCEIRA OFICINA

A terceira e última oficina foi aplicada em duas etapas: a primeira etapa com a prática de leitura oralizada, com atividades em grupo e a segunda, com a prática de leitura silenciosa, individual.

Esta oficina fecha o ciclo das leituras e das atividades pensadas para este projeto, portanto, os textos aqui já apresentam um nível mais apurado de compreensão, inferência, interpretação.

Porém, em virtude da reorganização das atividades, conforme relatado no capítulo de Metodologia, pensamos que o nível mais apurado foi o de compreensão e os de inferência e interpretação foram estimulados, iniciados.

3.4.1- ETAPA 1- TERCEIRA OFICINA

Escolhemos os contos “A doida”, de Carlos Drummond de Andrade e “Bruxas não existem”, de Moacyr Scliar; texto Informativo “Bruxa”; poema “A doida”, de Florbela Espanca; reportagem “A loucura de Arthur Bispo do Rosário”, de Sérgio Garcia e Ruan de Sousa Gabriel; e o último gênero: uma entrevista com o tema “Preconceito”, do site Disney Babble com a psicóloga Marisa Graziela Marques Moraes Vandevelde.

Iniciamos a oficina com uma sequência de textos e atividades, as quais denominaremos de “introdução” para levantamento do conhecimento prévio dos alunos, pois nesta oficina não tínhamos o objetivo de seguir as etapas propostas por SOLÉ (1998) e MENEGASSI (2005), porque iríamos dar ênfase à oralização.

Iniciamos com os seguintes questionamentos orais: **Alguém já ouviu falar em Raul Seixas? E sobre a música “Maluco Beleza”? Pelo título, qual assunto pode ser abordado na música?** Alguns alunos disseram conhecer a música e o cantor e outros, não; nem todos souberam responder qual assunto abordaria a música.

Na sequência, trabalhamos de forma oral o conceito da palavra “doido” e a seguir, o vídeo “A doida da lata”. Neste primeiro momento, as atividades foram orais

e com o objetivo de introduzir o assunto. Dessa forma, para a análise utilizaremos os textos principais, já citados acima.

A partir daqui, denominaremos como **alunos-ouvintes** aqueles que não estavam oralizando o texto. A eles cabia a ação de ouvirem a oralização do texto e responderem oralmente as atividades preparadas para cada texto.

Algumas dessas atividades foram propostas por nós e outras pelos grupos. Os alunos que oralizaram serão denominados de **alunos-oralizadores**. A eles cabia oralizar o texto e direcionar oralmente as questões aos alunos-ouvintes.

Os papéis invertiam-se conforme cada grupo oralizava o texto. Aquele que oralizou, num outro momento ouviria e assim, vice-versa. A ordem dos grupos e os textos, que cada grupo trabalhou, foram determinados por sorteio.

O primeiro texto foi o conto “A doida” de Carlos D. de Andrade e estavam nessa equipe, os alunos: S1 e S7. Os demais alunos do grupo não serão citados para nos mantermos fiéis ao *corpus* determinado nesta fase de resultados dos dados.

O grupo de S1 e S7 oralizou o texto de forma alternada, ou seja, cada aluno leu um trecho do conto para os demais colegas da sala. Os grupos tinham a liberdade de escolherem a forma de oralizarem os textos. Depois, este primeiro grupo oralizou as seguintes perguntas aos alunos-ouvintes:

1.1 – Quem são os personagens?

1.2- Destes, quais são protagonistas? E quais são secundários?

1.3- Como pode ser caracterizado o narrador deste conto? Justifique com elementos do texto.

1.4- Qual o conflito apresentado na narração?

1.5- O clímax pode ser encontrado em:

() O menino foi abrindo caminho entre pernas e braços de móveis, contorna aqui, esbarra mais adiante. O quarto era pequeno e cabia tanta coisa.

Atrás da massa do piano, encurralada a um canto, estava a cama. E nela, busto soerguido, a doida esticava o rosto para a frente, na investigação do rumor insólito.”

() A lagartixa salvara-se, metida em recantos só dela sabidos, e o garoto galgou os dois degraus, empurrou cancela, entrou. Tinha a pedra na mão, mas já não era necessária; jogou-a fora. Tudo tão fácil, que até ia perdendo o senso da precaução. Recuou um pouco e olhou para a rua: os companheiros tinham

sumido. Ou estavam mesmo com muita pressa, ou queriam ver até aonde iria a coragem dele, sozinho em casa de doida. Tomar café com a doida. Jantar em casa da doida. Mas estaria a doida?

() Nunca vira ninguém morrer, os pais o afastavam se havia em casa um agonizante. Mas deve ser assim que as pessoas morrem.

1.6- E qual é o desfecho do conto?

Esse primeiro momento foi bem interessante porque o conto era longo e complexo, mas os alunos-ouvintes prestaram atenção e responderam a quase todas as perguntas. Apenas a questão 1.5 não conseguiram responder. Eles argumentaram que por ter alternativas com partes do texto extensas, não conseguiram identificar qual era a alternativa que indicava o clímax. Porém, percebemos que o não entendimento ia além do enunciado. Tanto os alunos-oralizadores quanto os alunos-ouvintes não acertaram esta questão.

A alternativa escolhida pelos alunos-oralizadores era a primeira, sendo que a resposta adequada seria a segunda opção “**() A lagartixa salvara-se, metida em recantos só dela sabidos, e o garoto galgou os dois degraus, empurrou cancela, entrou. Tinha a pedra na mão, mas já não era necessária; jogou-a fora. Tudo tão fácil, que até ia perdendo o senso da precaução. Recuou um pouco e olhou para a rua: os companheiros tinham sumido. Ou estavam mesmo com muita pressa, ou queriam ver até aonde iria a coragem dele, sozinho em casa de doida. Tomar café com a doida. Jantar em casa da doida. Mas estaria a doida? ”**

Percebemos, então, que os alunos tiveram dificuldade em encontrar no texto o momento que mais criava expectativa no leitor, o que ocorre também nas provas oficiais, como a Prova Brasil, nas quais são pedidas este tipo de questão. O problema aqui não foi a leitura oralizada, nem a silenciosa, mas o nível de capacidade leitora dos alunos, que não permitiu o acerto.

Entretanto, os alunos-ouvintes responderam facilmente as outras questões, que estavam num nível mais literal do texto. Ficamos satisfeitos com a interação entre oralizadores e ouvintes e com o interesse com as atividades propostas.

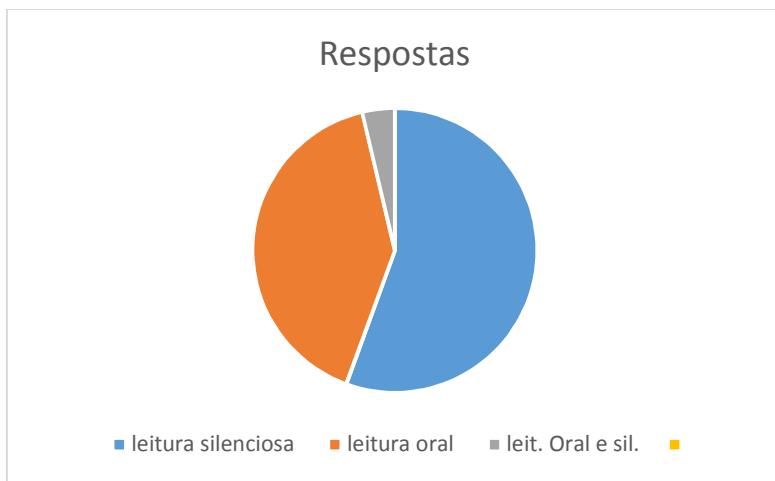
Menegassi (2005) afirma que não é necessário acabar com a leitura em voz alta na sala de aula, porém que ela não seja a principal referência de avaliação em

leitura, mas uma das formas de avaliar o texto lido. Salienta que a criança vai passando por fases, desprendendo-se da leitura em voz alta para começar a prática da leitura silenciosa, que lhe permitirá inferências, rapidez e compreensão.

Segundo Menegassi (2005) “essa passagem ocorre diferentemente de leitor para leitor, considerando seu nível de amadurecimento sócio cognitivo e emocional” (MENEGASSI, 2005, p. 115).

Talvez isto esteja ocorrendo nesta sala de nono ano, pois, como podemos observar no gráfico abaixo, há um número considerável de alunos (11) que preferem a leitura oral para compreensão do texto, representando 40,8 % da sala; já 15 alunos (55,5%) preferem a leitura silenciosa para compreender um texto, e 01 aluno (3,7%) marcou as duas, conforme podemos observar no gráfico 2 abaixo:

Gráfico 2- Em que situação de leitura você se sente melhor, quando precisa compreender um texto que a professora lhe pede para ler?



Menegassi (2005) ainda estabelece uma diferença entre a leitura em voz alta e oralização da leitura. A leitura em voz alta, para ele, é um recurso para avaliar a leitura do aluno, sem comprovar se o aluno-leitor compreendeu o texto e o que essa leitura realmente avalia. Já a leitura oralizada é uma discussão sobre o texto lido silenciosamente ou oralmente, começando com um diálogo entre os leitores e o mediador desse diálogo é o texto. Depois da leitura, cada leitor relata o que compreendeu sobre o texto, “criando vínculos com o autor e estabelecendo um processo de interação com seus interlocutores, que, em situação de ensino, são o professor e os colegas de sala” (MENEGASSI, 2005, p. 118).

Criamos este vínculo com o autor e entre nós, professora-pesquisadora e alunos, na medida em que também contribuímos fazendo o fechamento de cada texto e um “feedback” das questões que oralizadores e ouvintes não haviam compreendido para juntos construirmos o sentido do texto.

De acordo com o autor, isso irá fazer com que produza vários sentidos para o texto, o que resultará em um enriquecimento da leitura.

Menegassi (2005) ressalta que o processo que se deu a leitura deve ser levado em consideração, como, por exemplo, “a discussão gerada em sala; a expressão de cada aluno; a participação dos leitores na discussão; os sentidos produzidos durante a discussão.” (MENEGASSI, 2005, p. 118)

De acordo com o autor, isso permite uma interação entre os envolvidos na situação de ensino-aprendizagem, “num contínuo processo de construção de conhecimentos.” (MENEGASSI, 2005, p. 118).

Diante do aporte teórico apresentado, constatamos que conseguimos atingir nosso objetivo, pois pretendíamos possibilitar situações para que o aluno apresentasse o que entendeu do conteúdo trabalhado e o que este conteúdo havia acrescentado ao seu conhecimento por meio das atividades das oficinas.

Todos os alunos, oralizadores e ouvintes, tiveram oportunidade de expressar o que entendeu do texto, na medida em que os ouvintes respondiam as questões e os oralizadores colocavam suas opiniões e possíveis respostas e os dois grupos, oralizadores e ouvintes, construíam juntos o sentido do texto, por meio das atividades.

O grupo de S1 e S7 apresentou a resposta para a questão **“1.4- Qual o conflito apresentado na narração?”** da seguinte forma **“A rejeição que todos tem pela doida.”** Essa era uma pergunta de inferência, ou seja, os alunos-oralizadores conseguiram compreender qual era o conflito do texto, porque a resposta estava correta.

Menegassi (2005) afirma também que o aluno que lerá o texto em voz alta, deve primeiro compreender o texto por meio de uma leitura silenciosa.

E isso ocorreu nessa prática, porque os alunos de todos os grupos receberam os textos que oralizariam anteriormente e responderam as questões com antecedência, para posteriormente trabalharem-nas com seus colegas.

Desenvolvemos as perguntas com o intuito de iniciar o processo com questões de compreensão mais literais, para que, progressivamente, passassem às questões mais complexas, já que isto ocorreria na segunda etapa da terceira oficina, em que

trabalhariam de forma individual, as questões mais inferenciais e reflexivas de interpretação e retenção.

Dessa forma, as práticas “silenciosa” e “oralizada” contribuíram para a compreensão geral do texto, já que os alunos-ouvintes também chegaram à resposta correta da maioria das perguntas.

Passemos ao segundo texto “Bruxa”, texto informativo retirado do site wikipedia.org. Neste grupo, estavam S5 e S6 e o grupo optou por cada um dos integrantes oralizar uma parte do texto. A tarefa deste grupo era oralizar o texto e elaborar 06 questões com respostas sobre o texto lido. Então, após oralizarem o texto, direcionaram aos colegas-ouvintes as seguintes perguntas:

“01- Geralmente como uma bruxa é retratada no imaginário popular?

R: Como mulher antiquada, com nariz grande e encarquilhada, exímia e contumaz manipuladora de Magia Negra e dotada de uma gargalhada terrível.

02- Qual a etimologia da palavra bruxa?

R: A palavra bruxa vem do verbo italiano bruciare, que significa queimar (brucia).

03- Como era popularizada a imagem da bruxa?

R: Uma mulher sentada sobre uma vassoura voadora, ou com a mesma passada por entre as pernas, andando aos saltitos.

04- Como os autores utilizam esse termo?

R: Pararesignar as mulheres sábias detentoras de conhecimentos sobre a natureza e, possivelmente, magia.

05- Era correta a atitude da igreja nos séculos XV e XIV?

R: Não, pois julgavam mulheres sem a certeza de que eram realmente bruxas, baseando-se no preconceito e nhoque achavam correto.

06- Era concreta a existencia de bruxas?

R: A existência delas parecia ter existido apenas na imaginação das pessoas, surgida na esteira de uma época dominada por medos.

07- Quando começaram a punir pessoas suspeitas a magia?

R: Nos séculos XIV e XV.

08- Quais foram as bruxas mais populares de ficção nos livros?

R: As Bruxas de Sallem, a Bruxa de Evóra e Dame Alice Kyller (bruxa inglesa). São também bastante populares na literatura de ficção, como nos livros da série Harry Potter, nos livros de Marion Zimmer Bradley (autora de as Brumas de Avalon, que

versam sobre uma comunidade de bruxos e bruxa, cuja maioria prefere evitar magia negra) ou a trilogia sobre as bruxas de Mayhais, de Anne Rice”.

Em primeiro momento, observamos o envolvimento dos alunos com a atividade, porque o enunciado dizia para elaborarem apenas seis questões e o grupo fez duas a mais. Ou seja, quiseram explorar bem o texto.

Podemos perceber também que a maioria das questões elaboradas são de nível literal, ou seja, de decodificação, em que as respostas estavam visíveis para o leitor, porém para os alunos-ouvintes foi uma atividade que requereu atenção, o que ocorreu, pois acertaram a maioria das respostas. Somente a questão 8, não acertaram e argumentaram que os nomes das bruxas citadas eram difíceis e não se lembravam de todas.

Outro fator importante nesta atividade é que conseguiram fazer uma questão de inferência, a de número 5, que não estava no texto e pedia um posicionamento do aluno-oralizador e do aluno-ouvinte. Ou seja, trouxe significação para o texto na medida em que pedia um posicionamento de quem responde, de forma crítica “**Era correta a atitude da igreja nos séculos XV e XIV?**”, criando um momento rico de reflexões sobre o texto.

Isso possibilitou a concretização de um dos nossos objetivos, no qual esperávamos que, por meio das atividades oferecidas nas oficinas, o aluno conseguisse realizar uma leitura pontual, que contribuísse na compreensão e na interpretação dos textos trabalhados.

Passemos ao terceiro texto, que era o conto “Bruxas não existem” de Moacyr Scliar. Neste grupo de quatro alunos, estava S3 e o grupo optou por dois alunos oralizarem o texto. A esta equipe coube oralizar o texto, responder as quatro atividades propostas sobre o texto e as direcionar oralmente aos alunos-ouvintes.

Elaboramos as atividades deste texto porque tínhamos o intuito de provocar uma reflexão entre os textos trabalhados até o momento. Queríamos ainda verificar se conseguiam perceber a relação temática entre eles e pretendíamos que as perguntas relacionassem o tema dos textos com a vida dos alunos-leitores, trazendo-as mais para um nível de interpretação.

Esse terceiro momento foi muito valoroso também porque os alunos-ouvintes mantinham-se atentos e participativos. Cabe ressaltar, que nesta primeira etapa da terceira oficina, nos posicionamos em círculo, o que gerou mais interação, os alunos ficaram mais à vontade e conseguiam olhar uns para os outros, percebendo gestos,

entonação, expressão facial entre outros recursos que a oralidade possui, o que também auxiliava na construção da compreensão.

Durante a oralização do texto, pedimos uma pausa para o aluno-oralizador e que os alunos- ouvintes levantassem hipóteses sobre o que aconteceria após a parte em que o aluno-oralizador havia parado “**E então aconteceu. De repente, enfiei o pé num buraco e caí. De imediato senti uma dor terrível na perna e não tive dúvida: estava quebrada. Gemendo, tentei me levantar, mas não consegui. E a bruxa, caminhando com dificuldade, mas com o cabo de vassoura na mão, aproximava-se. Àquela altura a turma estava longe, ninguém poderia me ajudar. E a mulher sem dúvida descarregaria em mim sua fúria.**

Em um momento, ela estava junto a mim, transtornada de raiva.”

Nosso objetivo não era interromper a leitura, mas fazer um resgate da segunda oficina e ativar a memória dos alunos para que lançassem mão das estratégias de leitura ensinadas e que as utilizassem durante a prática de leitura silenciosa ou oralizada, individual e ou grupo, sempre que se deparassem com um texto.

Alguns alunos-ouvintes disseram que a mulher bateria no menino com o cabo de vassoura; outros não souberam opinar. E ficaram surpresos com a atitude da mulher quando o aluno-oralizador deu sequência à leitura e puderam verificar que a hipótese levantada não estava comprovada no texto “**Mas aí viu a minha perna, e instantaneamente mudou. Agachou-se junto a mim e começou a examiná-la com habilidade surpreendente.**

_ Está quebrada – disse por fim. (...) (supressão nossa).

Dividiu o cabo de vassoura em três pedaços e com eles, e com seu cinto de pano, improvisou uma tala, imobilizando-me a perna.”

Terminada a oralização do texto, os alunos-oralizadores direcionaram as seguintes atividades aos alunos-ouvintes:

“1- Vocês concordam com o autor que ‘Bruxas não existem’? Por quê?

Resposta dos alunos-oralizadores: Sim, não existe.

1- Observem este trecho retirado do texto informativo:

“A afirmativa de existência de bruxas à forma retratada em registros da Idade Média, incluindo histórias infantis que permaneceram em evidência até os dias atuais, admite-se uma ressalva: elas parecem ter existido apenas no imaginário popular como uma velha louca por feitiços enigmáticos, surgidos na esteira de uma época dominada por medos, quando qualquer manifestação

diversa ou mesmo a crença na inexistência de bruxas da forma retratada pelas autoridades clericais era implacavelmente perseguida pela igreja.”

Essa imagem é confirmada no conto ‘Bruxas não existem’ de Moacyr Scliar? Por quê? **Resposta dos alunos-oralizadores:** Sim, pois os meninos achavam que por ela parecer com uma bruxa como é retratada nos filmes, livros, etc.

2- E quanto ao desfecho deste conto, ele surpreende o leitor? Por quê? **Respostas dos alunos-oralizadores:** Sim, porque achamos que ela ia matar o menino.

3- Vocês já vivenciaram uma situação como a da personagem principal? Conte como aconteceu e por quê? Resposta dos alunos-oralizadores: Não.

Pelas respostas dos alunos, oralizadores e ouvintes, percebemos que conseguiram fazer inferências, pois associaram a imagem descrita por Moacyr no início do conto “**Quando eu era garoto, acreditava em bruxas (...) A prova para nós era mulher muito velha, uma solteirona que morava numa casinha caindo os pedaços no fim da nossa rua. (...) Era muito feia, ela; gorda, enorme, os cabelos pareciam palha, o nariz era comprido, ela tinha uma enorme verruga no queixo. E estava sempre falando sozinha.**” com a que foi descrita no texto informativo “Bruxas”, oralizado pelo segundo grupo.

Percebemos que o texto e as discussões provocaram reflexões e atingimos nosso objetivo de relacionar o tema com a vida dos alunos, no momento em que S6 fez um relato sobre a vizinha dela, dizendo que os moradores tinham preconceito para com a mulher. Achavam-na estranha e com hábitos estranhos e até S6 reconheceu que agia da mesma forma.

Bamberger (1988) afirma “a leitura é um dos meios mais eficazes de desenvolvimento sistemático da linguagem e da personalidade. Trabalhar com a linguagem é trabalhar com os homens.” (BAMBERGER, 1988, p. 10)

E Micheletti (2006) assegura que “ler consiste em se fazer a ‘leitura do mundo’” (MICHELETTI, 2006, P.15) e atribuir significados ao texto lido. Também acrescenta que “o leitor salta para a vida e para o real na medida em que a leitura da palavra escrita pode conduzi-lo a uma interpretação do mundo.” (MICHELETTI, 2006, p. 16).

Isso ocorreu quando S6 não só relatou a atitude de seus vizinhos, mas também a sua atitude. Fazendo uma leitura que transcendia o conto, chegando a leitura de si

mesmo. Em que tanto S6 quanto os vizinhos tinham uma visão equivocada da mulher, por ela ser diferente dos demais, assim como nos contos “A doida” de Carlos Drummond de Andrade e “Bruxas não existem” de Moacyr Scliar.

O que Micheletti (2006) chama de leitura profunda. A autora afirma que “uma leitura profunda conduz a uma espécie de imersão no universo das palavras e, quando o leitor volta à tona, se encontra numa terceira margem. Nela, ele pode rever-se, ampliando seu conhecimento de si e do mundo.” (MICHELETTI, 2006, p. 16).

Passemos à análise do quarto texto: o poema “A doida” de Florbela Espanca. Neste grupo estavam S4, S2, S8 e S9. O grupo era formado por cinco integrantes e optou que a oralização fosse feita por S9. Além da oralização, tinha a incumbência de direcionar as atividades abaixo aos alunos-ouvintes:

“01- A leitura deste poema faz vocês lembrarem de algum outro texto? Qual? Por quê? Resposta dos alunos-oralizadores: Não.

02- Qual é o sentimento que o eu lírico expressa em relação à doida? Justifique com partes do poema. Resposta dos alunos-oralizadores: Sentimento de pena à ‘doida’. Num suspiro doce e brando que mais parece chorar! Como um doido infeliz. Desde que ela endoideceu (que triste vida, que mágoa!).

03- Vocês conhecem a história de alguém que passou por trauma psicológico muito grande que chegou a comprometer a sanidade mental dessa pessoa? Em caso afirmativo, como tiveram acesso aos fatos? Resposta dos alunos-oralizadores: Não.

04- Têm conhecimento de como esta pessoa está atualmente? Resposta dos alunos-oralizadores: Não.”

Este momento, assim como os anteriores, foi importante para o nosso trabalho com as práticas de leitura silenciosa e oralizada. Falemos primeiro da leitura silenciosa.

Os alunos-oralizadores não tiveram dificuldade de responder as questões porque a maioria delas eram para relacionar o tema com a vida do aluno-leitor. A única questão inferencial desta proposta era a de número 2, em que os alunos tinham de inferir o sentimento do eu lírico e justificar esse sentimento. Eles responderam de forma correta e justificaram com partes do texto que comprovavam a resposta deles.

A questão número 1, porém, foi respondida pelo grupo de forma negativa. Mas ao oralizarem as questões aos alunos-ouvintes e estes lembrarem do poema “A doida” de Drummond, eles justificaram que à época que receberam o texto, ainda não

conheciam o texto de Drummond. O que realmente aconteceu. Porque essa oficina tinha sido pensada numa sequência de textos para trabalhar com os alunos de forma individual, como já foi relatado no capítulo Metodologia e, anteriormente, neste capítulo, tivemos de reestruturar esta oficina.

Dessa forma, esta questão realmente não lhes fazia sentido porque só tiveram contato com o conto “A doida” após a apresentação do primeiro grupo. Ou seja, a resposta estava correta.

Mas isso comprova que a prática de leitura fica mais enriquecedora quando podemos realizar todas as etapas do processo, como propõe SOLÉ (1998).

Também na prática de leitura oralizada, os alunos-ouvintes não tiveram dificuldade em responder e participaram ativamente da escuta do texto, respondendo às questões.

Os alunos-ouvintes gostaram da oralização do poema “A doida” de Florbela Espanca feita por S9 e pediram para que ele oralizasse o poema novamente. Também pedimos para gravar e assim já iniciarmos o trabalho que seria da segunda etapa da terceira e última oficina. Assim, foi feito. Aplaudiram o colega, que ficou emocionado.

Menegassi (2005) afirma que a leitura em voz alta tem a função de mediar o autor com aqueles que estão ouvindo o texto. O autor reforça:

(...) isto mesmo, ‘ouve o texto’, e o sentido que o leitor está lhe atribuindo no momento da leitura em voz alta. Dependendo da entonação produzida ao texto, o leitor conduz seu ouvinte a criar um estado emocional prazeroso ou inadequado. (MENEGASSI, 2005, p. 118)

Dessa forma, vimos que através da oralização do poema por S9, os alunos-ouvintes perceberam a sonoridade, a entonação, a emoção e foram levados por ele a um estado prazeroso, que fez com que pedissem a repetição da oralização do poema.

Também, este texto permitiu que houvesse a interação entre o tema e a vida dos alunos, no momento em que uma aluna-ouvinte, ao responder a questão 3, fez um relato que, permite-nos dizer, demonstra a interação dela com o texto oralizado.

A aluna-ouvinte relatou conhecer uma mulher que era casada e após saber da traição do marido, abalou-se tanto que perdeu o sentido. Andava pela rua, conversando sozinha e, um dia, atravessou a rua sem olhar e quase foi atropelada. Relatou ainda que os vizinhos a ajudavam, sem preconceito.

Percebemos aqui, que o texto “A doida” de Florbela Espanca fez com que essa aluna fizesse uma ponte entre seu conhecimento de mundo com a personagem do

poema e do conto “A doida” de Drummond, no quarto parágrafo, ao citar uma das possíveis causas da loucura como sendo uma desilusão amorosa “ **Sabia-se confusamente que a doida tinha sido moça igual às outras no seu tempo remoto (...) Corria, com variantes, a história de que fora noiva de um fazendeiro, (...) mas na própria noite de núpcias o homem a repudiara, Deus sabe por que razão. O marido ergueu-se terrível e empurrou-a, no calor do bate-boca; ela rolou escada abaixo, foi quebrando ossos, arrebentando-se. Os dois nunca mais se viram.**”

Menegassi (2005) afirma que numa perspectiva sociointeracionista, as perguntas devem auxiliar na produção de sentido.

O autor ainda salienta (MENEGASSI, 2016) que as respostas a este tipo de pergunta não estão no texto, porém, partem dele, lançando-se à vida do aluno, que busca nas experiências que viveu, nas leituras anteriores, as reflexões sobre o tema abordado.

Menegassi (2011) também afirma que no instante em que o aluno-leitor conseguiu relacionar o tema proposto à sua vida pessoal, houve a produção de sentidos.

Como nos grupos que trabalharam com o quinto e o sexto texto não havia nenhum dos nove alunos que fazem parte do *corpus* desta análise, faremos uma breve contextualização para podermos passar à análise da segunda etapa desta oficina.

O quinto texto: a reportagem “A loucura de Arthur Bispo do Rosário” foi oralizada por três alunos, com algumas dificuldades. O tom era baixo e algumas palavras foram lidas de forma errônea, porém, autocorrigiam-se e isto não comprometeu a compreensão do texto oralizado.

Menegassi (2005), ao citar COLOMER e CAMPS (2002), afirma que quando o aluno faz a autocorreção durante a leitura em voz alta, demonstra que há um nível de consciência do leitor sobre seus erros. E que, “em situação de ensino-aprendizagem, a consciência, por parte do leitor, é um fator primordial para a adequada construção de conhecimentos.” (MENEGASSI, 2005, p. 103)

Embora, tenha ocorrido este fato, os alunos-ouvintes conseguiram responder às atividades propostas, sendo que algumas eram de nível literal como “**5.2- Onde ocorreu esse fato e onde foi veiculado?**” Na qual não tiveram dificuldade em responder que ocorreu no Rio de Janeiro e foi veiculado em Nova Iorque.

Outras perguntas eram de inferência, como, por exemplo: “**2- Que tema é revelado na leitura feita?**” A resposta dada foi que o tema revelado era loucura.

O sexto texto era uma entrevista intitulada “Preconceito” com a psicóloga Marisa Graziela Marques Moraes Vandevelde ao site Disney Babble, disponível no site www.marisapsicologa.com.br, e foi oralizado por um aluno que apresentou dificuldades na leitura. Como o grupo não respondeu a nenhuma das perguntas propostas ao texto que oralizariam, supomos que o aluno-oralizador não tenha lido o texto anteriormente.

Porém, os alunos-ouvintes compreenderam o texto oralizado e responderam de maneira satisfatória às perguntas, que eram de retenção e pretendiam sondar o que haviam retido do texto lido.

Segundo Menegassi (2016), “a retenção é a verificação do aprendizado do aluno, o crescimento e o amadurecimento intelectual e cognitivo (...)" (MENEGASSI, 2016, p. 47). A qual nem sempre é constatada de imediato pelo professor e não acontece em tempo igual com todos os alunos.

As respostas dos alunos-ouvintes geraram uma discussão produtiva. Eles colocaram alguns preconceitos sofridos, como, por exemplo, por causa da cor da pele. Disseram também que a sociedade é preconceituosa com quem não se adequa aos padrões de beleza impostos por ela; e que os preconceitos mais visíveis nos ambientes virtuais são por conta da raça e de opção sexual.

Também queríamos analisar como compreenderam os textos desta terceira oficina, de forma individual, já que atividades anteriores foram realizadas em grupo.

Para isso, elaboramos algumas questões, com base na oralização dos textos e, pelo fato de que precisávamos terminar antes do que prevíamos, essas questões foram respondidas em casa.

Porém, S2, S4, S8 e S9, que estavam no mesmo grupo, entenderam que esta atividade ainda era em grupo e tiveram suas respostas iguais, se não semelhantes. Relataram o ocorrido. Questionamos se todos haviam participado da atividade e disseram que sim. Por este motivo, analisaremos as atividades desses alunos, por entender que aqui não houve cópia, mas uma atividade que envolveu os integrantes do grupo.

Passemos à análise dessas atividades, com a primeira pergunta:

“1- Observe o trecho retirado do texto informativo sobre Bruxas, oralizado por S5, S6 e outros.

“Uma bruxa é geralmente retratada no imaginário popular como uma mulher antiquada, com nariz grande e encarquilhada, exímia e contumaz manipuladora de Magia Negra e dotada de uma gargalhada terrível. A palavra vem do verbo italiano bruciare, que significa queimar (brucia).”

Essa imagem é confirmada nas características das personagens “Brice e Selena” da novela “Deus salve o rei”? Por quê? ”

Figura 8- Imagem da bruxa Brice, personagem da novela “Deus salve o rei!” da Rede Globo (2018).



Selena & Brice | All About Us
276.194 visualizações

Liz de A.
Publicado em 7 de abr de 2018

4,7 MIL 124 COMPARTELHAR INSCREVER-SE 2,5 MIL

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xHdIOP4IBlw> Acesso em: 02 out. 2018.

Vamos ao quadro de respostas para melhor compreendermos o processo de leitura.

Quadro 26 – respostas da questão 1 – 3^a Oficina:

Aluno	Respostas da questão 1	Justificativa
S1	Não	Elas não tem um nariz grande e encarquilhada.
S2	Não	Elas possuem características físicas inversas aos citados no texto.
S3	(não respondeu)	(não respondeu)
S4	Não	Porque elas possuem características diferentes.
S5	Não	Porque elas são mulheres normais.
S6	Não	Elas aparecam ser apenas jovens.

S7	Não	Porque na novela elas são mulheres de aparência “comum”.
S8	Não	Porque elas possuem características diferentes.
S9	Não	Porque elas possuem características diferentes.

Fonte: autora

Percebemos que a maioria dos alunos responderam de forma correta e justificaram de maneira satisfatória. Apenas S3 deixou em branco essa questão. Como participou de todas as aulas, pensamos que talvez não se lembresse mais das personagens ou simplesmente não quis responder.

Passemos à próxima pergunta: **“2- Caso sua resposta anterior seja não. Qual seria a provável intenção do autor da novela, ao colocar personagens com características tão diferentes das bruxas retratadas no imaginário popular? ”**

Quadro 27: respostas da questão 02 - 3^a oficina

Aluno	Respostas da questão 2
S1	Que nem todas as bruxas são como as pessoas pensam.
S2	Para não ser clichê e a tentativa de passar uma bruxa com características normais.
S3	(não respondeu)
S4	Para não ser clichê e a tentativa de passar uma bruxa com características normais.
S5	Quebrar esse “padrão” de que as bruxas tem que ter nariz grande, verrugas, voar com uma vassoura, etc. E talvez, até torná-las mais “reais”.
S6	Existem bruxas, que são diferentes do imaginário popular.
S7	Que nem tudo é como a gente pensa.
S8	Para mudar o imaginário popular, tentar algo diferente, algo não repetitivo.
S9	Para mudar o imaginário popular, tentar algo diferente, algo não repetitivo.

Fonte: autora

Percebemos que S5 chegou mais próximo da resposta desejada que seria **“A provável intenção seria quebrar as expectativas do telespectador e desconstruir a visão de mulheres más, sendo seu único feitiço, a beleza.”** Ou seja, coloca-se mulheres bonitas para desconstruir as descrições físicas já incutidas na memória das pessoas, como respondeu S5.

O autor ainda provoca reflexões sobre o julgamento que fazemos pela aparência, como no conto “Bruxas não existem” de Moacyr Scliar “Era muito feia (...), os cabelos pareciam palha, o nariz era comprido”. Se na época da inquisição mulheres

foram condenadas à fogueira inocentemente, também ainda hoje, temos pessoas sendo julgadas pela sua aparência: as feias são más; as bonitas são boas, os negros são bandidos e assim por diante.

E o autor da novela surpreende ao apresentar, no desenrolar da novela, a real fisionomia da bruxa Brice, na qual aparece velha, enrugada, nariz comprido e com verrugas, como no imaginário popular. Dando a ideia de que a beleza não é sinônimo de bondade, nem a feiura de maldade. Assim como diz o antigo ditado popular “**Por fora, bela viola; por dentro, pão bolorento.**”

Dessa forma, a resposta S7 também está correta: “**Que nem tudo é como a gente pensa.**” Nesse sentido, a resposta S1 também é aceitável: “**Que nem todas as bruxas são como as pessoas pensam.**”

Os demais alunos não chegaram a esse nível de compreensão e suas respostas não foram satisfatórias porque mantinham-se em um nível mais literal da palavra bruxa.

Passemos à próxima questão: “**3- Agora, leia o trecho final do conto “A doida” de Carlos Drummond de Andrade, oralizado S1 e S7 e outros.**

“Passou-lhe um a um, diante dos olhos, os frasquinhos do criado-mudo. Sem receber qualquer sinal de aquiescência. Ficou perplexo, irresoluto. Seria caso talvez de chamar alguém, avisar o farmacêutico mais próximo, ou ir à procura do médico, que morava longe. Mas hesitava em deixar a mulher sozinha na casa aberta e exposta a pedradas. E tinha medo de que ela morresse em completo abandono, como ninguém no mundo deve morrer, e isso ele sabia que não apenas porque sua mãe o repetisse sempre, senão também porque muitas vezes, acordando no escuro, ficara gelado por não sentir o calor do corpo do irmão e seu bafo protetor.

Foi tropeçando nos móveis, arrastou com esforço o pesado armário da janela, desembaraçou a cortina, e a luz invadiu o depósito onde a mulher morria. Com o ar fino veio uma decisão. Não deixaria a mulher para chamar ninguém. Sabia que não poderia fazer nada para ajudá-la, a não ser sentar-se à beira da cama, pegar-lhe nas mãos e esperar o que ia acontecer.”

O desfecho deste conto surpreende o leitor? Por quê?”

Quadro 28 - respostas da questão 03 – 3^a oficina

Aluno	Respostas da questão 3	Justificativa
S1	Sim	Nunca imaginariamos que o menino ia ficar com ela.
S2	Sim	Pois ao em vez de pedir ajuda, ele ficou de companhia, acompanha a morte da mulher.
S3	Sim	Por causa da atitude
S4	Sim	Pois ao em vez de pedir ajuda, ele ficou de companhia a morte da mulher.
S5	Sim	Porque normalmente ele deveria chamar ajuda.
S6	Sim	Depois de tanto julgarem a “doida”, ele teve compaixão por ela.
S7	Sim	Porque ninguém esperava que o garoto que invadiu a casa da doida, iria ajudala.
S8	Sim	Porque o menino não quis chamar ninguém e ficou a sós junto a doida, esperando sua morte.
S9	Sim	Porque o menino não quis chamar ajuda.

Fonte: autora

Todos os alunos tiveram a mesma opinião, um desfecho que surpreende o leitor. Drummond desde o início vem enredando o leitor num clima de preconceito, julgamentos, violência física e verbal para ao final surpreender o leitor com um desfecho imprevisível: a mesma mão que a apedrejou, lhe fora estendida como num pedido de perdão por toda maldade cometida, de toda uma geração, de toda uma comunidade.

Todas as respostas foram satisfatórias, porém a mais completa foi a de S6: **“Sim. Depois de tanto julgarem a “doida”, ele teve compaixão por ela.”**

Passemos à próxima questão: **“4- Trace um paralelo entre as personagens de todos os textos lidos: A doida de Carlos Drummond, a bruxa de Moacyr Scliar, A doida do poema de Florbela Espanca e Arthur Bispo do Rosário da reportagem de Sérgio Garcia e Ruan Souza Gabriel.”**

4.1- O que elas têm em comum? ”

Quadro 29 - respostas da questão 4.1 – 3^a oficina:

Aluno	Respostas da questão 4.1
S1	Loucura
S2	Elas são consideradas anormais.
S3	Loucura
S4	Elas são consideradas anormais.
S5	Ambas são solitárias, e são ofendidas com xingamentos.
S6	Nenhuma delas era realmente uma bruxa.
S7	Loucura
S8	Elas são consideradas diferentes, anormais na sociedade.
S9	Consideradas anormais.

Fonte: autora

Observamos nas respostas dadas que os alunos conseguiram inferir o que havia de comum entre todas as personagens: a loucura. Mas a resposta mais completa foi a de S6. **“Nenhuma delas era realmente uma bruxa.”**

Ou seja, “A doida” de Carlos Drummond de Andrade era apenas uma mulher solitária, abandonada por parentes “generosos”, que lhe traziam comida, mas não amor, amizade, companheirismo; e por uma sociedade que a julgava, sem saber o real motivo que a levou a isolar-se do mundo e de todos, uma atitude que passava de geração em geração **“Quando meninos, os pais daqueles tinham feito o mesmo.”** Mas era apenas um ser humano como outro qualquer, que necessitava de uma mão estendida para confortá-la nos momentos difíceis.

E a personagem de Moacyr Scliar, Ana Custódio, também sofria preconceito por sua aparência, solidão, humildade. Julgavam-na uma pessoa má, porém, era uma pessoa boa que passara a vida trabalhando num hospital, ajudando pessoas.

Já “A doida” de Florbela Espanca era uma mulher desnorteada, abalada psicologicamente por não suportar a perda do noivo **“Lá passa a doida cantando”**.

E Arthur Bispo do Rosário era um homem que interagia com o meio em que vivia através de sua arte. Doente, porém, sua arte tinha sentido, sensibilidade e era incompreendido por ser esquizofrênico.

Dessa forma, a resposta de S8 também é aceitável **“Elas são consideradas diferentes, anormais na sociedade.”**

Passemos a próxima questão: **“4.2- Que tema é revelado ao longo de todas as leituras feitas?”**

Quadro 30 - respostas da questão 4.2 – 3^a oficina:

Aluno	Respostas da questão 4.2
S1	Preconceito
S2	Loucura e preconceito
S3	Preiconceito
S4	Loucura e preconceito
S5	loucura
S6	Que elas eram normais
S7	preconceito
S8	Loucura e preconceito
S9	Loucura e preconceito

Fonte: autora

Observamos que a maioria dos alunos conseguiram identificar o tema principal que os textos lidos traziam: o preconceito para com aqueles que eram considerados “diferentes” e, portanto, eram considerados “loucos”.

A única resposta inadequada é de S6 “que elas eram normais”. Essa resposta demonstra uma conclusão do aluno diante dos textos lidos, mas não o tema apresentado neles.

Por exemplo, Arthur B. do Rosário tinha um desvio psicológico, era esquizofrênico, e talvez tivesse tido, em alguns momentos, condutas consideradas não normais “a história de Bispo do Rosário ainda é repleta de ‘lacunas e enigmas’”. Portanto, a reportagem não dá margem para se deduzir que ele era normal.

Por um erro de digitação, não há a questão 4.3. Portanto, passaremos à análise da questão “4.4- O que este tema influencia no comportamento das personagens que apedrejavam a “doida” de Drummond e xingavam de “bruxa” a “Ana Custódia” de Scliar? Justifique sua resposta.”

Quadro 31 - respostas da questão 4.4 – 3^a oficina:

Aluno	Resposta da questão 4.4	Justificativa
S1	Que todos falavam dela, sem conhece-lá direito	(não respondeu)
S2	Eles tinham preconceito com as pessoas considerada doidas	(não respondeu)
S3	Preconceito gera violência	(não respondeu)
S4	(não respondeu)	(não respondeu)
S5	Eles tinham preconceito	(não respondeu)

S6	Eles tinham preconceito com elas	E por isso as atitudes “feias”.
S7	(não respondeu)	(não respondeu)
S8	Eles tinham preconceito	por causa de suas aparências e de seus atos anormais.
S9	(não respondeu)	(não respondeu)

Fonte: autora

A resposta sugerida era **“As pessoas externavam o preconceito através da violência física, verbal e psicológica. Isso ocorre porque quando não se sabe lidar com a diferença, passa-se a ignorá-la ou a agredi-la”**

As respostas que mais se aproximaram da sugerida foram as S3 **“Preconceito gera violência”**, como vemos em muitos casos de homofobia, em que homoafetivos sofrem violência por causa do preconceito de gênero; e S6 **“Eles tinham preconceito com elas e por isso as atitudes “feias””**. As atitudes “feias” são a violência física em que apedrejavam a doida; a violência verbal com os xingamentos ‘bruxa, bruxa! (Conto Bruxas não existem).

Os demais alunos colocaram que o tema preconceito influenciava, mas não conseguiram justificar como e nem por qual razão.

S8 respondeu **“Eles tinham preconceito por causa de suas aparências e de seus atos anormais.”** Mas, o aluno não argumenta de que forma o preconceito fazia com que as pessoas agissem com violência, simplesmente coloca que é por causa da aparência e dos atos, quando na verdade, o problema está na pessoa que gera o preconceito e não no outro que sofre.

Observemos: **“Desde então, deixei de acreditar em bruxas. E tornei-me grande amigo de uma senhora que morava em minha rua, uma senhora muito boa que se chamava Ana Custódio.”** (Conto Bruxas não existem). A Ana Custódia continuou sendo a mesma, o que mudou foi o agressor, que passou a vê-la de forma diferente.

O mesmo aconteceu no conto de Drummond **“Fazia tudo naturalmente, e nem se lembrava mais por que entrara ali, nem conservava qualquer espécie de aversão pela doida. A própria ideia de doida desaparecera.”** A senhora continuava sendo a mesma, porém o que mudou foi a forma como o menino a via **“E que pequenininha! (...) E parecia ter medo”**. A mulher já não representava mais um ser monstruoso para ele, pelo contrário, era alguém que precisava do seu calor humano.

Passemos à outra questão: “**4.5- Tanto o garoto de 11 anos do conto “A doida”, quanto o narrador-personagem do conto “Bruxas não existem” chegaram a que conclusão, ao chegar ao desfecho das narrativas? ”**

Quadro 32 - respostas da questão 4.5 – 3ª oficina:

Aluno	Respostas da questão 4.5
S1	Que nem tudo o que contam é verdade.
S2	As pessoas com o preconceito passam uma imagem ruim da pessoa sem antes conhecê-la, sua aparência física principalmente.
S3	(não respondeu)
S4	As pessoas com o preconceito passam uma imagem ruim da pessoa sem antes conhecê-la.
S5	Que elas eram boas pessoas.
S6	Elas eram pessoas normais, sem nenhum “problema”.
S7	Que elas não eram doidas, nem bruxas.
S8	Julgavam a pessoa sem mesmo conhecê-la, julgavam pela aparência, atitudes. Havia preconceito.
S9	As pessoas com o preconceito passam uma imagem ruim da pessoa sem antes conhecê-la.

Fonte: autora

Antes de iniciar a análise desta pergunta, devemos ressaltar que há problemas de redação do enunciado desta e de outras questões das oficinas.

Embora a correção tivesse sido feita antes da impressão, ainda permaneceram alguns problemas, que não foram detectados e permaneceram no material impresso.

Mas, estes problemas não prejudicaram nem a compreensão, nem a condução dos nossos objetivos. E durante a aplicação, fazíamos as devidas correções, de forma oral ou escrita, com os alunos.

Todos os alunos responderam adequadamente, mas a resposta de S7 “**Que elas não eram doidas, nem bruxas.**” foi objetiva e completa, de acordo com os textos, que se comprova pelos trechos: “**A própria ideia de doida desaparecera** (Conto A doida de Carlos D. de Andrade)” e “**Desde então, deixei de acreditar em bruxas.** (Conto Bruxas não existem de Moacyr Scliar)”.

Vamos à análise da pergunta: “**5- Observe a última fala da psicóloga Mariza no trecho abaixo, retirado da entrevista para o site da Disney Babble, oralizados pelos alunos (...):**

“**A melhor dica é dar o exemplo, os filhos se espelham muito mais no que os pais fazem do que no que os pais dizem. Não sejam preconceituosos e isto**

ajudará muito para que seus filhos também não sejam. Passem sempre informações positivas sobre todo grupo de pessoas, mostre que todo mundo pode ter seu lado bom e que todos merecem respeito.”

Agora, observe os trechos retirados do conto “A doida” de Carlos Drummond de Andrade:

“De qualquer modo, as pessoas grandes não contavam a história direito, e os meninos deformavam o conto. Repudiada por todos, ela se fechou naquele chalé do caminho do córrego, e acabou perdendo o juízo. Perdera antes todas as relações. Ninguém tinha ânimo de visitá-la. O padeiro mal jogava o pão na caixa de madeira, à entrada, e eclipsava-se. Diziam que nessa caixa uns primos generosos mandavam pôr, à noite, provisões e roupas, embora oficialmente a ruptura com a família se mantivesse inalterável. Às vezes uma preta velha arriscava-se a entrar, com seu cachimbo e sua paciência educada no cativeiro, e lá ficava dois ou três meses, cozinhando. Por fim a doida enxotava-a. E, afinal, empregada nenhuma queria servi-la. Ir viver com a doida, pedir a bênção à doida, jantar em casa da doida, passou a ser, na cidade, expressões de castigo e símbolos de irrisão.

(...)

Em vão os pais censuravam tal procedimento. Quando meninos, os pais daqueles três tinham feito o mesmo, com relação à mesma doida, ou a outras.”

Na sua opinião, você acha que se a comunidade em que a “doida” vivia a acolhesse, as crianças de várias gerações continuariam a apedrejá-la? Por quê?”

Quadro 33 - respostas da questão 5 – 3^a oficina:

Aluno	Respostas da questão 5	Justificativa
S1	Não	Porque iriam cuidar dela.
S2	Sim	Porque a sociedade trazeria, digo, passaria uma imagem ruim da doida.
S3	Não	Porque iriam respeita-la.
S4	Sim	A sociedade passaria uma outra imagem a doida.

S5	Não	Elas a respeitariam, porque elas seguiriam o exemplo dos pais.
S6	Continuariam a apedrejá-la.	(não respondeu)
S7	Não	Porque as crianças iriam seguir o exemplo da comunidade.
S8	Não	Porque eles aprenderiam a respeitar a doida e ensinariam seus filhos a respeita-la também.
S9	Sim	A sociedade passava uma outra imagem a doida.

Fonte: autora

Percebemos que S1, S3, S5, S7 e S8 responderam satisfatoriamente porque opinaram e justificaram de maneira plausível. Na opinião deles, se os pais e a comunidade acolhessem a mulher, as crianças seguiriam o exemplo deles e a respeitariam.

Já quatro alunos acharam o contrário. Porém, um aluno não justificou o porquê da resposta e o argumento dos outros três alunos estava confuso e não foi convincente. Talvez quisessem dizer que a sociedade não mudaria e continuaria a passar uma imagem negativa da mulher. E por causa disto, as crianças continuariam a apedrejá-la.

Passemos à próxima questão: “6- Você conhece o trecho abaixo?

‘Eis o meu segredo: só se vê bem com o coração. O essencial é invisível aos olhos. Os homens esqueceram essa verdade, mas tu não a deves esquecer. Tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas.’ (Antoine de Saint-Exupéry – Pequeno príncipe). Disponível em: www.pensador.com”

Apenas dois alunos responderam que conheciam o trecho dado.

Passemos à próxima questão: “7- Qual relação de sentido podemos estabelecer com este trecho do livro Pequeno príncipe e com o conto “A doida” de Carlos Drummond de Andrade? Justifique sua resposta.”

Quadro 34 - respostas da questão 5 – 3^a oficina:

Aluno	Respostas da questão 7	Justificativa
S1	Que tem que conhecer a pessoa antes de joga-lá	(não respondeu)

S2	As pessoas possuem um preconceito que acaba com a imagem da pessoa, mas apenas a conhecendo que você saberá.	(não respondeu)
S3	(não respondeu)	(não respondeu)
S4	Falam sobre alguém que nem conhecem.	(não respondeu)
S5	Que não devemos julgar antes de conhecer.	(não respondeu)
S6	(não respondeu)	(não respondeu)
S7	O que o menino via com os olhos era uma “bruxa”. Mas quando entrou na casa dela “viu com o coração” que era apenas uma senhora doente.	(não respondeu)
S8	Que as pessoas julgavam a “doida” pela aparência e não sabiam de como ela era por dentro, no coração.	(não respondeu)
S9	Falam sobre alguém que nem conhecem.	(não respondeu)

Fonte: autora

Percebemos que, de forma geral, os alunos conseguiram compreender que a partir do momento em que “conhecemos” alguém, começamos a ver esta pessoa com “outros olhos”, os “olhos do coração”. Por isso, cinco alunos utilizam o verbo “conhecer” em sua resposta. Porém, não estabeleceram uma relação de forma completa com os dois textos.

Já S8, ao utilizar os substantivos “aparência” e “coração”, tenta estabelecer o sentido dos dois dos textos, mas, de acordo com o texto, não deu tempo para o menino conhecer o que havia “dentro do coração da mulher”. Então a ação partiu dele, do protagonista, que abriu o “coração” dele para enxergar naquela mulher, outro ser humano, que como ele, era frágil e carente de cuidados e carinho.

Dessa forma, somente S7 conseguiu estabelecer uma completa relação de sentido entre o trecho do livro “Pequeno príncipe” com o conto “A doida” de Carlos Drummond de Andrade, ao responder **“O que o menino via com os olhos era uma “bruxa”. Mas quando entrou na casa dela “viu com o coração” que era apenas uma senhora doente.”** Portanto, ao conseguir estabelecer essa relação, fez uma inferência e atingiu o nível da interpretação.

Segundo Menegassi (2016), a interpretação requer atenção e comprometimento de quem lê, por isso é a mais complicada. Nesta fase, utiliza-se a

criticidade do leitor, quando faz análises, reflexões e julgamentos daquilo que está lendo.

Passemos à penúltima atividade desta primeira etapa da terceira oficina:

“8- Como estamos finalizando a aplicação do projeto, você é convidado a produzir um relato pessoal oral (gravado) ou escrito (para entregar) sobre as leituras feitas a partir da aplicação deste projeto, nas três oficinas ofertadas.

Para ajudá-lo, pense nas reflexões abaixo:

- ✓ **Os textos lidos contribuíram para minha formação como leitor de texto literário?**
- ✓ **Qual a minha apreciação dos gêneros trabalhados (crônica, cartum, charge, conto, poema, reportagem, entrevista, música, vídeos)?**
- ✓ **Se eu tivesse lido estes textos de forma avulsa, sem uma sequência didática, minha leitura seria a mesma?**
- ✓ **A leitura oralizada foi importante para a compreensão e interpretação dos textos trabalhados?**
- ✓ **Se eu tivesse feito apenas a leitura silenciosa, minha interpretação seria a mesma?**
- ✓ **Diga se gostou da aplicação do projeto e por quê.”**

Vamos ao quadro de respostas da questão 8:

Quadro 35 – respostas da questão 8 – 3^a oficina

Aluno	Respostas da questão 8
S1	(não fez o relato)
S2	(não fez o relato)
S3	(não fez o relato)
S4	(não fez o relato)
S5	<p>Os textos lidos, além de contribuírem para minha formação como leitor, ampliaram meu vocabulário e interesse por diversos gêneros de textos, principalmente a poesia.</p> <p>Durante a pesquisa observei uma grande diversidade de gêneros e apreciei muito todos. Mas meus preferidos foram os poemas, as músicas e os vídeos.</p> <p>Minha leitura não teria sido a mesma, sem uma sequência didática, eu não pensaria em como esses textos poderiam ter alguma ligação entre eles, pois não repararia se o tema deles era parecido ou não.</p> <p>Como alguns textos foram de difícil interpretação, a leitura oralizada ajudou a ouvir a nossa própria voz e</p>

	<p>compreender com mais facilidade o que estávamos lendo. Sendo que, se a leitura fosse silenciosa, dificultaria a interpretação com mais agilidade.</p> <p>Eu gostei da aplicação desse projeto e com a preocupação do nosso aprendizado, o uso de slides, vídeos e músicas, aulas diferentes das habituais, que fogem da monotonia da sala de aula.</p>
S6	<p>Quando a professora Maria Elena apresentou o projeto, eu fiquei surpreso, pois eu nunca tinha participado de um projeto, uma pesquisa como essa.</p> <p>A leitura dos textos, a oralização, as músicas, vídeos e etc., ajudaram um pouco na oralização, mas com as leituras silenciosas a interpretação não foi a mesma que quando eles foram oralizados por nós ou pela professora.</p>
S7	(não fez o relato)
S8	<p>Todos os textos que li, contribuíram muito para minha formação como leitor de texto literário. O gênero que mais apreciei foi o gênero crônica.</p> <p>Minha leitura seria mais complicada sem a orientação didática, e com a orientação dos professores.</p> <p>Para mim, a leitura silenciosa eu consigo compreender e interpretar melhor os textos mas, com esse projeto consegui compreender melhor os textos na leitura oralizada.</p> <p>Se eu tivesse apenas feito a leitura silenciosa eu provavelmente ficaria confuso, com muitas dúvidas, pois possuiam diversos textos que precisavam de muita atenção e interpretação, portanto, não seria igual a leitura oralizada.</p> <p>Este projeto ajudou muito na minha interpretação de textos principalmente de textos literários que demonstravam maior dificuldade, mas se o tempo fosse maior, o projeto seria mais completo e mais compreendível.</p>
S9	(não fez o relato)

Fonte: autora

A maioria dos alunos não fez o relato e como foi uma atividade feita em casa, pensamos que este fato esteja relacionado ao final das aulas, no qual estão mais preocupados em finalizar suas atividades escolares e pouco motivados a escrever.

Quantos aos relatos feitos, eles foram importantes para termos o retorno dos alunos, quanto à aplicação do projeto e o significado deste na vida estudantil dos educandos e para nós, diante dos objetivos que tínhamos e os resultados que obtivemos.

Iniciaremos com trechos do relato de S5 e de S8.

De acordo com os alunos, o projeto foi significativo porque os textos trabalhados contribuíram na formação leitora deles. Observemos: “**Os textos lidos, além de contribuírem para minha formação como leitor**” (S5) e “**Todos os textos**

que li, contribuíram muito para minha formação como leitor de texto literário.” (S8).

Zilberman (2003) afirma que a familiaridade com textos expande os horizontes de leitura. E que também é tarefa do professor auxiliar o aluno a perceber os temas e seres humanos que emergem do texto de ficção, que é o ponto de partida para se formar o leitor crítico.

E Rouxel (2013) salienta que o espaço da sala de aula é fundamental para a formação de jovens leitores.

Dessa forma, atingimos um dos nossos objetivos que era proporcionar situações para que o aluno apresentasse o que entendeu do conteúdo trabalhado e que este fomentasse o conhecimento desse educando. E podemos perceber que isso ocorreu no momento em que S5 afirma que os textos contribuíram para sua formação leitora, ampliaram seu vocabulário e despertaram seu interesse pela poesia.

Vamos falar desse despertar junto a outro aspecto levantado por S5: a sequência textual apresentada.

“Minha leitura não teria sido a mesma, sem uma sequência didática, eu não pensaria em como esses textos poderiam ter alguma ligação entre eles, pois não repararia se o tema deles era parecido ou não.” (S5)

“Minha leitura seria mais complicada sem a orientação didática” (S8)

Micheletti (2006) ressalta que por meio do texto poético, o leitor pode pensar a língua e a expressividade dela. E que como todo bom texto, a poesia pode trazer informações e reflexões sobre questões existenciais ou sociais. Mas, a autora sugere que ao trazer um poema para a sala de aula, este tenha “um tema semelhante ao de um outro texto estudado em classe.” (MICHELETTI, 2006, p. 24).

Dessa forma, a ordem dos textos nas oficinas contribuiu na produção de sentido e significado destes textos para os alunos. Também a variedade de gêneros trabalhados possibilitou a motivação dos alunos, conforme relato **“observei uma grande diversidade de gêneros e apreciei muito todos. Mas meus preferidos foram os poemas, as músicas e os vídeos.”**

Micheletti (2006) afirma que para qualquer leitura é preciso estabelecer uma intertextualidade e instaurar uma polifonia de vozes.

Sendo assim, acreditamos que os recursos metodológicos utilizados na aplicação do projeto auxiliaram no envolvimento dos alunos e o trabalho com a leitura.

Mas um trecho do relato de S5 também chamou-nos a atenção, no momento em que relata “**Eu gostei da aplicação desse projeto e com a preocupação do nosso aprendizado, o uso de slides, vídeos e músicas, aulas diferentes das habituais, que fogem da monotonia da sala de aula.**” (Itálico e grifo nosso).

Na introdução deste estudo, afirmamos que esta pesquisa pertencia à área da Linguística Aplicada, ao campo do ensino-aprendizagem, com foco na oralidade e na leitura, sob a perspectiva teórica da reflexão-sobre-ação, utilizando o paradigma interpretativista, de natureza qualitativa, através da metodologia de pesquisa-ação.

E Franco (2005) afirma que a pesquisa-ação tem como objetivo a melhoria da prática docente.

Embora, S5 não deixa claro a que aulas se refere, é uma afirmação importante para trazermos para a nossa prática pedagógica e refletirmos sobre a metodologia utilizada nas nossas aulas, para que estas atendam as expectativas dos alunos e os envolvam no ensino-aprendizagem.

Por isso, o uso da metodologia da pesquisa-ação é importante nos cursos que visam a formação profissional como o Mestrado Profissional em Rede na área da educação, porque nos enriquece na medida em que podemos refletir sobre nossas ações e, posteriormente, melhorarmos nossa prática.

Passemos à penúltima parte do relato S5: “**Como alguns textos foram de difícil interpretação, a leitura oralizada ajudou a ouvir a nossa própria voz e compreender com mais facilidade o que estávamos lendo. Sendo que, se a leitura fosse silenciosa, dificultaria a interpretação com mais agilidade.**

S5 faz uma avaliação das duas práticas de leitura utilizadas no projeto “**a leitura oralizada ajudou a ouvir a nossa própria voz e compreender com mais facilidade o que estávamos lendo. Sendo que, se a leitura fosse silenciosa, dificultaria a interpretação com mais agilidade.**”

O final deste trecho ficou um pouco confuso “**se a leitura fosse silenciosa, dificultaria a interpretação com mais agilidade.**”. Não sabemos se quis dizer que a oralidade se dá de forma mais lenta e isso favorece a interpretação e que a agilidade na leitura silenciosa dificultaria a interpretação. Mas, de acordo com estudiosos como Goodman (1987), é o contrário.

Goodman (1987) afirma que “A leitura silenciosa é muito mais rápida do que a fala porque os leitores comprehendem o significado diretamente a partir do texto escrito.” (GOODMAN, 1987, p. 14)

Também S8 relata “**Para mim, a leitura silenciosa eu consigo compreender e interpretar melhor os textos mas, com esse projeto consegui compreender melhor os textos na leitura oralizada.**”

Ou seja, o que Goodman diz se confirma no relato S8, porém, através do projeto, o aluno também atingiu a compreensão com a leitura oralizada.

Desde o início deste estudo, deixamos claro que a nossa intenção não é discutir a validade de uma prática em detrimento da outra, mas que as duas possam estar em sala de aula, por meio de um trabalho responsável, no qual a leitura oralizada não seja apenas vista como avaliação de velocidade ou erros de pontuação, etc., mas como um recurso possível para a construção de sentidos e significações ao texto lido.

Um outro aspecto presente nos relatos foi muito importante para este momento da análise: textos mais complexos para interpretar.

Tanto S5 quanto S8 acharam os textos de difícil interpretação. Observemos: “**Como alguns textos foram de difícil interpretação,**” (S5) e “**pussuiam diversos textos que precisavam de muita atenção e interpretação (...) Este projeto ajudou muito na minha interpretação de textos principalmente de textos literários que demonstravam maior dificuldade**”. (S8)

Dalvi (2013), afirma que o professor de língua e literatura do ensino fundamental e médio deve explorar o texto literário em sua pluralidade e que o aluno necessita ter acesso a textos que exijam mais esforço como leitor.

Nesse sentido, vemos que os textos trabalhados exigiram dos alunos mais inferência, mais atenção, mais estratégias de leitura e tiveram de se esforçarem mais para construir o sentido do texto. No instante em que isso ocorre, melhoram e ampliam sua capacidade leitora.

Outro aspecto importante no relato de S5 foi: “**a leitura oralizada ajudou a ouvir a nossa própria voz e compreender com mais facilidade o que estávamos lendo.**”

Escutar o outro é importante, mas ouvir a si é tão importante quanto ouvir o outro. Dar vida à própria voz, por meio da leitura oralizada, foi importante para esta aluna.

Almeida (2004) afirma que a voz vibra pelo corpo de quem fala e de quem ouve. Na leitura oralizada, o som que emana das pregas vocais, junta-se a todo corpo e juntos todos falam: o olho, os músculos da face, os lábios, enfim, o corpo todo fala pela voz.

Atualmente, a cultura oral tem sido resgatada através das redes sociais e da internet, com aplicativos que exploram o recurso da voz, como, por exemplo, o *podcast* e gravações de áudios, no aplicativo *whatsapp*. Ou seja, as pessoas estão ouvindo mais umas às outras e a si mesmas.

Tínhamos o intuito de verificar como os mecanismos da ação de oralizar o texto, da interação e sensibilização por meio dessa oralização contribuiria na produção de sentidos e percebemos que um desses mecanismos é a voz.

O aluno ao ouvir a própria voz, ao escutar a voz do outro é provocado por vibrações, que despertam o sentido para aquilo que se lê, por isso S5 afirmou “**ajudou a compreender com mais facilidade o que estávamos lendo.**”

O que também se confirmou no relato S6 “**mas com as leituras silenciosas a interpretação não foi a mesma que quando eles foram oralizados por nós ou pela professora.**”

Dois outros trechos no relato S8 também são muito importantes. O primeiro “**O gênero que mais apreciei foi o gênero crônica.**” (S8)

Iniciamos a aplicação do projeto com o gênero crônica, por vários motivos. Um deles é que tem peculiaridades muito boas para o ensino-aprendizagem de leitura. São textos curtos, com poucos personagens, porém, com um campo imenso de significações a serem exploradas.

Através do relato, percebemos que este gênero despertou a motivação dos alunos para a prática de leitura. As crônicas de Carlos Drummond de Andrade e de Lima Barreto interagiram com os alunos, principalmente, com este aluno, que as colocou em lugar de destaque na aprendizagem dele.

O outro trecho é este “**mas se o tempo fosse maior, o projeto seria mais completo e mais compreendível.**” (S8)

No capítulo de Metodologia deste estudo, e em alguns momentos desta análise, mencionamos alguns problemas na execução do projeto, dentre eles, o fator tempo.

E isso ficou comprovado com este relato. Por mais que tenhamos feito um cronograma, houve a necessidade de reestruturações, adequações. O que é normal no cotidiano escolar, mas que, às vezes, prejudica o desenvolvimento das atividades, como relata o aluno “**mais compreendível**”. Ou seja, algumas atividades não foram trabalhadas em plenitude, dificultando a compreensão.

Este relato serve também para repensarmos algumas questões metodológicas como, por exemplo, o volume de atividades, o período letivo de aplicação do projeto. E como já dissemos, essa reflexão faz parte da natureza desta pesquisa.

Contudo, isto não trouxe demasiado prejuízo para o projeto, pois o aluno afirma “**o projeto seria mais completo**”. Ou seja, o projeto foi completo e se tivéssemos mais tempo, seria mais completo ainda.

Passemos à última questão desta etapa: **9- Você quer contribuir com um ícone para representar a leitura oralizada e o Projeto? Caso queira, crie um desenho inédito que represente a oralização de textos. Solte sua imaginação e seu ícone poderá ser escolhido para compor o material do projeto. O ícone será escolhido por meio de votação entre a professora pesquisadora, a professora orientadora e colegas de classe. Além do desenho, explique numa folha o significado do seu ícone e a mensagem que quis passar.**

Nenhum aluno entregou o desenho. E percebemos que esta atividade teria de vir no início do projeto, para fazer sentido para o aluno. Dessa forma, numa ressignificação dessa proposta, deverá ser repensada, se será útil ou não e em qual momento, deverá ser incluída.

Depois de todas as discussões feitas, concluímos que houve a interação entre texto-leitor, texto-leitor-oralizador, texto-leitor-ouvinte, texto-leitor-oralizador-leitor-ouvinte e professor-mediador e que as discussões contribuíram para a construção dos sentidos dos textos trabalhados.

Assim, encerramos a análise desta primeira etapa.

3.4.2 - ETAPA 2- TERCEIRA OFICINA

Essa etapa finalizou a aplicação do projeto e propomos uma atividade de oralização de texto como avaliação, com a finalidade de contribuirmos com a Audioteca Ler Faz Bem, resultado do trabalho de mestrado da Mestra Regina Corcini de Melo, do Profletras/UEM 2015.

Os alunos escolheram os gêneros e a forma que queriam oralizar: individual, duplas ou grupos.

Passemos ao enunciado dado ao aluno:

Nesse momento de finalização da Projeto da Pesquisa realizada, convidamos você, caro/a aluno/a, a oralizar um texto, podendo ser este um dos

textos trabalhados nas oficinas ofertadas, ou os textos sugeridos pela professora-pesquisadora ou algum texto que seja da sua escolha e preferência.

- **Essa oralização poderá ocorrer de forma individual, duplas, trios, grupos... O importante é que você procure oralizar, levando em consideração a pontuação, a entonação, o ritmo e o tom de voz à sua leitura.**
- **Sugiro que ensaie bem e grave uma ou duas vezes o texto escolhido, para treinar. Quando sentir segurança, faça a oralização final do seu texto. Você pode utilizar o gravador de voz do seu celular ou outro meio, depois passe para um pendrive para que a professora tenha acesso. Caso necessite de ajuda para gravar e salvar sua gravação, procure a Professora-pesquisadora.**
- **Você poderá iniciar a sua gravação falando, se souber, o gênero do texto (conto, crônica, poema...); o título da obra (do texto), o nome do autor. Exemplo: Crônica “Vestibular da Vida” de Affonso Romano de Sant’Anna.**
- **Não esqueça de entregar junto ao pendrive, a ficha de identificação, para que a professora saiba quem oralizou determinado texto.**

Ficha de Identificação da oralização de texto

Nome/s do/s aluno/s: _____ **n.º:** _____ **Ano: 9º A - Data:**

Texto oralizado _____

Autor _____

Referência do texto: _____

Forma de oralização: () **individual** () **dupla** () **grupo**

Total do tempo de gravação:

- **Relate como foi a experiência de oralizar este texto. Caso tenha oralizado em dois ou mais colegas, cada um deve relatar sua experiência. Utilize o espaço abaixo ou entregue em folha à parte.**

Todos os alunos oralizaram o texto e todas as oralizações foram encaminhadas à Professora Mestra Regina Corcini Melo, para fazerem parte do acervo da Audioteca Ler Faz Bem.

O que analisaremos a partir de agora são os relatos dos alunos. As gravações são protegidas por direitos autorais e faremos uma análise geral das oralizações.

Para melhor compreendermos, apresentaremos o quadro dos relatos da oralização:

Quadro 36 – relatos de oralização – 3^a oficina

Aluno	Relatos da oralização (partes destacadas são grifo nosso)
S1	Foi interessante gravar uma parte do livro. A gente no começo teve um pouco de dificuldade por causa do barulho no fundo, mas no final ficou legal, nunca tinha feito isso antes.
S2	Houve poucas dificuldades no momento da gravação, mas a experiência foi legal , pois hora e outra erramos uma palavra e tínhamos que colocar tudo de, digo, refazer.
S3	Muito interessante , porque você ouve você mesmo lendo e isso é diferente, a voz muda. E em grupo é mais diferente.
S4	Foi uma boa experiência que tivemos em grupo sobre o poema, tivemos muita vontade de contá-los, não só em forma de trabalho mas como uma ótima experiência em grupo, enfim, foi uma boa leitura e trabalho. Com isso, achamos que o trabalho ficou com bons aspectos, pelo qual tentamos em quase todas as plataformas e áudios (computador, fone, celular) etc.
S5	Foi bem interessante , porém complicado , o processo de oralização e digitalização de textos em geral, necessita de muita concentração e principalmente silêncio, para garantir que a gravação seja audível, limpa e clara. Contudo, foi uma atividade divertida de realizar.
S6	Certamente foi difícil , em partes, foi uma experiência diferente , eu nunca tinha oralizado um texto gravando-o, então, essa parte abriu novas portas para a oralização de um texto.
S7	No começo tivemos muita dificuldade com a leitura e o barulho no fundo. Mas depois deu tudo certo.
S8	(não fez o relato)
S9	Foi uma boa experiência muito boa que controlamos nosso tom de voz, a distância do microfone e a voz firme. Muitas vezes alguém errava e tínhamos que começar todo mundo de novo.

Fonte: autora

Pelas palavras destacadas no quadro, podemos perceber que esta atividade foi positiva, e é compreensível que tiveram dificuldades, porque não tinham feito essa experiência ainda. Isso é comprovado pelo relato de S6 “**nunca tinha oralizado um texto gravando-o**” e de S1 “**nunca tinha feito isso antes.**”

Na análise da etapa anterior, falamos sobre a importância de ouvir a própria voz. Isso ficou comprovado pelo relato de S3 “**Muito interessante, porque você ouve você mesmo lendo e isso é diferente, a voz muda. E em grupo é mais diferente.**”

E pelo relato de S9 “**Foi uma boa experiência muito boa que controlamos nosso tom de voz, a distância do microfone e a voz firme.**”

E a conclusão desta atividade-avaliativa vem no relato de S6 “**(...) então, essa parte abriu novas portas para a oralização de um texto.**”

Concluímos que a aplicação do projeto abriu “novas portas” para as práticas da leitura silenciosa e oralizada.

No tocante à leitura oralizada, Marcuschi (2010) afirma que a oralidade é uma prática social interativa que se realiza de várias formas, com fundamento na realidade sonora.

E quanto à interação, Brait (2003) acrescenta que a interação faz parte da comunicação, da significação, de construção de sentido, enfim, de todo ato de linguagem.

Sendo assim, os objetivos propostos neste estudo foram alcançados na medida em que os alunos puderam perceber que as estratégias de leitura, a leitura silenciosa, a leitura oralizada são recursos possíveis para a percepção dos diversos sentidos em textos causados pelo uso dessas ações.

4- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, buscamos desenvolver uma proposta com leitura silenciosa, leitura oralizada e as estratégias de leitura como recursos possíveis para o ensino-aprendizagem de leitura no nono ano do ensino fundamental, por meio de oficinas.

As oficinas envolveram as crônicas: “Equipamento escolar” de Carlos Drummond de Andrade, “A gratidão do Assírio” de Lima Barreto e “O vestibular da vida” de Affonso Romano de Sant’Anna; os contos: “A doida” de Carlos Drummond de Andrade e “Bruxas não existem” de Moacyr Scliar e o diálogo destes textos com outros gêneros do discurso.

Para tanto, ancoramos nosso estudo nos conceitos de alguns teóricos que discorrem sobre as práticas de leitura e oralidade.

No campo da leitura, as reflexões teóricas são sustentadas em Solé (1998) que apresenta as etapas de leitura: antes, durante e após a leitura como importantes momentos na busca da compreensão textual, como procedimentos necessários quando se quer formar leitores capazes de ler com autonomia e competência.

Também buscamos fundamentação teórica nos estudos de Menegassi (2005) que enfatiza o ensino das estratégias de leitura no processo de ensino-aprendizagem de compreensão de textos e apresenta quatro estratégias de leitura: seleção, antecipação, inferência e verificação, como sendo as principais no trabalho efetivo com a leitura. Sendo as três últimas enfatizadas nessa pesquisa.

Já no campo da oralidade, iluminou-nos os estudos de Marcuschi (2010) que discute a importância do trabalho com a oralidade na sala de aula. O autor afirma que tanto a escrita quanto a oralidade são práticas sociais e usos da língua, com características diferentes, mas de igual importância.

Para Marcuschi (2010), a escrita não dá conta de trabalhar alguns fenômenos da oralidade “como a prosódia, a gestualidade, o movimento do corpo e dos olhos, entre outros.” (MARCUSCHI, 2010, p. 17).

Dessa forma, as metodologias de leitura propostas nesta pesquisa intencionaram possibilitar ao aluno desenvolver e ampliar a capacidade leitora e indicar caminhos para a busca dos sentidos em textos, num processo de interação entre os interlocutores e os textos utilizados.

Procuramos desenvolver oficinas com as práticas de leitura oralizada, leitura silenciosa e estratégias de leitura para que o aluno tivesse diversos meios de trabalhar

o texto e extrair dele as significações necessárias para a interpretação. Neste processo, atuamos como mediador, auxiliando no acionamento dos conhecimentos prévios e em outras etapas, em que a presença do mediador se faz necessária no processo do leitor em formação.

Por conta dessa mediação, ao final de cada oficina, fazíamos um momento de resgate das atividades ofertadas, como um *feedback*, para que fossem sanadas as dúvidas que, por ventura, ainda impediam a compreensão do texto ou a aprendizagem do conteúdo trabalhado. Era um momento de troca, de discussões e de checagem do desempenho individual dos alunos, que refletiam sobre suas dificuldades, mas também visualizavam seus avanços na prática de leitura.

Além de mediador do processo de aprendizagem de leitura, atuamos como pesquisadores da nossa própria prática, o que nos foi permitido pela natureza da pesquisa. Isso trouxe um enriquecimento imensurável para nossa prática pedagógica, porque são pouquíssimos os momentos em que podemos aliar teoria e prática no “chão da sala de aula”.

Lá, na sala de aula, no espaço escolar, numa comunidade escolar com características próprias, é que encontramos material para contribuir na resolução de alguns problemas educacionais, como elevar o nível de leitura dos alunos do ensino fundamental.

Além disso, pesquisar a própria ação permite refletir e melhorar o fazer pedagógico, para que o aluno não só tenha um aprendizado mais significativo, como também uma formação educacional humanizadora, que busca sensibilizá-lo a exercer a empatia com próximo, melhorando as relações humanas.

Entre as limitações deste estudo, é necessário considerarmos que os fatores: infraestrutura, tempo, volume de atividades e período de aplicação devem ser repensados em possíveis ressignificações das propostas de atividades desta pesquisa.

Entretanto, os procedimentos utilizados foram capazes de atingir os objetivos propostos, bem como propiciar situações em que os alunos pudessem exercer seu papel de leitor, aperfeiçoando sua leitura e aprendendo novos recursos para a produção de sentidos em textos.

Também possibilitou um olhar sobre a “práxis”, apontado algumas fragilidades ocorridas no processo do ensino-aprendizagem, possibilitando rever os métodos

utilizados e, consequentemente, encontrar possíveis soluções para sanar essas fragilidades.

Ressaltamos a necessidade de mais estudos no campo da leitura, principalmente, da leitura oralizada, para que ela possa ter validade como um instrumento de sensibilização e construção de sentidos em textos, nos anos finais do ensino fundamental ou em outra modalidade que se fizer necessária.

Pensando nisso, disponibilizamos, em anexo, os materiais elaborados para as oficinas, com respostas sugeridas ou esperadas, como forma de esclarecimento e direcionamento para o trabalho do professor, já que, no material aplicado ao aluno, não foram apresentadas as respostas.

Sendo assim, reiteramos que a oralidade seja uma prática social ensinada na sala de aula, assim como a leitura e a escrita, para que o aluno desenvolva com plenitude todos os usos da língua, e possa ser formado na sua totalidade, explorando todos os sentidos e recursos possíveis que a língua ofereça para seu desempenho educacional e intelectual.

5- REFERÊNCIAS

AEBLI, Hans. Prática de ensino: formas fundamentais de ensino elementar, médio e superior. In PERNAMBUCO, Juscelino. **Metodologia do ensino de português**. Curso de Especialização. Faculdades Claretianas. Batatais-SP: 1995 (mimeo).

ABAURRE, Maria Luiza M. ABAURRE, Maria Bernadete M. **Um olhar objetivo para produções escritas: analisar, avaliar, comentar**. São Paulo: Moderna, 2012.

A DOIDA DA LATA - Histórias da minha avó- em vídeo. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=N3CXiN0QIAk>> Acesso em: 27 set. 2018

ALMEIDA, Milton José de. Imagens e sons: a nova cultura oral. 3.ed. São Paulo, Cortez, 2004.

ALMEIDA, Paulo Roberto. ALMEIDA, Ana Lúcia de Campos. **Anotações sobre leitura, letramento e ensino**. Revista Signum: estudos da linguagem. V.18, nº 2, p. 70, 2015. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/18407/17761>> Acesso em: 09 out. 2018.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **A doida**. Disponível em: <<http://www.educacional.com.br/upload/blogsite/3765/3765501/4624/adoida.doc>> e <<https://www.youtube.com/watch?v=adnEC4GxuQg>> Acesso em: 27 set. 2018.

_____, Carlos Drummond de. **Ciao**. Disponível em: <<http://brasilesco.la/b122511>> Acesso em: 11 set. 2018.

_____, Carlos Drummond de. **O elefante**. Disponível em: <<https://osuspirodopoeta.wordpress.com/academico/critica-dialectica-em-o-elefante-de-drummond/>> Acesso em: 20 nov. 2018.

_____, Carlos Drummond de. **Procuro uma alegria**. Disponível em: <<http://antoniocicero.blogspot.com/2011/12/carlos-drummond-de-andrade-procuro-uma.html>> Acesso em: 25 nov. 2018.

_____, Carlos Drummond de. **Os dias lindos - crônicas**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2003, p. 174-176.

ANTUNES, Irandé. **Língua, texto e ensino**: outra escola possível. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

AQUINI, J. M. P. M. **A leitura oral expressiva como variável facilitadora da compreensão**. 80f. Dissertação (mestrado). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul Faculdade de Letras, Porto Alegre, 2006.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 4. ed. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito de leitura.** Tradução Octavio Mendes cajado. 4. ed. São Paulo: Ática, 1988.

BIOGRAFIA DO CARTUNISTA GILMAR. Disponível em: <<https://www.facebook.com/bibliotecafrancasp/posts/475011202600603>> Acesso em: 12 ago. 2018.

BIOGRAFIA E IMAGEM DE AFFONSO ROMANO DE SANT'ANNA. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Affonso_Romano_de_Sant%27Anna> Acesso em: 16 set. 2018.

BIOGRAFIA E IMAGEM DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE. Disponível em: <<http://educacao.globo.com/literatura/assunto/autores/carlos-drummond-de-andrade.html>> Acesso em: 12 set. 2018.

BIOGRAFIA E IMAGEM DE FERREIRA GULLAR. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Ferreira_Gullar> Acesso em: 21 set. 2018.

BIOGRAFIA E IMAGEM DE LIMA BARRETO. Disponível em: <<http://www.museuafrobrasil.org.br/pesquisa/hist%C3%B3ria-e-mem%C3%B3ria/historia-e-memoria/2014/07/17/lima-barreto>> Acesso em: 12 ago. 2018.

BIOGRAFIA E IMAGEM DO CARTUNISTA JUNIÃO. Disponível em: <http://correio.rac.com.br/conteudo/2013/11/entretenimento/correio_recomenda/128613-cartunista-juniao-abre-exposicao-na-biblioteca-municipal.html> e <<http://campinas.sp.gov.br/noticias-integra.php?id=21367>> Acesso em: 12 ago. 2018.

BRAIT, Beth. O processo interacional. In PRETI, Dino (org.). **Análise de textos orais.** 6.ed. São Paulo: Humanitas Publicações FFLCH/USP, 2003.

BRANDÃO, Ana Carolina Perrusi. ROSA, Ester Calland de Sousa. A leitura de textos literários na sala de aula: é conversando que a gente se entende... In PAIVA, Aparecida. MACIEL, Francisca. COSSON, Rildo. **Literatura: ensino fundamental.** Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. Disponível em: <<https://www.portaltrilhas.org.br/download/biblioteca/literatura-infantil.pdf#page=69>> Acesso em: 09 out. 2018.

BRASIL. Casa Civil. **Lei complementar n. 135, de 4 de junho de 2010.** Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lcp/Lcp135.htm> Acesso em: 02 nov. 2018.

BRASIL. Secretaria de Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa.** Brasília/DF: MEC, 1998.

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular: Educação Infantil e Ensino Fundamental.** Brasília/DF: MEC, 2017.

BRUXAS. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Bruxa>> Acesso em: 27 set. 2018.

BUSATTO, Cléo. **Práticas de oralidade na sala de aula.** 1. Ed. – São Paulo: Cortez, 2010.

CARTUM - Preço de material escolar. Disponível em: <<http://atividadesdeportugueseliteratura.blogspot.com/2016/06/modelo-de-prova-de-interpretacao-de.html>> Acesso em: 12 ago. 2018.

CENAS DAS BRUXAS. Novela Deus Salve o Rei –Rede Globo. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=xHdIOP4IBlw>> Acesso em: 27 set. 2018.

CEREJA, William Roberto. **Português linguagens**, 9º ano / William Roberto Cereja, Thereza Cochar Magalhães. 9. ed. reform. - São Paulo: Saraiva, 2015.

CHARGE- eleições: Disponível em: <http://www.juniao.com.br/dp_charge_11_07_2012> Acesso em: 12 ago. 2018.

COELHO, Dione Machado Silva. **Contemporaneidade – crianças e as novas formas de leitura.** Trabalho apresentado no XVI ENDIPE- Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino – UNICAMP, Livro 1 – p. 003110, Campinas: Junqueira & Marin Editores, 2012, p. 25 a 37.

COM LIVROS ACHADOS NO LIXO, CATADORA PASSA EM VESTIBULAR NO ES. (em vídeo). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=wdLFn2tHtcE>> Acesso em: 19 set. 2018.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário: teoria e prática.** 2.ed. –São Paulo: Contexto, 2014.

CRÔNICA A GRATIDÃO DO ASSÍRIO em áudio. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=oAcfpS2csM>> Acesso em: 12 ago. 2018.

O PRECONCEITO CEGA em vídeo. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=aec-i7n6V48>> Acesso em: 23 out. 2018.

DALVI, Maria Amélia. **Literatura na educação básica: propostas, concepções, práticas.** In Cadernos de Pesquisa em Educação- PPGE/UFES. Vitória, ES. a. 10, v.19, n.38, p. 11-34, jul. /dez. 2013. Disponível em: <periodicos.ufes.br/educacao/article/view/7896> Acesso em: 02 fev. 2020.

DEFINIÇÃO DO TERMO DOIDO. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/doido/>> Acesso em: 27 set. 2018.

ESPANCA, Florbela. **A doida.** Disponível em: <<https://www.lusopoemas.net/modules/news03/article.php?storyid=383>> Acesso em: 21 set. 2018.

ENTREVISTA COM A PSICÓLOGA MARIZA GRAZIELA MARQUES MORAIS VANDEVELDE. Disponível em: <<http://www.marisapsicologa.com.br/preconceito.html>> Acesso em: 27 set. 2018

ESTUDANTE DE ESCOLA PÚBLICA PASSA EM 1º LUGAR NA USP (em vídeo). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=R6nGEEE6zb8>> Acesso em: 19 set. 2018.

ESTUDANTES NÃO CONSEGUIRAM FAZER AS PROVAS PORQUE CHEGARAM ATRASADOS. SBT MT. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=rxM4j1seuUw>> Acesso em: 19 set. 2018.

FÁVERO, Leonor Lopes; ANDRADE, Maria Lúcia da Cunha V. de Oliveira; AQUINO, Zilda Gaspar Oliveira de. **Oralidade e escrita: perspectiva para o ensino de língua materna.** 3.ed. São Paulo: Cortez, 2002.

_____, Leonor Lopes. MOLINA, Márcia. A. G., **A crônica: uma leitura textual-discursiva.** Portal UNIFRAN- Portal da Universidade de Franca. Publicações Acadêmicas. Coleção Mestrado em Linguística, 2011. Disponível em: <<http://publicacoes.unifran.br/index.php/colecaoMestradoEmLinguistica/article/view/384/311>> Acesso em: 29 jul. 2018.

FRANCO, Maria Amélia Santoro. **Pedagogia da pesquisa-ação.** Revista Educação e Pesquisa. São Paulo, v.31. n.3. p. 483-502, set./dez. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v31n3/a11v31n3>> Acesso em: 02 fev. 2020.

_____, Maria Amélia Santoro. LISITA, Verbena Moreira Soares de Souza. Pesquisa-ação: limites e possibilidades na formação docente. In **Pesquisa em educação: possibilidades investigativas, formativas da pesquisa-ação**, volume 2./ Selma Garrido Pimenta, Maria Santoro Franco (org). 2 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. BATISTA, Antônio Augusto Gomes. **A leitura na escola primária brasileira: alguns elementos históricos.** Revista Presença Pedagógica, Belo Horizonte, n. 24. V. 4, Dimensão, nov./dez. de 1998. p.34. Artigo disponível em: <<https://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/escolaprimaria.htm>> Acesso em: 05 dez. 2019.

GARCIA, Sérgio. GABRIEL, Ruan de Souza. **A loucura de Arthur Bispo do Rosário.** Site Globo.com, 10 de abr. de 2015. Disponível em: <<https://epoca.globo.com/vida/noticia/2015/04/loucura-de-arthur-bispo-do-rosario.html>> Acesso em: 27 set. 2018.

GAWRYSZEWSKI, Alberto. **Conceito de caricatura: não tem graça nenhuma.** Revista Domínios da Imagem. Londrina, v.1, nº 2, p.7-26, maio de 2008. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/dominiosdaimagem/article/view/19302/14698>> Acesso em: 16 ago. 2018.

GERALDI, João Wanderley. **O texto na sala de aula:** Leitura & Produção. 2. ed. Cascavel: Assoeste. Editora Educativa, 1984.

GONÇALVES, Adair Vieira. **Gêneros textuais na escola:** da compreensão à produção. Dourados: Ed. da UFGD, 2011.

GONZAGA E GONZAGUINHA- MINHA VIDA É ANDAR POR ESSE PAÍS em vídeo. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=S8a4GQ1LwQQ>> Acesso em: 19 set. 2018.

GOODMAN, K. S. O processo de Leitura: considerações a respeito das línguas e do desenvolvimento. In FERREIRO, E.; PALACIO, M. G. (Org.). **Os processos de leitura e escrita:** novas perspectivas. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987. Páginas 11- 22.

GULLAR, Ferreira. **Vestibular.** Disponível em: <<https://vermelho.org.br/prosa-poesia-arte/ferreira-gullar-vestibular/>> Acesso em: 20 set. 2018.

HISTÓRIA DE LÍVIA MARINHO - DO LIXÃO AO TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO RJ - CONCURSO PÚBLICO em vídeo. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=FV-bex124O4>> Acesso em: 19 set. 2018.

IAZZETTA, Fernando. **Reflexões sobre a música e o meio.** Anais do XIII Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Música. 2001. Disponível em:
<https://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/35032765/musica_e_meio.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A&Expires=1539139442&Signature=QN6ibACf02C%2FsWRKPZhempWRxU%3D&response-content-disposition=inline%3B%20filename%3DReflexoes_sobre_a_Musica_e_o_Meio.pdf>
Acesso em: 09 out. 2018.

ÍCONE DE VÍDEO. Disponível em: <http://www.ricco.org/?attachment_id=1871> Acesso em: 20 set. 2018.

IMAGEM DA PSICÓLOGA MARISA GRAZIELA MARQUES MORAIS VANDEVELDE Disponível em: www.marisapsicologa.com.br/psicologos/marisa-graziela-marques-moraes.html Acesso em: 27 set. 2018.

IMAGEM DAS MÃOS DE ESCRITOR. Disponível em: <<https://cruzeirodoeste.portaldacidadecom/index.php/noticias/cidade/25-de-julho-dia-do-escritor>> Acesso em: 20 set. 2018.

IMAGEM DO CARTUNISTA GILMAR. Disponível em: <<https://www.dgabc.com.br/Noticia/2882148/o-brasil-tem-muito-a-crescer-nos-quadrinhos>> Acesso em: 12 ago. 2018.

JORNAL DO BRASIL- Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/030015/per030015_1986_00064.pdf> Acesso em: 23 out. 2018.

JOVEM DE FAMÍLIA HUMILDE É APROVADO EM TRÊS FACULDADES DE MEDICINA em vídeo. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=2K-7iNVER6w>> Acesso em: 19 set. 2018.

JOVEM NEGRA DE ESCOLA PÚBLICA PASSA EM PRIMEIRO LUGAR NO VESTIBULAR MAIS CONCORRIDO DO PAÍS. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=m-qq6DjqhjA>> Acesso em: 19 set. 2018.

KATO, Mary A. **No mundo da escrita:** uma perspectiva psicolinguística. 5. ed. São Paulo: Ática, 1995.

KLEIMAN, Angela. **Texto e Leitor:** Aspectos Cognitivos da Leitura. 2. ed. Campinas: Pontes, 1989.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Desvendando os segredos do texto.** 7. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

_____, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender:** os sentidos do texto. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

KÖCHE, Vanilda Salton. MARINELLO, Adriane Fogali. **O gênero textual crônica: uma sequência didática voltada ao ensino de leitura e escrita.** Revista e-escrita – Revista do Curso de letras da UNIABEU. Nilópolis, v.4, nº 3, p. 256-270, maio-agosto, 2013. Disponível em: <<http://revista.uniabeu.edu.br/index.php/RE/article/view/762>> Acesso em: 29 jul. 2018.

LEFFA, Vilson J. Perspectivas no estudo da leitura - Texto, leitor e interação social. In LEFFA, Vilson J. ; PEREIRA, Aracy, E. (Orgs.) **O ensino da leitura e produção textual; Aternativas de renovação.** Pelotas: Educat, 1999. P. 13-37. Disponível em: <<http://www.leffa.pro.br/textos/trabalhos/perspec.pdf>> Acesso em: 05 dez. 2019.

LETRA DA MÚSICA “A VIDA DO VIAJANTE” DE LUIZ GONZAGA. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/luz-gonzaga/82381/>> Acesso em: 16 set. 2018.

LETRA DA MÚSICA “MALUCO BELEZA” DE RAUL SEIXAS. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/raul-seixas/84/>> Acesso em: 27 set. 2018.

LIMA, Barreto. **Crônicas escolhidas de Lima Barreto.** Suplemento da Folha. p. 143, 144 e 145. São Paulo: Ática, 1995.

MALUCO BELEZA em áudio. Raul Seixas. Disponível em: : <<https://www.youtube.com/watch?v=KobmJoCKKjY>> Acesso em: 27 set. 2018

MARATONA DE SÃO PAULO 2018 - Brasil Campeão em vídeo. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=pjRa5ugn7qE>> Acesso em: 19 de set. 2018.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização.** 10. Ed. – São Paulo: Cortez, 2010.

MELO, Regina Corcini. **Tecnologia assistiva no Ensino Fundamental: a audioteca como instrumento de inclusão no processo do letramento literário.** Dissertação (Mestrado) em Letras no Programa de Mestrado Profissional em Rede – Profletras/UEM. Maringá, 2018. Disponível em: <<http://www.profletras.uem.br/dissertacoes-defendidas-turma-04/regina-corcini-de-melo.pdf/view>> Acesso em: 20 out. 2018.

MENEGASSI, Renilson José. (Org.). **Leitura e ensino: formação de professores EAD**, n.19. Maringá: EDUEM, 2005.

_____, Renilson José. Produção, ordenação e sequenciação de perguntas na avaliação de leitura. In CENTURION, Rejane; CRUZ, Mônica; BATISTA, Isaías Munis (org.). **Linguagem e (m) interação-Línguas, literaturas e educação**. Cáceres-MT: Editora UNEMAT: 2011.

_____, Renilson José. Ordenação e sequenciação de perguntas na aula de leitura. In YAEGASHI, Solange F. R. (org.); BIANCHINI, Luciane Guimarães B. (org.); CAETANO, Luciana Maria. (Org.); SANTOS, Annie R. dos. (Org.); V. SHIMAZAKI, Elsa M. (org.); PAULA, Ercília Maria A. T. de de. (Org.); SAITO, Heloisa T. I. (org.); CINTRA, Erica P. de U. (org.). **Psicopedagogia: reflexões sobre práticas educacionais em espaços escolares e não escolares**. Curitiba: CRV: 2016.

MICHELETTI, Guaraciaba. PERES, Letícia Paula de Freitas. GEBARA, Ana Elvira Luciano. **Leitura e construção do real: o lugar da poesia**. 4.ed. São Paulo: Cortez, 2006.

NUNES, Claudio Omar Iahnke. **Leitura na idade média: a ruptura com a oralidade**. Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação. BIBLOS- FURG. V.21, 2007. Disponível em <<https://periodicos.furg.br/biblos/article/view/840/324>> Acesso em: 08 out. 2018.

OLIVEIRA, Jair. **Normal é ser diferente – grandes pequeninos**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oueAfq_XJrg&t=1s> Acesso em: 27 set. 2018.

OLIVEIRA, Maria Kyonara Vieira de. **Proposta de letramento literário para o 9º ano do ensino fundamental: sequência didática com o gênero romance**. Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Profissional em Letras - Profletras - da Universidade Federal de Campina Grande, Campus de Cajazeiras- PB. Cajazeiras-PB: 2016. Disponível em: <<http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/jspui/bitstream/riufcg/224/1/MARIA%20KYONARA%20VIEIRA%20DE%20OLIVEIRA%20-%20DISSERTA%C3%87%C3%83O%20PROFLETRAS%202016..pdf>> Acesso em: 27 set. 2018.

OS 10 ATRASADOS DO ENEM MAIS INESQUECÍVEIS em vídeo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MIJN4v7C_Gw> Acesso em: 19 set. 2018.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. **Currículo Básico para a Escola Pública do Estado do Paraná**. Curitiba: SEED, 1990.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. **Diretrizes Curriculares de Português para a Educação Básica do Estado do Paraná**. Curitiba: SEED, 2008.

PARANÁ. Secretaria de Estado de Educação. **Sistema de Avaliação da Educação Básica do Paraná. Resultados de avaliações**. Curitiba: SEED, 2017. Disponível em: <<http://www.saep.caedufjf.net/resultados/resultados-por-escola/>> Acesso em: 24 jan. 2018.

PROVA DO CONCURSO PÚBLICO – 208 – TÉCNICO JUDICIÁRIO. Disponível em: <<file:///D:/Todos%20Documentos/Downloads/nc-ufpr-2014-tj-pr-tecnico-judiciario-prova.pdf>> Acesso em: 19 nov. 2018.

RAPAZ CHEGANDO ATRASADO À PROVA em vídeo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tlq4NBv_RaA> Acesso em: 19 set. 2018.

RITTER, Lilian Cristina Buzato. **Em busca dos produtores de sentido na sala de aula.** 133f. Dissertação (Mestrado) em Linguística Aplicada. Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 1999.

_____, Lilian Cristina Buzato. A produção de sentidos na aula de leitura. In MENEGASSI, Renilson José (Organizador). **Leitura e ensino.** Maringá: EDUEM, 2005.

_____, Lilian Cristina Buzato. PERFEITO, Alba Maria. **Um estudo dos movimentos dialógicos do gênero discursivo crônica.** Revista MOARA- Revista eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Letras. Belém, nº 34, p. 61-84, jul./dez., 2010. Disponível em: <<https://periodicos.ufpa.br/index.php/moara/article/view/3584/3673>> Acesso em: 20 jul. 2018.

ROUXEL, Annie. Aspectos metodológicos do ensino da literatura; Um sujeito leitor para a literatura na escola. In ROUXEL, A.; LANGLADE, G; REZENDE, N.L. **Leitura subjetiva e ensino de literatura.** São Paulo: ALAMEDA, 2013.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. **Porta de Colégio e outras crônicas.** 7.ed. São Paulo: Ática, 2002, p. 62-64.

SCLiar, Moacyr. **Conto “Bruxas não existem.** Disponível em: <<http://concursos.fadesp.org.br/cmcc2014/arquivos/Provas/NIVEL%20FUNDAMENTAL%20INCOMPLETO.pdf>> Acesso em: 27 set. 2018.

SERRA, Joan; OLLER, Carlos. Estratégias de leitura e compreensão de texto no Ensino Fundamental e Médio. In: TEBEROSKY, Ana (Org.) et al **Compreensão de leitura:** a língua como procedimento. Porto Alegre: Artmed, 2003.

SIGNIFICADO DA PALAVRA GRATIDÃO. Disponível em <<http://michaelis.uol.com.br/busca?id=57WL>> Acesso em: 16 ago. 2018.

SILVA, Débora Cristina Santos e. COSTA, Keila Matida de Melo. **Percursos da leitura entre a página e a tela: uma multiplicidade de sentidos.** Revista Texto Digital. V.8, nº 1, 2012. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/textodigital/article/view/24852>> Acesso em: 04 out. 2018.

SOARES, M. **Letramento: um tema em três gêneros.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 1998.

SOBRAL, A.; GIACOMELLI, K. **Elementos sobre as propostas de Voloshinov no âmbito da concepção dialógica de linguagem.** In: RODRIGUES, R.; PEREIRA, R. A. Estudos dialógicos da linguagem e pesquisas em Linguística Aplicada. São Carlos: Pedro & João Editores, 2016, p. 142-162.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura.** Trad. Cláudia Schilling. 6. ed. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

TAVARES, Hênio Último da Cunha. **Teoria literária.** Vol.3. 9 ed. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Limitada, 1989.

TRIPP, David. **Pesquisa-ação: uma introdução metodológica.** Portal SciELO Brasil, 2005. Disponível em: <<http://w.scielo.br/pdf/ep/v31n3/a09v31n3>> Acesso em: 29 jul. 2018.

USAIN BOLT - ALL OLYMPIC FINALS + BONUS ROUND - TOP MOMENTS - Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=FuiJHJz4f5Q>> Acesso em: 19 set. 2018.

VOLÓCHINOV, V. A interação discursiva. In: VOLÓCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem:** problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. São Paulo: Editora 34, 2017, p. 201-226.

YUNES, Eliana. **Leituras com partilhadas, leitores multiplicados.** Periódicos da UFE - Revista PERCURSOS Linguísticos, v. 4, nº 8, 2014, p. 01-13. Disponível em: <<http://periodicos.ufes.br/percursos/article/view/6239/5552>> Acesso em: 28 out. 2018.

ZANDWAIS, Ana. **Estratégias de leitura:** como decodificar sentidos não-literais na linguagem verbal. Porto Alegre: Sagra, 1990.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola.** 11.ed. São Paulo: Global, 2003.

6- APÊNDICES

6.1- APÊNDICE 1 - ATIVIDADES DA PRIMEIRA OFICINA

PROJETO LEITURA SILENCIOSA E LEITURA ORALIZADA: RECURSOS PARA CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS EM TEXTOS - Professora- pesquisadora: Maria Elena da Silva

1^a OFICINA: 1^a etapa: leitura

Aluno: _____ nº _____ série _____ data _____

Convido você, aluno(a), a fazer uma leitura silenciosa e depois responder às questões:

Texto 1

EQUIPAMENTO ESCOLAR

- _ Pai! O material não tá completo não.
- _ O quê? Se eu já comprei livros, apostilas, cadernos, pasta, caixa de lápis de cor, lápis preto, esferográfica, borracha mole, borracha dura, régua, compasso, clipe, apontador, tudo novo, novinho, porque o material do ano passado está superado, como é que não está completo?
- _ Cê esqueceu do gravador.
- _ Esqueci nada, rapaz. Vi o gravador na lista e achei que era piada. Vocês gostam de brincar com a gente.
- _ Brincadeira tem hora, pai. Tou precisando de gravador.
- _ Verdade?
- _ Lógico. A turma toda vai de gravador, só eu que dou uma de palhaço?
- _ Nunca me constou que a característica do palhaço é não levar um gravador na mão.
- _ A tiracolo, pai, com alça. Tem um modelo japonês, levinho, muito bacana. Também se leva na sacola.
- _ Então você quer aparecer no colégio portando gravador porque está na moda, pois não?
- _ Cê não entende lhufas. Gravador faz parte do equipamento escolar moderno.
- _ Começo a perceber. O professor fala, você grava. Então vamos jogar na lixeira esses cadernos, esses lápis, essa parafernália inútil.

- _ Para... o quê?
- _ Fernália. Uma palavra que não existe mas que se aplica neste caso.
- _ Taí, dessa eu gostei. Como é que se escreve?
- _ Não interessa. Basta você gravar, quando tiver gravador. Até lá, me explique direito como é a aula com gravador.
- _ Seguinte. A gente liga, o professor começa o garganteio, a fita vai gravando e ...
- _ E o quê?
- _ A gente pensa noutra coisa, né?
- _ Entendi. Não há necessidade de estar atento ao professor, porque o gravador presta atenção para você. Certo?
- _ Mais ou menos. O grilo é que a gente tem de prestar atenção no gravador da gente, senão de repente ele solta uma faixa de Billy Cobham, e aí é uma zorra global, entende?
- _ Entendo. Billy Cobham não é autor recomendado pelo Cesgranrio.
- _ Por isso não. É que numa hora dessas a turma ataca de Pink Floyd ou de Mahavishnu, e a aula acaba sem a gente escutar um som legal, de tanta zoeira.
- _ Então o uso do gravador na aula é muito inconveniente, filho. Baralha as músicas que vocês adoram. Preferível não levar gravador e deleitar-se com as músicas fora do colégio.
- _ Delei... o quê? Cês têm um papo esquisito. Mas eu saquei: cê não tá querendo comprar o gravador, e sem ele me passam pra trás.
- _ Não é isso. Queria que a aula de vocês fosse bem musical, e nem a voz do professor atrapalhasse, mas vejo que isto é impossível.
- _ Tou vendo. Mas olha aí. Mesmo com gravador, o material ainda tá faltando.
- _ Não me diga.
- _ Esqueci de botar na lista a minicalculadora. Faz uma falta danada na aula de Matemática. Beto já comprou a dele, Heleno também, Miquinha também.
- _ Pelo que vejo, o Brasil contará com grandes matemáticos no futuro.
- _ Tá debochando? Sem calculadora, como é que a gente vai calcular? Resolver um problema ouriçado?
- _ No meu tempo...
- _ Seu tempo já era. Não tinha calculadora, como é que cês iam precisar de calculadora?

_ Talvez você tenha razão. Era um tempo muito mal equipado. Pior: nem equipado era.

_ Viu? Gosto quando cê reconhece a verdade. Mas tem mais. Tá faltando o principal.

_ Um helicóptero, imagino?

_ Não. Um minicomputador. Tem aí um modelo escolar que é jóia. Não pesa muito na mochila, é um barato, vou te contar. Sem microcomputador não posso aparecer no colégio, fico desmoralizado!

(ANDRADE, Carlos Drummond de. **Os dias lindos- crônicas**. Rio de janeiro: Editora Record, 2003, p. 174-176.)

Questões:

1- A crônica traz um drama recorrente no início de ano letivo. Qual é esse drama?
(Sugestão de Resposta: Compra de material escolar a altos preços.)

2- Quais itens fazem parte do “equipamento escolar” de um aluno da sua série atualmente? (Resposta Pessoal)

3- Qual o critério para comprar o material escolar em sua casa: (Resposta Pessoal)

- () o mais bonito, na “moda”, atual;
- () o de melhor qualidade;
- () o de melhor preço;
- () o de boa qualidade, porém com preço menor;

4- Você e seus responsáveis fazem pesquisa de preço de material escolar? Por quê?
(Resposta Pessoal)

5- Como você vê o posicionamento do pai do garoto da história lida diante do fato narrado? (Resposta Pessoal)

6- Como seus pais ou responsáveis se posicionariam diante de um fato semelhante?
Por quê? (Resposta Pessoal)

Texto 2

Cartum



Disponível

em:

<http://atividadesdeportugueseliteratura.blogspot.com/2016/06/modelo-de-prova-de-interpretacao-de.html> Acesso em 12 de ago. 2018.

1- Que relação esse cartum apresenta com o conteúdo do texto 1? (Sugestão de Resposta: A relação de que fala sobre a compra de material escolar.)

2- Analisando o texto 1 e 2, pode-se dizer que:

- I- Os dois tratam do mesmo assunto.
 - II- O texto 1 traz uma crítica ao consumismo tecnológico.
 - III- O texto 2 denunciam o preço elevado dos materiais escolares.
 - IV- Os dois textos não têm relação quanto ao assunto abordado.
-
- a)- As alternativas I, II e IV estão corretas;
 - b)- A alternativa III está incorreta;
 - c)- Somente as alternativas I, II, III estão corretas;
 - d)- Todas as alternativas estão corretas.

3- Com relação ao texto 1, você acha que tudo o que o filho pedia ao pai era mesmo necessário em sala de aula para sua aprendizagem? Por quê? (**Resposta Pessoal**)

4- O consumismo está presente nas compras de materiais escolares no início dos períodos letivos. Comente sobre isso. (**Sugestão de Resposta: Porque, muitas vezes, os pais acabam comprando materiais supérfluos para a sala de aula.**)

5- Compare seu comportamento em relação às compras de materiais escolares no início do ano letivo com o comportamento da personagem-filho na crônica de Drummond. Comente essa comparação e justifique-a. (**Resposta Pessoal**)

6- Qual item tecnológico faz parte da vida de um adolescente hoje? (**Resposta Pessoal**)

7- Você acha que sem esse item que citou, o adolescente sente-se “desmoralizado”? Por quê? (**Resposta Pessoal**)

8- Você também se sentiria “desmoralizado”? Por quê? (**Resposta Pessoal**)

Aprendendo o conceito dos gêneros crônica e cartum

Para Köche e Marinello (2013), a crônica é um gênero textual que aborda reflexões pessoais sobre fatos do cotidiano, porém não se limitando a reproduzir esses fatos, mas mostrando algo não dito, não percebido neles. Fatos desinteressantes a princípio, mas que com um olhar mais apurado é possível perceber seu grau de relevância.

E para Riani (2002), Cartum é um “desenho humorístico sem relação necessária com qualquer fato real ocorrido ou personalidade pública específica. Privilegia, geralmente, a crítica de costumes, satirizando comportamentos, valores e o cotidiano” (RIANI, 2002, p. 34 *apud* GAWRYSZEWSKI, 2008, p. 11).

PROJETO LEITURA SILENCIOSA E LEITURA ORALIZADA: RECURSOS PARA CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS EM TEXTOS - Professora- pesquisadora: Maria Elena da Silva

1ª OFICINA: 1ª etapa: leitura

Aluno: _____ nº _____ série _____ data _____

A professora fará uma leitura oral do texto abaixo, depois você é convidado a responder às questões:

Texto 1

EQUIPAMENTO ESCOLAR

- _ Pai! O material não tá completo não.
- _ O quê? Se eu já comprei livros, apostilas, cadernos, pasta, caixa de lápis de cor, lápis preto, esferográfica, borracha mole, borracha dura, régua, compasso, clipe, apontador, tudo novo, novinho, porque o material do ano passado está superado, como é que não está completo?
- _ Cê esqueceu do gravador.
- _ Esqueci nada, rapaz. Vi o gravador na lista e achei que era piada. Vocês gostam de brincar com a gente.
- _ Brincadeira tem hora, pai. Tou precisando de gravador.
- _ Verdade?
- _ Lógico. A turma toda vai de gravador, só eu que dou uma de palhaço?
- _ Nunca me constou que a característica do palhaço é não levar um gravador na mão.
- _ A tiracolo, pai, com alça. Tem um modelo japonês, levinho, muito bacana. Também se leva na sacola.
- _ Então você quer aparecer no colégio portando gravador porque está na moda, pois não?
- _ Cê não entende lhufas. Gravador faz parte do equipamento escolar moderno.
- _ Começo a perceber. O professor fala, você grava. Então vamos jogar na lixeira esses cadernos, esses lápis, essa parafernália inútil.
- _ Para... o quê?
- _ Fernália. Uma palavra que não existe mas que se aplica neste caso.

- Taí, dessa eu gostei. Como é que se escreve?
- Não interessa. Basta você gravar, quando tiver gravador. Até lá, me explique direito como é a aula com gravador.
- Seguinte. A gente liga, o professor começa o garganteio, a fita vai gravando e ...
- E o quê?
- A gente pensa noutra coisa, né?
- Entendi. Não há necessidade de estar atento ao professor, porque o gravador presta atenção para você. Certo?
- Mais ou menos. O grilo é que a gente tem de prestar atenção no gravador da gente, senão de repente ele solta uma faixa de Billy Cobham, e aí é uma zorra global, entende?
- Entendo. Billy Cobham não é autor recomendado pelo Cesgranrio.
- Por isso não. É que numa hora dessas a turma ataca de Pink Floyd ou de Mahavishnu, e a aula acaba sem a gente escutar um som legal, de tanta zoeira.
- Então o uso do gravador na aula é muito inconveniente, filho. Baralha as músicas que vocês adoram. Preferível não levar gravador e deleitar-se com as músicas fora do colégio.
- Delei... o quê? Cês têm um papo esquisito. Mas eu saquei: cê não tá querendo comprar o gravador, e sem ele me passam pra trás.
- Não é isso. Queria que a aula de vocês fosse bem musical, e nem a voz do professor atrapalhasse, mas vejo que isto é impossível.
- Tou vendo. Mas olha aí. Mesmo com gravador, o material ainda tá faltando.
- Não me diga.
- Esqueci de botar na lista a minicalculadora. Faz uma falta danada na aula de Matemática. Beto já comprou a dele, Heleno também, Miquinha também.
- Pelo que vejo, o Brasil contará com grandes matemáticos no futuro.
- Tá debochando? Sem calculadora, como é que a gente vai calcular? Resolver um problema ouriçado?
- No meu tempo...
- Seu tempo já era. Não tinha calculadora, como é que cês iam precisar de calculadora?
- Talvez você tenha razão. Era um tempo muito mal equipado. Pior: nem equipado era.

_ Viu? Gosto quando cê reconhece a verdade. Mas tem mais. Tá faltando o principal.

_ Um helicóptero, imagino?

_ Não. Um minicomputador. Tem aí um modelo escolar que é jóia. Não pesa muito na mochila, é um barato, vou te contar. Sem microcomputador não posso aparecer no colégio, fico desmoralizado!

(ANDRADE, Carlos Drummond de. **Os dias lindos- crônicas**. Rio de janeiro: Editora Record, 2003, p. 174-176.)

1- A crônica traz um drama recorrente no início de ano letivo. Qual é esse drama?

(Sugestão de Resposta: Compra de material escolar a altos preços.)

2- Quais itens fazem parte do “equipamento escolar” de um aluno da sua série atualmente?

3- Qual o critério para comprar o material escolar em sua casa:

- () o mais bonito, na “moda”, atual;
- () o de melhor qualidade;
- () o de melhor preço;
- () o de boa qualidade, porém com preço menor;

4- Você e seus responsáveis fazem pesquisa de preço de material escolar? Por quê?

5- Como você vê o posicionamento do pai do garoto da história lida diante do fato narrado? (Resposta pessoal)

6- Como seus pais ou responsáveis se posicionariam diante de um fato semelhante?

Por quê?

1- Que relação esse cartum apresenta com o conteúdo do texto 1? (Sugestão de Resposta: A relação de que fala sobre a compra de material escolar.)

2- Analisando o texto 1 e 2, pode-se dizer que:

- I- Os dois tratam do mesmo assunto.
 - II- O texto 1 traz uma crítica ao consumismo tecnológico.
 - III- O texto 2 denuncia o preço elevado dos materiais escolares.
 - IV- Os dois textos não têm relação quanto ao assunto abordado.
-
- a)- As alternativas I, II e IV estão corretas;
 - b)- A alternativa III está incorreta;
 - c)- **Somente as alternativas I, II, III estão corretas;**
 - d)- Todas as alternativas estão corretas.

3- Com relação ao texto 1, você acha que tudo o que o filho pedia ao pai era mesmo necessário em sala de aula para sua aprendizagem? Por quê? (**Resposta pessoal**)

4- O consumismo está presente nas compras de materiais escolares no início dos períodos letivos. Comente sobre isso. (**Sugestão de Resposta: Porque, muitas vezes, os pais acabam comprando materiais supérfluos para a sala de aula.**)

5- Compare seu comportamento em relação às compras de materiais escolares no início do ano letivo com o comportamento da personagem-filho na crônica de Drummond. Comente essa comparação e justifique-a.

6- Qual item tecnológico faz parte da vida de um adolescente hoje?

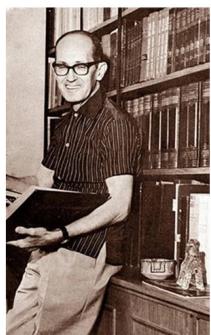
7- Você acha que sem esse item que citou, o adolescente sente-se “desmoralizado”? Por quê?

8- Você também se sentiria “desmoralizado”? Por quê?

Convido um(a) aluno (a) a ler oralmente os textos abaixo e depois todos estão convidados a responder as questões:

Texto 3

Conhecendo um pouco sobre Carlos Drummond de Andrade



Carlos Drummond de Andrade, cronista, jornalista, funcionário público e, principalmente, poeta. Um dos maiores nomes da literatura brasileira apostou em versos livres e linguagem objetiva nas suas obras. Drummond, além de poemas, escreveu livros em prosa e alguns de temática infantil.

O mineiro morou no Rio de Janeiro por muitos anos, mas a terra natal, Itabira, sempre esteve presente nos seus versos. O poeta ainda trata da questão da existência, do individualismo e do fazer poético. Em uma fase mais social, apresenta versos que mostram solidariedade e desejo de transformação.

Drummond viveu em um período marcado pela Guerra Fria. A incerteza da época pode ser percebida em sua obra, o eu-lírico se mostra sem esperança e impotente diante de certas situações.

O escritor apresenta uma poesia concreta, objetiva e com linguagem mais popular. O autor incentiva a liberdade para escrever, como muitos modernistas do seu tempo, e dá um tom ácido aos seus escritos com versos irônicos e sarcásticos.

Nascido em Itabira, Minas Gerais, em 31 de outubro de 1902, Carlos Drummond de Andrade foi estudar na capital do estado. Para completar os estudos, mudou-se para Nova Friburgo. Mas, ao ser expulso do Colégio Anchieta por “insubordinação mental”, voltou a Minas. Foi em Belo Horizonte que teve sua primeira experiência como escritor. Em 1921, escreveu para o “Diário de Minas”, onde ocupou o cargo de redator-chefe anos mais tarde. Trabalhou também no “Estado de Minas”, no “Diário da Tarde” e no “Minas Gerais”. Com alguns amigos, criou “A Revista”, um publicação para exaltar o modernismo. Já no Rio de Janeiro, escreveu crônicas para

o “Jornal do Brasil” e para o “Correio da Manhã”. Chegou a trabalhar também em um periódico comunista, o “Imprensa Popular”, por convite de Luís Carlos Prestes.

Em 1924, dois anos depois da Semana de Arte Moderna, Drummond conhece grandes nomes do modernismo, como Tarsila do Amaral, Oswald de Andrade e Mário de Andrade, com quem passa a se corresponder frequentemente.

Para agradar os familiares que pediam um diploma, formou-se em farmácia na cidade de Ouro Preto, mas nunca atuou na área, ficando conhecido pelo trabalho literário. No mesmo ano, 1925, casou-se. Com a mulher, Dolores Dutra de Moraes, teve Maria Julieta Drummond de Andrade.

O mineiro foi morar no Rio enquanto trabalhava como funcionário público. Foi funcionário do gabinete do ministro da Educação da época e antigo colega de faculdade, Gustavo Capanema, e atuou no Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

O primeiro livro foi “Alguma poesia”, publicado em 1930, e um dos poemas mais famosos do autor foi publicado na “Revista de Antropofagia” em 1928, “No meio do caminho”. Em seus poemas, Drummond falava com orgulho da terra natal e falava de sentimentos de angústia em relação ao futuro.

Devido à importância do poeta na literatura nacional, uma estátua foi colocada em um banco da Praia de Copacabana, bairro em que viveu muitos anos no Rio de Janeiro.

Muito apegada à filha, Carlos Drummond morreu 12 dias depois desta, aos 17 de agosto de 1987, aos 84 anos.

(Biografia e imagem - Disponível em:
<http://educacao.globo.com/literatura/assunto/autores/carlos-drummond-de-andrade.html> Acesso em 12 de ago. 2018).

Texto 4

Conhecendo um pouco sobre o cartunista Gilmar



Imagen - Disponível em: <https://www.dgabc.com.br/Noticia/2882148/o-brasil-tem-muito-a-crescer-nos-quadrinhos> Acesso em 12 de ago. 2018.

(...)

Além do trabalho realizado para a Folha de São Paulo, Gilmar Barbosa acumula passagens pelo Diário de SP, Você S/A, O Pasquim e Vida Econômica, publicação editada em Portugal.

Desde que iniciou sua carreira, há 29 anos, no jornal A voz de Mauá, venceu inúmeros prêmios de humor – o principal deles é o HQMix como melhor cartunista em 2002 e em 2006 conquistou o prêmio jornalístico Vladimir Herzog.

A exposição tem por objetivo incentivar a reflexão sobre o comportamento humano através dos quadrinhos apresentando ao público os personagens criados com o traço leve e único do cartunista Gilmar, vivendo situações típicas do nosso cotidiano como a solidão, a relação a dois, a velhice e a impotência humana.

Gilmar Barbosa já publicou 5 coletâneas de tiras, são elas: Cartuns e Humor – Ócios do ofício (Editora Escala), em 2002; Para ler quando o chefe não estiver olhando (aprovado pelo PNLD), em 2004; Pau pra toda obra, (aprovado pelo PNBE), EM 2005, Editora Devir; Caroço no angu (aprovado pelo PROAC São Paulo) em 2099 e Ocre “Quadrinhos não recomendados para pessoas românticas”, em 2011, Editora Zarabatana Books.

Biografia	-	Disponível	em:
		https://www.facebook.com/bibliotecafrancasp/posts/475011202600603	
		Acesso em	
		12 de ago. 2018.	

1- Você conheceu um pouco sobre os dois autores. Pode-se afirmar, então, que a crônica de Carlos Drummond ainda é atual? Justifique sua resposta. (**Sugestão de Resposta: Sim, pois o assunto ainda é discutível em nossa atualidade. As tecnologias renovam-se e com elas, o material do estudante.**)

2- Geralmente os cartuns trazem implícita alguma crítica. Qual é a crítica que Gilmar apresenta em sua cartum? Justifique sua resposta. (**Sugestão de Resposta:** O preço alto dos materiais escolares. A expressão popular “É uma facada” é utilizada para se referir a preços altos. No cartum em estudo, o lápis adentrando as costas do pai da criança é utilizada para dizer que o material está caro, ou seja, levou uma “lapisada.”)

3- Leia os trechos abaixo retirados das biografias dadas:

“O escritor apresenta uma poesia concreta, objetiva e com linguagem mais popular. O autor incentiva a liberdade para escrever, como muitos modernistas do seu tempo, e dá um tom ácido aos seus escritos com versos irônicos e sarcásticos.” (4º parágrafo)

“Desde que iniciou sua carreira, há 29 anos, no jornal A voz de Mauá, venceu inúmeros prêmios de humor – o principal deles é o HQMix como melhor cartunista em 2002 e em 2006 conquistou o prêmio jornalístico Vladimir Herzog.” (2º parágrafo)

Preencha os parêntese com (V) para verdadeiro e (F) para Falso:

(V) os dois autores tratam de situações do cotidiano de forma crítica e humorada;

(V) os dois autores divergem em seu estilo, porém apresentam uma linguagem menos formal em seus textos.

(F) os dois autores são totalmente opostos em seus estilos e linguagens.

(V) apesar de terem escrito em épocas diferentes, os textos dos dois autores conversam entre si.

PROJETO LEITURA SILENCIOSA E LEITURA ORALIZADA: RECURSOS PARA CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS EM TEXTOS - Professora- pesquisadora: Maria Elena da Silva

1^a OFICINA: 2^a etapa: leitura

Aluno: _____ n° _____ série_____ data_____

Aprendendo a proximidade do gênero crônica e do gênero conto:

Köche e Marinello (2013), destacam uma das características da crônica como sendo um texto curto e breve, produzido numa linguagem informal, em que o locutor tem a oportunidade de falar sobre temas sociais, humanos entre outros.

Abaurre e Abaurre (2012) afirmam que o conto apresenta o caráter breve, porém acrescentam que essa característica “traz algumas consequências para sua estrutura.” (ABAURRE & ABAURRE, 2012, p. 35). De acordo com as autoras, cabe ao autor manter a ordem do universo ficcional e fazer com que essa brevidade não prejudique a evolução e conclusão da narrativa.

De acordo com a referência “LIMA, Barreto. **Crônicas escolhidas de Lima Barreto.** Suplemento da Folha. São Paulo: Ática, 1995. p. 143-145”, tratamos a obra “A gratidão do Assírio” como parte do gênero crônica.

Texto 5 - Conhecendo um pouco sobre Lima Barreto:



Afonso Henrique de Lima Barreto (Rio de Janeiro, RJ, 1881 – 1922) Lima Barreto foi um dos maiores escritores brasileiros, considerado o principal antecedente do modernismo. É filho do tipógrafo João Henrique de Lima Barreto e da professora Amália Augusta Barreto. Nasceu no Rio de Janeiro, em 13 de maio de 1881 e quando criança estudou no Colégio D. Pedro II. Mais tarde, com a ajuda

do padrinho Visconde de Ouro Preto, estudou também no Liceu Popular Niteroiense, frequentado pela elite carioca do período. Em 1897, com dezesseis anos, entrou para a Escola Politécnica de Engenharia, onde mais tarde abandonaria o curso de Mecânica em favor da dedicação exclusiva a literatura.

(...)

Após inúmeras dificuldades, Lima Barreto conseguiu editar em 1909 seu primeiro romance, *Recordação do Escrivão Isaías Caminha*, marcado pela crítica social, além do estilo livre e despojado que contrastava com os escritores parnasianos. A crítica do período, alinhada a uma visão de literatura próxima do academicismo e do culto à forma, recebeu o romance com maus olhos, desferindo as mais diferentes recriminações. Devido à alusão explícita a pessoas da sociedade carioca, atingindo inclusive alguns dos poderosos da imprensa, o maior e mais influente jornal da época *O Jornal do Comércio*, decidiu fazer silêncio sobre a obra do escritor, impedindo que seu nome aparecesse em suas páginas. Mais tarde, esta decisão levou outros jornais a fazer o mesmo. Um dos poucos críticos a tecer elogios à obra de Barreto neste momento foi José Veríssimo, fato que rendeu inclusive uma visita do autor à casa do crítico, como forma de agradecimento.

Em 1911 foi publicado em folhetins o segundo romance de Lima Barreto, *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, onde o autor prossegue interessado em escrever para o maior número de leitores possíveis, rompendo com a pompa e a linguagem rebuscada.

(...)

Em 1914, Lima Barreto encontra-se insatisfeito com o trabalho de amanuense na Secretaria da Guerra, sem editor e decepcionado com as críticas que recebera seus romances. Cada vez mais, passa a recorrer ao álcool para curar as amarguras e decepções da vida. Em meados do ano, o escritor passa a sofrer de alucinações e após os irmãos verem frustradas suas tentativas de ajuda, incluindo uma mudança para a casa de um tio em Guaratiba, Lima Barreto é internado no Hospital Nacional dos Alienados, onde permanece entre agosto e outubro de 1914.

(...)

Lima Barreto foi internado no Hospital Nacional dos Alienados pela segunda vez em 1919. Mais uma vez diagnosticado como alcoólatra, recolheu suas experiências desta passagem pelo Hospício no raro documento literário sobre as

instituições psiquiátricas no Brasil, o livro Cemitério dos Vivos, publicado em 1920. O neurastênico intérprete do mulato e defensor do subúrbio que dizia em seus “Diários Íntimos” que “É difícil não nascer branco” e que “a raça para os brancos é conceito, para os negros pré-conceito” veio a falecer em 1922, aos 41 anos.

Avesso ao nacionalismo e ao purismo linguístico, Lima Barreto é reconhecido por ter mantido uma escrita de estilo livre e muito mais despojada que o estilo dos empolados parnasianos do seu tempo. Forte denunciador da questão do preconceito racial, tanto por suas crônicas quanto por seus romances, ele demonstrou uma sensibilidade incomparável para com o tema do racismo. A sua crítica social, sua escrita militante, além da sua simpatia pelo anarquismo, fez de Lima Barreto um dos principais escritores libertários do País. Para muitos críticos literários, foi Lima Barreto quem sedimentou terreno para a emergência dos escritores modernistas e suas propostas de transformação.

(Biografia e imagem - Disponível em:
<http://www.museuafrobrasil.org.br/pesquisa/hist%C3%B3ria-e-mem%C3%B3ria/historia-e-memoria/2014/07/17/lima-barreto> Acesso em 12 de ago. 2018).

Texto 6 - A gratidão do Assírio (Áudio)



Áudio - Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=w0m-uebyw5Q>
 Acesso em 02 de nov. 2018.

1- Escreva o assunto que pode ser tratado no texto cujo título é “A gratidão do Assírio”. Justifique sua resposta. (**Resposta Pessoal**)

2- Você ouvirá a narração do texto três vezes. Na primeira, ouvirá o áudio para conhecer a história. Na segunda vez, ouça e complete os itens abaixo. Na terceira vez, o professor fará a correção oral:

- a- Quais são os personagens? (**Felício, doutor**)
 - b- O narrador é: () personagem () observador
 - c- Espaço em que se passa a história: área urbana () área rural ()
 - d- Assunto: (**eleições**)
 - e- Conflito: (**Felício não sabe em quem votar para continuar beneficiando-se do dinheiro público**)
 - f- Clímax: (**"Mas a minha maior gratidão é..."**
 Por quem?")
 - g- desfecho: (**Não há solução do conflito. O senhor Felício não se decide e vão embora, deixando o Assírio cheio, ou seja, o mau uso do dinheiro público ainda continuava.**)
 - h- Linguagem: () formal () informal
- 3- O assunto que você colocou na questão 1 se confirmou ou não? Por quê?
(Resposta Pessoal)
-
-

Significado de gratidão

gra·ti·dão

sf

1 Qualidade de quem é grato.

2 Sentimento experimentado por uma pessoa em relação a alguém que lhe concedeu algum favor, um auxílio ou benefício qualquer; agradecimento, reconhecimento.

(<http://michaelis.uol.com.br/busca?id=57WL> Acesso em 16 de ago. 2018.

4- Analisando o verbete do dicionário Michaelis sobre o significado da palavra gratidão, você pensa que a Secretaria do Exterior era tão boa assim que justificava a gratidão do Assírio ou havia outro motivo? Justifique sua resposta com base no

texto. (Sugestão de Resposta: Não. Havia outro motivo: uso indevido do dinheiro público por conta de corrupção, superfaturamento nas prestações de serviço.)

Texto 7-

A gratidão do Assírio

_ Meu caro Senhor Assírio, eu lhe tinha a perguntar se de fato está satisfeito com a vida.

Nós nos havíamos introduzido no elegante porão do Municipal e falávamos ao restaurante *chic* com água na boca. Este não tardou em responder:

– Sei, doutor. Rui Barbosa não tem igual.

– Mas por que você não vota nele?

– Não voto porque não o conheço intimamente, de perto, como já disse ao senhor. Antigamente...

– Você não pensava assim – não é?

– É verdade; mas, de uns tempos a esta parte, dei em pensar.

– Faz mal. O partido...

– Não falo mal do partido. Estou sempre com ele, mas não posso por meu próprio gosto dar sobre mim tanta força a um homem, de que eu não conheço o gênio muito bem.

– Mas, se é assim, você terá pouco que escolher a não ser, nós colegas e nós amigos de você.

– Entre esses eu não escolho, porque não vejo nenhum que tenha as luzes suficientes; mas tenho outros conhecidos, entre os quais posso procurar a pessoa para me governar, guiar e aconselhar.

– Quem é?

– É o doutor.

– Eu?

– Sim, é o senhor.

– Mas, eu mesmo? Ora...

– É a única pessoa de hoje que vejo nas condições e que conheço. O senhor é do partido, e votando no senhor, não vou contra ele.

- De forma que você...
- Voto no senhor, para presidente da república.
- É voto perdido...
- Não tem nada; mas voto de acordo com o que penso. Parece que sigo o que está no manifesto assinado pelo senhor e outros. “Guiados pela nossa consciência e obedecendo o dever de todo republicano de consultá-la” ...
- Chega Felício.
- Não é isso?
- É mas você deve concordar que um eleitor arregimentado tem de obedecer ao chefe.
- Sei, mas isto é quando se trata de um deputado ou senador, mas para presidente, que tem todos os trunfos na mão, a coisa é outra. É o que penso. Demais...
- Você está com teorias estranhas, subversivas...
- Estou, meu caro senhor; estou, imagine que não há dia em que não me veja abarbado com um banquete.
- É assim?
- Pois não, meu digno senhor. Um poeta publica um livro e logo encomendam-me um banquete com todos os “ff” e “rr”; os jornais publicam a lista dos convidados, ao dia seguinte, e o meu nome se espalha por este país todo. Se acontece alguém escrever uma crônica feliz, zás, banquete, retrato e nome nos jornais. Se, por acaso...
- Notamos, – interrompi eu, que nas suas festanças não há mulheres.
- Já observei isto aos *dilettanti* de banquetes e, até, lhes ofereci organizar um quadro de convidadas.
- Que eles disseram?
- Penso que eles não querem rivalidades femininas. Já as têm em bom número masculinas.
- E as flores?
- Com isso não me preocupo, porque, às vezes, elas me servem para meia dúzia de banquetes. Os rapazes não reparam nisso.
- E as iguarias?

– Oh! Isso? Também não vale nada. Basta uns nomes arrevesados, para que os nossos Lúculos comam gato por lebre. Mas a minha maior gratidão é...

– Por quem?

– Pela Secretaria do Exterior. Um cidadão é promovido de segundo secretário a primeiro, banquete; um outro passa de amanuense a segundo secretário, banquete... Herança do Rio Branco! ... Outro dia, como o Serapião passasse de servente a contínuo, logo lhe ofereceram um banquete.

– Os serventes?

– Não; todos os empregados. Que gente boa, meu caro senhor.

Deixamos o Senhor Assírio cheio de uma terna beatitude agradecida por tão bela gente que se banqueteia.

Careta, 11-9-1915

(LIMA, Barreto. **Crônicas escolhidas de Lima Barreto**. Suplemento da Folha. São Paulo: Ática, 1995. p. 143 -145)

1- Na crônica lida aparece uma expressão idiomática “comam gato por lebre”. O que significa esta expressão de acordo com o texto? (Sugestão de Resposta: Que Felício estava enganando as pessoas que o contrataram, por acharem que consumiam um produto de primeira linha, importado, quando, na verdade, consumiam produtos de qualidade inferior.)

Texto 8 - Charge



Disponível em: http://www.juniao.com.br/dp_charge_11_07_2012/ Acesso em 12 de ago. 2018.

1- Qual é o assunto da charge? (Sugestão de Resposta: Eleições.)

2- Analise a imagem e levante hipóteses:

a- Quem são esses personagens? Justifique sua resposta. (Sugestão de Resposta: Políticos porque as gravuras apresentam-se com características apresentadas por políticos porque estão trajando ternos, gravatas, roupas formais utilizadas em instituições legislativas como câmaras e assembleias; e pela linguagem verbal, formal “nobre colega” e “preparando-se para as eleições de outubro”)

b- Onde eles estão? (Sugestão de resposta: Possivelmente, no Congresso Nacional ou na Câmara de Deputados ou de Vereadores)

3- O que dá humor à charge? (Sugestão de resposta: O nariz de galho de árvores de um deles)

4- O que este fato revela? (Sugestão de resposta: que alguns políticos mentem)

5- Para compreender o humor da charge, é necessário conhecer um outro texto. Que texto é esse? (Sugestão de resposta: A história do Pinóquio)

6- O que há de semelhante entre o texto que citou anteriormente e a charge lida? (Sugestão de resposta: O nariz de galho. Pinóquio era um boneco feito de madeira e quando mentia, seu nariz crescia.)

7- A charge dada tem por finalidade:

- () conscientizar sobre o desmatamento;
() criticar os políticos pelas promessas não cumpridas;

() mostrar que a natureza é um tema importante na preparação dos candidatos às eleições.

8- A crítica feita na charge é a mesma feita na crônica? Justifique sua resposta.

(Sugestão de resposta: Não. Na charge, a crítica é feita em relação às promessas falsas; já na crônica, a crítica é feita à corrupção e mau uso do dinheiro público.)

9- Com base nos textos 5 e 6, responda:

a) Os dois textos revelam atitudes que ocorrem atualmente no campo político? Por quê? (Sugestão de resposta: sim. Ainda há promessas falsas e constantes fatos de corrupção revelados nos noticiários do país.)

10- Você conhece um fato semelhante ao narrado na crônica “A gratidão de Assírio”? (Resposta Pessoal)

11- Você já vota nas eleições governamentais? (Resposta Pessoal)

12- Você acha correto a prática de “compra de votos” por produtos ou “favorecimento” de cargos nas instituições públicas em troca do voto? Por quê? (Resposta Pessoal)

13- Você conhece alguém que já vendeu o voto? O que essa pessoa alegou sobre a venda do voto? (Resposta Pessoal)

14- Este ano teve eleições para presidente, senadores, governadores, deputados federais e estaduais. Você sabe quem foram os candidatos a presidente e a governador do seu estado? (Resposta Pessoal)

15- Você e sua família assistiram aos debates políticos? Por quê? (Resposta Pessoal)

16- Você acompanha as notícias e reportagens sobre os acontecimentos políticos do seu bairro, da sua cidade, do seu estado e do seu país? Por quê? (**Resposta Pessoal**)

17- Na crônica de Lima Barreto, o personagem Felício quer que seu candidato seja alguém que ele conhece. Veja: “mas não posso por meu próprio gosto dar sobre mim tanta força a um homem, de que eu não conheço o gênio muito bem.” (9º parágrafo).

Para você, é importante pesquisar e conhecer a vida política em quem vai se votar? Por quê? (**Resposta Pessoal**)

18- Você já ouviu falar da “Lei da Ficha Limpa”? (**Resposta Pessoal**)

19- A seu ver, quais características deve ter um bom candidato? (**Resposta Pessoal**)

20- O que você como estudante gostaria que um candidato a presidente, a governador trouxesse como proposta para a educação? Por quê? (**Resposta Pessoal**)

Texto 9 - Conhecendo um pouco sobre o cartunista Junião:



Imagen e parte da biografia - Disponível em:
http://correio.rac.com.br/conteudo/2013/11/entretenimento/correio_recomenda/128613-cartunista-juniao-abre-exposicao-na-biblioteca-municipal.html Acesso em 12 de ago. 2018.

O cartunista Antônio Carlos de Paula Junior, o Junião, conhecido pelos trabalhos publicados nos jornais do **Grupo RAC**, mostra seus trabalhos em exposição gratuita na Biblioteca Pública Municipal Professor Ernesto Manoel Zink, em Campinas.

O cartunista apresenta um pouco de sua sabedoria desenhada, com destaque para as caricaturas de nomes famosos, seja nas artes ou na política (...). Temas como meio ambiente, pobreza, justiça e racismo também estão retratados nos desenhos de Junião, que prima pela diversidade com genialidade, perspicácia e humor. “O jornalismo dá agilidade para falar de vários assuntos”, comenta Junião.

Junião desenha profissionalmente há 19 anos. Estudou Artes Visuais na Unesp, em Bauru, trabalhou em agências de publicidade, escolas da periferia, revistas e jornais. Em Campinas, ilustrou notícias e publicou charges no jornal Diário do Povo. Também ilustrou livros (didáticos, de ficção, infantis, adolescentes e adultos), para publicidade, campanhas educativas, apostilas escolares e todo o resto foram consequência desse trabalho.

Atualmente, o foco do trabalho são charges e ilustrações sobre esportes, inclusive para aplicativos de celular e redes sociais.

(Parte da Biografia - Disponível em: <http://campinas.sp.gov.br/noticias-integra.php?id=21367> Acesso em 12 de ago. 2018.)

21- Para finalizar esta proposta de ensino, escolha um dos textos trabalhados e faça uma ilustração abaixo. Caso não queira desenhar, você pode pesquisar um cartum, uma charge ou um outro gênero que discorra sobre os mesmos temas.

6.2- APÊNDICE 2- ATIVIDADES DA SEGUNDA OFICINA

PROJETO LEITURA SILENCIOSA E LEITURA ORALIZADA: RECURSOS PARA CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS EM TEXTOS - Professora- pesquisadora: Maria Elena da Silva

2ª OFICINA: 1ª etapa: Antes da leitura, durante a leitura e estratégias de leitura

Aluno: _____ n° _____ série _____ data _____

Para a atividades abaixo, acompanhe os slides:

Antes da leitura:

Durante a leitura

1- Estratégia de antecipação:

1.1- Observe o trecho abaixo retirado de uma crônica. Leia em silêncio e depois levante hipótese sobre qual será o assunto do texto. Escreva a hipótese levantada no espaço abaixo, à caneta. (**Resposta Pessoal**)

2.2- Assista aos vídeos e escreva se continua com a mesma hipótese ou não. Caso mude de opinião, diga o porquê da mudança. (**Resposta Pessoal**)



2.2.1. I Vídeo: Maratona de São Paulo 2018 - Brasil campeão- Publicado em 8 de abri de 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pjRa5ugn7qE> Acesso em 12 de ago. 2018.

2.2.2. II Vídeo: Usain Bolt - all olympic finals + bonus round - top moments - Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=FuiJHJz4f5Q>> Acesso em: 19 de set. 2018.

2.2.3. III- Vídeo - estudantes não conseguiram fazer as provas porque chegaram atrasados. SBT MT _ Publicado em 6 de nov de 2012(partes mais condizentes com o texto) Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rxM4j1seuUw> - Acesso em 12 de ago. 2018.

2.2.4. IV- Vídeo - Rapaz chegando atrasado à prova. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tIq4NBv_RaA> Acesso em: 19 de set. 2018.

2.2.5. V- Vídeo - Os 10 atrasados do ENEM mais inesquecíveis. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MIJN4v7C_Gw> Acesso em: 19 de set. 2018.

3- Estratégia de verificação:

3.1- Leia, abaixo, o 1º Parágrafo do texto. E agora, após ser dado este parágrafo, você continua com a mesma opinião ou acha que o assunto do texto pode ser outro? Por quê? (**Resposta Pessoal**)

3.2- Leia em silêncio o 1 e 2º parágrafos do texto e confirme se sua resposta anterior estava de acordo com o assunto do texto apresentado abaixo: (**Resposta Pessoal**)

4. Estratégia de antecipação:

4.1- Leia as descrições a seguir e os nomes relacionados abaixo. Ligue os nomes às descrições que achar convenientes aos personagens. Faça à caneta. (**Resposta Pessoal**)

Carlinhos Gordo	advogado (73 anos)
Maria Alice Nunes	enfermeira (38 anos)
José Oado	parturiente (acaba de dar a luz)
Andréa Paula Machado	treineira (13 anos)
Márcia Cristina da Silva	índio guarani cego, 24 anos,
Edgar Carvalho	presidiário- ladrão de carros
Maria Regina Gonçalves	Jovem, 17 anos, lactante (quem amamenta)

4.3. Com a leitura da professora, confira as descrições corretas aos personagens e anote-as nos espaços indicados abaixo:

- 1-Carlinhos Gordo (**presidiário- ladrão de carros**)
- 2- Maria Alice Nunes (**parturiente que acaba de dar a luz**)
- 3- José Oado (**índio guarani cego, 24 anos**)
- 4- Andréa Paula Machado (**Jovem, 17 anos, lactante**)
- 5- Márcia Cristina da Silva (**treineira - 13 anos**)
- 6- Edgar Carvalho (**advogado - 73 anos**)
- 7- Maria Regina Gonçalves (**enfermeira - 38 anos**)

4.4. O narrador escolherá uma das personagens citadas para narrar algo sobre ela. Levante hipótese sobre qual das personagens será escolhida pelo narrador. Escreva no espaço abaixo sua escolha. Justifique sua resposta. (**Resposta Pessoal**)

5- Estratégia de verificação:

- 5.1- Leia, agora, os 3º e o 4º parágrafos da crônica e confira sua resposta. (**Sugestão de Resposta: Maria Regina Gonçalves**)
-
-
-
-
-
-

6- Estratégia de antecipação:

- 6.1. Já sabemos que Maria Regina Gonçalves, enfermeira, 38 anos, foi escolhida pelo narrador para ser a personagem principal de sua história. Levante hipótese sobre por qual motivo o narrador impressionou-se mais com ela e achou a estória dela mirabolante. Escreva sua hipótese nas linhas abaixo: (**Resposta Pessoal**)
-
-
-
-
-
-

7- Estratégia de verificação:

- 7.1. Leia o trecho a seguir e confira sua resposta.
-
-

8- Estratégia de antecipação:

- 8.1- O que será que acontece nesse momento da história? Levante hipótese sobre o que aconterá com Maria Regina. Escreva nas linhas abaixo, sua hipótese. Justifique

sua resposta. (Sugestão de Resposta: Maria Regina Gonçalves é assaltada por três marmanjos covardes que pegam seus documentos, 200 mil cruzeiros e lhe batem.)

9- Estratégia de verificação:

9.1- O trecho anterior revela o conflito da crônica. Leia o trecho que segue abaixo e confira sua resposta anterior. (Sugestão de Resposta: Lá vai nossa Maria Regina. Mas não vai simplesmente. Vai grávida. Vai grávida, mas não é uma grávida amparada pelo marido, mas uma grávida solteira, enfrentando o mundo com sua barriga e coragem. No entanto, hora e meia antes do exame, em São Cristóvão, é assaltada por três marmanjos covardes, que tomam dela os documentos, 200 mil cruzeiros, e o pior: lhe dão uma porção de safanões, num exercício de sadismo matinal.)

10- Estratégia de antecipação:

10.1- O que será que acontece à personagem Maria após esse episódio de violência? Assinale a alternativa provável para você, quanto ao acontecimento da cena.

- | | |
|--|---|
| a) () deu à luz ao bebê; | c) () ficou lamuriando o resto da vida; |
| b) () voltou chorando para casa; | d) (X) foi em frente fazer o vestibular. |
-

11- Estratégia de verificação:

11.1- Leia o trecho dado e confira sua resposta. (Sugestão de resposta: Maria Regina poderia depois disto voltar chorando para casa e ficar lamuriando o resto da vida. Fez o contrário: foi em frente, embora, ao chegar no local, soubesse que outra colega, também assaltada, desistira do exame. Maria Regina deu um jeito, arranjou até cópia xerox de sua carteira de identidade, fez a prova, comprometendo-se a mostrar os documentos mais tarde.)

12- Estratégia de antecipação:

12.1- Continue levantando hipóteses. O que será que aconteceu à noite à personagem Maria Regina? Assinale a alternativa abaixo, que para você foi o que ocorreu com ela, nesse momento da história.

- | | |
|--------------------------------------|---|
| a) () deu à luz ao bebê; | c) (<input checked="" type="checkbox"/> X) teve uma hemorragia; |
| b) () foi assaltada novamente; | d) () perdeu o bebê. |

13- Estratégia de verificação:

13.1- Leia o trecho dado e verifique se sua resposta anterior estava de acordo com o texto: (Sugestão de resposta: Mas, de noite, teve uma hemorragia. Pena que os ladrões não pudessem ver a cena, pois ficariam mais felizes. O médico lhe ordena “repouso absoluto”. Ela ali “repousando”, mas agoniada, porque a burocracia lhe exigia comprovações de documentos para validar os exames.)

14- Estratégia de antecipação:

14.1- E agora, o que será que acontece à Maria Regina quatro dias dela ter tido a hemorragia? Levante uma hipótese e escreva-a abaixo: (Resposta Pessoal)

15- Estratégia de verificação:

15.1- Leia o parágrafo completo e confira sua resposta: (Sugestão de resposta: Mas, de noite, teve uma hemorragia. Pena que os ladrões não pudessem ver a cena, pois ficariam mais felizes. O médico lhe ordena “repouso absoluto”. Ela ali “repousando”, mas agoniada, porque a burocracia lhe exigia comprovações de documentos para validar os exames. Como desgraça pouca é bobagem, quatro dias depois morre o pai de seu namorado, daí a uns dias ela aborta e teve que ficar mesmo internada.)

16- Estratégia de inferência:

16.1- O autor afirma que viu várias fotos que mostravam jovens correndo. Que meio de comunicação você acha que mostrou essas imagens? Por quê? (Sugestão de

resposta: Jornal impresso porque, geralmente, noticiam esses eventos. Se fosse televisão utilizariam imagens ao invés de fotos e mediante a data da crônica, ainda não havia a internet.)

16.2. Você já conheceu alguém que passou por problemas em um dia de vestibular assim como a personagem Maria Regina? **(Resposta Pessoal)**

16.3- O que relatou essa pessoa para você? **(Resposta Pessoal)**

17- Pergunta de decodificação:

17.1- Qual é o nome da empresa que ficou responsável por acordar mais de 10 mil jovens? **(Sugestão de resposta: Telerj.)**

17.2- De que forma esses jovens foram acordados? **(Sugestão de resposta: Os jovens foram acordados pelo despertador telefônico.)**

18- Estratégia de antecipação:

18.1- Como você acha que termina a história da personagem Maria Regina? Assinale a alternativa abaixo que, na sua opinião, corresponde ao desfecho da história da enfermeira:

- () Não passou no vestibular e ficou na última colocação;
 - () Passou, mas não vai poder fazer a matrícula porque perdeu os documentos;
 - () Passou em primeiro lugar, mas como seu nome não apareceu na lista porque não apresentou documentos, desistiu do concurso;
 - (**X**) Passou em primeiro lugar, seu nome não apareceu na lista, mas entrará com mandado de segurança para poder matricular-se e tomar posse da vaga.
- *****

19- Estratégia de verificação:

19.1- Confira, agora, o desfecho que teve a história da personagem Maria Regina. **(Sugestão de resposta: E vede agora, ó filhinhos e filhinhas do papai, que esbanjais seus corpinhos sem destino nas praias da irresponsabilidade! Maria Regina foi a**

primeira colocada (nota 96) no concurso de Enfermagem e Sanitarismo. Tirou primeiro lugar e seu nome não apareceu na lista. Ainda vai ter que provar que existe. Mas já impetrou mandado de segurança. É claro que vai ganhar.)

20. Perguntas de compreensão do texto:

20.1- Como você imagina ser as características físicas da personagem Maria Regina? Justifique sua resposta. (**Resposta Pessoal**)

20.2 - Assista aos vídeos e depois responda à questão: O que há de comum entre a história de Maria Regina e as personagens que aparecem nos vídeos? (**Sugestão de resposta: São pessoas pobres que fizeram muitos sacrifícios para passar no vestibular.**)



VI – Vídeo - Jovem negra de escola pública passa em primeiro lugar no vestibular mais concorrido do País - Publicado em 6 de fev. de 2017 - Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=m-gq6DjghjA> Acesso em 19 de set. 2018.

VII – Vídeo - Estudante de escola pública, passa em 1º lugar na USP- Publicado em 10 de fev de 2017 - Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=R6nGEEE6zb8> Acesso em 19 de set. 2018.

VIII – Vídeo - Jovem de família humilde é aprovado em três faculdades de medicina - Publicado em 18 de out de 2016 - Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2K-7iNVER6w> Acesso em 19 de set. 2018.

VIX – Vídeo - História de Lívia Marinho - Do lixão ao Tribunal de Justiça do RJ - Concurso Público- Publicado em 12 de jun de 2014- Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FV-bex124O4> Acesso em 19 de set. 2018.

X – Vídeo - Com livros achados no lixo, catadora passa em vestibular no ES-
Publicado em 4 de mar de 2012 - Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=wdLFn2tHtcE> Acesso em 19 de set. 2018.

20.3- Na sua opinião, qual das personagens dos vídeos assistidos deles se assemelha mais à história de Maria Regina? Por quê? (**Resposta Pessoal**)

21- Estratégia de antecipação:

21.1- Você sabe qual é o título desta crônica? Caso não saiba, que sugestão de título daria? Escreva, abaixo, a sua sugestão: (**Resposta Pessoal**)

22- Estratégia de verificação:

22.1- A seguir, confira o título da obra de Affonso Romano de Sant'Anna, trabalhada nas atividades anteriores.

(SANT'ANNA, Affonso Romano de. Porta de Colégio e outras crônicas. 7.ed. São Paulo: Ática, 2002, p. 62-64) (**Sugestão de resposta: O vestibular da vida**)

23- Pergunta de compreensão:

23.1 - Você acha que as personagens principais dos últimos vídeos assistidos também passaram no vestibular da vida assim como Maria Regina? Justifique sua resposta.
(**Sugestão de resposta: Sim, porque mesmo com dificuldades não desistiram dos seus sonhos e venceram, assim como Maria Regina.**)

23.2 - Leia agora este outro trecho retirado do último parágrafo da crônica “O vestibular da vida” de Affonso Romano de Sant'Anna:

“E vede agora, ó filhinhos e filhinhas do papai, que esbanjais vossos corpinhos sem destino nas praias da irresponsabilidade!”

Qual a provável intenção do autor ao utilizar o termo “filhinhos e filhinhas de papai” ?
(**Sugestão de resposta: Criticar aqueles que são sustentados pelos pais e não se esforçam para conquistar algo, como passar no vestibular.**)

PROJETO DE LEITURA SILENCIOSA E LEITURA ORALIZADA: RECURSOS PARA CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS EM TEXTOS - CRÔNICA

O vestibular da vida

Um enduro sem moto, um rali sem carro, uma maratona onde, ao invés de atletas, correm paraplégicos, cegos, presidiários, grávidas e doentes de macas, esta é a imagem que nos deixa este vestibular realizado esta semana, mobilizando centenas de milhares de jovens em todo país.

Várias fotos mostram jovens correndo desabalados dentro de seus jeans justos e camisetas palavrosas em direção ao portão da universidade, como se fossem dar um salto tríplice. Como se fossem dar um salto sem vara. Como se fossem dar um salto na vida. Ao lado, aparecem parentes incentivando o corredor-saltador, aparecem colegas gritando em torcida. Correi, jovens, correi, que estreita é a porta que vos conduzirá à salvação! E ali está, como São Pedro, um porteiro ou guarda, que vai bater a porta na cara do retardatário, que chorará, implorará, arrancará os cabelos num ranger de dentes, enquanto, saltitantes, os mais espertos pulam (ocultamente) um muro e penetram o paraíso (ou inferno da múltipla escolha).

A Telerj declarou que teve de acordar mais de 10 mil jovens pelo despertador telefônico. Carlinhos Gordo, o maior ladrão de carros do país, estava entre os 39 presidiários que, no Rio, fizeram, mesmo na cadeia, o exame. Mais de trinta deficientes visuais tiveram que tatear as 51 folhas em braile. Maria Alice Nunes teve um filho e saiu da maternidade com o recém-nascido no colo para enfrentar o unificado. Um índio cego- o guarani José Oado, 24 anos – disputa uma vaga em História (ou na história); Andréa Paula Machado, 17 anos, teve que interromper o exame escrito várias vezes, para o prazer oral do bebê que, entre uma mamada e outra, voltava ao colo da avó. Dois fiscais que transportavam as provas no caminho de Petrópolis morreram num acidente. Um estudante com rubéola fez, num posto médico, prova ao lado de outro com catapora. Todas as idades ali estavam representadas: Márcia Cristina da Silva, 13 anos, vejam só!, já começou a treinar para o vestibular de Medicina em 88, e neste só achou difícil a prova de literatura. Mas lá estava também Edgar Carvalho, 73 anos, advogado, trocando as delícias da aposentadpria pela ideia de se tornar médico e ainda ser útil aos outros. Por isto, discordo da jovem que o interpelou acusando-o de estar tirando a vaga de outro. Socialmente é melhor um velho de 73 anos que qualquer dos jovens que faltaram à

prova porque dormiam, que não foram classificados porque achavam que vestibular era loto e vivem na ociosidade daninha à custa dos pais.

Mas, de todos os casos, impressiona mais o de Maria Regina Gonçalves, uma enfermeira de 38 anos. Vejam que estória mirabolante.

Lá vai nossa Maria Regina. Mas não vai simplesmente. Vai grávida. Vai grávida, mas não é uma grávida amparada pelo marido, mas uma grávida solteira, enfrentando o mundo com sua barriga e coragem. No entanto, hora e meia antes do exame, em São Cristóvão, é assaltada por três marmanjos covardes, que tomam dela os documentos, 200 mil cruzeiros, e o pior: lhe dão uma porção de safanões, num exercício de sadismo matinal.

Maria Regina poderia depois disto voltar chorando para casa e ficar lamuriando o resto da vida. Fez o contrário: foi em frente, embora, ao chegar no local, soubesse que outra colega, também assaltada, desistira do exame. Maria Regina deu um jeito, arranjou até cópia xerox de sua carteira de identidade, fez a prova, comprometendo-se a mostrar os documentos mais tarde.

Mas, de noite, teve uma hemorragia. Pena que os ladrões não pudessem ver a cena, pois ficariam mais felizes. O médico lhe ordena “repouso absoluto”. Ela ali “repousando”, mas agoniada, porque a burocracia lhe exigia comprovações de documentos para validar os exames. Como desgraça pouca é bobagem, quatro dias depois morre o pai de seu namorado, daí a uns dias ela aborta e teve que ficar mesmo internada.

E vede agora, ó filhinhos e filhinhas do papai, que esbanjais seus corpinhos sem destino nas praias da irresponsabilidade! Maria Regina foi a primeira colocada (nota 96) no concurso de Enfermagem e Sanitarismo. Tirou primeiro lugar e seu nome não apareceu na lista. Ainda vai ter que provar que existe. Mas já impetrhou mandado de segurança. É claro que vai ganhar.

PROJETO LEITURA SILENCIOSA E LEITURA ORALIZADA: RECURSOS PARA CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS EM TEXTOS - Professora- pesquisadora: Maria Elena da Silva

2ª OFICINA: 2ª etapa: durante a leitura e após a leitura

Caro/a aluno/a, você é convidado a ler a crônica inteira, numa leitura silenciosa. Após, é convidado a ler também o texto 2, de forma silenciosa. Feitas as leituras, responda às questões pedidas.

23.6- Qual é a data em que Affonso Romano de Sant'Anna escreveu essa crônica?
 (Sugestão de resposta: 12 de janeiro de 1986.)

24 - Pergunta de interpretação:

24.1- Leia o poema abaixo e depois responda às questões 24.1.1 a 24.1.11:

Texto 2- Poema Vestibular - Ferreira Gullar

Paulo Roberto Parreiras
 desapareceu de casa.
 Trajava calças cinza e camisa branca
 e tinha dezesseis anos.
 Parecia com o teu filho, teu irmão,
 teu sobrinho, parecia
 com o filho do vizinho
 mas não era. Era Paulo
 Roberto Parreiras
 que não passou no vestibular.

Recebeu a notícia quinta-feira à tarde,
 ficou tarde
 e sumiu.
 De vergonha? de raiva?
 Paulo Roberto estudou
 dura duramente
 durante os últimos meses.
 Deixou de lado os discos,
 o cinema,
 até a namoradinha ficou dias sem vê-lo.
 Nem soube do carnaval.
 Se ele fez bem ou mal
 não sei: queria
 passar no vestibular.
 Não passou. Não basta
 estudar?

Paulo Roberto Parreiras
 a quem nunca vi mais gordo,
 onde quer que você esteja
 fique certo
 de que estamos de seu lado.
 Sei que isso é muito pouco
 Para quem estudou tanto
 e não foi classificado (pois não há mais
 excedentes), mas
 é o que lhe posso oferecer: minha
 palavra
 de amigo
 desconhecido.
 Nesta mesma quinta-feira
 Em Nova York morreu
 um menino de treze anos que tomava
 entorpecentes.
 Em S. Paulo, outro garoto
 foi preso roubando um carro.
 ou surgem como cometas ardendo em
 sangue, nestas noites,
 nestas tardes,
 nestes dias amargos.

Não sei pra onde você foi
 nem o que pretende fazer
 bem posso dizer que volte
 para casa,
 estude (mais?) e tente outra vez.
 Não tenho nenhum poder,
 nada posso assegurar.
 Tudo que posso dizer-lhe
 é que a gente não foge
 da vida,
 é que não adianta fugir.
 Nem adianta endoidar.
 é que você tem o direito de estudar.
 É justa a sua revolta:
 seu outro vestibular.

(Toda Poesia 1950-1980 – Ferreira
 Gullar -Editora Civilização – 2^a edição.
 Disponível em:
<https://vermelho.org.br/prosa-poesia-arte/ferreira-gullar-vestibular/> Acesso
 em 20 de set. 2018

24.1.1 – Qual é o tema deste poema? (Sugestão de resposta: vestibular.)

24.1.2 – O tema do poema lido é o mesmo proposto na crônica “O vestibular da vida” de Affonso Romano de Sant’Anna? Justifique sua resposta. (Sugestão de resposta: sim, os dois falam sobre vestibular.)

24.1.3- Os dois textos se assemelham ou se divergem na condução do tema? Por quê? (Sugestão de resposta: Os textos divergem-se na condução do tema, pois a crônica fala das dificuldades que os candidatos passam, porém eles obtiveram êxito; já no poema, apesar do personagem se esforçar muito, não teve sucesso, não conseguiu passar no vestibular.)

24.1.4- Observe os trechos abaixo:

“Não passou. Não basta
Estudar?” (versos 25 e 26 da 2^a estrofe) | “estude (mais?) e tente outra vez”
(verso 51 da 4^a estrofe)

Analisando estes versos, qual a crítica feita pelo eu lírico ao vestibular? (Sugestão de resposta: Que o vestibular é injusto, porque mesmo que estude muito, e por um longo tempo, o candidato não tem a certeza de que passará, pois os conteúdos pedidos não são sempre os mesmos.)

24.1.5- Você concorda com essa crítica? Por quê? (Resposta Pessoal)

24.1.6- Observe os versos 30 e 31 – da 3^a estrofe do poema “Vestibular”:

“fique certo
de que estamos de seu lado.”

E qual é a intenção do eu lírico ao fazer essa afirmação? Justifique sua resposta. (Sugestão de resposta: confortar Paulo Roberto Parreira, pois ele estava desorientado e precisava de apoio.)

24.1.7- Leia os versos 61 e 62 da última estrofe do poema “Vestibular”:

“É justa a sua revolta:
seu outro vestibular.”

O que se pode concluir com a leitura destes versos em relação às atitudes de Paulo? (Sugestão de resposta: que o jovem tinha razão de estar revoltado, pois estudara tanto, fizera sacrifícios e reprovara por mais de uma vez.)

Etapa: Depois da leitura

25. Pergunta de retenção:

25.1- Em relação à personagem de Maria Regina, como você reagiria se estivesse numa situação como a que ela passou? Você desistiria da prova e voltaria para casa ou seguiria em frente e iria fazer a prova? Por quê? **(Resposta Pessoal)**

25.2. Em relação à personagem de Paulo Roberto Parreiras, se estivesse estudado muito para passar no vestibular e recebesse a notícia de que reprovou mais uma vez, qual seria sua reação? Por quê? **(Resposta Pessoal)**

25.3- Em relação à data em que Affonso de Romano escreveu a crônica lida, você acha que, 32 anos depois, ainda hoje há pessoas que sonham e lutam para entrar na Universidade, assim como Maria Regina Gonçalves? Justifique sua resposta. **(Resposta Pessoal)**

25.4- Ainda, em relação à crônica “O vestibular da vida”, o autor levanta uma questão social. Que questão é essa? **(Sugestão de resposta: Desigualdade social)**

25.5- Você deseja fazer um vestibular futuramente? Em caso afirmativo, qual seria o curso pretendido? **(Resposta Pessoal)**

25.7- O que é o vestibular da vida para você? **(Resposta Pessoal)**

25.8 - O que você diria a uma pessoa que já fez vários vestibulares para um curso que quer tanto e se frustra por não conseguir passar? **(Resposta Pessoal)**

25.9- Na sua opinião, o apoio da família e dos amigos é importante em um momento de frustração como este? Justifique sua resposta. **(Resposta Pessoal)**

25.10- De qual texto, você gostou mais: crônica “O vestibular da vida” ou poema “Vestibular”? Por quê? **(Resposta Pessoal)**

26 - Atividades de Análise linguística

26.1- Observe os trechos abaixo:

“Um enduro sem moto, um rali sem carro, uma maratona onde, ao invés de atletas, correm paraplégicos, cegos, presidiários, grávidas e doentes de macas, esta é a imagem que nos deixa este vestibular realizado esta semana, mobilizando centenas de milhares de jovens em todo país.”

“Lá vai nossa Maria Regina.”

Observando as palavras destacadas, podemos afirmar:

- I- O narrador utiliza o pronome “nos” e “nossa” para inserir a si e ao leitor no texto;
- II- O narrador utiliza “nos” porque narra os fatos somente em primeira pessoa do plural;
- III- O narrador utiliza “nossa” porque a personagem é parente dele.

- | | |
|-----------------------------|----------------------------|
| a) I, II, estão corretas; | c) I, III, estão corretas; |
| b) II, III, estão corretas; | d) I está correta; |

26.2- Observe os períodos retirados do texto.

“Mas lá estava também Edgar Carvalho, 73 anos, advogado, trocando as delícias da aposentadoria pela ideia de se tornar médico e ainda ser útil aos outros.”

“Mas, de todos os casos, impressiona mais o de Maria Regina Gonçalves, uma enfermeira de 38 anos.”

“Mas não vai simplesmente. Vai grávida. Vai grávida, mas não é uma grávida amparada pelo marido, mas uma grávida solteira, enfrentando o mundo com sua barriga e coragem.”

“Mas, de noite, teve uma hemorragia.”

“Ela ali “repousando”, mas agoniada, porque a burocracia lhe exigia comprovações de documentos para validar os exames.”

O que esses períodos têm em comum? (**Sugestão de resposta: o uso do conectivo “mas”**)

26.3- Qual seria a provável intenção do autor ao utilizar este recurso? Por quê? (**Sugestão de resposta: Uma possível intenção seria utilizar este recurso para indicar**

interrupção temporal, ou seja, o tempo era um fator dificultador na ação da personagem e também utilizou para criar expectativas e prender a atenção do leitor.)

26.4-Leia o trecho a seguir:

“E ali está, como São Pedro, um porteiro ou guarda, que vai bater a porta na cara do retardatário, que chorará, implorará, arrancará os cabelos num ranger de dentes, **enquanto**, saltitantes, os mais espertos pulam (ocultamente) um muro e penetram o paraíso (ou inferno da múltipla escolha).”

A palavra destacada expressa um sentido de:

() momento () tempo anterior () tempo posterior (X) tempo concomitante

26.5- Se substituíssemos essa palavra por “antes que”, o sentido continuaria o mesmo? Explique. Veja:

“E ali está, como São Pedro, um porteiro ou guarda, que vai bater a porta na cara do retardatário, que chorará, implorará, arrancará os cabelos num ranger de dentes, **antes que**, saltitantes, os mais espertos pulam (ocultamente) um muro e penetram o paraíso (ou inferno da múltipla escolha).” (Sugestão de resposta: Não. Daria a entender que um fato ocorreu em um tempo anterior a outro.)

PROJETO LEITURA SILENCIOSA E LEITURA ORALIZADA: RECURSOS PARA CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS EM TEXTOS - Professora- pesquisadora: Maria Elena da Silva

2^a OFICINA: 2^a etapa: durante a leitura e após a leitura

Caro/a aluno/a, você é convidado a ouvir a crônica “O vestibular da Vida” de Affonso Romano de Sant’Anna e o poema “Vestibular” de Ferreira Gullar, que foram oralizados pela professora-pesquisadora. Após, é convidado a responder as questões pedidas.

(As sugestões de respostas são as mesmas dadas na prática de leitura silenciosa)

23.2 - Leia o trecho retirado do último parágrafo da crônica “ O vestibular da vida” de Affonso Romano de Sant’Anna:

“E vede agora, ó filhinhos e filhinhas do papai, que esbanjais vossos corpinhos sem destino nas praias da irresponsabilidade!”

Qual a provável intenção do autor ao utilizar o termo “filhinhos e filhinhas de papai” ?

24.1.1 – Qual é o tema do poema?

24.1.2 – O tema do poema lido é o mesmo proposto na crônica “O vestibular da vida” de Affonso Romano de Sant’Anna? Justifique sua resposta.

24.1.3- Os dois textos se assemelham ou se divergem na condução do tema? Por quê?

24.1.4- Observe os trechos abaixo:

“Não passou. Não basta

“estude (mais?) e tente outra vez”

Estudar?” (versos 25 e 26 da 2^a estrofe)

(verso 51 da 4^a estrofe)

Analisando estes versos, qual a crítica feita pelo eu lírico ao vestibular?

24.1.6- Observe os versos 30 e 31 – da 3^a estrofe do poema “Vestibular”:
 “fique certo
 de que estamos de seu lado.”

E qual é a intenção do eu lírico ao fazer essa afirmação? Justifique sua resposta.

24.1.7- Leia os versos 61 e 62 da última estrofe do poema “Vestibular”:
 “É justa a sua revolta:
 seu outro vestibular.”

O que se pode concluir com a leitura destes versos em relação às atitudes de Paulo?

Depois da leitura

25. Pergunta de retenção:

25.4- Ainda, em relação à crônica “O vestibular da vida”, o autor levanta uma questão social. Que questão é essa?

26 - Atividades de Análise linguística

26.1- Observe os trechos abaixo:

“Um enduro sem moto, um rali sem carro, uma maratona onde, ao invés de atletas, correm paraplégicos, cegos, presidiários, grávidas e doentes de macas, esta é a imagem que nos deixa este vestibular realizado esta semana, mobilizando centenas de milhares de jovens em todo país.”

“Lá vai nossa Maria Regina.”

Observando as palavras destacadas, podemos afirmar:

- I- O narrador utiliza o pronome “nos” e “nossa” para inserir a si e ao leitor no texto;
- II- O narrador utiliza “nos” porque narra os fatos somente em primeira pessoa do plural;
- III- O narrador utiliza “nossa” porque a personagem é parente dele.

- e) I, II, estão corretas; g) I, III, estão corretas;
f) II, III, estão corretas; h) I está correta;

26.2- Observe os períodos retirados do texto.

“Mas lá estava também Edgar Carvalho, 73 anos, advogado, trocando as delícias da aposentadoria pela ideia de se tornar médico e ainda ser útil aos outros.”

“Mas, de todos os casos, impressiona mais o de Maria Regina Gonçalves, uma enfermeira de 38 anos.”

“Mas não vai simplesmente. Vai grávida. Vai grávida, mas não é uma grávida amparada pelo marido, mas uma grávida solteira, enfrentando o mundo com sua barriga e coragem.”

“Mas, de noite, teve uma hemorragia.”

“Ela ali ‘repousando’, mas agoniada, porque a burocracia lhe exigia comprovações de documentos para validar os exames.”

O que esses períodos têm em comum?

26.3- Qual seria a provável intenção do autor ao utilizar este recurso?

26.4-Leia o trecho a seguir:

“E ali está, como São Pedro, um porteiro ou guarda, que vai bater a porta na cara do retardatário, que chorará, implorará, arrancará os cabelos num ranger de dentes, **enquanto**, saltitantes, os mais espertos pulam (ocultamente) um muro e penetram o paraíso (ou inferno da múltipla escolha).”

A palavra destacada expressa um sentido de:

() momento () tempo anterior () tempo posterior () tempo concomitante

26.5- Se substituíssemos essa palavra por “antes que”, o sentido continuaria o mesmo? Explique. Veja:

“E ali está, como São Pedro, um porteiro ou guarda, que vai bater a porta na cara do retardatário, que chorará, implorará, arrancará os cabelos num ranger de dentes, **antes que**, saltitantes, os mais espertos pulam (ocultamente) um muro e penetram o paraíso (ou inferno da múltipla escolha).”



Finalizando as atividades de leitura:

27- Pergunta de retenção:

Você se lembra da Ercília Stanciany, personagem do X – Vídeo, que com livros achados no lixo, passou no vestibular para Artes plásticas no Espírito Santo?

O repórter perguntou a ela se havia alguma música que lembrasse a história dela. Ercília escolheu a música “A vida do viajante” de Luiz Gonzaga.

Assista ao **XI– Vídeo** - Gonzaga e Gonzaguinha- Minha Vida é Andar Por Esse País - e acompanhe-o com letra da música que está logo abaixo - Vídeo publicado em 19 de jun. 2012 - Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=S8a4GQ1LwQQ> Acesso em 19 de set. 2018.

Texto 3- Letra da música: A Vida do Viajante - Luiz Gonzaga

Minha vida é andar por este país
Pra ver se um dia descanso feliz
 Guardando as recordações
 Das terras onde passei
 Andando pelos sertões
 E dos amigos que lá deixei

Chuva e sol
 Poeira e carvão
 Longe de casa
 Sigo o roteiro
 Mais uma estação
 E a alegria no coração

Minha vida é andar por esse país
 Pra ver se um dia descanso feliz
 Guardando as recordações
 Das terras onde passei
 Andando pelos sertões
 E dos amigos que lá deixei

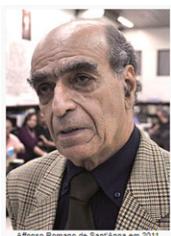
Mar e terra
 Inverno e verão
 Mostro o sorriso
 Mostro a alegria
 Mas eu mesmo não
 E a saudade no coração

Disponível em: <https://www.letras.mus.br/luiz-gonzaga/82381/> Acesso em 19 de set. 2018.

27.1- Na sua opinião, qual seria uma provável razão para Ercília escolher essa canção para representá-la? (**Resposta Pessoal**)

28 – Conhecendo as condições de produção: Sobre os autores...

28.1- Texto 5- Affonso Romano de Sant'Anna



Affonso Romano de Sant'Anna em 2011

Affonso Romano de Sant'Anna, nasceu em Belo Horizonte, 27 de março de 1937, é um escritor e poeta brasileiro.

Nas décadas de 1950 e 1960 participou de movimentos de vanguarda poética. Em 1961 diplomou-se em Letras Neolatinas, na então Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da UMG, atual Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. Em 1965 lecionou na Califórnia (Universidade de Los Angeles - UCLA), e em 1968 participou do Programa Internacional de Escritores da Universidade de Iowa, que agrupou 40 escritores de todo o mundo.

Em 1969 doutorou-se pela Universidade Federal de Minas Gerais e, um ano depois, montou um curso de pós-graduação em literatura brasileira na PUC do Rio de Janeiro. Foi Diretor do Departamento de Letras e Artes da PUC-RJ, de 1973 a 1976, realizando então a "Expoesia", série de encontros nacionais de literatura.

Ministrou cursos na Alemanha (Universidade de Colônia), Estados Unidos (Universidade do Texas, UCLA), Dinamarca (Universidade de Aarhus), Portugal (Universidade Nova) e França (Universidade de Aix-en-Provence).

Sua tese de doutorado abordou uma análise da poética de Carlos Drummond de Andrade, com o título Drummond, um gauche no tempo, em que faz uma análise do conceito de gauche ao longo de sua obra literária.

Durante os anos de 1990-1996 foi presidente da Fundação Biblioteca Nacional, onde desenvolveu grandes ações de incentivo à leitura, como o Sistema Nacional de Bibliotecas.

Foi cronista no Jornal do Brasil (1984-1988) e do jornal O Globo até 2005. Atualmente escreve para os jornais Estado de Minas e Correio Brasiliense. É casado com a também escritora Marina Colasanti.

(Biografia e imagem - Disponível em:
https://pt.wikipedia.org/wiki/Affonso_Romano_de_Sant%27Anna Acesso em 19 de set. 2018).

28.2. Texto 6- Conhecendo um pouco sobre Ferreira Gullar



Ferreira Gullar nasceu em São Luís, em 10 de setembro de 1930, com o nome de José Ribamar Ferreira. É um dos onze filhos do casal Newton Ferreira e Alzira Ribeiro Goulart.

Sobre o pseudônimo, o poeta declarou o seguinte: "Gullar é um dos sobrenomes de minha mãe, o nome dela é Alzira Ribeiro Goulart, e Ferreira é o sobrenome da família, eu então me chamo José Ribamar Ferreira; mas como todo mundo no Maranhão é Ribamar, eu decidi mudar meu nome e fiz isso, usei o Ferreira que é do meu pai e o Gullar que é de minha mãe, só que eu mudei a grafia porque o Gullar de minha mãe é o Goulart francês; é um nome inventado, como a vida é inventada eu inventei o meu nome".

Segundo Mauricio Vaitsman, ao lado de Bandeira Tribuzi, Luci Teixeira, Lago Burnet, José Bento, José Sarney e outros escritores, fez parte de um movimento literário difundido através da revista que lançou o pós-modernismo no Maranhão, A Ilha, da qual foi um dos fundadores. Até sua morte, muitos o consideravam o maior poeta vivo do Brasil e não seria exagero dizer que, durante suas seis décadas de produção artística, Ferreira Gullar passou por todos os acontecimentos mais importantes da poesia brasileira e participou deles.

Morando no Rio de Janeiro, participou do movimento da poesia concreta, sendo então um poeta extremamente inovador, escrevendo seus poemas, por exemplo, em placas de madeira, gravando-os.

Em 1956 participou da exposição concretista que é considerada o marco oficial do início da poesia concreta, tendo se afastado desta em 1959, criando, junto com Lígia Clark e Hélio Oiticica, o neoconcretismo, que valoriza a expressão e a subjetividade em oposição ao concretismo ortodoxo. Posteriormente, ainda no início dos anos de 1960, se afastará deste grupo também, por concluir que o movimento levaria ao abandono do vínculo entre a palavra e a poesia, passando a produzir uma poesia engajada e envolvendo-se com os Centros Populares de Cultura (CPCs).

Em 2014, ele foi considerado um imortal na Academia Brasileira de Letras (ABL).

Ferreira Gullar morreu em 4 de dezembro de 2016, na cidade do Rio de Janeiro em decorrência de vários problemas respiratórios que culminaram em uma pneumonia. O velório do escritor foi realizado inicialmente na Biblioteca Nacional, pois esse era um desejo de Gullar. Dali, o corpo foi levado em um cortejo fúnebre até a Academia Brasileira de Letras no Rio de Janeiro. Uma semana antes de morrer, Ferreira Gullar pediu à filha Luciana para que o levasse até a Praia de Ipanema. O enterro foi no Cemitério de São João Batista em Botafogo no Rio. Gullar ocupava a trágésima sétima cadeira da ABL.

Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ferreira_Gullar Acesso em 19 de set. 2018.

28.3. Texto 8 - Conhecendo um pouco sobre Luiz Gonzaga



Nasceu na sexta-feira, dia 13 de dezembro de 1912, numa casa de barro batido na Fazenda Caiçara povoado do Araripe, a 12 km da área urbana do município de Exu, extremo noroeste do estado de Pernambuco, cidade localizada a 610 km da capital pernambucana, Recife, a 69 km do Crato e a 80 km de Juazeiro do Norte (as duas últimas já situadas no Ceará, estado com o qual Exu faz divisa). Foi o segundo filho de Ana Batista de Jesus Gonzaga do Nascimento, conhecida na região por 'Mãe Santana', e oitavo de Januário José dos Santos do Nascimento.

Deveria ter o mesmo nome do pai, mas na madrugada em que nasceu, seu pai foi para o terreiro da casa, viu uma estrela cadente muito luminosa e mudou de ideia. Era também o dia de Santa Luzia e também mês do Natal, o que explica seu nome, "Luiz", que foi dado em homenagem a Santa Luzia, a estrela cadente e ao natal. Este nome tem tudo a ver com a época que nascera, e quer dizer "brilho, luz".

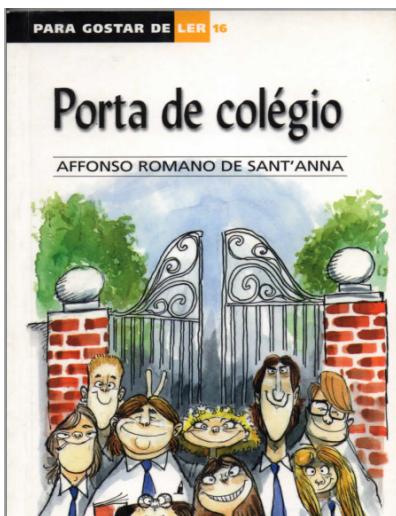
A cidade que nascera fica ao sopé da Serra do Araripe, e inspiraria uma de suas primeiras composições, "Pé de Serra". Seu pai trabalhava na roça, num latifúndio, e nas horas vagas tocava acordeão; também consertava o instrumento. Foi com ele que Luiz aprendeu a tocá-lo. Não era adolescente ainda quando passou a se apresentar em bailes, forrós e feiras, de início acompanhando seu pai. Autêntico representante da cultura nordestina, manteve-se fiel às suas origens mesmo seguindo carreira musical no sudeste do Brasil. O gênero musical que o consagrou foi o baião. A canção emblemática de sua carreira foi Asa Branca, composta em 1947 em parceria com o advogado cearense Humberto Teixeira.

(...) Luiz Gonzaga sofreu de osteoporose por anos. Em 2 de agosto de 1989, morreu vítima de Parada cardiorrespiratória no Hospital Santa Joana, na capital pernambucana. Seu corpo foi velado na Assembleia Legislativa de Pernambuco, em Recife e posteriormente sepultado em seu município natal.

Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Luiz_Gonzaga Acesso em 19 de set. 2018.

29 – Conhecendo as condições de produção: Sobre os suportes...

29.1. Texto 9- Suporte em que veiculou a crônica “Vestibular da vida” de Affonso Romano de Sant’Anna.



29.2- Texto 10- Suporte em que veiculou o poema “Vestibular” do poeta Ferreira Gullar



Disponível em: <https://vermelho.org.br/prosa-poesia-arte/ferreira-gullar-vestibular/>

Acesso em 20 de set. 2018.

29.3- Texto 11- Suporte em que veiculou a letra da música “A vida do viajante” do cantor e compositor Luiz Gonzaga

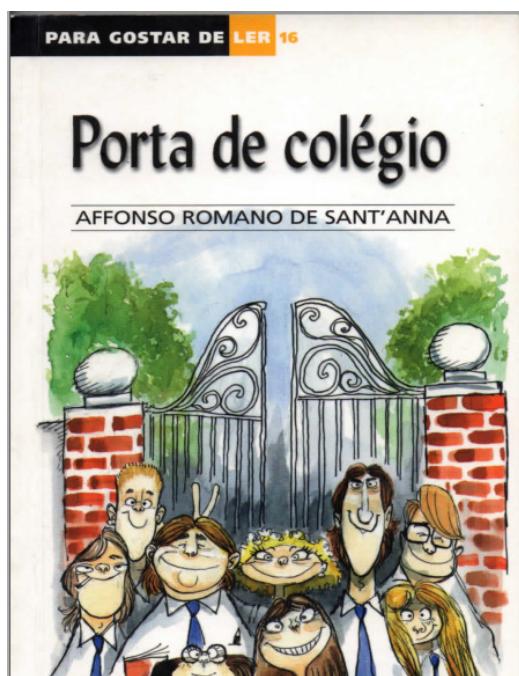
The screenshot shows the Letras.Mus.br website. The URL in the address bar is 'https://www.letras.mus.br/luiz-gonzaga/82381/'. The page title is 'letras*' with a star icon. Below the title, there is a search bar with the placeholder 'O que deseja ouvir?'. The main content area displays the lyrics of the song 'A Vida do Viajante' by Luiz Gonzaga. The lyrics are listed in a vertical format with small icons next to each line. To the right of the lyrics, there is a video player showing a scene of a road with several vehicles. At the bottom of the page, there is a navigation menu with links like 'Início', 'Novidades', 'Top 10', 'Mais ouvidas', 'Mais comentadas', and 'Mais curtidas'.

Disponível em: <https://www.letras.mus.br/luiz-gonzaga/82381/> Acesso em 16 de set. 2018.

SLIDES UTILIZADOS NAS ATIVIDADES DE ESTRATÉGIAS DE LEITURA

SLIDE 1-

ANTES DA LEITURA: Observem os elementos verbais e não verbais e escrevam sobre o que falará um texto, cujo livro tenha uma capa como essa:



SLIDE 2:

QUESTÃO: 1.1- Observe o trecho abaixo retirado de uma crônica. Leia em silêncio e depois levante hipótese sobre qual será o assunto do texto. Escreva a hipótese levantada no espaço abaixo, à caneta.

como se fossem dar um salto tríplice. Como se fossem dar sem vara. Como se fossem dar um salto na vida. Ao lado, aparecem parentes incentivando o corredor-saltador, aparecem colegas gritando em torcida. Correi, jovens, correi, que estreita é a porta que vos conduzirá à salvação! E ali está, como São Pedro, um porteiro ou guarda, que vai bater a porta na cara do retardatário, que chorará, implorará, arrancará os cabelos num ranger de dentes, enquanto, saltitantes, os mais espertos pulam (ocultamente) um muro e penetram o paraíso (ou inferno da múltipla escolha).

SLIDE 3-

QUESTÃO: 2.2- Assista aos vídeos e escreva se continua com a mesma hipótese ou não. Caso mude de opinião, diga o porquê da mudança.

2.2.1. I Vídeo: Maratona de São Paulo 2018 - Brasil campeão- Publicado em 8 de abri de 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pjRa5ugn7qE> Acesso em 20 de ago. 2018.

2.2.2. II vídeo: Usain Bolt | all olympic finals + bonus round | top moments - Publicado em 25 de mai. 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FuiJHJz4f5Q> Acesso em 20 de ago. 2018.

2.2.3. III- Vídeo- estudantes não conseguiram fazer as provas porque chegaram atrasados. SBT MT _ Publicado em 6 de nov de 2012 (partes mais condizentes com o texto) – Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rxM4j1seuUw> - Acesso em 20 de ago. 2018.

2.2.4. IV – Vídeo - Rapaz chegando atrasado à prova - Publicado em 29 de out de 2013. Disponível em : https://www.youtube.com/watch?v=tIq4NBv_RaA Acesso em 20 de ago. 2018.

2.2.5. V- vídeo - Os 10 Atrasados do ENEM Mais Inesquecíveis - Publicado em 4 de nov de 2016. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=MIJN4v7C_Gw Acesso em 20 de ago. 2018.

SLIDE 4-

QUESTÃO 3.1: Leia, abaixo, o 1º parágrafo do texto. E agora, após ser dado este parágrafo, você continua com a mesma opinião ou acha que o assunto do texto pode ser outro? Por quê?

Um enduro sem moto, um rali sem carro, uma maratona onde, ao invés de atletas, correm paraplégicos, cegos, presidiários, grávidas e doentes de macas, esta é a imagem que nos deixa este vestibular realizado esta semana, mobilizando centenas de milhares de jovens em todo país.

SLIDE 56-

QUESTÃO: 3.2- Leia em silêncio o 1 e 2º parágrafos do texto e confirme se sua resposta anterior estava de acordo com o assunto do texto apresentado abaixo:

Um enduro sem moto, um rali sem carro, uma maratona onde, ao invés de atletas, correm paraplégicos, cegos, presidiários, grávidas e doentes de macas, esta é a imagem que nos deixa este vestibular realizado esta semana, mobilizando centenas de milhares de jovens em todo país.

Várias fotos mostram jovens correndo desabalados dentro de seus jeans justos e camisetas palavrosas em direção ao portão da universidade, como se fossem dar um salto tríplice. Como se fossem dar sem vara. Como se fossem dar um salto na vida. Ao lado, aparecem parentes incentivando o corredor-saltador, aparecem colegas gritando em torcida. Correi, jovens, correi, que estreita é a porta que vos conduzirá à salvação! E ali está, como São Pedro, um porteiro ou guarda, que vai bater a porta na cara do retardatário, que chorará, implorará, arrancará os cabelos num ranger de dentes, enquanto, saltitantes, os mais espertos pulam (ocultamente) um muro e penetram o paraíso (ou inferno da múltipla escolha).

SLIDE 6-

QUESTÃO: 5.1- Leia, agora, os 3º e o 4º parágrafos da crônica e confira sua resposta.

A Telerj declarou que teve de acordar mais de 10 mil jovens pelo despertador telefônico. Carlinhos Gordo, o maior ladrão de carros do país, estava entre os 39 presidiários que, no Rio, fizeram, mesmo na cadeia, o exame. Mais de trinta deficientes visuais tiveram que tatear as 51 folhas em braile. Maria Alice Nunes teve um filho e saiu da maternidade com o recém-nascido no colo para enfrentar o unificado. Um índio cego- o guarani José Oado, 24 anos – disputa uma vaga em História (ou na história); Andréa Paula Machado, 17 anos, teve que interromper o exame escrito várias vezes, para o prazer oral do bebê que, entre uma mamada e outra, voltava ao colo da avó. Dois fiscais que transportavam as provas no caminho de Petrópolis morreram num acidente. Um estudante com rubéola fez, num posto médico, prova ao lado de outro com catapora. Todas as idades ali estavam representadas: Márcia Cristina da Silva, 13 anos, vejam só!, já começou a treinar para o vestibular de Medicina em 88, e neste só achou difícil a prova de literatura. Mas lá estava também Edgar Carvalho, 73 anos, advogado, trocando as delícias da aposentadpria pela ideia de se tornar médico e ainda ser útil aos outros. Por isto, discordo da jovem que o interpelou acusando-o de estar tirando a vaga de outro. Socialmente é melhor um velho de 73 anos que qualquer dos jovens que faltaram à prova porque dormiam, que não foram classificados porque achavam que vestibular era loto e vivem na ociosidade daninha à custa dos pais.

Mas, de todos os casos, impressiona mais o de Maria Regina Gonçalves, uma enfermeira de 38 anos. Vejam que estória mirabolante esse as c

SLIDE 7-

QUESTÃO: 8.1- O que será que acontece nesse momento da história? Levante hipótese sobre o que aconterá com maria regina. escreva nas linhas abaixo, sua hipótese. Justifique sua resposta.

Lá vai nossa Maria Regina. Mas não vai simplesmente. Vai grávida. Vai grávida, mas não é uma grávida amparada pelo marido, mas uma grávida solteira, enfrentando o mundo com sua barriga e coragem. No entanto, hora e meia antes do exame, em São Cristóvão,

SLIDE 8-

QUESTÃO: 9.1- O trecho anterior revela o conflito da crônica. Leia o trecho que segue abaixo e confira sua resposta anterior.

Lá vai nossa Maria Regina. Mas não vai simplesmente. Vai grávida. Vai grávida, mas não é uma grávida amparada pelo marido, mas uma grávida solteira, enfrentando o mundo com sua barriga e coragem. No entanto, hora e meia antes do exame, em São Cristóvão, é assaltada por três marmanjos covardes, que tomam dela os documentos, 200 mil cruzeiros, e o pior: lhe dão uma porção de safanões, num exercício de sadismo matinal.

SLIDE 9-

QUESTÃO: 10.1- O que será que acontece à personagem Maria após esse episódio de violência? Assinale a alternativa abaixo provável para você, quanto ao acontecimento da cena.

Maria Regina poderia depois disto voltar chorando para casa e ficar lamuriando o resto da vida. Fez o contrário: foi em frente, embora, ao chegar no local, soubesse que outra colega, também assaltada, desistira do exame. Maria Regina deu um jeito, arranjou até cópia xerox de sua carteira de identidade, fez a prova, comprometendo-se a mostrar os documentos mais tarde.

Mas, de noite,

- A) () DEU À LUZ AO BEBÊ;
- B) () VOLTOU CHORANDO PARA CASA;
- C) () FICOU LAMURIANDO O RESTO DA VIDA;
- D) () FOI EM FRENTE FAZER O VESTIBULAR.

SLIDE 10

QUESTÃO: 14.1- E agora, o que será que acontece à Maria Regina quatro dias depois dela ter tido a hemorragia? Levante uma hipótese e escreva-a abaixo:

Mas, de noite, teve uma hemorragia. Pena que os ladrões não pudessem ver a cena, pois ficariam mais felizes. O médico lhe ordena “repouso absoluto”. Ela ali “repousando”, mas agoniada, porque a burocracia lhe exigia comprovações de documentos para validar os exames. Como desgraça pouca é bobagem, quatro dias depois

SLIDE 11

QUESTÃO: 15.1- Leia o parágrafo completo e confira sua resposta:

Mas, de noite, teve uma hemorragia. Pena que os ladrões não pudessem ver a cena, pois ficariam mais felizes. O médico lhe ordena “repouso absoluto”. Ela ali “repousando”, mas agoniada, porque a burocracia lhe exigia comprovações de documentos para validar os exames. Como desgraça pouca é bobagem, quatro dias depois morre o pai de seu namorado, daí a uns dias ela aborta e teve que ficar mesmo internada.

SLIDE 12

QUESTÃO: 19.1- Confira, agora, o desfecho que teve a história da personagem Maria Regina.

E vede agora, ó filhinhos e filhinhas do papai, que esbanjais seus corpinhos sem destino nas praias da irresponsabilidade! Maria Regina foi a primeira colocada (nota 96) no concurso de Enfermagem e Sanitarismo. Tirou primeiro lugar e seu nome não apareceu na lista. Ainda vai ter que provar que existe. Mas já impetrou mandado de segurança. É claro que vai ganhar.

12.1.1986 

SLIDE 13

QUESTÃO: 20.2 - Assista aos vídeos e depois responda à questão: o que há de comum entre a história de Maria Regina e as personagens que aparecem nos vídeos?

VI – Vídeo - Jovem negra de escola pública passa em primeiro lugar no vestibular mais concorrido do País - Publicado em 6 de fev de 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=m-gq6DjghjA> Acesso em 19 de set. 2018.

VII – Vídeo - Estudante de escola pública, passa em 1º lugar na USP- Publicado em 10 de fev de 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=R6nGEEE6zb8> Acesso em 19 de set. 2018.

VIII – Vídeo - Jovem de família humilde é aprovado em três faculdades de medicina - Publicado em 18 de out de 2016 - Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2K-7iNVER6w> Acesso em 19 de set. 2018.

VIX – Vídeo - História de Lívia Marinho - Do lixão ao Tribunal de Justiça do RJ - Concurso Público- Publicado em 12 de jun de 2014- Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FV-bex124O4> Acesso em 19 de set. 2018.

X – Vídeo - Com livros achados no lixo, catadora passa em vestibular no ES-
Publicado em 4 de mar de 2012 - Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=wdLFn2tHtcE> Acesso em 19 de set. 2018.

SLIDE 14

QUESTÃO: 22.1- A seguir, confira o título da obra de Affonso Romano de Sant'Anna, trabalhada nas atividades anteriores.

(SANT'ANNA, Affonso Romano de. Porta de colégio e outras crônicas. 7.ed. São Paulo: ática, 2002.)

O vestibular da vida

Um enduro sem moto, um rali sem carro, uma maratona onde, ao invés de atletas, correm paraplégicos, cegos, presidiários, grávidas e doentes de macas, esta é a imagem que nos deixa este vestibular realizado esta semana, mobilizando centenas de milhares de jovens em todo país.

SLIDE 15

VÍDEO - Gonzaga e Gonzaguinha- Minha vida é andar por esse país-

Assista ao **XI– Vídeo** - Gonzaga e Gonzaguinha- Minha Vida é Andar Por Esse País- e acompanhe-o com letra da música que está logo abaixo. Publicado em 19 de jun de 2012 - Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=S8a4GQ1LwQQ> Acesso em 19 de set. 2018.

SLIDE 16 - CONHECENDO AS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO

Conhecendo as condições de produção

Sobre os autores...



SLIDE 16.1 - AUTOR AFFONSO ROMANO DE SANT'ANNA

Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Affonso_Romano_de_Sant%27Anna
Acesso em 16 de set. 2018.

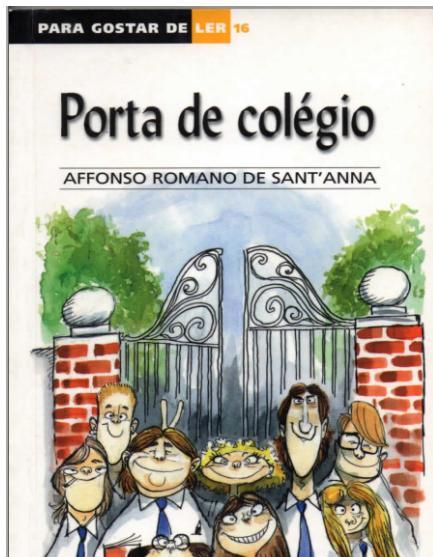
SLIDE 16.2 - AUTOR FERREIRA GULLAR

Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ferreira_Gullar Acesso em 16 de set. 2018.

SLIDE 16.3- MÚSICO LUIZ GONZAGA

Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Luiz_Gonzaga Acesso em 21 de set. 2018.

SLIDE 16.4 - CAPA DO LIVRO – Fonte - Crônica “O VESTIBULAR DA VIDA”



SLIDE 16.5 - SITE VERMELHO – Fonte - poema Vestibular de Ferreira Gullar



Disponível em: <https://vermelho.org.br/prosa-poesia-arte/ferreira-gullar-vestibular/>
Acesso em: 20 set. 2018

SLIDE 16.6 - SITE LETRAS – Fonte - vídeo da música Vida do viajante - Luiz Gonzaga



Disponível em: <https://www.letras.mus.br/luiz-gonzaga/82381/> Acesso em 16 de set. 2018.

6.3- APÊNDICE 3 - ATIVIDADES DA TERCEIRA OFICINA

PROJETO LEITURA SILENCIOSA E LEITURA ORALIZADA: RECURSOS PARA CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS EM TEXTOS - Professora- pesquisadora: Maria Elena da Silva

3^a OFICINA: 1^a etapa: leitura silenciosa e leitura oral

Aluno: _____ nº _____ série_____ data_____

Questionamentos Orais

- ✓ Alguém já ouviu falar em Raul Seixas? (**Resposta Pessoal**)
 - ✓ E sobre a música “Maluco Beleza”? (**Resposta Pessoal**)
 - ✓ Pelo título, qual assunto pode ser abordado na música? (**Resposta Pessoal**)
-

Letra da música: Maluco Beleza (1977) – Raul Seixas

Enquanto você	E esse caminho
Se esforça pra ser	Que eu mesmo escolhi
Um sujeito normal	É tão fácil seguir
E fazer tudo igual	Por não ter onde ir
Eu do meu lado	Controlando
Aprendendo a ser louco	A minha maluquez
Um maluco total	Misturada
Na loucura real	Com minha lucidez
Controlando	Eeeeeeeeuu!
A minha maluquez	Controlando
Misturada	A minha maluquez
Com minha lucidez	Misturada
Vou ficar	Com minha lucidez
Ficar com certeza	Vou ficar
Maluco beleza	Ficar com certeza
Eu vou ficar	Maluco beleza
Ficar com certeza	Eu vou ficar
Maluco beleza	Ficar com certeza

Eu vou ficar
Ficar com toda certeza
Disponível em: <https://www.letras.mus.br/raul-seixas/84/> Acesso em 27 de set. 2018.

Maluco, maluco beleza

Vamos ouvir o áudio da Música “Maluco Beleza”:



Maluco Beleza - Raul Seixas
21.500.854 visualizações 121 MIL 7.3 MIL COMPARTELHAR

YouDance
Publicado em 6 de nov de 2012

INSCREVER-SE 43 MIL

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KobmJoCKKjY> Acesso em 19 de set. 2018.

Definição do termo “doido” (Disponível em: <https://www.dicio.com.br/doido/> Acesso em 27 de set. 2018.)

Adjetivo - característica de quem se comporta de modo insano; que apresenta indícios de loucura.[Por Extensão] Qualidade de quem se comporta sem sensatez; que não possui juízo.[Informal] Atributo de quem se encontra feliz; que apresenta felicidade em excesso: ela ficou doida com aquela notícia boa![Informal] Que demonstra um excesso de entusiasmo por algo em específico: ele sempre foi doido por música.[Informal] Que possui características excessivas; que se comporta de maneira exagerada: ele costuma se vestir como uma doida.

Substantivo masculino: indivíduo que possui essas características; pessoa que se comporta de maneira insana ou insensata; louco, maluco.

Etimologia (origem da palavra doido). De origem controversa.

Sinônimos de Doido

Doido é sinônimo de: entusiasta, temerário, tresloucado, louco, alienado, furioso, encantado, extravagante, alheado, exaltado, varrido

Antônimos de Doido

Doido é o contrário de: ajuizado, sensato, sóbrio, comportado

Definição de Doido

Classe gramatical: adjetivo e substantivo masculino

Separação silábica: doi-do

Plural: doidos

Feminino: doida



Vamos assistir ao vídeo para conhecer a história “A doida da lata”:



#FlipaNimadores

A DOIDA DA LATA !!! - HISTORIAS DA MINHA AVÓ

115.721

1,9 MIL

114

COMPARTELHAR



OneVolts

Publicado em 13 de out de 2017

INSCREVER-SE 91 MIL

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=N3CXiN0QIAk> Acesso em 27 de set. 2018.

Atividade:

Agora que você conhece a personagem da história assistida, volte ao significado do termo “doido” e escolha a definição que, na sua opinião, se adequa melhor ao personagem “A doida da lata”: (Sugestão de resposta: pessoa insensata, sem juízo.)



Vamos assistir ao vídeo para conhecer o conto “A doida” de Carlos Drummond de Andrade:



Curta Metragem - A Doida (Carlos Drummond de Andrade)

1.040 visualizações

16

1

COMPARTELHAR

...



Babi Caraça

Publicado em 3 de set de 2016

INSCREVER-SE 23

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=adnEC4GxuQg> Acesso em 27 de set. 2018.

Vamos conhecer a versão escrita do conto “A doida” de Carlos Drummond de Andrade

A doida - Carlos Drummond de Andrade

A doida habitava um chalé no centro do jardim maltratado. E a rua descia para o córrego, onde os meninos costumavam banhar-se. Era só aquele chalezinho, à esquerda, entre o barranco e um chão abandonado; à direita, o muro de um grande quintal. E na rua, tornada maior pelo silêncio, o burro pastava. Rua cheia de capim, pedras soltas, num declive áspero. Onde estava o fiscal, que não mandava capiná-la?

Os três garotos desceram manhã cedo, para o banho e a pega de passarinho. Só com essa intenção. Mas era bom passar pela casa da doida e provocá-la. As mães diziam o contrário: que era horroroso, poucos pecados seriam maiores. Dos doidos devemos ter piedade, porque eles não gozam dos benefícios com que nós, os sãos,

fomos aquinhoados. Não explicavam bem quais fossem esses benefícios, ou explicavam demais, e restava a impressão de que eram todos privilégios de gente adulta, como fazer visitas, receber cartas, entrar para irmandade. E isso não comovia ninguém. A loucura parecia antes erro do que miséria. E os três sentiam-se inclinados a lapidar a doida, isolada e agreste no seu jardim.

Como era mesmo a cara da doida, poucos poderiam dizê-lo. Não aparecia de frente e de corpo inteiro, como as outras pessoas, conversando na calma. Só o busto, recortado, numa das janelas da frente, as mãos magras, ameaçando. Os cabelos, brancos e desgrenhados. E a boca inflamada, soltando xingamentos, pragas, numa voz rouca. Eram palavras da Bíblia misturadas a termos populares, dos quais alguns pareciam escabrosos, e todos fortíssimos na sua cólera.

Sabia-se confusamente que a doida tinha sido moça igual às outras no seu tempo remoto (contava mais de 60 anos, e loucura e idade, juntas, lhe lavravam o corpo). Corria, com variantes, a história de que fora noiva de um fazendeiro, e o casamento, uma festa estrondosa; mas na própria noite de núpcias o homem a repudiara, Deus sabe por que razão. O marido ergueu-se terrível e empurrou-a, no calor do bate-boca; ela rolou escada abaixo, foi quebrando ossos, arrebentando-se. Os dois nunca mais se viram. Já outros contavam que o pai, não o marido, a expulsara, e esclareciam que certa manhã o velho sentira um amargo diferente no café, ele que tinha dinheiro grosso e estava custando a morrer – mas nos recontos antigos abusava-se de veneno. De qualquer modo, as pessoas grandes não contavam a história direito, e os meninos deformavam o conto. Repudiada por todos, ela se fechou naquele chalé do caminho do córrego, e acabou perdendo o juízo. Perdera antes todas as relações. Ninguém tinha ânimo de visitá-la. O padeiro mal jogava o pão na caixa de madeira, à entrada, e eclipsava-se. Diziam que nessa caixa uns primos generosos mandavam pôr, à noite, provisões e roupas, embora oficialmente a ruptura com a família se mantivesse inalterável. Às vezes uma preta velha arriscava-se a entrar, com seu cachimbo e sua paciência educada no cativeiro, e lá ficava dois ou três meses, cozinhando. Por fim a doida enxotava-a. E, afinal, empregada nenhuma queria servi-la. Ir viver com a doida, pedir a bênção à doida, jantar em casa da doida, passou a ser, na cidade, expressões de castigo e símbolos de irritação.

Vinte anos de tal existência, e a legenda está feita. Quarenta, e não há mudá-la. O sentimento de que a doida carregava uma culpa, que sua própria doidice era uma falta grave, uma coisa aberrante, instalou-se no espírito das crianças. E assim,

gerações sucessivas de moleques passavam pela porta, fixavam cuidadosamente a vidraça e lascavam uma pedra. A princípio, como justa penalidade. Depois, por prazer. Finalmente, e já havia muito tempo, por hábito. Como a doida respondesse sempre furiosa, criara-se na mente infantil a ideia de um equilíbrio por compensação, que afogava o remorso.

Em vão os pais censuravam tal procedimento. Quando meninos, os pais daqueles três tinham feito o mesmo, com relação à mesma doida, ou a outras. Pessoas sensíveis lamentavam o fato, sugeriam que se desse um jeito para internar a doida. Mas como? O hospício era longe, os parentes não se interessavam. E daí – explicava-se ao forasteiro que porventura estranhasse a situação – toda cidade tem seus doidos; quase que toda família os tem. Quando se tornam ferozes, são trancados no sótão; fora disto, circulam pacificamente pelas ruas, se querem fazê-lo, ou não, se preferem ficar em casa. E doido é quem Deus quis que ficasse doido... Respeitemos sua vontade. Não há remédio para loucura; nunca nenhum doido se curou, que a cidade soubesse; e a cidade sabe bastante, ao passo que livros mentem.

Os três verificaram que quase não dava mais gosto apedrejar a casa. As vidraças partidas não se recompunham mais. A pedra batia no caixilho ou ia aninharse lá dentro, para voltar com palavras iradas. Ainda haveria louça por destruir, espelho, vaso intato? Em todo caso, o mais velho comandou, e os outros obedeceram na forma do sagrado costume. Pegaram calhaus lisos, de ferro, tomaram posição. Cada um jogaria por sua vez, com intervalos para observar o resultado. O chefe reservou-se um objetivo ambicioso: a chaminé.

O projétil bateu no canudo de folha-de-flandres enegrecido – blém – e veio espatifar uma telha, com estrondo. Um bem-te-vi assustado fugiu da mangueira próxima. A doida, porém, parecia não ter percebido a agressão, a casa não reagia. Então o do meio vibrou um golpe na primeira janela. Bam! Tinha atingido uma lata, e a onda de som propagou-se lá dentro; o menino sentiu-se recompensado. Esperaram um pouco, para ouvir os gritos. As paredes descascadas, sob as trepadeiras e a hera da grade, as janelas abertas e vazias, o jardim de cravo e mato, era tudo a mesma paz.

Aí o terceiro do grupo, em seus 11 anos, sentiu-se cheio de coragem e resolveu invadir o jardim. Não só podia atirar mais de perto na outra janela, como até, praticar outras e maiores façanhas. Os companheiros, desapontados com a falta do

espetáculo cotidiano, não, queriam segui-lo. E o chefe, fazendo valer sua autoridade, tinha pressa em chegar ao campo.

O garoto empurrou o portão: abriu-se. Então, não vivia trancado? ...E ninguém ainda fizera a experiência. Era o primeiro a penetrar no jardim, e pisava firme, posto que cauteloso. Os amigos chamavam-no, impacientes. Mas entrar em terreno proibido é tão excitante que o apelo perdia toda a significação. Pisar um chão pela primeira vez; e chão inimigo. Curioso como o jardim se parecia com qualquer um; apenas era mais selvagem, e o melão-de-são-caetano se enredava entre as violetas, as roseiras pediam poda, o canteiro de cravinas afogava-se em erva. Lá estava, quentando sol, a mesma lagartixa de todos os jardins, cabecinha móbil e suspicaz. O menino pensou primeiro em matar a lagartixa e depois em atacar a janela. Chegou perto do animal, que correu. Na perseguição, foi parar rente do chalé, junto à cancelinha azul (tinha sido azul) que fechava a varanda da frente. Era um ponto que não se via da rua, coberto como estava pela massa de folha gema. A cancela apodrecera, o soalho da varanda tinha buracos, a parede, outrora pintada de rosa e azul, abria-se em reboco, e no chão uma farinha de caliça denunciava o estrago das pedras, que a louca desistira de reparar.

A lagartixa salvava-se, metida em recantos só dela sabidos, e o garoto galgou os dois degraus, empurrou cancela, entrou. Tinha a pedra na mão, mas já não era necessária; jogou-a fora. Tudo tão fácil, que até ia perdendo o senso da precaução. Recuou um pouco e olhou para a rua: os companheiros tinham sumido. Ou estavam mesmo com muita pressa, ou queriam ver até aonde iria a coragem dele, sozinho em casa da doida. Tomar café com a doida. Jantar em casa da doida. Mas estaria a doida?

A princípio não distinguiu bem, debruçado à janela, a matéria confusa do interior. Os olhos estavam cheios de claridade, mas afinal se acomodaram, e viu a sala, completamente vazia e esburacada, com um corredorzinho no fundo, e no fundo do corredorzinho uma caçarola no chão, e a pedra que o companheiro jogará.

Passou a outra janela e viu o mesmo abandono, a mesma nudez. Mas aquele quarto dava para outro cômodo, com a porta cerrada. Atrás da porta devia estar a doida, que inexplicavelmente não se mexia, para enfrentar o inimigo. E o menino saltou o peitoril, pisou indagador no soalho gretado, que cedia.

A porta dos fundos cedeu igualmente à pressão leve, entreabriindo-se numa faixa estreita que mal dava passagem a um corpo magro.

No outro cômodo a penumbra era mais espessa parecia muito povoada. Difícil identificar imediatamente as formas que ali se acumulavam. O tato descobriu uma coisa redonda e lisa, a curva de uma cantoneira. O fio de luz coado do jardim acusou a presença de vidros e espelhos. Seguramente cadeiras. Sobre uma mesa grande pairavam um amplo guarda-comida, uma mesinha de toalete mais algumas cadeiras empilhadas, um abajur de renda e várias caixas de papelão. Encostado à mesa, um piano também soterrado sob a pilha de embrulhos e caixas. Seguia-se um guarda-roupa de proporções majestosas, tendo ao alto dois quadros virados para a parede, um baú e mais pacotes. Junto à única janela, olhando para o morro, e tapando pela metade a cortina que a obscurecia, outro armário. Os móveis enganchavam-se uns nos outros, subiam ao teto. A casa tinha se espremido ali, fugindo à perseguição de 40 anos.

O menino foi abrindo caminho entre pernas e braços de móveis, contorna aqui, esbarra mais adiante. O quarto era pequeno e cabia tanta coisa.

Atrás da massa do piano, encurrallada a um canto, estava a cama. E nela, busto soerguido, a doida esticava o rosto para a frente, na investigação do rumor insólito.

Não adiantava ao menino querer fugir ou esconder-se. E ele estava determinado a conhecer tudo daquela casa. De resto, a doida não deu nenhum sinal de guerra. Apenas levantou as mãos à altura dos olhos, como para protegê-los de uma pedrada.

Ele encarava-a, com interesse. Era simplesmente uma velha, jogada num catre preto de solteiro, atrás de uma barricada de móveis. E que pequenininha! O corpo sob a coberta formava uma elevação minúscula. Miúda, escura, desse sujo que o tempo deposita na pele, manchando-a. E parecia ter medo.

Mas os dedos desceram um pouco, e os pequenos olhos amarelados encararam por sua vez o intruso com atenção voraz, desceram às suas mãos vazias, tornaram a subir ao rosto infantil.

A criança sorriu, de desaponto, sem saber o que fizesse.

Então a doida ergueu-se um pouco mais, firmando-se nos cotovelos. A boca remexeu, deixou passar um som vago e tímido.

Como a criança não se movesse, o som indistinto se esboçou outra vez.

Ele teve a impressão de que não era xingamento, parecia antes um chamado. Sentiu-se atraído para a doida, e todo desejo de maltratá-la se dissipou. Era um apelo, sim, e os dedos, movendo-se canhestramente, o confirmavam.

O menino aproximou-se, e o mesmo jeito da boca insistia em soltar a mesma palavra curta, que entretanto não tomava forma. Ou seria um bater automático de queixo, produzindo um som sem qualquer significação?

Talvez pedisse água. A moringa estava no criado - mudo, entre vidros e papéis. Ele encheu o copo pela metade, estendeu-o. A doida parecia aprovar com a cabeça, e suas mãos queriam segurar sozinhas, mas foi preciso que o menino a ajudasse a beber.

Fazia tudo naturalmente, e nem se lembrava mais por que entrara ali, nem conservava qualquer espécie de aversão pela doida. A própria ideia de doida desaparecera. Havia no quarto uma velha com sede, e que talvez estivesse morrendo.

Nunca vira ninguém morrer, os pais o afastavam se havia em casa um agonizante. Mas deve ser assim que as pessoas morrem.

Um sentimento de responsabilidade apoderou-se dele. Desajeitadamente, procurou fazer com que a cabeça repousasse sobre o travesseiro. Os músculos rígidos da mulher não o ajudavam. Teve que abraçar-lhe os ombros – com repugnância – e conseguiu, afinal, deitá-la em posição suave.

Mas a boca deixava passar ainda o mesmo ruído obscuro, que fazia crescer as veias do pescoço, inutilmente. Água não podia ser, talvez remédio...

Passou-lhe um a um, diante dos olhos, os frasquinhos do criado-mudo. Sem receber qualquer sinal de aquiescência. Ficou perplexo, irresoluto. Seria caso talvez de chamar alguém, avisar o farmacêutico mais próximo, ou ir à procura do médico, que morava longe. Mas hesitava em deixar a mulher sozinha na casa aberta e exposta a pedradas. E tinha medo de que ela morresse em completo abandono, como ninguém no mundo deve morrer, e isso ele sabia que não apenas porque sua mãe o repetisse sempre, senão também porque muitas vezes, acordando no escuro, ficara gelado por não sentir o calor do corpo do irmão e seu bafo protetor.

Foi tropeçando nos móveis, arrastou com esforço o pesado armário da janela, desembaraçou a cortina, e a luz invadiu o depósito onde a mulher morria. Com o ar fino veio uma decisão. Não deixaria a mulher para chamar ninguém. Sabia que não poderia fazer nada para ajudá-la, a não ser sentar-se à beira da cama, pegar-lhe nas mãos e esperar o que ia acontecer.

(A doida - Carlos Drummond de Andrade, In: Contos de Aprendiz. Disponível em: <http://www.educacional.com.br/upload/blogsite/3765/3765501/4624/adoida.doc>

Acesso em 27 de set. 2018.)

Atividade:

1- Faça a leitura silenciosa do texto e depois responda:

1.1- Você tomou conhecimento do conto através de duas maneiras: oral e silenciosa.

Para você, qual é a maneira que mais lhe atraiu? Por quê? (**Resposta Pessoal**)

1.2- Conferindo oralmente a estrutura composicional deste conto:

1.2.1- Quem são os personagens? (**A doida, as crianças, os vizinhos**)

1.2.2- Destes, quais são protagonistas? E quais são secundário? (**O terceiro garoto do grupo e a doida são protagonistas e os demais secundários.**)

1.2.3- Como pode ser caracterizado o narrador deste conto? Justifique com elementos do texto. (**Narrador onisciente**)

1.2.4- Qual o conflito apresentado na narração? (**As crianças jogavam pedra na casa da doida**)

1.2.5- O clímax pode ser encontrado em:

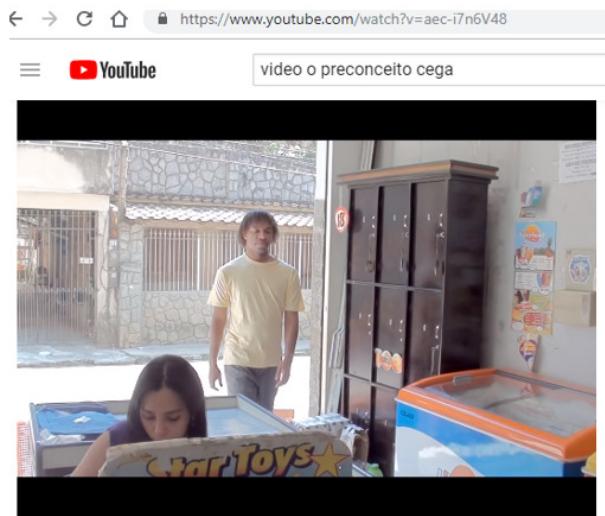
() “O menino foi abrindo caminho entre pernas e braços de móveis, contorna aqui, esbarra mais adiante. O quarto era pequeno e cabia tanta coisa.

Atrás da massa do piano, encurralada a um canto, estava a cama. E nela, busto soerguido, a doida esticava o rosto para a frente, na investigação do rumor insólito.”

(X) A lagartixa salvava-se, metida em recantos só dela sabidos, e o garoto galgou os dois degraus, empurrou cancela, entrou. Tinha a pedra na mão, mas já não era necessária; jogou-a fora. Tudo tão fácil, que até ia perdendo o senso da precaução. Recuou um pouco e olhou para a rua: os companheiros tinham sumido. Ou estavam mesmo com muita pressa, ou queriam ver até aonde iria a coragem dele, sozinho em casa da doida. Tomar café com a doida. Jantar em casa da doida. Mas estaria a doida?

() Nunca vira ninguém morrer, os pais o afastavam se havia em casa um agonizante. Mas deve ser assim que as pessoas morrem.

1.2.6- E qual é o desfecho do conto? (**Sugestão de resposta: a doida morre e o menino se arrepende do que fez a ela**)



Curta-metragem "O preconceito cega"



CTLE2010

Publicado em 21 de set de 2012

Disponível em- <https://www.youtube.com/watch?v=aec-i7n6V48> Acesso em 23 de out. 2018.

Questionamentos Orais

- ✓ Observando essa imagem, o que ela te faz pensar?
- ✓ Sobre o que você acha que vai tratar o vídeo?
- ✓ Quais são as expressões faciais dos envolvidos nessa imagem?

Oralizando o Texto informativo sobre Bruxas – Você está convidado a ler o texto abaixo!!**BRUXA**

Uma bruxa é geralmente retratada no imaginário popular como uma mulher antiquada, com nariz grande e encarquilhada, exímia e contumaz manipuladora de Magia Negra e dotada de uma gargalhada terrível. A palavra vem do verbo italiano bruciare, que significa queimar (brucia).

Na época da Inquisição, estrangeiros fora da Itália ao ouvirem gritar brucia associaram a palavra com a ré. É inegável a conexão entre esta visão e a visão da Hag ou Crone dos anglófonos. É também muito popularizada a imagem da bruxa como a de uma mulher sentada sobre uma vassoura voadora, ou com a mesma passada por entre as pernas, andando aos saltitos. Alguns autores utilizam o termo, contudo, para designar as mulheres sábias detentoras de conhecimentos sobre a natureza e, possivelmente, magia.

Algumas bruxas que antes adquiriram alguma notoriedade, como é o caso das chamadas Bruxas de Salem, a Bruxa de Evóra e Dame Alice Kyler (bruxa inglesa). São também bastante populares na literatura de ficção, como nos livros da popular série Harry Potter, nos livros de Marion Zimmer Bradley (autora de As Brumas de Avalon, que versam sobre uma vasta comunidade de bruxos e bruxas cuja maioria prefere evitar a magia negra) ou a trilogia sobre as bruxas Mayfair, de Anne Rice.

(...)

História

À afirmativa de existência de bruxas à forma retratada em registros da Idade Média, incluindo histórias infantis que permaneceram em evidência até os dias atuais, admite-se uma ressalva: elas parecem ter existido apenas no imaginário popular como uma velha louca por feitiços enigmáticos, surgidas na esteira de uma época dominada por medos, quando qualquer manifestação diversa ou mesmo a crença na inexistência de bruxas da forma retratada pelas autoridades clericais era implacavelmente perseguida pela Igreja.

Até ao século XIII a Igreja não condenava severamente esse tipo de credo. Mas nos séculos XIV e XV, o conceito de práticas mágicas, heresias e bruxarias se confundiam no julgo popular graças à ignorância. Eram, em geral, mulheres as acusadas.

(...)

(Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Bruxa> Acesso em 27 de set. 2018.)



Vamos assistir a um “mix” de cenas da novela “Deus salve o rei” da Rede Globo de Televisão-



Selena & Brice | All About Us
276.194 visualizações



Liz de A.
Publicado em 7 de abr de 2018

[INSCREVER-SE 2,5 MIL](#)

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xHdIOP4IBlw> Acesso em 27 de set. 2018.

Vamos conhecer o conto “Bruxas não existem” do Moacyr Scliar através da leitura silenciosa

Quando eu era garoto, acreditava em bruxas, mulheres malvadas que passavam o tempo todo maquinando coisas perversas. Os meus amigos também acreditavam nisso. A prova para nós era uma mulher muito velha, uma solteirona que morava numa casinha caendo aos pedaços no fim de nossa rua. Seu nome era Ana Custódio, mas nós só a chamávamos de "bruxa".

Era muito feia, ela; gorda, enorme, os cabelos pareciam palha, o nariz era comprido, ela tinha uma enorme verruga no queixo. E estava sempre falando sozinha.

Nunca tínhamos entrado na casa, mas tínhamos a certeza de que, se fizéssemos isso, nós a encontraríamos preparando venenos num grande caldeirão.

Nossa diversão predileta era incomodá-la. Volta e meia invadíamos o pequeno pátio para dali roubar frutas e quando, por acaso, a velha saía à rua para fazer compras no pequeno armazém ali perto, corriámos atrás dela gritando "bruxa, bruxa!".

Um dia encontramos, no meio da rua, um bode morto. A quem pertencera esse animal nós não sabíamos, mas logo descobrimos o que fazer com ele: jogá-lo na casa da bruxa. O que seria fácil. Ao contrário do que sempre acontecia, naquela manhã, e talvez por esquecimento, ela deixara aberta a janela da frente. Sob comando do João Pedro, que era o nosso líder, levantamos o bicho, que era grande e pesava bastante, e com muito esforço nós o levamos até a janela. Tentamos empurrá-lo para dentro, mas aí os chifres ficaram presos na cortina.

- Vamos logo - gritava o João Pedro -, antes que a bruxa apareça. E ela apareceu. No momento exato em que, finalmente, conseguíamos introduzir o bode pela janela, a porta se abriu e ali estava ela, a bruxa, empunhando um cabo de vassoura. Rindo, saímos correndo. Eu, gordinho, era o último.

E então aconteceu. De repente, enfeiei o pé num buraco e caí. De imediato senti uma dor terrível na perna e não tive dúvida: estava quebrada. Gemendo, tentei me levantar, mas não consegui. E a bruxa, caminhando com dificuldade, mas com o cabo de vassoura na mão, aproximava-se. Àquela altura a turma estava longe, ninguém poderia me ajudar. E a mulher sem dúvida descarregaria em mim sua fúria.

Em um momento, ela estava junto a mim, transtornada de raiva. Mas aí viu a minha perna, e instantaneamente mudou. Agachou-se junto a mim e começou a examiná-la com uma habilidade surpreendente.

- Está quebrada - disse por fim. - Mas podemos dar um jeito. Não se preocupe, sei fazer isso. Fui enfermeira muitos anos, trabalhei em hospital. Confie em mim.

Dividiu o cabo de vassoura em três pedaços e com eles, e com seu cinto de pano, improvisou uma tala, imobilizando-me a perna. A dor diminuiu muito e, amparado nela, fui até minha casa. "Chame uma ambulância", disse a mulher à minha mãe. Sorriu.

Tudo ficou bem. Levaram-me para o hospital, o médico engessou minha perna e em poucas semanas eu estava recuperado. Desde então, deixei de acreditar em bruxas. E tornei-me grande amigo de uma senhora que morava em minha rua, uma senhora muito boa que se chamava Ana Custódio.

(Disponível em:
<http://concursos.fadesp.org.br/cmcc2014/arquivos/Provas/NIVEL%20FUNDAMENTAL%20INCOMPLETO.pdf> Acesso em 27 de set. 2018.)

Atividade:

1- Você concorda com o autor que “Bruxas não existem”? Por quê? (**Resposta Pessoal**)

2- Que paralelo poderíamos traçar entre este conto e o conto “A doida” de Carlos Drummond de Andrade? (**Sugestão de resposta: que os dois contam tratam do tema preconceito**)

3- Observe o trecho retirado do texto informativo:

“Uma bruxa é geralmente retratada no imaginário popular como uma mulher antiquada, com nariz grande e encarquilhada, exímia e contumaz manipuladora de Magia Negra e dotada de uma gargalhada terrível. A palavra vem do verbo italiano bruciare, que significa queimar (brucia).”

Essa imagem é confirmada nas características das personagens “Brice e Selena” da novela “Deus salve o rei”? Por quê? (**Sugestão de resposta: Não. Porque as bruxas Brice e Selena são mulheres lindas, jovens, belas, delicadas, com cabelos alinhados e fisionomia encantadora.**)

4- Caso sua resposta anterior seja não. Qual seria a provável intenção do autor da novela, ao colocar personagens com características tão diferentes das bruxas retratadas no imaginário popular? (**Sugestão de resposta: para desmistificar o conceito de bruxa, provocar uma reflexão os julgamentos feitos por causa da aparência e criticar os atos da inquisição ocorridos na história da humanidade.**)

5- Observe este outro trecho retirado do texto informativo:

“À afirmativa de existência de bruxas à forma retratada em registros da Idade Média, incluindo histórias infantis que permaneceram em evidência até os dias atuais, admite-se uma ressalva: elas parecem ter existido apenas no imaginário popular como uma

velha louca por feitiços enigmáticos, surgidas na esteira de uma época dominada por medos, quando qualquer manifestação diversa ou mesmo a crença na inexistência de bruxas da forma retratada pelas autoridades clericais era implacavelmente perseguida pela Igreja.”

E essa imagem é confirmada no conto “Bruxas não existem” de Moacyr Scliar? Por quê? (Sugestão de resposta: sim, porque os garotos viam Dona Custódia como uma velha louca, com cabelos que pareciam palha e nariz comprido.)

6- Agora, leia o trecho final do conto “A doida” de Carlos Drummond de Andrade: “Passou-lhe um a um, diante dos olhos, os frasquinhos do criado-mudo. Sem receber qualquer sinal de aquiescência. Ficou perplexo, irresoluto. Seria caso talvez de chamar alguém, avisar o farmacêutico mais próximo, ou ir à procura do médico, que morava longe. Mas hesitava em deixar a mulher sozinha na casa aberta e exposta a pedradas. E tinha medo de que ela morresse em completo abandono, como ninguém no mundo deve morrer, e isso ele sabia que não apenas porque sua mãe o repetisse sempre, senão também porque muitas vezes, acordando no escuro, ficara gelado por não sentir o calor do corpo do irmão e seu bafo protetor.

Foi tropeçando nos móveis, arrastou com esforço o pesado armário da janela, desembaraçou a cortina, e a luz invadiu o depósito onde a mulher morria. Com o ar fino veio uma decisão. Não deixaria a mulher para chamar ninguém. Sabia que não poderia fazer nada para ajudá-la, a não ser sentar-se à beira da cama, pegar-lhe nas mãos e esperar o que ia acontecer.”

O desfecho deste conto surpreende o leitor? Por quê? (Sugestão de resposta: sim, pois diante de todo mistério que envolvia a personagem da doida, ele teve coragem de entrar na casa dela e não a apedrejou, mas foi solidário com a solidão dela e com remorso das atitudes decidiu permanecer ali até que moresse.)

7- E quanto ao desfecho do conto de Moacyr Scliar? Acontece o mesmo? Justifique sua resposta. (Sugestão de resposta: sim, pois o autor surpreende o leitor quando a

mulher pega o cabo da vassoura para fazer uma tala e ajudar o garoto e não para agredi-lo.)

Vamos conhecer o poema “A doida” de Florbela Espanca através da oralização?

A doida – Florbela Espanca

A noite passa, noivando.
Caem ondas de luar.
Lá passa a doida cantando
Num suspiro doce e brando
Que mais parece chorar!

Dizem que foi pela morte
D’Alguém, que muito lhe quis,
Que endoideceu. Triste sorte!
Que dor tão triste e tão forte!
Como um doido é infeliz!

Desde que ela endoideceu
(que triste vida, que mágoa!)
Pobrezinha, olhando o céu!
Chama o noivo que morreu,
Com os olhos rasos d’água!

E a noite passa, noivando.
Passa noivando o luar:
“Passa num suspiro doce e brando,
Pobre doida vai cantando
Que esse teu canto, é chorar!”

(Disponível em: <https://www.lusopoemas.net/modules/news03/article.php?storyid=383> Acesso em 27 de set. 2018.

Atividade:

1- A leitura deste poema faz você lembrar de algum outro texto? Qual? Por quê?
(Sugestão de resposta: O conto A doida de Carlos Drummond de Andrade.)

2- Qual é o sentimento que o eu lírico expressa em relação à doida? Justifique com partes do poema. (Sugestão de resposta: piedade, compaixão)

3- Você conhece a história de alguém que passou por um trauma psicológico muito grande que chegou a comprometer a sanidade mental dessa pessoa? Em caso afirmativo, como teve acesso aos fatos? (**Resposta Pessoal**)

4- Tem conhecimento de como esta pessoa está atualmente? (**Resposta Pessoal**)

Agora, vamos conhecer a história de Arthur Bispo do Rosário, com a leitura oral da reportagem abaixo:

A loucura de Arthur Bispo do Rosário

Uma exposição de Arthur Bispo do Rosário sugere que a infância e o isolamento foram mais importantes que a loucura para moldar seu talento

SÉRGIO GARCIA, COM RUAN DE SOUSA GABRIEL

10/04/2015 - 08h01 - Atualizado 10/04/2015 08h01

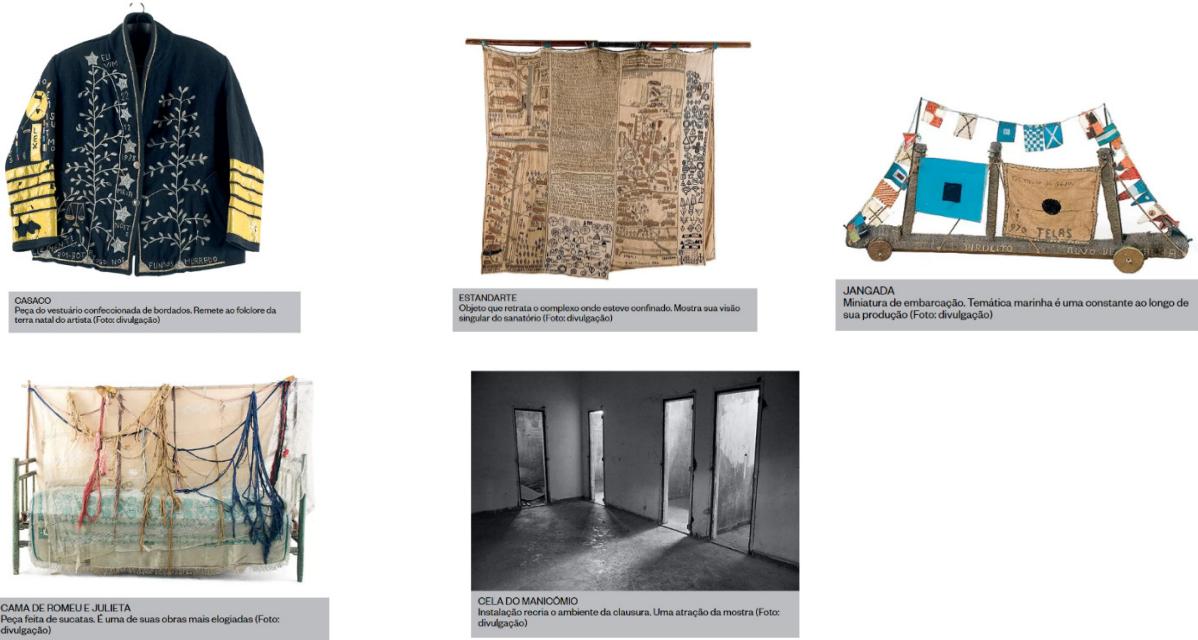
Poucos artistas têm sua vida tão perscrutada quanto o sergipano Arthur Bispo do Rosário (1909-1989). Interno de uma colônia psiquiátrica no Rio de Janeiro, ele foi descoberto tarde para o universo das artes visuais no início da década de 1980. A loucura se tornou chave para a compreensão de seu trabalho, embora haja outras singularidades que envolvem sua obra e existência. Em cartaz desde o fim de semana passado no Museu Bispo do Rosário de Arte Contemporânea, no Rio de Janeiro, uma exposição expande a observação sobre seus impulsos criativos para além da doença, começando pela infância em sua Japaratuba natal. “Não é a loucura que faz o sujeito virar artista. Ele é artista e, por acaso, é louco, esquizofrênico”, afirma o escritor e crítico de arte Ferreira Gullar, admirador de Bispo.

A mostra Um canto, dois sertões: Bispo do Rosário e os 90 anos da Colônia Juliano Moreira reúne cerca de 160 obras do artista, além de 50 peças com outras assinaturas. É dividida em três núcleos, que remetem à infância, ao hospício e ao universo delirante de Bispo. “Nossa aposta foi no intenso trabalho de campo”, destaca o curador Marcelo Campos. Durante a pesquisa feita em Sergipe, sua equipe constatou a grande influência que o folclore regional exerceu sobre o artista. Os

mantos e capas presentes em sua produção derivam dos reisados e cheganças. Ao longo de cinco décadas, Bispo fez bordados, colagens, estandartes e objetos que já foram expostos na Bienal de Veneza, no Victoria & Albert de Londres e hoje integram uma mostra no Museu de Arte Folclórica de Nova York, aberta na semana passada. Em confinamento durante boa parte da vida, ele teve de usar de criatividade para obter matéria-prima. Cerzia suas peças com a linha que desfiava de uniformes e utilizava toda sorte de sucatas. Isso o colocou, inadvertidamente, na vanguarda da arte contemporânea, que lança mão de toda espécie de material, inclusive o lixo.

A despeito de toda investigação, a história de Bispo do Rosário ainda é repleta de “lacunas e enigmas”, como realça a pesquisadora Flavia Corpas, uma das maiores autoridades no assunto. Sabe-se que ele trabalhou na Marinha e lutou boxe. Foi internado pela primeira vez em 1939, mas ficou durante dez anos livre do confinamento, entre as décadas de 1950 e 1960, quando trabalhou como faz-tudo em uma clínica médica infantil. De 1964 até a morte, esteve enclausurado na Colônia Juliano Moreira, precisamente no pavilhão 10, cercado por dez cubículos onde ficava quem era punido. Durante a vigência da exposição (até 6 de outubro), o visitante pode conhecer esse lugar, mediante agendamento. Há ainda uma instalação que replica esse ambiente claustrofóbico feita pelo baiano Willyams Martins. “Bispo não tinha contato com a cultura moderna ou contemporânea, mas seu trabalho é de uma atualidade e profundidade extraordinárias. Sua obra dialoga fortemente com certa produção pós-pop art”, avalia o crítico Frederico Morais, credenciado como o descobridor do artista por tê-lo incluído numa mostra no Museu de Arte Moderna carioca em 1982. Originado pela doença ou moldado por ela (como parece mais razoável), o monumental talento de Bispo antecede e supera qualquer estigma. O que ele deixou foram obras de arte, não sintomas.

(Disponível em: <https://epoca.globo.com/vida/noticia/2015/04/loucura-de-arthur-bispo-do-rosario.html> Acesso em 27 de set. 2018.)



Disponíveis em: <https://epoca.globo.com/vida/noticia/2015/04/loucura-de-arthur-bispo-do-rosario.html> Acesso em 27 de set. 2018.)

Atividade:

1- Observe os trechos retirados da reportagem:

“A loucura se tornou chave para a compreensão de seu trabalho, embora haja outras singularidades que envolvem sua obra e existência.”

“Não é a loucura que faz o sujeito virar artista. Ele é artista e, por acaso, é louco, esquizofrênico”, afirma o escritor e crítico de arte Ferreira Gullar, admirador de Bispo.”

“Bispo não tinha contato com a cultura moderna ou contemporânea, mas seu trabalho é de uma atualidade e profundidade extraordinárias. Sua obra dialoga fortemente com certa produção pós-pop art”, avalia o crítico Frederico Morais, credenciado como o descobridor do artista por tê-lo incluído numa mostra no Museu de Arte Moderna carioca em 1982.”

A leitura destes trechos dialoga com o seguinte trecho da música de Raul Seixas? Por quê? (Sugestão de resposta: sim, pois nos dois textos não são ou não se sentem inseridas na sociedade dita “normal” e também dialoga na medida em que o jeito de ser do personagem da música não é compreendido, assim como não comprehendem como Arthur produz belíssimas obras de arte sendo louco.)

“Enquanto você
Se esforça pra ser
Um sujeito normal
E fazer tudo igual
Eu do meu lado
Aprendendo a ser louco
Um maluco total
Na loucura real”

2- Trace um paralelo entre as personagens de todos os textos lidos: A doida de Carlos Drummond, a bruxa de Moacyr Scliar, A doida de Florbela espanca e o pessoa de Arthur Bispo do Rosário:

2.1- O que elas têm em comum? (Sugestão de resposta: sofrem preconceito pela maneira de viver de cada um.)

2.2- O desfecho das histórias se confundem com o desfecho da história de Arthur? De que forma? (Sugestão de resposta: na medida em que depois de tanto sofrerem preconceito descobrem que são pessoas sensíveis e dóceis.)

2.3- Que tema é revelado ao longo de todas as leituras feitas? (Sugestão de resposta: preconceito)

2.4- O que este tema influencia no comportamento das personagens que apedrejavam a “doida” de Drummond e xingavam de “bruxa” a “Ana Custódia” de Scliar? Justifique sua resposta. (Sugestão de resposta: O preconceito leva à incompreensão, que pode gerar violência verbal, física ou psicológica.)

2.5- Tanto o garoto de 11 anos do conto “A doida”, quanto o narrador-personagem do conto “Bruxas não existem” chegaram a que conclusão, no desfecho das narrativas? (Sugestão de resposta: que estavam errados, julgaram pela aparência da pessoa e descobriram que eram pessoas boas, somente com atitudes diferentes das deles e que viviam solitárias.)

2.6- O que as obras de Arthur Bispo do Rosário revelam para o mundo dito “são”? (Sugestão de resposta: Que, na verdade, ele não era insano, louco, pois suas obras tinham coerência e beleza. E revelam também que, muitas vezes, aquele que achamos louco é mais são do que pensamos, apenas não é compreendido na sua maneira de ser.)

2.7- Complete o ditado popular abaixo: (Sugestão de resposta: “De médico e louco, todos temos um pouco”)

“De médico e _____”

Finalizando o projeto

Vamos conhecer a entrevista que a Psicóloga Mariza fez ao site Disney Babble através da leitura silenciosa:

PRECONCEITO

Entrevista cedida para o site Disney Babble

The screenshot shows a web page from the URL www.marisapsicologa.com.br/psicologos/marisa-graziela-marques-moraes.html. The page title is "INICIO / PSICÓLOGOS / MARISA G M M VANDEVELDE". Below the title, the name "MARISA GRAZIELA MARQUES MORAIS" is displayed above "VANDEVELDE". To the left of the name is a small profile picture of a woman with short brown hair. To the right of the name is the text "PSICÓLOGA CRP 06/121052". The background of the page has a light blue header bar.

O QUE É PRECONCEITO

Preconceito é uma falha do pensamento, um erro na suposição e previsão de acontecimentos futuros. Preconceito ocorre quando uma pessoa imagina que já tem informações profundas a respeito de algo ou alguém a partir de uma pequena informação de entrada. Por exemplo: uma pessoa diz que é africana e o outro a imagina negra, pobre o doente - que pode ser um erro pois existem africanos com perfis totalmente diferentes.

O problema do preconceito é que quase sempre a pessoa está errada em sua suposições.

ORIGEM DO PRECONCEITO

Acredito que a origem do preconceito venha da necessidade que o ser humano tem em saber exatamente como a outra pessoa é. A busca de informações precisas levam as pessoas a arrogâncias preconceituosas. O preconceito existe desde que o homem começou a deduzir e supor o que o outro poderia ser e fazer. Outra forma de ver a origem seria o medo do diferente, medo do desconhecido. Quando nos deparamos com algo não familiar tendemos a admirar ou a repudiar. O preconceito vem da repudia do desconhecido.

O SER HUMANO É UM SER PRECONCEITUOSO POR NATUREZA?

A natureza do ser humano é de tentar facilitar o máximo possível tudo em sua vida. E o preconceito parece oferecer uma forma rápida de conhecimento (errôneo). A mídia pode incrementar o preconceito quando passa informações muito determinantes sobre assuntos subjetivos. Por exemplo, não podemos dizer que uma pessoa “é preconceituosa”, isso já é um preconceito, mas podemos dizer que uma pessoa foi preconceituosa em determinado momento sobre aquele determinado assunto. Mas esta forma de colocar as coisas jamais serão manchetes, toda manchete afirma algo de forma categórica (pois é isto que chama atenção) mas corre grande risco de ser preconceituosa.

(...).

QUE TIPO DE CONSEQUÊNCIAS NEGATIVAS UMA PESSOA QUE SOFRE PRECONCEITO PODE APRESENTAR?

O preconceito pode limitar as possibilidades quanto a relacionamentos de forma geral, sendo assim uma pessoa pode perder oportunidade em se relacionar com outra seja de forma romântica, amizade ou profissional, por conta de preconceitos. Em formas mais intensas o preconceito pode gerar raiva e esta raiva pode destruir a saúde emocional desta pessoa fazendo-a se isolar e acreditar, erroneamente, em sua menor valia diminuindo assim sua auto estima.

PARA O AGRESSOR: QUE TIPO DE CONSEQUÊNCIAS NEGATIVAS ELE PODE SOFRER NA VIDA POR TER ESSE TIPO DE PENSAMENTO/ATITUDE?

Creio que este pode ser o que mais sofre, pois ao permitir que pensamentos limitantes dominem seu modo de pensar ele poderá ter toda uma gama de relacionamentos e

oportunidades também limitadas. A raiva que ele sente de pessoas das quais nutre preconceito poderá ser o próprio veneno para sua alma.

COMO IDENTIFICAR E COMBATER O PRECONCEITO EM SI MESMO? ÀS VEZES, A PESSOA NÃO ADMITE QUE É PRECONCEITUOSA, MAS VIVE FALANDO QUE A FULANA É GORDA, BELTRANO É FEIO ETC.

Aprendendo a pensar de forma ampla e considerando sempre todas as possibilidades. Ou seja, não tendo preguiça na hora de entender e conhecer as pessoas e o mundo. Buscar o máximo de informações sobre tudo a fará perceber que nada é tão definitivo, ninguém é uma coisa só o tempo todo. Aprender a considerar o que há de diferente no outro como uma qualidade especial e não como algo a ser desprezado. Muitas vezes o preconceito é uma auto defesa, ou seja é possível que para não se sentir mal com relação a algo que não goste em si mesmo esta pessoa ataque outras, assim ela não foca em seus próprios problemas.

O PRECONCEITO ACABA SENDO UM COSTUME SOCIAL. É POSSÍVEL REVERTER ESSA CARACTERÍSTICA NA POPULAÇÃO INTEIRA? COMO?

A forma de pensar pode ser um costume social, pode ser revertido mas eu particularmente não acredito que será algo que possa ser erradicado por completo em curto espaço de tempo. É um longo processo.

DICAS PARA OS PAIS DE COMO GARANTIR POR MEIO DA EDUCAÇÃO QUE OS FILHOS CRESCAM MAIS TOLERANTES E MENOS PRECONCEITUOSOS?

A melhor dica é dar o exemplo, os filhos se espelham muito mais no que os pais fazem do que no que os pais dizem. Não sejam preconceituosos e isto ajudará muito para que seus filhos também não sejam. Passem sempre informações positivas sobre todo grupo de pessoas, mostre que todo mundo pode ter seu lado bom e que todos merecem respeito.

(Disponível em: <http://www.marisapsicologa.com.br/preconceito.html> Acesso em 27 de set. 2018.)

Atividade:

1- Observe a última fala da psicóloga Mariza e os trechos retirados do conto “A doida” de Carlos Drummond de Andrade:

“De qualquer modo, as pessoas grandes não contavam a história direito, e os meninos deformavam o conto. Repudiada por todos, ela se fechou naquele chalé do caminho do córrego, e acabou perdendo o juízo. Perdera antes todas as relações. Ninguém tinha ânimo de visitá-la. O padeiro mal jogava o pão na caixa de madeira, à entrada, e eclipsava-se. Diziam que nessa caixa uns primos generosos mandavam pôr, à noite, provisões e roupas, embora oficialmente a ruptura com a família se mantivesse inalterável. Às vezes uma preta velha arriscava-se a entrar, com seu cachimbo e sua paciência educada no cativeiro, e lá ficava dois ou três meses, cozinhando. Por fim a doida enxotava-a. E, afinal, empregada nenhuma queria servi-la. Ir viver com a doida, pedir a bênção à doida, jantar em casa da doida, passou a ser, na cidade, expressões de castigo e símbolos de irrisão.”

“Em vão os pais censuravam tal procedimento. Quando meninos, os pais daqueles três tinham feito o mesmo, com relação à mesma doida, ou a outras.”

Na sua opinião, você acha que se a comunidade tivesse acolhido a “doida”, as crianças de várias gerações continuariam a apedrejá-la? Por quê? **(Resposta Pessoal)**

2- Observe o trecho retirado do conto “Bruxas não existem” de Moacyr Scliar:

“Era muito feia, ela; gorda, enorme, os cabelos pareciam palha, o nariz era comprido, ela tinha uma enorme verruga no queixo. E estava sempre falando sozinha. Nunca tínhamos entrado na casa, mas tínhamos a certeza de que, se fizéssemos isso, nós a encontraríamos preparando venenos num grande caldeirão.”

Na sua opinião, o preconceito estético impede as pessoas de conhecerem umas às outras? **(Resposta Pessoal)**

3- Aqueles que não se adequam aos padrões de beleza que a sociedade impõe sofrem preconceito? Justifique sua resposta. **(Sugestão de resposta: Sim, como, por exemplo, quando são rejeitados pelas empresas pela aparência.)**

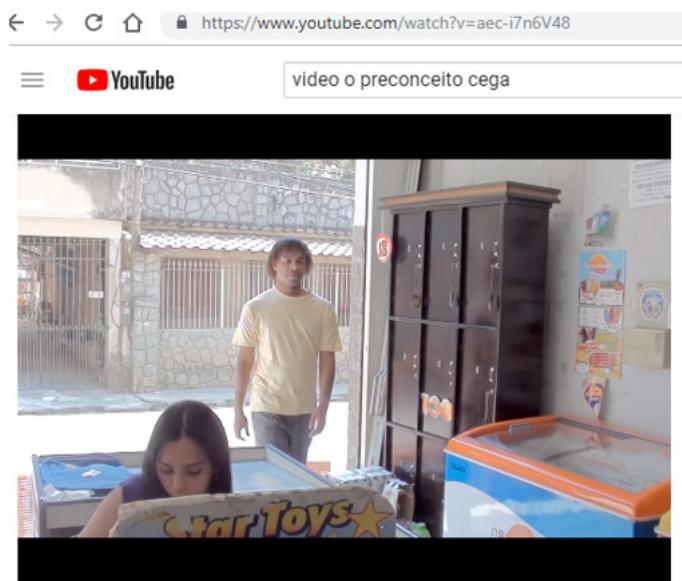
4- Você conhece o trecho abaixo? **(Resposta Pessoal)**

“Eis o meu segredo: só se vê bem com o coração. O essencial é invisível aos olhos. Os homens esqueceram essa verdade, mas tu não a deves esquecer. Tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas.” Antoine de Saint-Exupéry – Pequeno príncipe - Disponível em: https://www.pensador.com/o_essencial_e_invisivel-aos-olhos/ Acesso em 28 de set. 2018.

5- Qual relação de sentido podemos estabelecer com este trecho do livro Pequeno príncipe e com o conto “A doida” de Carlos Drummond de Andrade? Justifique sua resposta. (Sugestão de resposta: A relação de que a população a julgava pela aparência, mas o menino conseguiu olhá-la com o coração e proporcionou-lhe um acolhimento e emitiu um pedido de perdão ao ficar ao lado dela no momento mais difícil da vida dela.)



Para encerrar, vamos assistir aos vídeos “O preconceito cega” e “Normal é ser diferente – Grandes pequeninos” e tirar deles nossas próprias conclusões.



Curta-metragem "O preconceito cega"



CTLE2010

Publicado em 21 de set de 2012

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aec-i7n6V48> Acesso em 23 de out. 2018.



Normal É Ser Diferente - Grandes Pequeninos

3.628.084 visualizações

26 MIL

1,6 MIL

COMPARTELHAR

...



GRANDES PEQUENINOS
Publicado em 2 de ago de 2015

INSCREVER-SE 112 MIL

Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=oueAfg_XJrg&t=1s Acesso em 28 de set. 2018.

Produza um relato pessoal oral sobre as leituras feitas a partir da aplicação deste projeto

Para ajudá-lo, pense nas reflexões abaixo:

- ✓ Os textos lidos contribuíram para minha formação como leitor de texto literário?
- ✓ Qual a minha apreciação dos gêneros trabalhados?
- ✓ Se eu tivesse lido estes textos soltos, minha leitura seria a mesma?
- ✓ A leitura oralizada foi importante para a compreensão e interpretação dos textos trabalhados?
- ✓ Se eu tivesse feito apenas a leitura silenciosa, minha interpretação seria a mesma?

Diga se gostou da aplicação do projeto e por quê:

ATIVIDADES DA TERCEIRA OFICINA REORGANIZADAS PARA TRABALHAR EM GRUPO

PROJETO LEITURA SILENCIOSA E LEITURA ORALIZADA: RECURSOS PARA CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS EM TEXTOS - Professora- pesquisadora: Maria Elena da Silva

3^a OFICINA: 2^a etapa: leitura oral e interpretação

TEXTO I - A DOIDA - CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

Caros/as alunos/as, vocês são convidados a oralizarem o conto “A doida” de Carlos Drummond de Andrade. Após, são convidados a responderem as questões pedidas.

PROJETO LEITURA SILENCIOSA E LEITURA ORALIZADA: RECURSOS PARA CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS EM TEXTOS - Professora- pesquisadora: Maria Elena da Silva

3^a OFICINA: 2^a etapa: leitura oral e interpretação

TEXTO II- BRUXA

Caros/as alunos/as, vocês são convidados a oralizarem o texto informativo sobre bruxas. Após, são convidados a elaborarem seis (06) questões com respostas sobre o texto oralizado.

PROJETO LEITURA SILENCIOSA E LEITURA ORALIZADA: RECURSOS PARA CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS EM TEXTOS - Professora- pesquisadora: Maria Elena da Silva

3^a OFICINA: 2^a etapa: leitura oral e interpretação

TEXTO III - BRUXAS NÃO EXISTEM - MOACYR SCLIAR

Caros/as alunos/as, vocês são convidados a oralizarem o conto “Bruxas não existem” de Moacyr Scliar. Após, são convidados a responderem as questões pedidas.

PROJETO LEITURA SILENCIOSA E LEITURA ORALIZADA: RECURSOS PARA CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS EM TEXTOS - Professora- pesquisadora: Maria Elena da Silva

3ª OFICINA: 2ª etapa: leitura oral e interpretação

TEXTO IV - A DOIDA – FLORBELA ESPANCA

Caros/as alunos/as, vocês são convidados a oralizarem o poema “A doida” de Florbel Espanca. Após, são convidados a responderem as questões pedidas.

PROJETO LEITURA SILENCIOSA E LEITURA ORALIZADA: RECURSOS PARA CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS EM TEXTOS - Professora- pesquisadora: Maria Elena da Silva

3ª OFICINA: 2ª etapa: leitura oral e interpretação

TEXTO V - A LOUCURA DE ARTHUR BISPO DO ROSÁRIO

Caros/as alunos/as, vocês são convidados a oralizarem a reportagem “A loucura de Arthur Bispo do Rosário” de Sérgio Garcia e Ruan de Sousa Gabriel. Após, são convidados a responderem as questões pedidas.

PROJETO LEITURA SILENCIOSA E LEITURA ORALIZADA: RECURSOS PARA CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS EM TEXTOS - Professora- pesquisadora: Maria Elena da Silva

3ª OFICINA: 2ª etapa: leitura oral e interpretação

TEXTO VI – PRECONCEITO

Caros/as alunos/as, vocês são convidados a oralizarem a entrevista “Preconceito” com a psicóloga Marisa Graziela Marques Moraes Vandevelde para o site Disney Babble. Após, são convidados a responderem as questões pedidas.

PROJETO LEITURA SILENCIOSA E LEITURA ORALIZADA: RECURSOS PARA CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS EM TEXTOS - Professora- pesquisadora: Maria Elena da Silva

3^a OFICINA: 2^a etapa: leitura oral e interpretação

Caros/as alunos/as, vocês são convidados a oralizarem o conto “A doida” de Carlos Drummond de Andrade. Após, são convidados a responderem as questões pedidas.

Texto I - A doida - Carlos Drummond de Andrade

A doida habitava um chalé no centro do jardim maltratado. E a rua descia para o córrego, onde os meninos costumavam banhar-se. Era só aquele chalezinho, à esquerda, entre o barranco e um chão abandonado; à direita, o muro de um grande quintal. E na rua, tornada maior pelo silêncio, o burro pastava. Rua cheia de capim, pedras soltas, num declive áspero. Onde estava o fiscal, que não mandava capiná-la?

Os três garotos desceram manhã cedo, para o banho e a pega de passarinho. Só com essa intenção. Mas era bom passar pela casa da doida e provocá-la. As mães diziam o contrário: que era horroroso, poucos pecados seriam maiores. Dos doidos devemos ter piedade, porque eles não gozam dos benefícios com que nós, os sãos, fomos aquinhoados. Não explicavam bem quais fossem esses benefícios, ou explicavam demais, e restava a impressão de que eram todos privilégios de gente adulta, como fazer visitas, receber cartas, entrar para irmandade. E isso não comovia ninguém. A loucura parecia antes erro do que miséria. E os três sentiam-se inclinados a lapidar a doida, isolada e agreste no seu jardim.

Como era mesmo a cara da doida, poucos poderiam dizê-lo. Não aparecia de frente e de corpo inteiro, como as outras pessoas, conversando na calma. Só o busto, recortado, numa das janelas da frente, as mãos magras, ameaçando. Os cabelos, brancos e desgrenhados. E a boca inflamada, soltando xingamentos, pragas, numa voz rouca. Eram palavras da Bíblia misturadas a termos populares, dos quais alguns pareciam escabrosos, e todos fortíssimos na sua cólera.

Sabia-se confusamente que a doida tinha sido moça igual às outras no seu tempo remoto (contava mais de 60 anos, e loucura e idade, juntas, lhe lavravam o corpo). Corria, com variantes, a história de que fora noiva de um fazendeiro, e o casamento, uma festa estrondosa; mas na própria noite de núpcias o homem a repudiara, Deus sabe por que razão. O marido ergueu-se terrível e empurrou-a, no

calor do bate-boca; ela rolou escada abaixo, foi quebrando ossos, arrebentando-se. Os dois nunca mais se viram. Já outros contavam que o pai, não o marido, a expulsara, e esclareciam que certa manhã o velho sentira um amargo diferente no café, ele que tinha dinheiro grosso e estava custando a morrer – mas nos recontos antigos abusava-se de veneno. De qualquer modo, as pessoas grandes não contavam a história direito, e os meninos deformavam o conto. Repudiada por todos, ela se fechou naquele chalé do caminho do córrego, e acabou perdendo o juízo. Perdera antes todas as relações. Ninguém tinha ânimo de visitá-la. O padeiro mal jogava o pão na caixa de madeira, à entrada, e eclipsava-se. Diziam que nessa caixa uns primos generosos mandavam pôr, à noite, provisões e roupas, embora oficialmente a ruptura com a família se mantivesse inalterável. Às vezes uma preta velha arriscava-se a entrar, com seu cachimbo e sua paciência educada no cativeiro, e lá ficava dois ou três meses, cozinhando. Por fim a doida enxotava-a. E, afinal, empregada nenhuma queria servi-la. Ir viver com a doida, pedir a bênção à doida, jantar em casa da doida, passou a ser, na cidade, expressões de castigo e símbolos de irrisão.

Vinte anos de tal existência, e a legenda está feita. Quarenta, e não há mudá-la. O sentimento de que a doida carregava uma culpa, que sua própria doidice era uma falta grave, uma coisa aberrante, instalou-se no espírito das crianças. E assim, gerações sucessivas de moleques passavam pela porta, fixavam cuidadosamente a vidraça e lascavam uma pedra. A princípio, como justa penalidade. Depois, por prazer. Finalmente, e já havia muito tempo, por hábito. Como a doida respondesse sempre furiosa, criara-se na mente infantil a ideia de um equilíbrio por compensação, que afogava o remorso.

Em vão os pais censuravam tal procedimento. Quando meninos, os pais daqueles três tinham feito o mesmo, com relação à mesma doida, ou a outras. Pessoas sensíveis lamentavam o fato, sugeriam que se desse um jeito para internar a doida. Mas como? O hospício era longe, os parentes não se interessavam. E daí – explicava-se ao forasteiro que porventura estranhasse a situação – toda cidade tem seus doidos; quase que toda família os tem. Quando se tornam ferozes, são trancados no sótão; fora disto, circulam pacificamente pelas ruas, se querem fazê-lo, ou não, se preferem ficar em casa. E doido é quem Deus quis que ficasse doido... Respeitemos sua vontade. Não há remédio para loucura; nunca nenhum doido se curou, que a cidade soubesse; e a cidade sabe bastante, ao passo que livros mentem.

Os três verificaram que quase não dava mais gosto apedrejar a casa. As vidraças partidas não se recompunham mais. A pedra batia no caixilho ou ia aninharse lá dentro, para voltar com palavras iradas. Ainda haveria louça por destruir, espelho, vaso intato? Em todo caso, o mais velho comandou, e os outros obedeceram na forma do sagrado costume. Pegaram calhaus lisos, de ferro, tomaram posição. Cada um jogaria por sua vez, com intervalos para observar o resultado. O chefe reservou-se um objetivo ambicioso: a chaminé.

O projétil bateu no canudo de folha-de-flandres enegrecido – blém – e veio espatifar uma telha, com estrondo. Um bem-te-vi assustado fugiu da mangueira próxima. A doida, porém, parecia não ter percebido a agressão, a casa não reagia. Então o do meio vibrou um golpe na primeira janela. Bam! Tinha atingido uma lata, e a onda de som propagou-se lá dentro; o menino sentiu-se recompensado. Esperaram um pouco, para ouvir os gritos. As paredes descascadas, sob as trepadeiras e a hera da grade, as janelas abertas e vazias, o jardim de cravo e mato, era tudo a mesma paz.

Aí o terceiro do grupo, em seus 11 anos, sentiu-se cheio de coragem e resolveu invadir o jardim. Não só podia atirar mais de perto na outra janela, como até, praticar outras e maiores façanhas. Os companheiros, desapontados com a falta do espetáculo cotidiano, não, queriam segui-lo. E o chefe, fazendo valer sua autoridade, tinha pressa em chegar ao campo.

O garoto empurrou o portão: abriu-se. Então, não vivia trancado? ...E ninguém ainda fizera a experiência. Era o primeiro a penetrar no jardim, e pisava firme, posto que cauteloso. Os amigos chamavam-no, impacientes. Mas entrar em terreno proibido é tão excitante que o apelo perdia toda a significação. Pisar um chão pela primeira vez; e chão inimigo. Curioso como o jardim se parecia com qualquer um; apenas era mais selvagem, e o melão-de-são-caetano se enredava entre as violetas, as roseiras pediam poda, o canteiro de cravinas afogava-se em erva. Lá estava, quentando sol, a mesma lagartixa de todos os jardins, cabecinha móbil e suspicaz. O menino pensou primeiro em matar a lagartixa e depois em atacar a janela. Chegou perto do animal, que correu. Na perseguição, foi parar rente do chalé, junto à cancelinha azul (tinha sido azul) que fechava a varanda da frente. Era um ponto que não se via da rua, coberto como estava pela massa de folha gemo. A cancela apodrecera, o soalho da varanda tinha buracos, a parede, outrora pintada de rosa e azul, abria-se em reboco,

e no chão uma farinha de caliça denunciava o estrago das pedras, que a louca desistira de reparar.

A lagartixa salvara-se, metida em recantos só dela sabidos, e o garoto galgou os dois degraus, empurrou cancela, entrou. Tinha a pedra na mão, mas já não era necessária; jogou-a fora. Tudo tão fácil, que até ia perdendo o senso da precaução. Recuou um pouco e olhou para a rua: os companheiros tinham sumido. Ou estavam mesmo com muita pressa, ou queriam ver até aonde iria a coragem dele, sozinho em casa da doida. Tomar café com a doida. Jantar em casa da doida. Mas estaria a doida?

A princípio não distinguiu bem, debruçado à janela, a matéria confusa do interior. Os olhos estavam cheios de claridade, mas afinal se acomodaram, e viu a sala, completamente vazia e esburacada, com um corredorzinho no fundo, e no fundo do corredorzinho uma caçarola no chão, e a pedra que o companheiro jogará.

Passou a outra janela e viu o mesmo abandono, a mesma nudez. Mas aquele quarto dava para outro cômodo, com a porta cerrada. Atrás da porta devia estar a doida, que inexplicavelmente não se mexia, para enfrentar o inimigo. E o menino saltou o peitoril, pisou indagador no soalho gretado, que cedia.

A porta dos fundos cedeu igualmente à pressão leve, entreabriindo-se numa faixa estreita que mal dava passagem a um corpo magro.

No outro cômodo a penumbra era mais espessa parecia muito povoada. Difícil identificar imediatamente as formas que ali se acumulavam. O tato descobriu uma coisa redonda e lisa, a curva de uma cantoneira. O fio de luz coado do jardim acusou a presença de vidros e espelhos. Seguramente cadeiras. Sobre uma mesa grande pairavam um amplo guarda-comida, uma mesinha de toalete mais algumas cadeiras empilhadas, um abajur de renda e várias caixas de papelão. Encostado à mesa, um piano também soterrado sob a pilha de embrulhos e caixas. Seguia-se um guarda-roupa de proporções majestosas, tendo ao alto dois quadros virados para a parede, um baú e mais pacotes. Junto à única janela, olhando para o morro, e tapando pela metade a cortina que a obscurecia, outro armário. Os móveis enganchavam-se uns nos outros, subiam ao teto. A casa tinha se espremido ali, fugindo à perseguição de 40 anos.

O menino foi abrindo caminho entre pernas e braços de móveis, contorna aqui, esbarra mais adiante. O quarto era pequeno e cabia tanta coisa.

Atrás da massa do piano, encurralada a um canto, estava a cama. E nela, busto soerguido, a doida esticava o rosto para a frente, na investigação do rumor insólito.

Não adiantava ao menino querer fugir ou esconder-se. E ele estava determinado a conhecer tudo daquela casa. De resto, a doida não deu nenhum sinal de guerra. Apenas levantou as mãos à altura dos olhos, como para protegê-los de uma pedrada.

Ele encarava-a, com interesse. Era simplesmente uma velha, jogada num catre preto de solteiro, atrás de uma barricada de móveis. E que pequeninha! O corpo sob a coberta formava uma elevação minúscula. Miúda, escura, desse sujo que o tempo deposita na pele, manchando-a. E parecia ter medo.

Mas os dedos desceram um pouco, e os pequenos olhos amarelados encararam por sua vez o intruso com atenção voraz, desceram às suas mãos vazias, tornaram a subir ao rosto infantil.

A criança sorriu, de desaponto, sem saber o que fizesse.

Então a doida ergueu-se um pouco mais, firmando-se nos cotovelos. A boca remexeu, deixou passar um som vago e tímido.

Como a criança não se movesse, o som indistinto se esboçou outra vez.

Ele teve a impressão de que não era xingamento, parecia antes um chamado. Sentiu-se atraído para a doida, e todo desejo de maltratá-la se dissipou. Era um apelo, sim, e os dedos, movendo-se canhestramente, o confirmavam.

O menino aproximou-se, e o mesmo jeito da boca insistia em soltar a mesma palavra curta, que entretanto não tomava forma. Ou seria um bater automático de queixo, produzindo um som sem qualquer significação?

Talvez pedisse água. A moringa estava no criado - mudo, entre vidros e papéis. Ele encheu o copo pela metade, estendeu-o. A doida parecia aprovar com a cabeça, e suas mãos queriam segurar sozinhas, mas foi preciso que o menino a ajudasse a beber.

Fazia tudo naturalmente, e nem se lembrava mais por que entrara ali, nem conservava qualquer espécie de aversão pela doida. A própria ideia de doida desaparecera. Havia no quarto uma velha com sede, e que talvez estivesse morrendo.

Nunca vira ninguém morrer, os pais o afastavam se havia em casa um agonizante. Mas deve ser assim que as pessoas morrem.

Um sentimento de responsabilidade apoderou-se dele. Desajeitadamente, procurou fazer com que a cabeça repousasse sobre o travesseiro. Os músculos

rígidos da mulher não o ajudavam. Teve que abraçar-lhe os ombros – com repugnância – e conseguiu, afinal, deitá-la em posição suave.

Mas a boca deixava passar ainda o mesmo ruído obscuro, que fazia crescer as veias do pescoço, inutilmente. Água não podia ser, talvez remédio...

Passou-lhe um a um, diante dos olhos, os frasquinhos do criado-mudo. Sem receber qualquer sinal de aquiescência. Ficou perplexo, irresoluto. Seria caso talvez de chamar alguém, avisar o farmacêutico mais próximo, ou ir à procura do médico, que morava longe. Mas hesitava em deixar a mulher sozinha na casa aberta e exposta a pedradas. E tinha medo de que ela morresse em completo abandono, como ninguém no mundo deve morrer, e isso ele sabia que não apenas porque sua mãe o repetisse sempre, senão também porque muitas vezes, acordando no escuro, ficara gelado por não sentir o calor do corpo do irmão e seu bafo protetor.

Foi tropeçando nos móveis, arrastou com esforço o pesado armário da janela, desembaraçou a cortina, e a luz invadiu o depósito onde a mulher morria. Com o ar fino veio uma decisão. Não deixaria a mulher para chamar ninguém. Sabia que não poderia fazer nada para ajudá-la, a não ser sentar-se à beira da cama, pegar-lhe nas mãos e esperar o que ia acontecer.

(A doida - Carlos Drummond de Andrade, In: Contos de Aprendiz. Disponível em: <http://www.educacional.com.br/upload/blogsite/3765/3765501/4624/adoida.doc>
Acesso em 27 de set. 2018.)

Atividades:

1- Conferindo a estrutura composicional deste conto:

1.1- Quem são os personagens? (Sugestão de resposta: A doida, as crianças, os vizinhos)

1.2- Destes, quais são protagonistas? E quais são secundário? (Sugestão de resposta: O terceiro garoto do grupo e a doida são protagonistas e os demais secundários.)

1.3- Como pode ser caracterizado o narrador deste conto? Justifique com elementos do texto. (Sugestão de resposta: Narrador onisciente porque as falas do narrador se misturam aos pensamentos da personagem sem marca de aspas, travessão ou outro sinal de pontuação, como, no exemplo, “Pessoas sensíveis lamentavam o fato,

sugeriam que se desse um jeito para internar a doida. Mas como? O hospício era longe, os parentes não se interessavam. (...). No termo em itálico e grifado, a fala é da personagem e não do narrador.)

1.4- Qual o conflito apresentado na narração? (Sugestão de resposta: as crianças jogavam pedra na casa da doida)

1.5- O clímax pode ser encontrado em:

() “O menino foi abrindo caminho entre pernas e braços de móveis, contorna aqui, esbarra mais adiante. O quarto era pequeno e cabia tanta coisa.

Atrás da massa do piano, encurralada a um canto, estava a cama. E nela, busto soerguido, a doida esticava o rosto para a frente, na investigação do rumor insólito.”

(X) A lagartixa salvava-se, metida em recantos só dela sabidos, e o garoto galgou os dois degraus, empurrou cancela, entrou. Tinha a pedra na mão, mas já não era necessária; jogou-a fora. Tudo tão fácil, que até ia perdendo o senso da precaução. Recuou um pouco e olhou para a rua: os companheiros tinham sumido. Ou estavam mesmo com muita pressa, ou queriam ver até aonde iria a coragem dele, sozinho em casa da doida. Tomar café com a doida. Jantar em casa da doida. Mas estaria a doida?

() Nunca vira ninguém morrer, os pais o afastavam se havia em casa um agonizante. Mas deve ser assim que as pessoas morrem.

1.6- E qual é o desfecho do conto? (Sugestão de resposta: a doida morre e o menino se arrepende do que fez a ela.)

PROJETO LEITURA SILENCIOSA E LEITURA ORALIZADA: RECURSOS PARA CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS EM TEXTOS - Professora- pesquisadora: Maria Elena da Silva

3^a OFICINA: 2^a etapa: leitura oral e interpretação

Caros/as alunos/as, vocês são convidados a oralizarem o texto informativo sobre bruxas. Após, são convidados a elaborarem seis (06) questões com respostas sobre o texto oralizado.

Texto II- BRUXA

Uma bruxa é geralmente retratada no imaginário popular como uma mulher antiquada, com nariz grande e encarquilhada, exímia e contumaz manipuladora de Magia Negra e dotada de uma gargalhada terrível. A palavra vem do verbo italiano bruciare, que significa queimar (brucia).

Na época da Inquisição, estrangeiros fora da Itália ao ouvirem gritar brucia associaram a palavra com a ré. É inegável a conexão entre esta visão e a visão da Hag ou Crone dos anglófonos. É também muito popularizada a imagem da bruxa como a de uma mulher sentada sobre uma vassoura voadora, ou com a mesma passada por entre as pernas, andando aos saltitos. Alguns autores utilizam o termo, contudo, para designar as mulheres sábias detentoras de conhecimentos sobre a natureza e, possivelmente, magia.

Algumas bruxas que antes adquiriram alguma notoriedade, como é o caso das chamadas Bruxas de Salem, a Bruxa de Evóra e Dame Alice Kyler (bruxa inglesa). São também bastante populares na literatura de ficção, como nos livros da popular série Harry Potter, nos livros de Marion Zimmer Bradley (autora de As Brumas de Avalon, que versam sobre uma vasta comunidade de bruxos e bruxas cuja maioria prefere evitar a magia negra) ou a trilogia sobre as bruxas Mayfair, de Anne Rice.
(...)

História

À afirmativa de existência de bruxas à forma retratada em registros da Idade Média, incluindo histórias infantis que permaneceram em evidência até os dias atuais, admite-se uma ressalva: elas parecem ter existido apenas no imaginário popular como uma velha louca por feitiços enigmáticos, surgidas na esteira de uma época dominada por medos, quando qualquer manifestação diversa ou mesmo a crença na inexistência de bruxas da forma retratada pelas autoridades clericais era implacavelmente perseguida pela Igreja.

Até ao século XIII a Igreja não condenava severamente esse tipo de credo. Mas nos séculos XIV e XV, o conceito de práticas mágicas, heresias e bruxarias se confundiam no julgo popular graças à ignorância. Eram, em geral, mulheres as acusadas.

(...)

(Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Bruxa> Acesso em 27 de set. 2018.)

PROJETO LEITURA SILENCIOSA E LEITURA ORALIZADA: RECURSOS PARA CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS EM TEXTOS - Professora- pesquisadora: Maria Elena da Silva

3^a OFICINA: 2^a etapa: leitura oral e interpretação

Caros/as alunos/as, vocês são convidados a oralizarem o conto “Bruxas não existem” de Moacyr Scliar. Após, são convidados a responderem as questões pedidas.

Texto III - Bruxas não existem - Moacyr Scliar

Quando eu era garoto, acreditava em bruxas, mulheres malvadas que passavam o tempo todo maquinando coisas perversas. Os meus amigos também acreditavam nisso. A prova para nós era uma mulher muito velha, uma solteirona que morava numa casinha caindo aos pedaços no fim de nossa rua. Seu nome era Ana Custódio, mas nós só a chamávamos de "bruxa".

Era muito feia, ela; gorda, enorme, os cabelos pareciam palha, o nariz era comprido, ela tinha uma enorme verruga no queixo. E estava sempre falando sozinha. Nunca tínhamos entrado na casa, mas tínhamos a certeza de que, se fizéssemos isso, nós a encontraríamos preparando venenos num grande caldeirão.

Nossa diversão predileta era incomodá-la. Volta e meia invadíamos o pequeno pátio para dali roubar frutas e quando, por acaso, a velha saía à rua para fazer compras no pequeno armazém ali perto, corríamos atrás dela gritando "bruxa, bruxa!" .

Um dia encontramos, no meio da rua, um bode morto. A quem pertencera esse animal nós não sabíamos, mas logo descobrimos o que fazer com ele: jogá-lo na casa da bruxa. O que seria fácil. Ao contrário do que sempre acontecia, naquela manhã, e talvez por esquecimento, ela deixara aberta a janela da frente. Sob comando do João Pedro, que era o nosso líder, levantamos o bicho, que era grande e pesava bastante, e com muito esforço nós o levamos até a janela. Tentamos empurrá-lo para dentro, mas aí os chifres ficaram presos na cortina.

- Vamos logo - gritava o João Pedro -, antes que a bruxa apareça. E ela apareceu. No momento exato em que, finalmente, conseguíamos introduzir o bode pela janela, a porta se abriu e ali estava ela, a bruxa, empunhando um cabo de vassoura. Rindo, saímos correndo. Eu, gordinho, era o último.

E então aconteceu. De repente, enfiei o pé num buraco e caí. De imediato senti uma dor terrível na perna e não tive dúvida: estava quebrada. Gemendo, tentei me levantar, mas não consegui. E a bruxa, caminhando com dificuldade, mas com o cabo de vassoura na mão, aproximava-se. Àquela altura a turma estava longe, ninguém poderia me ajudar. E a mulher sem dúvida descarregaria em mim sua fúria.

Em um momento, ela estava junto a mim, transtornada de raiva. Mas aí viu a minha perna, e instantaneamente mudou. Agachou-se junto a mim e começou a examiná-la com uma habilidade surpreendente.

- Está quebrada - disse por fim. - Mas podemos dar um jeito. Não se preocupe, sei fazer isso. Fui enfermeira muitos anos, trabalhei em hospital. Confie em mim.

Dividiu o cabo de vassoura em três pedaços e com eles, e com seu cinto de pano, improvisou uma tala, imobilizando-me a perna. A dor diminuiu muito e, amparado nela, fui até minha casa. "Chame uma ambulância", disse a mulher à minha mãe. Sorriu.

Tudo ficou bem. Levaram-me para o hospital, o médico engessou minha perna e em poucas semanas eu estava recuperado. Desde então, deixei de acreditar em bruxas. E tornei-me grande amigo de uma senhora que morava em minha rua, uma senhora muito boa que se chamava Ana Custódio.

(Disponível em:

<http://concursos.fadesp.org.br/cmcc2014/arquivos/Provas/NIVEL%20FUNDAMENTAL%20INCOMPLETO.pdf> Acesso em 27 de set. 2018.)

Atividade:

1- Vocês concordam com o autor que “Bruxas não existem”? Por quê? (**Resposta Pessoal**)

2- Observem este trecho retirado do texto informativo:

“À afirmativa de existência de bruxas à forma retratada em registros da Idade Média, incluindo histórias infantis que permaneceram em evidência até os dias atuais, admite-se uma ressalva: elas parecem ter existido apenas no imaginário popular como uma velha louca por feitiços enigmáticos, surgidas na esteira de uma época dominada por medos, quando qualquer manifestação diversa ou mesmo a crença na inexistência de

bruxas da forma retratada pelas autoridades clericais era implacavelmente perseguida pela Igreja.”

E essa imagem é confirmada no conto “Bruxas não existem” de Moacyr Scliar? Por quê? (Sugestão de resposta: sim, porque os garotos viam Dona Custódia como uma velha louca, com cabelos que pareciam palha e nariz comprido.)

3- E quanto ao desfecho deste conto, ele surpreende o leitor? Por quê? (Sugestão de resposta: sim, pois o autor surpreende o leitor quando a mulher pega o cabo da vassoura para fazer uma tala e ajudar o garoto e não para agredi-lo.)

4- Vocês já vivenciaram uma situação como a do personagem principal? Conte como aconteceu e por quê? (Resposta Pessoal)

PROJETO LEITURA SILENCIOSA E LEITURA ORALIZADA: RECURSOS PARA CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS EM TEXTOS - Professora- pesquisadora: Maria Elena da Silva

3^a OFICINA: 2^a etapa: leitura oral e interpretação

Caros/as alunos/as, vocês são convidados a oralizarem o poema “A doida” de Florbela Espanca. Após, são convidados a responderem as questões pedidas.

Texto IV - A doida – Florbela Espanca

A noite passa, noivando.
Caem ondas de luar.
Lá passa a doida cantando
Num suspiro doce e brando
Que mais parece chorar!

Dizem que foi pela morte
D’Alguém, que muito lhe quis,
Que endoideceu. Triste sorte!
Que dor tão triste e tão forte!
Como um doido é infeliz!

Desde que ela endoideceu
(que triste vida, que mágoa!)
Pobrezinha, olhando o céu!
Chama o noivo que morreu,
Com os olhos rasos d’água!

E a noite passa, noivando.
Passa noivando o luar:
“Passa num suspiro doce e brando,
Pobre doida vai cantando
Que esse teu canto, é chorar!”

Disponível em: <https://www.lusopoemas.net/modules/news03/article.php?storyid=383> Acesso em 27 de set. 2018.

Atividades:

1- A leitura deste poema faz vocês lembrarem de algum outro texto? Qual? Por quê?
(Sugestão de resposta: sim. A doida de Carlos Drummond de Andrade)

2- Qual é o sentimento que o eu lírico expressa em relação à doida? Justifique com partes do poema. **(Sugestão de resposta: piedade, compaixão.)**

3- Vocês conhecem a história de alguém que passou por um trauma psicológico muito grande que chegou a comprometer a sanidade mental dessa pessoa? Em caso afirmativo, como tiveram acesso aos fatos? (**Resposta Pessoal**)

4- Têm conhecimento de como esta pessoa está atualmente? (**Resposta Pessoal**)

PROJETO LEITURA SILENCIOSA E LEITURA ORALIZADA: RECURSOS PARA CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS EM TEXTOS - Professora- pesquisadora: Maria Elena da Silva

3^a OFICINA: 2^a etapa: leitura oral e interpretação

Caros/as alunos/as, vocês são convidados a oralizarem a reportagem “A loucura de Arthur Bispo do Rosário” de Sérgio Garcia e Ruan de Sousa Gabriel. Após, são convidados a responderem as questões pedidas.

Texto V - A loucura de Arthur Bispo do Rosário

Uma exposição de Arthur Bispo do Rosário sugere que a infância e o isolamento foram mais importantes que a loucura para moldar seu talento

SÉRGIO GARCIA, COM RUAN DE SOUSA GABRIEL

10/04/2015 - 08h01 - Atualizado 10/04/2015 08h01

Poucos artistas têm sua vida tão perscrutada quanto o sergipano Arthur Bispo do Rosário (1909-1989). Interno de uma colônia psiquiátrica no Rio de Janeiro, ele foi descoberto tarde para o universo das artes visuais no início da década de 1980. A loucura se tornou chave para a compreensão de seu trabalho, embora haja outras singularidades que envolvem sua obra e existência. Em cartaz desde o fim de semana passado no Museu Bispo do Rosário de Arte Contemporânea, no Rio de Janeiro, uma exposição expande a observação sobre seus impulsos criativos para além da doença, começando pela infância em sua Japaratuba natal. “Não é a loucura que faz o sujeito virar artista. Ele é artista e, por acaso, é louco, esquizofrênico”, afirma o escritor e crítico de arte Ferreira Gullar, admirador de Bispo.

A mostra Um canto, dois sertões: Bispo do Rosário e os 90 anos da Colônia Juliano Moreira reúne cerca de 160 obras do artista, além de 50 peças com outras assinaturas. É dividida em três núcleos, que remetem à infância, ao hospício e ao universo delirante de Bispo. “Nossa aposta foi no intenso trabalho de campo”, destaca o curador Marcelo Campos. Durante a pesquisa feita em Sergipe, sua equipe constatou a grande influência que o folclore regional exerceu sobre o artista. Os mantos e capas presentes em sua produção derivam dos reisados e cheganças. Ao longo de cinco décadas, Bispo fez bordados, colagens, estandartes e objetos que já

foram expostos na Bienal de Veneza, no Victoria & Albert de Londres e hoje integram uma mostra no Museu de Arte Folclórica de Nova York, aberta na semana passada. Em confinamento durante boa parte da vida, ele teve de usar de criatividade para obter matéria-prima. Cerzia suas peças com a linha que desfiava de uniformes e utilizava toda sorte de sucatas. Isso o colocou, inadvertidamente, na vanguarda da arte contemporânea, que lança mão de toda espécie de material, inclusive o lixo.

A despeito de toda investigação, a história de Bispo do Rosário ainda é repleta de “lacunas e enigmas”, como realça a pesquisadora Flavia Corpas, uma das maiores autoridades no assunto. Sabe-se que ele trabalhou na Marinha e lutou boxe. Foi internado pela primeira vez em 1939, mas ficou durante dez anos livre do confinamento, entre as décadas de 1950 e 1960, quando trabalhou como faz-tudo em uma clínica médica infantil. De 1964 até a morte, esteve enclausurado na Colônia Juliano Moreira, precisamente no pavilhão 10, cercado por dez cubículos onde ficava quem era punido. Durante a vigência da exposição (até 6 de outubro), o visitante pode conhecer esse lugar, mediante agendamento. Há ainda uma instalação que replica esse ambiente claustrofóbico feita pelo baiano Willyams Martins. “Bispo não tinha contato com a cultura moderna ou contemporânea, mas seu trabalho é de uma atualidade e profundidade extraordinárias. Sua obra dialoga fortemente com certa produção pós-pop art”, avalia o crítico Frederico Morais, credenciado como o descobridor do artista por tê-lo incluído numa mostra no Museu de Arte Moderna carioca em 1982. Originado pela doença ou moldado por ela (como parece mais razoável), o monumental talento de Bispo antecede e supera qualquer estigma. O que ele deixou foram obras de arte, não sintomas.

(Disponível em: <https://epoca.globo.com/vida/noticia/2015/04/loucura-de-arthur-bispo-do-rosario.html> Acesso em 27 de set. 2018.)



DASQUO
Peça do vestuário confecionada de bordados. Remete ao folclore da terra natal do artista. (Foto: divulgação)



ESTANDARTE
Objeto que retrata o complexo onde esteve confinado. Mostra sua visão singular do sanatório. (Foto: divulgação)



JANGADA
Miniatura de embarcação. Temática marinha é uma constante ao longo de sua produção (Foto: divulgação)



CAMA DE ROMEU E JULIETA
Peça feita de sucatas. É uma de suas obras mais elogiadas (Foto: divulgação)



CELA DO MANICÓMIO
Instalação retrata o ambiente da clausura. Uma atração da mostra (Foto: divulgação)

(Imagens disponíveis na reportagem em:

<https://epoca.globo.com/vida/noticia/2015/04/loucura-de-arthur-bispo-do-rosario.html>

Acesso em 27 de set. 2018.)

Atividade:

1- Observe os trechos retirados da reportagem:

“A loucura se tornou chave para a compreensão de seu trabalho, embora haja outras singularidades que envolvem sua obra e existência.”

“Não é a loucura que faz o sujeito virar artista. Ele é artista e, por acaso, é louco, esquizofrênico”, afirma o escritor e crítico de arte Ferreira Gullar, admirador de Bispo.”

“Bispo não tinha contato com a cultura moderna ou contemporânea, mas seu trabalho é de uma atualidade e profundidade extraordinárias. Sua obra dialoga fortemente com certa produção pós-pop art”, avalia o crítico Frederico Morais, credenciado como o descobridor do artista por tê-lo incluído numa mostra no Museu de Arte Moderna carioca em 1982.”

A leitura destes trechos dialoga com o seguinte trecho da música de Raul Seixas? Por quê? (Sugestão de resposta: sim, pois nos dois textos não são ou não se sentem inseridas na sociedade dita “normal” e também dialoga na medida em que

o jeito de ser do personagem da música não é compreendido, assim como não comprehendem como Arthur produz belíssimas obras de arte sendo louco.)

“Enquanto você
Se esforça pra ser
Um sujeito normal
E fazer tudo igual
Eu do meu lado
Aprendendo a ser louco
Um maluco total
Na loucura real”

2- Que tema é revelado na leitura feita? (Sugestão de resposta: loucura)

3- O que as obras de Arthur Bispo do Rosário revelam para o mundo dito “são”? (Sugestão de resposta: Que, na verdade, ele não era insano, louco, pois suas obras tinham coerência e beleza. E revelam também que, muitas vezes, aquele que achamos louco é mais são do que pensamos, apenas não é compreendido na sua maneira de ser.)

4- Complete o ditado popular abaixo: (Sugestão de resposta: “De médico e louco, todos temos um pouco”)

“De médico e _____”

5- Retire do texto:

5.1- Qual é o fato ocorrido? (Sugestão de resposta: Arthur Bispo do Rosário, considerado louco, foi descoberto como artista e teve reconhecimento internacional.)

5.2- Onde ocorreu esse fato e onde foi veiculado? (Sugestão de resposta: Esse fato ocorreu no Rio de Janeiro e foi veiculado pelo site época.globo.com)

5.3- Com quem? (Sugestão de resposta: Curador: Marcelo Campos, Flávia Corpas, Frederico Moraes, baiano Willyams Martins.)

5.4- Quando ocorreu e quando foi veiculado? (Sugestão de resposta: Esse fato ocorreu início de abril e foi veiculada aos 10/04/2015.)

PROJETO LEITURA SILENCIOSA E LEITURA ORALIZADA: RECURSOS PARA CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS EM TEXTOS - Professora- pesquisadora: Maria Elena da Silva

3^a OFICINA: 2^a etapa: leitura oral e interpretação

Caros/as alunos/as, vocês são convidados a oralizarem a entrevista “Preconceito” com a psicóloga Marisa Graziela Marques Morais Vandevelde para o site Disney Babble. Após, são convidados a responderem as questões pedidas.

Texto VI – PRECONCEITO

www.marisapsicologa.com.br/psicologos/marisa-graziela-marques-morais.html

INÍCIO / PSICOLOGOS / MARISA G M M VANDEVELDE

MARISA GRAZIELA MARQUES MORAIS
VANDEVELDE

PSICÓLOGA CRP 06/121052



Disponível em: www.marisapsicologa.com.br/psicologos/marisa-graziela-marques-morais.html Acesso em: 27 set. 2018.

O QUE É PRECONCEITO

Preconceito é uma falha do pensamento, um erro na suposição e previsão de acontecimentos futuros. Preconceito ocorre quando uma pessoa imagina que já tem informações profundas a respeito de algo ou alguém a partir de uma pequena informação de entrada. Por exemplo: uma pessoa diz que é africana e o outro a imagina negra, pobre o doente - que pode ser um erro pois existem africanos com perfis totalmente diferentes.

O problema do preconceito é que quase sempre a pessoa está errada em suas suposições.

ORIGEM DO PRECONCEITO

Acredito que a origem do preconceito venha da necessidade que o ser humano tem em saber exatamente como a outra pessoa é. A busca de informações precisas levam as pessoas a arrogâncias preconceituosas. O preconceito existe desde que o homem começou a deduzir e supor o que o outro poderia ser e fazer. Outra forma de ver a

origem seria o medo do diferente, medo do desconhecido. Quando nos deparamos com algo não familiar tendemos a admirar ou a repudiar. O preconceito vem da repúdia do desconhecido.

O SER HUMANO É UM SER PRECONCEITUOSO POR NATUREZA?

A natureza do ser humano é de tentar facilitar o máximo possível tudo em sua vida. E o preconceito parece oferecer uma forma rápida de conhecimento (errôneo). A mídia pode incrementar o preconceito quando passa informações muito determinantes sobre assuntos subjetivos. Por exemplo, não podemos dizer que uma pessoa “é preconceituosa”, isso já é um preconceito, mas podemos dizer que uma pessoa foi preconceituosa em determinado momento sobre aquele determinado assunto. Mas esta forma de colocar as coisas jamais serão manchetes, toda manchete afirma algo de forma categórica (pois é isto que chama atenção) mas corre grande risco de ser preconceituosa.

(...).

QUE TIPO DE CONSEQUÊNCIAS NEGATIVAS UMA PESSOA QUE SOFRE PRECONCEITO PODE APRESENTAR?

O preconceito pode limitar as possibilidades quanto a relacionamentos de forma geral, sendo assim uma pessoa pode perder oportunidade em se relacionar com outra seja de forma romântica, amizade ou profissional, por conta de preconceitos. Em formas mais intensas o preconceito pode gerar raiva e esta raiva pode destruir a saúde emocional desta pessoa fazendo-a se isolar e acreditar, erroneamente, em sua menor valia diminuindo assim sua auto estima.

PARA O AGRESSOR: QUE TIPO DE CONSEQUÊNCIAS NEGATIVAS ELE PODE SOFRER NA VIDA POR TER ESSE TIPO DE PENSAMENTO/ATITUDE?

Creio que este pode ser o que mais sofre, pois ao permitir que pensamentos limitantes dominem seu modo de pensar ele poderá ter toda uma gama de relacionamentos e oportunidades também limitadas. A raiva que ele sente de pessoas das quais nutre preconceito poderá ser o próprio veneno para sua alma.

COMO IDENTIFICAR E COMBATER O PRECONCEITO EM SI MESMO? ÀS VEZES, A PESSOA NÃO ADMITE QUE É PRECONCEITUOSA, MAS VIVE FALANDO QUE A FULANA É GORDA, BELTRANO É FEIO ETC.

Aprendendo a pensar de forma ampla e considerando sempre todas as possibilidades. Ou seja, não tendo preguiça na hora de entender e conhecer as pessoas e o mundo. Buscar o máximo de informações sobre tudo a fará perceber que nada é tão definitivo, ninguém é uma coisa só o tempo todo. Aprender a considerar o que há de diferente no outro como uma qualidade especial e não como algo a ser desprezado. Muitas vezes o preconceito é uma auto defesa, ou seja é possível que para não se sentir mal com relação a algo que não goste em si mesmo esta pessoa ataque outras, assim ela não foca em seus próprios problemas.

O PRECONCEITO ACABA SENDO UM COSTUME SOCIAL. É POSSÍVEL REVERTER ESSA CARACTERÍSTICA NA POPULAÇÃO INTEIRA? COMO?

A forma de pensar pode ser um costume social, pode ser revertido mas eu particularmente não acredito que será algo que possa ser erradicado por completo em curto espaço de tempo. É um longo processo.

DICAS PARA OS PAIS DE COMO GARANTIR POR MEIO DA EDUCAÇÃO QUE OS FILHOS CRESÇAM MAIS TOLERANTES E MENOS PRECONCEITUOSOS?

A melhor dica é dar o exemplo, os filhos se espelham muito mais no que os pais fazem do que no que os pais dizem. Não sejam preconceituosos e isto ajudará muito para que seus filhos também não sejam. Passem sempre informações positivas sobre todo grupo de pessoas, mostre que todo mundo pode ter seu lado bom e que todos merecem respeito.

(Disponível em: <http://www.marisapsicologa.com.br/preconceito.html> Acesso em 27 set. 2018.)

Atividade:

- 1- Para vocês, o preconceito estético impede as pessoas de conhecerem umas às outras? (Resposta Pessoal)
-
-

2- Aqueles que não se adequam aos padrões de beleza que a sociedade impõe sofrem preconceito? Justifiquem sua resposta. (Sugestão de resposta: Sim, como, por exemplo, quando são rejeitados pelas empresas pela aparência.)

4- Vocês conhecem o trecho abaixo? (Resposta Pessoal)

“Eis o meu segredo: só se vê bem com o coração. O essencial é invisível aos olhos. Os homens esqueceram essa verdade, mas tu não a deves esquecer. Tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas.”

Antoine de Saint-Exupéry – Pequeno príncipe - Disponível em:
https://www.pensador.com/o_essencial_e_invisivel-aos-olhos/ Acesso em 28 de set. 2018.

5- Vocês já sofreram algum tipo de preconceito? Podem relatar? (Resposta Pessoal)

6- Que tipo de preconceito é mais visível em seu ambiente escolar? (Resposta Pessoal)

7- E no ambiente virtual, quais são os preconceitos mais expostos e utilizados nas redes sociais? (Resposta Pessoal)

8- Que momento da entrevista acharam mais interessante? Por quê? (Resposta Pessoal)

PROJETO LEITURA SILENCIOSA E LEITURA ORALIZADA: RECURSOS PARA CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS EM TEXTOS - Professora- pesquisadora: Maria Elena da Silva

3^a OFICINA: 3^a etapa: leitura silenciosa (individual) e oralização

Aluno: _____ nº _____ série _____ data_____

Caros/as alunos/as, as atividades abaixo correspondem aos textos que foram oralizados pelos grupos e com as contribuições de toda a turma em sala de aula. Neste momento, você é convidado a responder as questões abaixo para verificar a sua interpretação e retenção com base na oralização de textos.

Atividades:

- 1- Observe o trecho retirado do texto informativo sobre Bruxas, oralizado pelos alunos:
 (...)

“Uma bruxa é geralmente retratada no imaginário popular como uma mulher antiquada, com nariz grande e encarquilhada, exímia e contumaz manipuladora de Magia Negra e dotada de uma gargalhada terrível. A palavra vem do verbo italiano bruciare, que significa queimar (brucia).”

Essa imagem é confirmada nas características das personagens “Brice e Selena” da novela “Deus salve o rei”? Por quê? (**Sugestão de resposta: Não. Porque as bruxas Brice e Selena são mulheres lindas, jovens, belas, delicadas, com cabelos alinhados e fisionomia encantadora.**)

- 2- Caso sua resposta anterior seja não. Qual seria a provável intenção do autor da novela, ao colocar personagens com características tão diferentes das bruxas retratadas no imaginário popular? (**Sugestão de resposta: A provável intenção seria desmistificar o conceito de bruxa, provocar uma reflexão os julgamentos feitos por causa da aparência e criticar os atos da inquisição ocorridos na história da humanidade.**)
-
-

3- Agora, leia o trecho final do conto “A doida” de Carlos Drummond de Andrade, oralizado pelos alunos: (...)

“Passou-lhe um a um, diante dos olhos, os frasquinhos do criado-mudo. Sem receber qualquer sinal de aquiescência. Ficou perplexo, irresoluto. Seria caso talvez de chamar alguém, avisar o farmacêutico mais próximo, ou ir à procura do médico, que morava longe. Mas hesitava em deixar a mulher sozinha na casa aberta e exposta a pedradas. E tinha medo de que ela morresse em completo abandono, como ninguém no mundo deve morrer, e isso ele sabia que não apenas porque sua mãe o repetisse sempre, senão também porque muitas vezes, acordando no escuro, ficara gelado por não sentir o calor do corpo do irmão e seu bafo protetor.

Foi tropeçando nos móveis, arrastou com esforço o pesado armário da janela, desembaraçou a cortina, e a luz invadiu o depósito onde a mulher morria. Com o ar fino veio uma decisão. Não deixaria a mulher para chamar ninguém. Sabia que não poderia fazer nada para ajudá-la, a não ser sentar-se à beira da cama, pegar-lhe nas mãos e esperar o que ia acontecer.”

O desfecho deste conto surpreende o leitor? Por quê? (Sugestão de resposta: sim, pois diante de todo mistério que envolvia a personagem da doida, ele teve coragem de entrar na casa dela e não a apedrejou, mas foi solidário com a solidão dela e com remorso das atitudes decidiu permanecer ali até que morresse.)

4- Trace um paralelo entre as personagens de todos os textos lidos: A doida de Carlos Drummond, a bruxa de Moacyr Scliar, A doida do poema de Florbela Espanca, oralizado pelos alunos (...) e Arthur Bispo do Rosário da reportagem de Sérgio Garcia e Ruan Souza Gabriel (oralizado pelos alunos...)

4.1- O que elas têm em comum? (Sugestão de resposta: sofrem preconceito pela maneira de viver de cada um.)

4.2- Que tema é revelado ao longo de todas as leituras feitas? (Sugestão de resposta: preconceito)

4.4- O que este tema influencia no comportamento das personagens que apedrejavam a “doida” de Drummond e xingavam de “bruxa” a “Ana Custódia” de Scliar? Justifique sua resposta. (Sugestão de resposta: Na maneira agressiva de agir dos meninos, jogando pedra na casa da mulher ou xingando a outra. O preconceito leva à incompreensão, que pode gerar violência verbal, física ou psicológica.)

4.5- Tanto o garoto de 11 anos do conto “A doida”, quanto o narrador-personagem do conto “Bruxas não existem” chegaram a que conclusão, ao chegar ao desfecho das narrativas? (Sugestão de resposta: que estavam errados, julgaram pela aparência da pessoa e descobriram que eram pessoas boas, somente com atitudes diferentes das deles e que viviam solitárias.)

5- Observe a última fala da psicóloga Mariza no trecho abaixo, retirado da entrevista para o site da Disney Babble, oralizados pelos alunos (...):

“A melhor dica é dar o exemplo, os filhos se espelham muito mais no que os pais fazem do que no que os pais dizem. Não sejam preconceituosos e isto ajudará muito para que seus filhos também não sejam. Passem sempre informações positivas sobre todo grupo de pessoas, mostre que todo mundo pode ter seu lado bom e que todos merecem respeito.”

Agora, observe os trechos retirados do conto “A doida” de Carlos Drummond de Andrade:

“De qualquer modo, as pessoas grandes não contavam a história direito, e os meninos deformavam o conto. Repudiada por todos, ela se fechou naquele chalé do caminho do córrego, e acabou perdendo o juízo. Perdera antes todas as relações. Ninguém tinha ânimo de visitá-la. O padeiro mal jogava o pão na caixa de madeira, à entrada, e eclipsava-se. Diziam que nessa caixa uns primos generosos mandavam pôr, à noite, provisões e roupas, embora oficialmente a ruptura com a família se mantivesse inalterável. Às vezes uma preta velha arriscava-se a entrar, com seu cachimbo e sua paciência educada no cativeiro, e lá ficava dois ou três meses, cozinhando. Por fim a doida enxotava-a. E, afinal, empregada nenhuma queria servi-la. Ir viver com a doida,

pedir a bênção à doida, jantar em casa da doida, passou a ser, na cidade, expressões de castigo e símbolos de irrisão.”

“Em vão os pais censuravam tal procedimento. Quando meninos, os pais daqueles três tinham feito o mesmo, com relação à mesma doida, ou a outras.”

Na sua opinião, você acha que se a comunidade em que a “doida” vivia a acolhesse, as crianças de várias gerações continuariam a apedrejá-la? Por quê? (**Resposta Pessoal**)

6- Você conhece o trecho abaixo? (**Resposta Pessoal**)

“Eis o meu segredo: só se vê bem com o coração. O essencial é invisível aos olhos. Os homens esqueceram essa verdade, mas tu não a deves esquecer. Tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas.”

Antoine de Saint-Exupéry – Pequeno príncipe - Disponível em:
https://www.pensador.com/o_essencial_e_invisivel-aos-olhos/ Acesso em 28 de set. 2018.

7- Qual relação de sentido podemos estabelecer com este trecho do livro Pequeno príncipe e com o conto “A doida” de Carlos Drummond de Andrade? Justifique sua resposta. (**Sugestão de resposta: A relação de que a**(**Sugestão de resposta: A relação de que a** população a julgava pela aparência, mas o menino conseguiu olhá-la com o coração e proporcionou-lhe um acolhimento e emitiu um pedido de perdão ao ficar ao lado dela no momento mais difícil da vida dela.)

8- Como estamos finalizando a aplicação do projeto, você é convidado a produzir um relato pessoal oral (gravado) ou escrito (para entregar) sobre as leituras feitas a partir da aplicação deste projeto, nas três oficinas ofertadas.

Para ajudá-lo, pense nas reflexões abaixo:

- ✓ Os textos lidos contribuíram para minha formação como leitor de texto literário?
- ✓ Qual a minha apreciação dos gêneros trabalhados (crônica, cartum, charge, conto, poema, reportagem, entrevista, música, vídeos)?

- ✓ Se eu tivesse lido estes textos de forma avulsa, sem uma sequência didática, minha leitura seria a mesma?
- ✓ A leitura oralizada foi importante para a compreensão e interpretação dos textos trabalhados?
- ✓ Se eu tivesse feito apenas a leitura silenciosa, minha interpretação seria a mesma?
- ✓ Diga se gostou da aplicação do projeto e por quê.

9- Você quer contribuir com um ícone para representar a leitura oralizada e o Projeto? Caso queira, crie um desenho inédito que represente a oralização de textos. Solte sua imaginação e seu ícone poderá ser escolhido para compor o material do projeto. O ícone será escolhido por meio de votação entre a professora pesquisadora, a professora orientadora e colegas de classe. Além do desenho, explique numa folha o significado do seu ícone e a mensagem que quis passar.

ATIVIDADES REORGANIZADAS COMO TAREFA EXTRASSALA DE AULA

PROJETO LEITURA SILENCIOSA E LEITURA ORALIZADA: RECURSOS PARA CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS EM TEXTOS - Professora- pesquisadora: Maria Elena da Silva

3ª OFICINA: 1ª etapa: leitura silenciosa (individual) e oralização

Aluno: _____ nº _____ série _____ data _____

(As sugestões dessas respostas são iguais as anteriormente respondidas)

1- Que paralelo pode ser traçado entre o conto “Bruxas não existem” de Moacyr Scliar e o conto “A doida” de Carlos Drummond de Andrade?

2 Observe o trecho retirado do texto informativo:

“Uma bruxa é geralmente retratada no imaginário popular como uma mulher antiquada, com nariz grande e encarquilhada, exímia e contumaz manipuladora de Magia Negra e dotada de uma gargalhada terrível. A palavra vem do verbo italiano bruciare, que significa queimar (brucia).”

Essa imagem é confirmada nas características das personagens “Brice e Selena” da novela “Deus salve o rei”? Por quê?

3- Caso sua resposta anterior seja não. Qual seria a provável intenção do autor da novela, ao colocar personagens com características tão diferentes das bruxas retratadas no imaginário popular?

4- Observe este outro trecho retirado do texto informativo:

“À afirmativa de existência de bruxas à forma retratada em registros da Idade Média, incluindo histórias infantis que permaneceram em evidência até os dias atuais, admite-se uma ressalva: elas parecem ter existido apenas no imaginário popular como uma velha louca por feitiços enigmáticos, surgidas na esteira de uma época dominada por medos, quando qualquer manifestação diversa ou mesmo a crença na inexistência de bruxas da forma retratada pelas autoridades clericais era implacavelmente perseguida pela Igreja.”

E essa imagem é confirmada no conto “Bruxas não existem” de Moacyr Scliar? Por quê?

5- Agora, leia o trecho final do conto “A doida” de Carlos Drummond de Andrade:
“Passou-lhe um a um, diante dos olhos, os frasquinhos do criado-mudo. Sem receber qualquer sinal de aquiescência. Ficou perplexo, irresoluto. Seria caso talvez de chamar alguém, avisar o farmacêutico mais próximo, ou ir à procura do médico, que morava longe. Mas hesitava em deixar a mulher sozinha na casa aberta e exposta a pedradas. E tinha medo de que ela morresse em completo abandono, como ninguém no mundo deve morrer, e isso ele sabia que não apenas porque sua mãe o repetisse sempre, senão também porque muitas vezes, acordando no escuro, ficara gelado por não sentir o calor do corpo do irmão e seu bafo protetor.

Foi tropeçando nos móveis, arrastou com esforço o pesado armário da janela, desembaraçou a cortina, e a luz invadiu o depósito onde a mulher morria. Com o ar fino veio uma decisão. Não deixaria a mulher para chamar ninguém. Sabia que não poderia fazer nada para ajudá-la, a não ser sentar-se à beira da cama, pegar-lhe nas mãos e esperar o que ia acontecer.”

O desfecho deste conto surpreende o leitor? Por quê?

6- E quanto ao desfecho do conto de Moacyr Scliar? Acontece o mesmo? Justifique sua resposta.

7- A leitura do poema “A doida” de Florbela Espanca lembra algum outro texto? Qual? Por quê?

8- Qual é o sentimento que o eu lírico expressa em relação à doida? Justifique com partes do poema.

9- Observe os trechos retirados da reportagem:

“A loucura se tornou chave para a compreensão de seu trabalho, embora haja outras singularidades que envolvem sua obra e existência.”

“Não é a loucura que faz o sujeito virar artista. Ele é artista e, por acaso, é louco, esquizofrênico”, afirma o escritor e crítico de arte Ferreira Gullar, admirador de Bispo.”

“Bispo não tinha contato com a cultura moderna ou contemporânea, mas seu trabalho é de uma atualidade e profundidade extraordinárias. Sua obra dialoga fortemente com certa produção pós-pop art”, avalia o crítico Frederico Morais, credenciado como o descobridor do artista por tê-lo incluído numa mostra no Museu de Arte Moderna carioca em 1982.”

A leitura destes trechos dialoga com o seguinte trecho da música de Raul Seixas? Por quê?

“Enquanto você
Se esforça pra ser
Um sujeito normal
E fazer tudo igual
Eu do meu lado
Aprendendo a ser louco
Um maluco total
Na loucura real”

10- Trace um paralelo entre as personagens de todos os textos lidos: A doida de Carlos Drummond, a bruxa de Moacyr Scliar, A doida de Florbela Espanca e o pessoa de Arthur Bispo do Rosário, respondendo as questões abaixo:

0.1- O que elas têm em comum?

10.2- O desfecho das histórias se confundem com o desfecho da história de Arthur?
De que forma?

10.3- Que tema é revelado ao longo de todas as leituras feitas?

10.4- O que este tema influencia no comportamento das personagens que apedrejavam a “doida” de Drummond e xingavam de “bruxa” a “Ana Custódia” de Scliar? Justifique sua resposta.

10.5- Tanto o garoto de 11 anos do conto “A doida”, quanto o narrador-personagem do conto “Bruxas não existem” chegaram a que conclusão, no desfecho das narrativas?

10.6- O que as obras de Arthur Bispo do Rosário revelam para o mundo dito “são”?

10.7- Complete o seguinte ditado popular:

“De médico e _____”

11- Observe a última fala da psicóloga Mariza e os trechos retirados do conto “A doida” de Carlos Drummond de Andrade:

“A melhor dica é dar o exemplo, os filhos se espelham muito mais no que os pais fazem do que no que os pais dizem. Não sejam preconceituosos e isto ajudará muito para que seus filhos também não sejam. Passem sempre informações positivas sobre todo grupo de pessoas, mostre que todo mundo pode ter seu lado bom e que todos merecem respeito.” (última parte da entrevista)

“De qualquer modo, as pessoas grandes não contavam a história direito, e os meninos deformavam o conto. Repudiada por todos, ela se fechou naquele chalé do caminho do córrego, e acabou perdendo o juízo. Perdera antes todas as relações. Ninguém tinha ânimo de visitá-la. O padeiro mal jogava o pão na caixa de madeira, à entrada, e eclipsava-se. Diziam que nessa caixa uns primos generosos mandavam pôr, à noite, provisões e roupas, embora oficialmente a ruptura com a família se mantivesse inalterável. Às vezes uma preta velha arriscava-se a entrar, com seu cachimbo e sua paciência educada no cativeiro, e lá ficava dois ou três meses, cozinhando. Por fim a doida enxotava-a. E, afinal, empregada nenhuma queria servi-la. Ir viver com a doida, pedir a bênção à doida, jantar em casa da doida, passou a ser, na cidade, expressões de castigo e símbolos de irrisão.”

“Em vão os pais censuravam tal procedimento. Quando meninos, os pais daqueles três tinham feito o mesmo, com relação à mesma doida, ou a outras.” (Trecho do conto)

Na sua opinião, você acha que se a comunidade tivesse acolhido a “doida” e os pais também tivessem dado bom exemplo, as crianças de várias gerações continuariam a apedrejá-la? Por quê?

12- Você conhece o trecho abaixo?

“Eis o meu segredo: só se vê bem com o coração. O essencial é invisível aos olhos. Os homens esqueceram essa verdade, mas tu não a deves esquecer. Tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas.”

Antoine de Saint-Exupéry – Pequeno príncipe - Disponível em:
https://www.pensador.com/o_essencial_e_invisivel_aos_olhos/ Acesso em 28 de set. 2018.

13- Qual relação de sentido podemos estabelecer com este trecho do livro Pequeno príncipe e com o conto “A doida” de Carlos Drummond de Andrade? Justifique sua resposta.

PROJETO LEITURA SILENCIOSA E LEITURA ORALIZADA: RECURSOS PARA CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS EM TEXTOS - Professora-pesquisadora: Maria Elena da Silva

Etapa Final: Avaliação

Aluno: _____ nº _____ série_____ data_____

Nesse momento de finalização da Projeto da Pesquisa realizada, convidamos Você, caro/a aluno/a, a oralizar um texto, podendo ser este um dos textos trabalhados nas oficinas ofertadas, ou os textos sugeridos pela professora-pesquisadora ou algum texto que seja da sua escolha e preferência.

- Essa oralização poderá ocorrer de forma individual, duplas, trios, grupos... O importante é que você procure oralizar, levando em consideração a pontuação, a entonação, o ritmo e o tom de voz à sua leitura.
 - Sugiro que ensaie bem e grave uma ou duas vezes o texto escolhido, para treinar. Quando sentir segurança, faça a oralização final do seu texto. Você pode utilizar o gravador de voz do seu celular ou outro meio, depois passe para um pendrive para que a professora tenha acesso.
Caso necessite de ajuda para gravar e salvar sua gravação, procure a Professora- pesquisadora.
 - Você poderá iniciar a sua gravação falando, se souber, o gênero do texto (conto, crônica, poema ...); o título da obra (do texto), o nome do autor.
Exemplo: Crônica “Vestibular da Vida” de Affonso Romano de Sant’Anna.
 - Não esqueça de entregar junto ao pendrive, a ficha de identificação, para que a professora saiba quem oralizou determinado texto.
-

Ficha de Identificação da oralização de texto

Nome/s do/s aluno/s: _____ n.º: _____ Ano: 9º ____ - Data: _____

Texto oralizado _____

Autor _____

Referência do texto: _____

Forma de oralização: () individual () dupla () grupo ()
outra

Total do tempo de gravação:

- Relate como foi a experiência de oralizar este texto. Caso tenha oralizado em dois ou mais colegas, cada um deve relatar sua experiência. Utilize o espaço abaixo ou entregue em folha à parte.

Obrigada por sua participação no Projeto!!!!

6.4- APÊNDICE 4 – MODELO DE ATA, AUTORIZAÇÕES E TERMOS



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
 CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
 DEPARTAMENTO DE LÍNGUA PORTUGUESA
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO PROFISSIONAL
 EM LETRAS

ATA DE CIÊNCIA

Aos _____, às _____,
 conduzida pela diretora _____, e pela
 equipe pedagógica formada por _____ e com a
 presença da professora mestranda/Profletras _____ – RA
 _____, realizou-se reunião nas dependências do Colégio
 _____, por objetivo a ciência da professora
 mestranda/Profletras sobre a aplicação do Projeto de Pesquisa apresentado
 ao Programa de Mestrado Profissional em Letras em Rede- PROFLETRAS-
 UEM, como requisito para obtenção da titulação de mestre. A área de
 concentração do Projeto é Leitura e oralidade, com o título
 “_____,” sob a orientação da Prof.^a Dr^a
 _____.

Após a leitura e discussão sobre o Projeto, explanações feitas pela
 Professora mestranda a todos os presentes, que puderam sanar suas dúvidas
 e compreender o projeto e sua forma de implementação, a reunião se
 encerrou, na qual eu _____ lavrei a ata, lida e
 assinada por todos os presentes.



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
 CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
 DEPARTAMENTO DE LÍNGUA PORTUGUESA
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO PROFISSIONAL
 EM LETRAS

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA
MENORES**

Gostaríamos de solicitar sua autorização para a participação de seu filho(a) na pesquisa intitulada _____, que faz parte do curso “**Programa de Mestrado Profissional em Letras em Rede- PROFLETRAS-UEM**”, e é orientada pela _____ da **Universidade Estadual de Maringá**. O objetivo da pesquisa é _____.

O projeto será aplicado no período de _____, nas aulas de Língua Portuguesa. Para isto a participação de seu filho(a) é muito importante, e ela se daria da seguinte forma: através de atividades orais, escritas, interpretativas, com textos selecionados para o projeto. Gostaríamos de esclarecer que a participação de seu filho(a) é totalmente voluntária, podendo você: recusar-se a autorizar tal participação, ou mesmo desistir a qualquer momento sem que isto acarrete qualquer ônus ou prejuízo à sua pessoa ou à de seu filho(a).

Informamos ainda que as informações serão utilizadas somente para os fins desta pesquisa, e serão tratadas com o mais absoluto sigilo e confidencialidade, de modo a preservar a identidade, sua e a de seu (sua) filho(a). Caso seja necessário o uso de registros gravados de imagem ou voz, será enviada uma autorização específica para tal uso, especificando a destinação final da gravação. Os benefícios esperados são ampliar o nível de leitura e a oralidade dos alunos em sala de aula, visto que essas duas

modalidades da linguagem podem viabilizar um olhar significativo sobre os diversos usos da língua.

Caso você tenha mais dúvidas ou necessite maiores esclarecimentos, pode nos contactar. Este termo deverá ser preenchido em duas vias de igual teor, sendo uma delas, devidamente preenchida e assinada entregue a você. Além da assinatura nos campos específicos pelo pesquisador e por você, solicitamos que sejam rubricadas todas as folhas deste documento. Isto deve ser feito por ambos (pelo pesquisador e por você, como sujeito ou responsável pelo sujeito de pesquisa) de tal forma a garantir o acesso ao documento completo.

Eu, _____

. (nome por extenso do responsável pelo menor) declaro que fui devidamente esclarecido e **concordo** que meu filho (a) participe **VOLUNTARIAMENTE** da pesquisa coordenada pela Professora _____.

Maringá, _____ de _____ de _____

Assinatura do responsável

TERMO DE ASSENTIMENTO DO SUJEITO MENOR DE PESQUISA

Eu, _____

(nome por extenso do sujeito de pesquisa /menor de idade) **declaro** que recebi todas as explicações sobre esta pesquisa e concordo em participar da mesma, desde que meu pai/mãe (responsável) concorde com esta participação.

Maringá, _____ de _____ de _____

Assinatura do aluno (a)

Eu, Professora _____, declaro que forneci todas as informações referentes ao projeto de pesquisa supra nominado à Diretora e à Equipe pedagógica do Colégio e neste documento.

Maringá, _____ de _____ de _____

Assinatura da professora/pesquisadora



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
 CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
 DEPARTAMENTO DE LÍNGUA PORTUGUESA
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO PROFISSIONAL
 EM LETRAS

AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E VOZ E DE CESSÃO DE DIREITOS AUTORAIS

Pelo presente termo particular de autorização de uso de imagem e voz e de cessão de direitos autorais,

Nome do/a aluno/a: _____

Data de nascimento: _____ Cidade/Estado: _____

Dados do representante legal (pai, mãe ou responsáveis):

Nome: _____

Nacionalidade: _____

Estado Civil: _____

Profissão: _____

RG nº _____

CPF nº _____

Autorizo à Professora _____, pessoa física, inscrita no Registro Geral (RG) sob nº _____ e no Cadastro de Pessoa Física (CPF) sob nº _____, residente e domiciliada na _____, Maringá- PR, **o uso da imagem e voz e cessão gratuita de direitos autorais sobre a oralização em áudio produzida voluntariamente pelo/a aluno/a acima citado/a**, de forma gratuita, sem que disso seja devida aos responsáveis qualquer remuneração, reembolso ou compensação de qualquer natureza, e de forma exclusiva, em decorrência da participação na pesquisa intitulada _____,

que faz parte do curso “**Programa de Mestrado Profissional em Letras em Rede- PROFLETRAS-UEM**”, sendo orientada pela _____ da **Universidade Estadual de Maringá**, para divulgação da pesquisa produzida.

Maringá, _____ de _____ de 2018.

Responsável legal

6.5- APÊNDICE 5- QUESTIONÁRIO/DIAGNÓSTICO



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
 CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
 DEPARTAMENTO DE LÍNGUA PORTUGUESA
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO PROFISSIONAL
 EM LETRAS

QUESTIONÁRIO AOS ALUNOS DO 9º ANO

Querido (a) aluno (a):

Este questionário tem como finalidade levantar dados que fornecerão uma melhor compreensão do tema que desenvolveremos em nossa pesquisa de mestrado, no programa de Mestrado em Letras-PROFLETRAS- UEM.

Peço que leia com atenção cada questão, colocando um X para as alternativas que responderem à pergunta feita (se for o caso, você pode marcar X em mais de uma alternativa) e preenchendo os espaços nas questões em aberto.

Muito obrigada pela sua contribuição!

1. Como você avalia sua leitura: acha que lê bem?

sim não

2. Em que situação de leitura você se sente melhor, quando precisa compreender um texto que a professora lhe pede para ler? (Marque a melhor alternativa de todas, para seu caso)

Leitura silenciosa Leitura oral

3-Você comprehende melhor um texto escrito, quando: (Marque a melhor opção)

Lê silenciosamente e sozinho.

- Lê oralmente sozinho.
 Lê oralmente e em grupo.

4- Você gosta de ler em voz alta? sim não

5-Justifique sua resposta anterior, escrevendo as causas de você gostar ou não de ler em voz alta,

- a) Não gosto de ler em voz alta porque
-

- b) Gosto de ler em voz alta porque
-

6-Você gosta de ler? sim não

7- Você já leu um texto do gênero crônica? sim não

8- E do gênero conto? sim não

9- Em que local você escuta uma leitura de um texto?

na escola nas mídias outros lugares _____

10- O que é leitura para você? _____

REFERÊNCIA:

MELO, Regina Corcini. **Tecnologia assistiva no Ensino Fundamental: a audioteca como instrumento de inclusão no processo do letramento literário.** Dissertação do Mestrado Profissional em Letras (Profletras - UEM). Maringá, 2018. Disponível em: <http://www.profletras.uem.br/dissertacoes-defendidas-turma-04/regina-corcini-de-melo.pdf/view> Acesso em: 20 out. 2018.

6.6 – APÊNDICE 6 –TEXTOS COMPLEMENTARES DAS OFICINAS

LEI DA FICHA LIMPA

BRASIL. Casa Civil. **Lei complementar nº 135, de 4 de junho de 2010.**
Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lcp/Lcp135.htm>
Acesso em: 02 nov. 2018.

CRÔNICA CIAO: a última crônica de Carlos Drummond de Andrade
Disponível em: <<http://brasilesco.la/b122511>> Acesso em: 11 set. 2018.

MATERIAL DO CONCURSO PÚBLICO – 208 – TÉCNICO JUDICIÁRIO

Disponível em: <<file:///D:/Todos%20Documentos/Downloads/nc-ufpr-2014-tj-pr-tecnico-judiciario-prova.pdf>> Acesso em: 19 nov. 2018.

JORNAL DO BRASIL

Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/030015/per030015_1986_00064.pdf>
Acesso em: 23 out. 2018.

POEMA O ELEFANTE DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE- ORALIZADO POR ADRIANA CALCANHOTO

Disponível em: <<https://osuspirodopoeta.wordpress.com/academico/critica-dialectica-em-o-elefante-de-drummond/>> Acesso em: 20 nov. 2018.

POEMA PROCURO UMA ALEGRIA - CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

Disponível em: <<http://antoniocicero.blogspot.com/2011/12/carlos-drummond-de-andrade-procuro-uma.html>> Acesso em: 25 nov. 2018.

6.7 – APÊNDICE 7- TEXTOS ORALIZADOS PARA AVALIAÇÃO/ AUDIOTECA

CANÇÃO: TE TROUXE RAP PAI – XAMÃ MC.

Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/mc-xama/te-trouxe-rap-pai/>> Acesso em: 10 dez. 2018.

CONTO LINHA AMARELA - KAU BONNETT

BONNETT, KAU. **Com gratidão.** 2^a edição. Londrina: Madrepérola, 2018.

POEMA: A DOIDA - FLORBELA ESPANCA

Disponível em: <<https://www.luso-poemas.net/modules/news03/article.php?storyid=383>> Acesso em: 27 set. 2018.

POEMA: A LUA FOI AO CINEMA - PAULO LEMINSKI

Disponível em: <<https://www.pensador.com/frase/OTA3MzE5>> Acesso em: 10 dez. 2018.

POEMA: A VALSA - CASIMIRO DE ABREU

Poetas da escola: cadernos do professor: orientação para produção de textos/ [equipe de produção Anna Helena Altenfelder. Maria Alice Armelin]. 4.ed. São Paulo: Cerpec, 2014.

POEMA: CIDADEZINHA - MÁRIO QUINTANA

Poetas da escola: cadernos do professor: orientação para produção de textos/ [equipe de produção Anna Helena Altenfelder. Maria Alice Armelin]. 4.ed. São Paulo: Cerpec, 2014.

POEMA: CONVITE - JOSÉ PAULO PAES

Poetas da escola: cadernos do professor: orientação para produção de textos/ [equipe de produção Anna Helena Altenfelder. Maria Alice Armelin]. 4.ed. São Paulo: Cerpec, 2014.

POEMA: PÁSSARO LIVRE - SIDÔNIO MURALHA

Poetas da escola: cadernos do professor: orientação para produção de textos/ [equipe de produção Anna Helena Altenfelder. Maria Alice Armelin]. 4.ed. São Paulo: Cerpec, 2014.

POEMA: TEM TUDO A VER - ELIAS JOSÉ

Poetas da escola: cadernos do professor: orientação para produção de textos/ [equipe de produção Anna Helena Altenfelder. Maria Alice Armelin]. 4.ed. São Paulo: Cerpec, 2014.

SONETO DO AMOR IMORTAL - VINÍCIUS DE MORAES

Disponível em: <<http://www.viniciusdemoraes.com.br/pt-br/poesia/poesias-avulsas/soneto-do-amor-total>> Acesso em: 20 set. 2018.

SONETO DO AMIGO - VINÍCIUS DE MORAES

Disponível em: <<http://www.viniciusdemoraes.com.br/pt-br/poesia/poesias-avulsas/soneto-do-amigo>> Acesso em: 20 set. 2018.